h. p. lovecraft



os demónios de randolph carter



17

LIVRO B

H. P. LOVECRAFT

os demónios de randolph carter

2.ª edição

EDITORIAL ESTAMPA

Títulos originais

THE STATEMENT OF RANDOLPH CARTER
THE DREAM-QUEST OF THE UNKNOWN KADATH
THE SILVER KEY
THROUGH THE SATES OF THE SILVER KEY

Capa de
Alda Rosa

Tradução de
Jorge Silva Melo

ÍNDICE

PRIMEIRA HISTÓRIA

O DEPOIMENTO DE RANDOLPH CARTER

(1919)

Meus senhores, repito-vos que é inútil o vosso interrogatório. Tirai-me a vida se quiserdes; prendei-me, executai-me, se tendes necessidade de uma vítima para satisfazer a ilusão a que chamais justiça: nada posso acrescentar ao que já vos disse. Tudo aquilo de que consigo lembrar-me já vos relatei com a maior sinceridade. Nada foi deformado nem dissimulado e se algo, nas minhas palavras, permanece vago, deve-se a esta diabólica amnésia que invadiu o meu espírito. A ela e ao profundo horror que fez com que estas desgraças se abatessem sobre mim.

Volto a dizer-vos que não sei o que aconteceu a Harley Warren. Penso porém — espero quase — que repouse num tranquilo esquecimento, se é que uma tal felicidade pode existir em parte alguma. É certo que durante cinco anos fui o seu amigo mais íntimo e que, em certa medida, participei nas suas terríveis pesquisas sobre o desconhecido. Embora a minha memória esteja incerta e confusa, não negarei o depoimento que me compete: é possível que, no começo dessa noite de medo, me tenham visto por volta das onze e meia na cerca de Gainsville caminhando na companhia de Warren em direcção ao pântano do grande cipreste. Poderei mesmo afirmar que levávamos lanternas eléctricas, pás e um rolo de arame a que estavam presos curiosos instrumentos. Afirmo-o porque todos esses objectos desempenharam o seu papel na única cena medonha que continua gravada na minha transtornada memória. Sobre o que se seguiu e sobre a razão pela qual me achei só, num estado de completa prostração, sentado sobre a margem do pântano, na manhã seguinte, devo insistir que nada sei, excepto o que já vos expliquei inúmeras vezes. Dizeis-me que não há nada

nesse pântano nem nas suas vizinhanças que possa ter servido de cenário ao meu assustador relato. Tudo o que posso responder-vos é que não conheço senão o que vos descrevi. Talvez fosse uma visão ou um pesadelo — espero ardentemente que assim tenha sido — mas dessas horas confusas e de tudo o que se passou a partir do momento em que deixámos de ser vistos, isso é tudo o que, até agora, o meu espírito reteve. A razão por que Harley Warren não voltou comigo só ele, a sua sombra, ou esse algo sem nome que não posso descrever podem dizer.

Como já relatei, conheci de perto os fatais estudos de Harley Warren e colaborei até parcialmente neles. Da sua imensa colecção de estranhos livros raros consagrados a temas malditos, tinha lido tudo o que estava escrito na língua de que me tornara mestre, mas esses livros que me eram acessíveis somavam apenas um número ínfimo, em relação aos que estavam redigidos em línguas que eu não conhecia. Entre estes últimos, parece-me que havia muitos que estavam redigidos em árabe. Quanto ao livro inspirado pelo diabo que provocou o fim — esse livro que Warren levou na algibeira para a outra vida — estava composto em caracteres tão estranhos que em parte alguma vi outros semelhantes e o meu amigo recusou-se sempre a confiar-me o sentido que ele ocultava. Terei que repetir que já não guardo pleno conhecimento da natureza dos nossos estudos? Parece-me aliás extremamente bom para mim ter perdido esse conhecimento, porque na verdade prossegui esses estudos terríveis mais por uma fascinação misturada de repugnância do que por uma verdadeira vocação.

Desde sempre fui dominado por Warren e cheguei mesmo a receá-lo. Lembro-me, durante a noite que assistiu a esse terrífico acontecimento, da sua face percorrida por arrepios, enquanto me expunha a sua teoria, sem interrupções, explicando-me porque é que certos cadáveres conservam no túmulo uma carne firme e gorda durante um milénio. Presentemente, já não posso recear Warren, porque presumo que ele encontrou horrores bem superiores ao meu conhecimento. Agora, receio por ele.

Uma vez mais afirmo que não tinha ideias claras sobre o que, durante essa noite, devíamos ter por objectivo. Esse objectivo tinha, certamente, relação com o livro que Warren levava na algibeira — esse velho livro de caracteres indecifráveis que lhe tinha chegado da Índia um mês antes — mas juro que ignorava o que contávamos nós descobrir. A vossa testemunha diz que nos viu na cerca de Gainsville, às onze

e meia, e que nos encaminhávamos para o pântano do cipreste grande. É provàvelmente verdade, embora eu não me lembre disso. A minha única recordação, gravada a ferro em brasa na minha alma, comporta apenas uma cena que deve ter-se desenrolado muito depois da meia-noite, porque um pálido quarto de Lua passava então a grande altura no céu vaporoso.

Estávamos num cemitério antigo, tão antigo que me fazia estremecer à vista dos múltiplos sinais de anos imemoriais. Ficava num vale profundo e húmido, coberto de filas de erva, de musgo e de trepadeiras daninhas, num vale cheio de um vago fedor que a minha imaginação fútil associou absurdamente ao cheiro da pedra a apodrecer. Por toda a parte se exibiam os sinais da negligência e da decrepitude e eu sentia-me perseguido pela ideia de que Warren e eu éramos as primeiras criaturas vivas a invadir um mortal silêncio secular. Por cima da margem do vale, o sombric quarto de lua declinante cintilava através de vapores repugnantes que pareciam elevar-se de desconhecidas catacumbas. Sob os seus fracos e vacilantes raios, consegui distinguir um repelente conjunto de lajes, urnas, cenotáfios e fachadas de mausoléus cobertos de musgos e manchas de humidade. Todos estes monumentos, meio escondidos pela espessa luxúria da vegetação insalubre, caíam em ruínas.

A primeira percepção que tive da minha própria presença no seio desta horrível necrópole veio-me depois de um momento de pausa que Warren e eu fizemos diante de um velho sepulcro em parte arruinado, enquanto atirávamos ao chão um fardo que parecia termos transportado inconscientemente. Dou-me hoje conta que estava munido de uma lanterna eléctrica e de duas pás, enquanto o meu companheiro se tinha encarregado de transportar um material de telefone portátil. Não pronunciámos sequer uma palavra, como se conhecêssemos o lugar onde nos encontrávamos e a tarefa que aí nos esperava. Pegámos imediatamente nas pás e começámos a tirar a erva, os caules daninhos e a terra que se tinha amontoado sobre o arcaico sepulcro. Depois de termos desobstruído toda a superfície, composta por três imensas lajes de granito, recuámos alguns passos e Warren pareceu entregar-se a não sei que cálculo mental. Voltou em seguida ao sepulcro e, usando a pá como se fosse uma alavanca, tentou erguer a laje que ficava mais perto de um monte de pedras caídas que deveriam ter sido anteriormente um monumento. Não conseguiu, e fez-me sinal para vir em seu auxílio. Finalmente, as nossas forças combinadas

fizeram soltar-se a pedra, que erguemos e passámos para um dos lados.

Uma vez levantada a laje, revelou-se-nos uma sombria abertura de onde se evolavam gases e miasmas tão nauseabundos que, cheios de horror, saltámos para trás. Ao cabo de um instante, quando as exalações já nos pareciam mais suportáveis, aproximámo-nos de novo daquela espécie de boca de sombra. As nossas lanternas descobriram o cimo de uma enfiada de degraus de pedra sobre os quais, vindo do interior da terra, um odioso licor pingava, gota a gota. Ladeavam esses degraus paredes húmidas, incrustadas de salitre. A minha memória regista, nesse instante, a lembrança das primeiras palavras que Warren, com a sua perfeita voz de tenor, me dirigiu num tom singularmente inalterado, apesar do cenário aterrador que nos rodeava:

— Lamento, disse ele, ter de lhe pedir que fique cá em cima, mas seria um crime permitir que alguém com uns nervos frágeis como os seus descesse lá abaixo. Não pode imaginar, mesmo depois do que leu ou do que eu pude contar-lhe, as coisas que vou ter de fazer e de ver. É um trabalho diabólico, Carter, e duvido que, sem uma sensibilidade a toda a prova, alguém possa encarar essas coisas até ao fundo e continuar não só são de espírito mas vivo. Não quero de forma alguma ofendê-lo e Deus sabe como ficaria contente de o levar comigo, mas o sentido da minha própria responsabilidade não me permite arrastar para este inferno, para uma morte provável ou uma possível loucura, um feixe de nervos como os seus. Juro-lhe que não pode realmente imaginar aquilo de que se trata, e prometo mantê-lo ao corrente de cada um dos meus movimentos pelo telefone. Como vê, tenho fio que chegue para atingir o centro da terra e voltar!

Ouço ainda retinir na memória estas palavras ditas com o maior sangue-frio e lembro-me dos meus protestos. Parece que estava desesperadamente desejoso de acompanhar o meu amigo naquelas profundezas sepulcrais, mas ele mostrou-se decididamente inflexível. Houve até um momento em que me ameaçou de abandonar a expedição se eu continuasse a insistir. Esta ameaça foi eficaz, porque só ele possuía a chave da *coisa*. É tudo aquilo de que consigo lembrar-me, até porque não sei mais nada sobre a natureza da *coisa* que nos esforçávamos por encontrar. Depois de, contra a minha vontade, ter acedido ao seu desejo, Warren enrolou a bobina de fio e ajustou os instrumentos. Sob as suas ordens, peguei num deles e sentei-me sobre uma velha pedra tumular descolorida, muito perto da entrada novamente descoberta. Depois, Warren apertou-me a mão, pôs aos ombros o rolo de fio e desapareceu no interior daquele indiscritível ossuário.

Durante um minuto, pude ainda avistar a claridade da sua lanterna e ouvir o arrastar do fio que se desenrolava atrás dele, mas dentro de pouco tempo essa claridade desaparecia bruscamente como se Warren tivesse encontrado na escada de pedra alguma esquina, e o som morreu ao longe quase tão depressa como desaparecera a claridade. Fiquei só, embora ainda desejoso de descer a essas profundezas desconhecidas, tão próximas das mágicas margens cuja verde superfície se estendia por baixo dos raios fatigados daquele esbranquiçado quarto de lua.

No silêncio abandonado daquela cidade da morte, branca e deserta, o meu espírito concebia as mais horríveis fantasias, as mais horríveis ilusões, enquanto os túmulos e os monólitos estranhos como que se impregnavam de uma personalidade medonha. Sombras amorfas pareciam esconder-se nos mais sombrios recantos do vale obstruído pelas ervas daninhas, passar rápida e silenciosamente como se fizessem parte de qualquer blasfematória procissão cerimonial e franquear as portas dos túmulos em putrefacção na colina; sombras que a aparição daquele esbranquiçado luar não tinha conseguido dissolver.

Consultei, então, constantemente, o meu relógio, à luz da minha lanterna eléctrica, inclinando ansiosamente o ouvido para o auscultador do telefone. Durante um quarto de hora, não ouvi nada. Depois, um frágil ruído subiu do aparelho e, com uma voz tensa, chamei o meu amigo até ao centro das profundezas. Embora nesse instante estivesse extremamente excitado, não estava contudo preparado para as palavras que, proferidas em termos mais alarmados e trementes que todos os que até aí ouvira da boca de Harley Warren, se elevaram desse sepulcro de além-túmulo. Warren que, breves momentos antes, me tinha deixado tão calmamente, chamava-me agora do fundo do seu abismo, num murmúrio mais sinistro do que o mais dilacerante grito:

— Meu Deus! se você pudesse ver o que eu estou a ver!

Não consegui responder. Privado de voz, não pude fazer mais do que esperar. Vieram depois novas palavras perturbadas:

— Carter, é terrível, monstruoso, inacreditável!

A voz deixou sùbitamente de me faltar e atirei para o microfone vagas de perguntas febris, repetindo contìnuamente no meu terror:

— Warren, o que é? o que é?

Rouca de medo e marcada pelo desespero, a voz do meu amigo elevou-se outra vez:

— Não posso contar-lhe, Carter! Isto ultrapassa absolutamente todo e qualquer pensamento, não tenho coragem para lhe contar. Nenhum homem pode conhecer isto e viver. Meu Deus! Nunca imaginaria *isto*!

Novo silêncio, excepto do meu lado de onde vinha uma impetuosa torrente de perguntas frementes, e depois a voz de Warren marcada pela mais profunda e estupefacta consternação:

— Carter, por amor de Deus, volte a pôr a laje e fuja se puder! Depressa! Largue tudo, trate só de sair disto. É a sua única hipótese! Faça o que lhe digo e não me peça explicações!

Depois de ouvir isto, a única coisa que conseguia era repetir as minhas perguntas frenéticas. À minha volta, havia os túmulos, a obscuridade e as sombras; por baixo de mim ocultavam-se perigos que ultrapassavam toda a imaginação humana; contudo, o meu amigo corria um perigo muito maior que eu; reconheci, através do medo, uma vaga irritação à ideia de que ele poderia julgar-me capaz de o abandonar em tais circunstâncias. Fez-se ouvir um pequeno estalido no aparelho e, depois de um silêncio, um desesperado grito de Warren:

— Safe-se! Por amor de Deus, volte a pôr a laje e safe-se, Carter!

Algo na linguagem pueril do meu companheiro denotava um pânico tão evidente que me fez voltar a mim. Tomei um resolução e gritei para o aparelho: «Warren, coragem! Vou já para aí.» A estas palavras, o tom do meu amigo transformou-se num grito de extremo desespero:

— Não faça isso, não pode compreender; é tarde demais. E a culpa é toda minha. Volte a pôr a laje e corra. Não há nada que você ou outra pessoa qualquer possa fazer agora!

O tom mudou outra vez, enchendo-se então de uma doce sonoridade, de uma resignação sem esperança, embora continuasse muito aflito por minha causa:

— Depressa, antes que seja tarde demais!

Eu já nem tentava escutá-lo. Queria era vencer a paralisia que me retinha e, de acordo com as minhas palavras, precipitar-me para as profundezas em seu auxílio, mas o murmúrio que se seguiu encontrou-me ainda inerte, amarrado por um pânico sem limites:

— Carter, despache-se! Não vale a pena. Deve é ir-se embora. Mais vale um que dois. A laje!

Um silêncio. Mais nenhum estalido, e depois a voz fraca de Warren:

— Está quase a acabar agora. Não me torne isto mais difícil ainda. Volte a tapar estes malvados degraus e corra, pela sua vida. Perde o seu tempo. Até à vista, Carter. Já não voltarei a vê-lo.

Aqui, o murmúrio de Warren alargou-se num grito; um grito que, gradualmente, se elevou até a um uivo cheio de um horror, vindo do fundo dos tempos:

— Malditas sejam estas *coisas* infernais — Legiões — Meus Deus — Safe-se! Safe-se! SAFE-SE!

Depois foi o silêncio. Não sei durante quantas eternidades fiquei sentado, aparvalhado, suspirando, murmurando, chamando, gritando ao telefone. Muitas e muitas vezes, ao longo destas eternidades, suspirei, murmurei, chamei, uivei: «Warren, Warren! Responda-me, está aí?»

Foi então que os terrores finais se abateram sobre mim. A inacreditável, a impensável, a indizível *coisa*. Já disse que pareciam ter passado eternidades desde que Warren tinha uivado o seu último aviso desesperado desde que só os meus próprios gritos quebravam aquele silêncio medonho, mas, ao fim de algum tempo, um novo estalido retiniu no aparelho. Pus os ouvidos à escuta. Chamei outra vez:

— Warren, está aí?

Em resposta, ouvi *a coisa* que provocou esta amnésia no meu espírito. Não posso, meus senhores, tentar traduzir-vos essa *coisa*, essa voz, assim como não posso arriscar-me a descrevê-la em pormenor, visto que as suas primeiras palavras me arrancaram à consciência e me atiraram para uma espécie de vazio mental que só viria a cessar ao acordar no hospital. Dir-vos-ei que a voz era profunda, surda, gelatinosa, longínqua, sobrenatural, desumana, desencarnada? Que poderei eu dizer? Foi o fim da minha experiência e é o fim da minha história. Ouvi aquilo sentado, estonteado, entre as pedras em ruínas e os túmulos desmoronados, entre as filas de vegetação e os vapores cheios de miasmas, num cemitério desconhecido, no fundo de um vale. Ouvi aquilo, que provinha das profundezas mais recuadas daquele maldito sepulcro hiante, enquanto seguia com os olhos amorfas sombras necrófagas que dançavam sob uma infernal lua declinante.

E eis o que me foi dito:

— SEU IMBECIL, WARREN MORREU!

SEGUNDA HISTÓRIA

EM SONHOS, À PROCURA DA DESCONHECIDA KADATH

(1920)

I

Por três vezes Randolph Carter sonhou com a maravilhosa Kadath e por três vezes o afastaram dela quando a contemplava do alto do terraço que a domina. Com todas as suas muralhas, templos, colunatas, as suas pontes de mármore, com todas as suas fontes e jardins perfumados, com as suas avenidas bordejadas de aprazíveis árvores, de urnas cheias de flores e de filas brilhantes de estátuas de marfim, a cidade luzia, fascinante e dourada ao sol poente, enquanto que, para o Norte, nas abruptas encostas, subiam andares de tectos vermelhos e de velhas mansardas pontiagudas, no meio das quais se refugiavam ruelas pedregosas por onde as ervas cresciam. Havia na cidade uma divina animação, uma fanfarra de trombetas celestes e um deslumbramento de símbolos imortais. Reinava por ali o mistério, da mesma forma que as nuvens rodeiam uma montanha inexplorada e, no momento em que, com a respiração suspensa, Carter se apoiava à balaustrada do parapeito, sentiu-se tomado pela invasora angústia de uma lembrança meio esquecida, pela dor das coisas desaparecidas; sentia a mórbida necessidade de voltar a localizar aquilo que outrora tinha sido um lugar importante ao mesmo tempo que aterrorizador.

Compreendeu que a significação daquele lugar tinha antigamente sido imperiosa para ele, sem que tivesse podido saber em que ciclo da encarnação, em que sonho ou em que vigília tinha conhecido Kadath. Lembrava-lhe vagamente os momentos fugidios de uma primeira juventude longínqua e esquecida, o tempo em que, de cada dia envolto de mistério, emanavam a felicidade e o maravilhoso, ao ritmo das canções e dos alaúdes, o tempo em que horas proféticas abriam as portas resplandecentes das mais profundas e surpreendentes

maravilhas. E, no entanto, todas as noites em que, de pé nesse alto terraço de mármore ornado de curiosas urnas e de balaustradas esculpidas, ele contemplava a beleza pacífica do poente e a emanação extraterrestre da cidade, sentia a coacção dos tirânicos deuses do sonho que nunca o deixavam abandonar este sublime ponto de vista para descer as grandes escadarias de mármore que pareciam cair interminàvelmente na pompa dessas ruas fascinantes cheias de antiquíssimos sortilégios.

Quando, pela terceira vez, Carter acordou sem ter ainda conseguido descer a longuíssima escadaria, sem ter ainda percorrido aquelas ruas calmosas e douradas pelo crepúsculo, invocou os deuses recônditos do sonho, que caprichosamente planam sobre a vastidão gelada aonde nenhum homem se aventura, por cima das nuvens que cobrem a inexplorada Kadath. Os deuses não responderam, não manifestaram qualquer espécie de abrandamento, não deram nenhum sinal de encorajamento quando, em sonhos, ele lhes dirigiu as suas preces. Também não responderam quando ele os invocou ritualmente por meio dos sacerdotes de Nasht e de Kaman-Thah, cujo templo subterrâneo, no meio do qual se ergue um pilar de fogo, fica bem próximo do mundo da vigília. Parecia mesmo que as suas orações eram recebidas com hostilidade, pois desde a primeira que lhe foi retirada a contemplação da cidade maravilhosa, como se ele devesse as suas três visões a um engano ou a um acidente que infringia o plano e o desejo dos deuses.

Por fim, cansado de esperar pela autorização de visitar aquelas ruas douradas pelo poente e aquelas secretas vielas que se esgueiram por entre velhos telhados, incapaz de as afastar do seu espírito, quer no sono quer na vigília, Carter decidiu avançar corajosamente até onde nenhum homem tinha ousado ir, afrontar os gelados desertos e atingir, através das trevas, o lugar onde, escondida por nuvens e coroada por estrelas desconhecidas, Kadath, a cidade inexplorada, esconde nas suas muralhas o castelo de ónix dos Grandes Antigos.

Ligeiramente tonto, desceu os setenta degraus que levam à caverna de fogo para revelar o seu projecto aos sacerdotes de Nasht e de Kaman-That. Os sacerdotes abanaram as suas barbudas cabeças, encimadas por tiaras, e juraram que seria a morte da sua alma. Recordaram o facto de os Grandes Antigos terem já manifestado a sua vontade e afirmaram que lhes seria fortemente desagradável o serem continuamente instigados por pedidos. Lembraram-lhe também que não só

nenhum homem tinha alguma vez estado em Kadath como ninguém podia suspeitar qual o local onde se encontrava esta cidade. Seria nas terras do sonho que se estendem à volta do nosso mundo? Seria nas que rodeiam algum desconhecido companheiro de Fomalhaut ou de Alebaran? Caso Kadath se erguesse nas terras do sonho que confinam com o nosso mundo, seria concebível atingi-la, se bem que desde o começo dos tempos só três seres realmente humanos tivessem feito a travessia de ida e volta dos negros precípicios ímpios que nos separam do mundo dos sonhos. E dos três, dois voltaram completamente loucos.

Havia nestas viagens um incalculável número de perigos imprevisíveis, sem contar o perigo final que se manifesta pelos inúmeros uivos que saem do caos em regiões que o sonho não pode atingir; os perigos de um último abismo onde há a maior desordem e de que as quimeras e as blasfémias são o centro de todo o infinito. O ilimitado Azathoth, esse sultão dos demónios que nenhuma boca ousa nomear em voz alta, devora as suas refeições no meio dos batimentos surdos e irracionais de abomináveis tambores e no meio das monótonas lamentações de execráveis flautas, nas inconcebíveis e sombrias cavernas que se abrem para lá do tempo. Ao ritmo desta música dançam absurda, lenta e pesadamente, os gigantescos Últimos Deuses e os Outros Deuses sem espírito, sem vista e sem voz, esses tenebrosos deuses cuja alma e mensageiro é Nyarlathotep, o Caos.

Na caverna do fogo, os sacerdotes de Nasht e de Kaman-That preveniram Carter de tudo isto, mas ele manteve a sua decisão de ir à procura dos deuses que, na vastidão gelada, dominam Kadath e de, quem quer que eles pudessem ser, obter deles a visão e o asilo da maravilhosa cidade dourada pelo poente. Sabia que seria estranha e longa a sua viagem, que os Grandes Antigos se lhe poderiam opor; mas, dado o hábito que tinha da terra do sonho, contava com a ajuda de uma multidão de experiências e de recordações. Depois de ter pedido aos sacerdotes uma bênção meramente formal, enquanto pensava na sua futura caminhada, desceu decididamente os setecentos degraus que o levaram até à Porta do Sono Profundo, passada a qual se embrenhou na Floresta Encantada.

Nos túneis desta floresta tortuosa em que os carvalhos, prodigiosamente baixos, entrelaçam os seus ramos que brilham, ténues, à luz fosforescente dos cogumelos perfumados, habitam os furtivos e discretos zoogs. Conhecem inúmeros e obscuros segredos do mundo dos sonhos e pouco sabem do mundo da vigília, dado que

a sua floresta confina com as terras dos homens apenas em dois sítios de que seria desastroso revelar a localização. Há certos rumores, certas aparições e desaparecimentos inexplicados entre os homens nos lugares a que os zoogs têm acesso. É melhor que eles não possam aventurar-se muito para longe do mundo dos sonhos; passam livremente as fronteiras extremas da sua floresta e infiltram-se, pequenos, negros e invisíveis no mundo dos homens, para trazerem histórias maliciosas que contam uns aos outros, para passar o tempo na floresta que amam.

A maioria vive em tocas, mas há alguns que preferem os troncos das árvores. Embora eles se alimentem sobretudo de cogumelos, diz-se que têm uma certa inclinação para a carne, quer física quer espiritual, dado que há a certeza de que muitos sonhadores entraram nesta floresta para dela nunca saírem. No entanto, Carter não tinha medo: era um velho sonhador, tinha já aprendido a sua língua ruidosa e com eles tinha já passado longos tempos. Fora graças a eles que descobrira a esplêndida cidade de Celefais no Ooth-Nargai, para lá das colinas da Tanaria, onde durante metade do ano reina o grande rei Kuranes, homem que, com outro nome, tinha já encontrado na vida terrestre. Kuranes era o único ser que, depois de ter estado nos precipícios estelares, tinha voltado são de espírito.

Infiltrando-se nas naves que formavam os gigantescos troncos, Carter lançava ruídos regulares à maneira dos zoogs, e, de quando em quando, parava para ouvir as suas respostas.

Lembrou-se que uma das cidades destas criaturas era a capital dos mais antigos e terríveis zoogs, há muito esquecidos. Apressou-se a dirigir-se para esse lugar. Guiava a sua marcha à luz daqueles cogumelos grotescos que pareciam cada vez mais volumosos à medida que se aproxima o temível círculo onde dançaram e sacrificaram os seres mais antigos. Por fim, a luz crescente desta multidão de cogumelos revelou um sinistro local cinzento e verde que, irrompendo pelo tecto da floresta, se estendia para além da vista. Verificando estar perto do grande circo de pedra, Carter compreendeu que estava na proximidade da aldeia zoog. Depois de ter emitido um novo ruído, esperou pacientemente. A sensação de que muitos olhares o examinavam recompensou, em breve, a sua espera. Eram os zoogs. De facto, surgem primeiro os seus olhos mágicos muito antes de se poderem divisar as suas pequenas silhuetas castanhas.

Saíram das suas tocas e dos seus troncos perfurados de buracos para invadir toda aquela região iluminada. Os mais estranhos roçavam-se desagradàvelmente por Carter, e houve um que desatou a rir. Mas os Maiores logo reprimiam estes espíritos desordenados. O Conselho dos Anciãos reconhecia o visitante e fez-lhe oferecer uma malga de seiva fermentada proveniente de uma árvore encantada que não se assemelha a qualquer outra e cuja semente tinha vindo da lua. Assim que Carter bebeu cerimoniosamente o líquido oferecido, começou um estranho colóquio. Os zoogs, infelizmente, não sabiam onde se encontrava o cume de Kadath, da mesma forma que não sabiam dizer se a fria imensidão se encontrava neste nosso mundo dos sonhos ou em qualquer outro. Aquilo que sabiam dos Grandes Antigos não tinha fontes precisas e tudo o que poderiam dizer era que eles tanto surgiam nos cumes das grandes montanhas como nos vales, desde o tempo em que, entre o luar e as nuvens, executavam nos picos as suas danças encantatórias.

Um zoog muito antigo recordou, nessa altura, um facto de que os outros nunca tinham ouvido falar. Afirmou que, para lá do rio Skai, existe ainda no Ulthar a última cópia dos manuscritos Pnakóticos, cópia inacreditàvelmente antiga, redigida por homens do mundo da vigília originários dos reinos esquecidos das regiões boreais e trazida para o país dos sonhos na altura em que os canibais invadiram os numerosos templos de Olathoe e massacraram os heróis de Lomar. «Esses manuscritos, dizia, continham um grande número de revelações sobre os deuses e ainda por cima havia certos habitantes de Ulthar que tinham visto os sinais divinos. Havia mesmo um velho sacerdote que tinha outrora escalado uma enorme montanha para contemplar os deuses nas suas danças ao luar. O seu empreendimento não tinha tido qualquer êxito, mas um seu companheiro, que o tinha conseguido, morrera de uma forma estranha.»

Randolph Carter agradeceu aos zoogs, que emitiram um ruído amigável e lhe ofereceram, para ele levar, uma outra malga de vinho da lua. Avançou pela floresta fosforescente na direcção da orla onde as águas do rio Skai se soltaram nas encostas do Erion, do Hateg, do Nir e do Ulthar para se espalharem pela planície. Atrás dele rastejavam, furtivos e invisíveis, alguns zoogs mais curiosos que desejavam saber o que lhe aconteceria, para voltar para a sua terra com mais aquela história. Os castanheiros gigantes tornavam-se cada vez mais espessos à medida que Carter se afastava da aldeia. Avançava fixando atentamente o ponto em que as árvores pareciam rarear um pouco. As árvores erguiam-se nesse sítio, mortas ou moribundas, no meio dos cogu-

melos extraordinàriamente densos, com as cascas apodrecidas e os troncos meio desfeitos das suas irmãs caídas por terra. Aí chegado, Randolph recuou sem hesitação pois tratava-se do local onde, no solo da floresta, jaz uma enorme pedra que, segundo aqueles que dela se aproximam, tem um gigantesco anel de ferro com a largura de três pés. Lembrando-se do circo imemorial que tinha sido construído com grandes rochas, e da razão pela qual tinha sido construído, os zoogs não pararam perto da enorme pedra e do seu anel monstruoso. Sabiam que nem tudo o que está esquecido está necessàriamente morto e, não tinham qualquer espécie de desejo de ver a pedra levantar-se, lenta e deliberadamente.

Carter ouviu atrás dele os ruídos medrosos de alguns dos zoogs menos corajosos. Tinha adivinhado que eles o seguiriam, não tendo por isso ficado surpreendido. As pessoas acabam por se habituar às anomalias destas criaturas que parecem estar em constantes orações. O crepúsculo caía quando ele chegou à orla do bosque, mas o luar crescente indicava-lhe que se tratava do crepúsculo matinal. Por cima das férteis planícies que se estendiam até ao Skai, Carter via o fumo das aldeias e, por todos os lados as sebes, os campos trabalhados e os tectos de colmo de uma terra cheia de paz. Parou uma vez numa quinta para pedir um copo de água. Atemorizados, os cães ladravam atrás dos zoogs que, quase invisíveis, rastejavam na relva. Numa outra quinta, em que as pessoas estavam a trabalhar, perguntou o que sabiam acerca dos deuses e se os viam muitas vezes a dançar no lerion. Mas o camponês e a mulher só souberam fazer o Antigo Sinal e indicar-lhe o caminho do Nir e do Ulthar.

Pelo meio-dia, caminhava ele na longuíssima rua principal de Nir, cidade que já um dia visitara e que nesta direcção marcava o limite das suas anteriores viagens. Pouco depois, atingia a grande ponte de pedra do rio Skrai, ponte que, quando foi construída há 1300 anos, foi selada por um sacrifício humano realizado pelos pedreiros. Na outra margem, a multidão de gatos (que, à vista dos zoogs, se eriçavam) anunciou a proximidade de Ulthar. Nesta cidade existe uma lei antiga e severamente respeitada que impede que um homem possa matar um gato. Os arrabaldes de Ulthar eram muito agradáveis com as suas pequenas vivendas verdes e as suas quintas cuidadosamente cercadas. Mas mais agradável ainda era a própria cidade com os seus velhos telhados de madeira dominando os andares superiores, as suas inúmeras chaminés de faiança e as suas ruas estreitas a subir. Poder-se-ia admirar os velhos

pavimentos, se por acaso o permitisse a graciosa multidão de gatos. Dado que os zoogs semi-invisíveis tinham dispersado estes últimos, Carter decidiu avançar directamente para o modesto templo dos Antigos onde, dizia-se, se encontravam os sacerdotes e os velhos arquivos. Quando se encontrou no interior desta venerável torre circular coberta de musgo que coroa a mais alta colina de Ulthar, pôs-se à procura do patriarca Atal que tinha escalado o cume proibido de Atheg-Kla no deserto rochoso e que dele tinha voltado vivo.

Atal, sentado no trono de marfim de um santuário ornado de festões que se encontra no último andar do templo, tinha mais de trezentos anos de idade, mas o seu espírito e a sua memória estavam ainda muito vivos. Com ele Carter aprendeu muitas coisas sobre os deuses e sobretudo que eles são apenas deuses da Terra e que têm um fraco poder sobre o nosso mundo dos sonhos, não tendo nem outras moradas, nem outros poderes. Se estão de bom humor, dizia Atal, ouvem as orações humanas. Mas ninguém deve sequer pensar em subir até ao seu palácio de ónix que se ergue em Kadath por sobre o deserto gelado. Ainda bem que nenhum homem conhece a localização exacta de Kadath, pois esse conhecimento teria consequências gravíssimas para aquele que ousasse aproximar-se dela. O companheiro de Atal, Barzai o Sábio, tinha sido arrebatado para o céu, no meio de medonhos uivos, apenas por ter escalado o cume de Atheg-Kla. O que aconteceria ao homem que descobrisse Kadath, a cidade desconhecida, seria bem pior, pois, embora os deuses da Terra possam por vezes ser dominados por um sábio mortal, têm a protecção dos Deuses do Além, acerca dos quais o melhor é não falar. Na história do Mundo houve pelo menos duas ocasiões em que estes outros Deuses imprimiram o seu sinal no granito original da Terra. Uma vez, em tempos antediluvianos, como foi descoberto a partir de um desenho traçado numa passagem dos manuscritos Pnakóticos, que são demasiado antigos para serem lidos. A outra vez, quando Barzai o Sábio tentou ver os deuses da Terra a dançar ao luar, Atal concluía, assim, que o melhor é deixar os deuses sós e dirigir-lhes apenas preces cheias de deferência. Carter, embora desiludido pelos conselhos desencorajadores de Atal e pelo reduzido auxílio que iria encontrar nos manuscritos Pnakóticos e nos Livros Ocultos de Hsan, não desanimou completamente, na esperança de vir a descobrir a cidade, sem a ajuda dos deuses. Tentou perguntar ao sacerdote o que sabia acerca daquela maravilhosa cidade do crepúsculo que tinha visto do alto do terraço, mas Atal nada lhe podia dizer. Aquele

lugar pertencia provàvelmente, disse o sacerdote, ao seu próprio mundo dos sonhos e não àquele que muitas pessoas conhecem e é possível que ele se situasse num outro planeta. Nesse caso, mesmo que o quisessem, os Deuses da Terra não o poderiam guiar. Mas, sublinhou, não era esse o caso, porque a interrupção dos seus sonhos demonstrava claramente que existia qualquer coisa que os Grandes Antigos lhe queriam ocultar.

Nessa altura Carter teve um gesto censurável. Ofereceu ao seu hospedeiro, que de nada desconfiava, uma tal quantidade do vinho da lua que os zoogs lhe tinham dado, que o velho se pôs a falar involuntàriamente. Libertado da sua reserva habitual, o pobre Atal revelou livremente várias coisas proibidas. Falou da grande imagem que, segundo relatos dos viajantes, se encontra esculpida na dura rocha da montanha Ngranek da ilha de Oriab no Mar do Sul, e insinuou que poderia tratar-se de um retrato que, à sua própria imagem, os deuses da Terra tivessem outrora gravado, quando era nessa montanha que eles dançavam ao luar. Acrescentou, no meio de soluços que os traços dessa imagem eram de tal forma estranhos que eram fàcilmente reconhecíveis e que eram os exactos traços da autêntica raça divina. Carter viu imediatamente a utilidade de todas estas revelações. Sabe-se que os mais jovens dos Grandes Antigos desposavam muitas vezes, em segredo, as filhas dos homens; pelo que, nas margens da imensidade gelada onde se esconde Kadath, há muitos camponeses que têm sangue divino. Sabendo isto, a maneira mais simples de descobrir esse deserto é ir ver o rosto de pedra esculpida em Ngranek e estudar minuciosamente os seus traços. Depois de os ter cuidadosamente anotado, bastará procurar entre os homens vivos, os traços que se lhe assemelham. Os deuses viverão perto do local onde os traços dos homens forem mais semelhantes aos seus, e, seja qual for a imensidade de pedra que se estende para além das aldeias, é aí que se deve encontrar Kadath.

Nestas aldeias deve ser possível recolher um certo número de informações acerca dos Grandes Antigos, dado que aqueles que ainda têm o seu sangue podem ter também herdado algumas recordações, extremamente úteis para um investigador. Podem não conhecer a sua filiação, dado que os deuses detestam ser conhecidos pelos homens e que, de entre estes homens, não deve haver um só que tenha visto o seu rosto. No entanto, aqueles que têm sangue divino devem ter pensamentos estranhos e nobres que os seus companheiros não podem compreender. Devem cantar países longínquos e distantes jardins, tão diferentes de todos

aqueles que são conhecidos, mesmo no país dos sonhos, que as pessoas normais os consideram loucos. A partir de tudo isto, será talvez possível aprender os antigos segredos de Kadath ou, pelo menos, recolher determinadas alusões à maravilhosa cidade do crepúsculo que os deuses mantêm secreta. Para além disso talvez seja possível, em certos casos, tomar conta de uma criança protegida pelos deuses e guardá-la como refém ou, melhor ainda, capturar um jovem deus vivo debaixo do disfarce humano, casado com uma bela camponesa.

Atal não sabia o caminho para o Ngranek da ilha de Oriab. Recomendou a Carter que se dirigisse para o Mar do Sul pelo Skai que canta debaixo das pontes. Nenhum habitante do Ulthar chegou até lá, mas há mercadores que vêm, ou por barco, ou em longas caravanas de mulas e de carroças de duas rodas. É aí que se ergue a grande cidade de Dylath-Leen que tem uma péssima reputação no Ulthar por causa das negras trirremes carregadas de rubis que aí chegam, vindas de não se sabe que rio. Os mercadores que saem dessas galeras para negociar com os ourives são seres humanos ou quase, mas nunca se viu um único remador. E em Ulthar, as pessoas acham que não é nada normal mercadores que negoceiam em barcos negros que não se sabe de onde vêm e de que nunca se viram os remadores. Atal adormeceu enquanto dava esta última informação, e Carter deitou-o docemente num divã de ébano e aconchegou a sua longa barba sobre o peito. Quando se voltava para partir, verificou que não havia já aquele ruído obsessivo que o perseguia e perguntou-se porque teriam os zoogs abandonado a sua perseguição e a sua curiosidade. Viu então que todos os gatos de Ulthar estavam a lamber os flancos com um ar satisfeito e um estranho encantamento. Recordou os ruídos e a desordem que tinha vagamente ouvido nas salas baixas do templo quando estava absorvido na conversa com o velho sacerdote. Lembrou-se então do olhar sequioso que tinha surpreendido a um zoog particularmente impudico, quando olhava para um pequeno gato preto que passava perto. Dado que não havia nada na terra que ele amasse mais do que os gatos, Carter parou e acariciou os luzidios gatos de Ulthar. Não lamentou nada o facto de os curiosos zoogs terem deixado de o escoltar.

Caía o crepúsculo, e Carter decidiu parar numa velha estalagem que ficava numa viela escarpada que dominava a cidade baixa. Da varanda do seu quarto, contemplou o mar de telhados de telhas vermelhas, as ruas calcetadas e as belas planícies que se estendiam

ao longe. Tudo lhe parecia tão suave e tão mágico àquela luz que diminuía, que sentiu que Ulthar seria um agradabilíssimo lugar para viver, não persistisse nele a lembrança de uma cidade ainda maior, cheia de sol crepuscular, lembrança que, sem tréguas, o empurrava para desconhecidos perigos. As paredes róseas e as empenas de estuque ficavam violetas e misteriosas ao mesmo tempo que uma série de luzinhas amarelas e hesitantes começava a surgir nas janelas gradeadas. Na torre do templo que dominava a cidade começaram a tocar harmoniosos carrilhões. E, docemente, a primeira estrela da noite espreitou por cima das planícies que se estendem para lá do rio Skai. Com a noite, vieram os cânticos, e Carter inclinou a cabeça quando os tocadores de alaúde dedilhavam a lembrança dos dias antiquíssimos, escondidos atrás das janelas de elegantes grades na simples e bela Ulthar. Na voz dos gatos de Ulthar poderia mesmo vibrar uma certa doçura, não os tivesse o seu estranho banquete pesado e silenciado. Alguns esgueiraram-se em silêncio para esses ocultos reinos de que só os gatos conhecem o caminho, e que os aldeões dizem situar-se no lado escondido da lua, lado para o qual os gatos se voltam nos telhados das altíssimas casas. Houve um gatinho preto que, ao contrário, subiu até à varanda para se ir deitar nos joelhos de Carter. Quando Randolph se deitou no seu pequeno leito com almofadas cheias de ervas perfumadas e soporíferas, o gato enrolou-se aos seus pés.

De manhã, Carter juntou-se a uma caravana de mercadores que fazia o caminho de Dylath-Leen para levar a lã de Ulthar e a hortaliça das suas férteis quintas. Durante seis dias cavalgaram ao som de campainhas e guizos pela plana estrada que ladeia o rio Skai. Umas noites ficavam nas estalagens que encontravam nos pequenos portos de pesca. Outras, acampavam debaixo das estrelas, enquanto do rio calmíssimo subiam as canções dos barqueiros. A região era belíssima, com as suas sebes verdes, os seus pequenos bosques, as pitorescas casinhas e os moinhos de vento octogonais.

Ao oitavo dia, avistou-se no horizonte uma nuvem de fumo e logo a seguir as altas torres negras de Dylath-Leen, cidade que é quase inteiramente construída em basalto. Dylath-Leen, com as suas pequenas torres angulosas, assemelha-se um pouco à Calçada do Gigante e as suas ruas são escuras e pouco hospitaleiras. Há inúmeras e lúgubres tabernas perto dos variadíssimos cais, e toda a cidade está cheia de misteriosos marinheiros vindos de todos os países da Terra e de

alguns mesmo que se diz não virem sequer da Terra. Carter interrogou os homens vestidos de estranhas maneiras que povoavam esta cidade; pedia-lhes informações acerca do pico de Ngranek da ilha de Oriad, e verificou que todos eles o conheciam bastante bem. Havia barcos que vinham de Baharna, um porto que há nessa ilha, e havia um que lá devia voltar dentro de um mês. O Ngranek é a dois dias deste porto. Poucos eram os marinheiros que tinham visto o rosto de pedra do deus, porque ele se encontra numa encosta de difícil acesso, do lado que se encontra em cima de rochas a pique e sobre uma sinistra planície de lava. Foi nesta vertente da montanha, que os deuses, então em guerra com os homens, pediram um dia o auxílio dos Outros Deuses.

Nas tabernas do porto de Dylath-Leen, foi com dificuldade que Carter obteve estas informações dos comerciantes e dos marinheiros. Era visível que todos eles preferiam discutir o caso das trirremes negras. Era esperada a chegada de uma destas galeras para a semana seguinte. Vinha carregada de rubis, provenientes desse rio desconhecido, e a população da cidade receava a sua chegada ao cais. A boca dos homens que desciam para negociar os rubis era de umas dimensões excessivas e a maneira como o turbante que usavam se dobrava em duas pontas era de um mau gosto verdadeiramente abjecto. Os sapatos que usavam eram os mais pequenos e bizarros que alguém já vira nos Seis Reinos. Mas o pior de tudo, era o problema dos remadores invisíveis. As três filas de remos funcionavam com uma velocidade, uma precisão e uma força excessivas para o que é normal. E era manifestamente estranho o facto de, durante as semanas que o barco ficava ancorado no cais enquanto os mercadores tratavam dos seus negócios, ninguém conseguir pôr a vista em cima de um só dos remadores. Isto desagradava visivelmente aos taberneiros de Dylath-Leen, assim como aos merceeiros e aos talhantes, dado que nunca se enviava qualquer provisão a bordo. Os mercadores levavam apenas ouro e escravos negros que eram comprados em Parg, do outro lado do rio.

Era tudo o que estes mercadores estranhos e desagradáveis e os seus invisíveis remadores tinham comprado. Nunca compravam nada, nem nas mercearias nem nos talhos. Só ouro e negros musculosos comprados a peso em Parg. Eram indescritíveis os odores que emanavam destas galeras quando o vento do sul soprava nas docas. Os homens que normalmente andavam pelas velhas tabernas do porto só conseguiam suportar este cheiro, fumando continuamente o tabaco

mais forte que conheciam. Dylath-Leen nunca teria tolerado a presença destas galeras negras se se tivessem encontrado aqueles rubis num outro sítio. Mas o facto é que ninguém em todo o país dos sonhos da Terra, conhecia uma outra mina que tivesse idênticas pedras.

A cosmopolita população de Dylath-Leen falava incessantemente destes assuntos enquanto Carter esperava, cheio de paciência, a partida do barco do Baharna que o levaria para a ilha onde se encontra o nu e esculpido Ngranek. Durante este tempo, não deixou de escutar as histórias que se ouviam nos lugares frequentados pelos grandes viajantes a propósito de Kadath, a cidade da vastidão gelada, ou a propósito de uma cidade maravilhosa com paredes de mármore e fontes de prata que era vista ao crepúsculo do alto dos terraços. No entanto, nada de novo aprendeu, se bem que de uma vez tivesse ficado com a impressão de que um velho mercador de olhos oblíquos tinha um olhar estranho e intrigado quando ouvia falar da imensidão gelada. Este homem tinha a fama de comerciar nas horríveis aldeias de pedra que há, disseminadas no planalto deserto de frio de Leng, região que nenhum homem são visita, e de onde à noite se vêem, longínquos, os fogos infernais. O boato corria de que ele tinha mesmo relações com o misterioso sacerdote que usa uma máscara de seda amarela no rosto e que vive isolado num mosteiro de pedra pré-histórico. Era bem possível que este indivíduo tivesse tido vagas relações com os seres que se julga viverem no deserto dos gelos, mas Carter cedo percebeu que era inútil fazer-lhe mais perguntas.

Ultrapassando o molhe de basalto onde se erguia o grande farol, a galera negra entrou no porto, estranha e silenciosa, exalando um estranho fedor que o vento sul espalhou pela cidade. O mal-estar propagou-se pelas tabernas, ao longo dos cais, e em breve os negros comerciantes de grandes bocas, com os seus turbantes-bossas, e os seus pequeníssimos pés, desciam furtivamente a terra, à procura das lojas e dos ourives. Carter observou-os com atenção e, à medida que os olhava mais atentamente, começava a detestá-los. Viu-os depois levar os vigorosos negros de Parg para dentro da trirreme e perguntou-se qual seria o país (se é que haveria um) onde estas criaturas patéticas iriam servir.

Na terceira noite depois da chegada da galera, um destes mercadores, cuja simples visão provoca mal-estar, dirigiu-lhe a palavra, com um sorriso embaraçado. Deixava perceber que, pelas tabernas, tinha ouvido falar das investigações de Carter. Parecia possuir

um conhecimento demasiado secreto para falar disso em público — e apesar de o som da sua voz ser insuportável e odioso, Carter achou que a sabedoria de um viajante que provinha de tão longínquas paragens não era para menosprezar. Pediu-lhe, assim, que o visitasse num dos quartos particulares que há no andar superior da estalagem. E aí, para lhe desentorpecer a língua, ofereceu-lhe o que lhe sobrava do vinho da lua. O estranho mercador bebeu lentamente, mas continuou a sorrir como se de nada se tratasse. Tirou, a certa altura, uma garrafa de vinho que trazia e Carter viu que esta garrafa era um rubi perfurado e cinzelado de uma maneira demasiado fabulosa para a podermos registar. Ofereceu o vinho ao seu anfitrião e, apesar de Carter ter apenas sorvido um pequeníssimo golo, sentiu-se tomado pela vertigem do espaço e a febre de insuspeitas selvas. Durante todo este tempo, o convidado não tinha deixado de sorrir com um sorriso cada vez mais aberto, e enquanto Carter escorregava no vazio, a última coisa de que teve consciência foi esse odioso rosto negro, nas convulsões de um riso demoníaco. Lembrava-se também de um estranhíssimo fenómeno que aconteceu no sítio exacto em que uma das duas pontas frontais do turbante cor-de-laranja tinha sido desfeita pelos estremecimentos desta hilariedade epiléptica. No meio de um cheiro horroroso, Carter retomou consciência numa tenda construída a meio de um navio, enquanto ao longe desapareciam, com uma velocidade anormal, as maravilhosas costas do Mar do Sul. Não estava acorrentado mas havia três mercadores junto dele, sardónicos e fazendo horríveis caretas. A simples visão das pontas dos turbantes, assim como o mau cheiro que passava pelas sinistras escotilhas, quase o fizeram desmaiar de novo. Viu passarem ao seu lado as terras e as gloriosas cidades de que na Terra um companheiro de sonhos (um faroleiro da velha Kingsport) lhe tinha outrora tantas vezes falado e reconheceu os templos cheios de terraços de Zak, capital de sonhos esquecidos, as flechas da infame Talarion, a demoníaca cidade das mil maravilhas onde reina o ídolo Látio, os jardins carnais de Zura, terra de inacessíveis prazeres, e as terras gémeas de cristal que se juntam para formar uma brilhantíssima arcada que guarda o porto de Sona-Nyl, a terra bendita da imaginação. Depois de ter passado por estas riquíssimas paragens, o fedorento barco, cuja velocidade parecia aumentar com os movimentos anormais dos remadores escondidos no seu costado, começou a voar de uma estranha maneira. Antes do fim do dia, Carter percebeu que o homem do leme tinha como única direcção os Pilares de Basalto

do Oeste, para além dos quais a sabedoria popular diz que se estende a Cateria, embora os Sábios do Sonho saibam muito bem que estes pilares são apenas a porta de uma catarata monstruosa, através da qual todos os oceanos do mundo dos sonhos terrestres se atiram para o nada abissal, e, através dos espaços vazios, são projectados para outros mundos, para outras estrelas e para o medonho nada exterior a todo o universo organizado onde, no meio de um caos cheio das marteladas e assobios da infernal dança dos Outros Deuses, esses seres cegos, áfonos, tenebrosos e destituídos de espírito que têm Nyarlathotep por alma e mensageiro, grunhe de cólera o príncipe dos demónios, Azathoth.

Entretanto, nem uma palavra diziam os três sardónicos mercadores. No entanto, Carter sabia perfeitamente que eles deviam estar ligados àqueles que desejavam impedi-lo de prosseguir nas suas pesquisas.

Sabe-se, no país dos sonhos, que os Outros Deuses têm muitos agentes entre os homens e que todos estes agentes, sejam eles inteiramente humanos ou um pouco menos do que humanos, estão prontos a executar a vontade dessas cegas coisas sem espírito, na esperança de, em recompensa, receberem os favores do seu odioso mensageiro e alma danada, Nyarlathotep, o Caos. Carter deduziu que os mercadores de turbantes de pontas, depois de terem ouvido falar da sua corajosa investigação sobre os Grandes Antigos e o seu castelo de Kadath, tinham decidido raptá-lo e entregá-lo a Nyarlathotep, qualquer que fosse o ignoto presente que receberiam como prémio deste serviço. Carter não conseguia adivinhar qual poderia ser, no universo que conhecemos ou nos horríveis espaços exteriores, a terra destes mercadores. Da mesma forma, não conseguia imaginar em que lugar infernal iriam eles encontrar o Caos para o abandonarem e reclamar o seu prémio. Sabia, no entanto, que nenhum ser tão próximo da humanidade como o eram estes comerciantes ousaria aproximar-se do vazio central e sem forma que é o derradeiro trono nocturno do demónio Azathoth.

Ao pôr-do-sol, os mercadores começaram a lançar-se olhares esfomeados e a lamber os seus lábios anormalmente grandes. Um deles desceu ao porão para trazer de alguma cabina secreta uma panela e um certo número de pratos. Sentaram-se uns em frente dos outros dentro da tenda de Carter e comeram a carne fumada que se passavam uns aos outros. Deram-lhe um pedaço, mas ele sentiu-se horrorizado pela forma e dimensões daquela carne. Ficou ainda mais pálido, e, num momento em que ninguém o vigiava, lançou ao mar o bocado que lhe tinham dado. Voltou então a pensar nos invisíveis

remadores que estavam escondidos no costado do navio e na suspeita alimentação que lhes dava essa força demasiado mecânica.

Era já noite quando a galera passou entre os Pilares de Basalto do Oeste e, sinistro, se amplificou o rumor da catarata Última. As suas águas tapavam as estrelas, a ponte foi submersa e o navio balouçou violentamente na furiosa corrente do precipício. Com um estranho assobio, o barco retomou a velocidade e mergulhou. Num acesso de terror e pesadelo, Carter sentiu a terra desaparecer, enquanto o enorme barco silencioso, semelhante a um cometa, se lançava agora para o espaço. Nunca anteriormente ele tinha visto as coisas negras e informes que se escondem, voltejam e patinham através do éter, lançando um olhar trocista e malévolo aos viajantes que passam e apalpando, por vezes, com as suas patas aderentes, os objectos móveis que excitam a sua curiosidade. São as inúmeras larvas dos Outros Deuses. Como eles, são cegas, desprovidas de espírito e dominadas por estranhas fomes e desejos.

A odiosa galera não ia, no entanto, tão longe como Carter o receara, e em breve ele via o timoneiro tomar a direcção da Lua. Esta parecia uma jóia brilhante que, mostrando as suas estranhas crateras e os seus cumes pouco hospitaleiros, aumentava em tamanho à medida que se aproximavam dela. O barco dirigia-se para o rio lunar e o seu destino viu-se logo a seguir ser esse lado secreto e misterioso que está sempre de costas para a terra, o lado que nenhum ser totalmente humano alguma vez contemplou a não ser talvez o sonhador Snireth-Ko. Visto de perto, à medida que a galera se aproximava, era extremamente inquietante para Carter o aspecto que a lua possuía. Carter não gostava decididamente da forma e do volume das ruínas que, aqui e além, se desfaziam em pó. Nas montanhas, os templos mortos estavam situados de uma maneira tal que se via claramente que não podiam ter sido edificados como locais de culto dos deuses normais e naturais; e, na simetria das Colunas Quebradas, parecia esconder-se uma negra e secreta ideia, cujo sentido não era revelado. Carter recusou-se a pensar quais teriam sido as formas e as proporções desses velhos crentes.

Quando a embarcação contornou a fronteira e começou a planar sobre as terras nunca vistas pelos homens, apareceram no meio da estranha paisagem alguns sinais da vida. Carter divisava um número considerável de casas que se erguiam no meio de campos cheios de grotescos cogumelos esbranquiçados. Tratava-se de casas grandes, baixas e redondas. Notou que estas casas não tinham janelas, e que pela sua forma se aparentavam

com os *igloos* dos esquimós. Viu, nessa altura, as vagas oleosas de um mar pachorrento, e percebeu que, de novo, a viagem seria sobre as águas ou pelo menos sobre qualquer forma líquida. A galera tocou na superfície com um curioso ruído e a maneira estranhamente elástica como a receberam as vagas deixou Carter perplexo. Deslizavam agora a uma grande velocidade. Ultrapassaram e interpelaram uma vez uma outra galera de forma análoga à daquela em que seguiam, se bem que de um modo geral aquele mar estivesse vazio debaixo de um céu que era negro e semeado de estrelas, apesar do ardente sol que brilhava.

Elevava-se no horizonte uma colina desfeita e leprosa onde Carter viu surgirem as torres cinzentas que assinalam a presença de cidade de mau presságio. A maneira como elas se dobravam, se curvavam, a geometria da sua disposição e o facto de não possuírem nenhuma janela, inquietou muito o prisioneiro que, amargamente, lamentava a loucura que o tinha levado a beber o estranho vinho que lhe oferecera o mercador do turbante com duas pontas. À medida que se aproximavam da margem e que o hediondo fedor daquela cidade se tornava mais forte, ele divisou inúmeras florestas nas colinas destruídas e verificou que as árvores que havia aqui e além se assemelhavam à solitária árvore lunar que existia no meio do Bosque Encantado e de cuja seiva os pequenos zoogs castanhos extraíam a sua enigmática bebida.

Agora Carter conseguia distinguir à sua frente silhuetas em movimento nos infectos cais e quanto mais as discernia mais as receava e odiava pois nem aproximadamente eram humanas. Eram coisas grandes e escorregadias, brancas e cinzentas, que podiam contrair-se ou distender-se à vontade e cuja forma principal, se bem que muito mutável, era a de uma espécie de sapo sem olhos, dotado de uma estranha massa vibrátil feita de curtos tentáculos róseos que se mexiam nas pontas de um focinho achatado. Estes seres atarefavam-se nos cais, transportando, com uma força anormal, diversas grades, caixotes e fardos. De vez em quando, pulavam para dentro de uma galera de onde voltavam com enormes remos nas suas patas anteriores. Aparecia por vezes um que conduzia um rebanho de escravos que avançavam a custo. Na verdade, estes escravos eram quase humanos. Tinham bocas muito grandes e assemelhavam-se aos mercadores que vinham tratar de negócios em Dylath-Leen. Mas no fim de contas, estes rebanhos de escravos que não tinham nem turbante, nem sapatos, nem roupa, não tinham um ar totalmente humano. Havia uns, os mais fortes, que uma espécie de capataz apalpava para verificar as qualidades, que assim que desciam dos barcos eram metidos numas jaulas cuidadosamente fechadas à chave que os trabalhadores em seguida empurravam para cima de uns carros que havia na parte baixa dos cais.

Um destes carros foi atrelado e levado como os outros, mas o ser que o puxava era de tal forma monstruoso que Carter, apesar de já ter visto as monstruosidades que habitavam estes lugares, ficou horrorizado. De tempos a tempos aparecia um grupo de escravos vestidos e com turbantes iguais aos daqueles que usavam os sombrios mercadores, que era levado para bordo de uma trirreme, seguido de um certo número de coisas viscosas que tinham a forma de sapos: os oficiais, marinheiros e remadores. Carter percebeu que estas criaturas quase humanas eram destinadas aos serviços mais ignominiosos, todos os que não exigiam força, como seja manter o leme, cozinhar, fazer compras, transportar os carregamentos e negociar com os seres terrestres ou com os que há nos outros planetas. Estes seres ofereciam grandes vantagens para as relações terrenas dado que, quando estavam vestidos, calçados e com os turbantes, em nada diferiam dos homens. Podiam discutir sem vergonha nas lojas humanas. A maior parte, à excepção dos que eram magros ou estavam doentes, eram vestidos, arrumados em jaulas e transportados por umas coisas monstruosas em zorras pesadíssimas. De vez em quando, havia outros seres que eram descarregados dos navios e metidos em jaulas. Uns pareciam criaturas quase humanas, outros pareciam-no menos e havia uns que se não pareciam nada. Carter perguntava-se se os pobres negros de Parg teriam como destino ser descarregados, enjaulados e levados para o interior do país naquelas carroças hediondas.

Quando a galera atracou a um cais engordurado que era feito de rochas esponjosas, saiu das escotilhas uma onírica horda de coisas semelhantes a sapos. Duas delas agarraram Carter e puxaram-no para o rio. O cheiro e o aspecto da cidade ultrapassavam qualquer descrição. Em imagens dispersas, Carter apenas pôde ver as ruas cheias de tijoleira, umas entradas negras e abismos infinitos de muros cinzentos verticais que não tinham qualquer janela. Empurraram-no, por fim, para uma entrada muito baixa e através de trevas impenetráveis fizeram-no subir uma longuíssima escadaria. Aparentemente, a luz e a escuridão não tinham qualquer espécie de importância para estes corpos de sapo. O cheiro deste sítio era insuportável. Assim que Carter se viu só numa câmara para onde tinha sido levado, mal teve forças para dar uma volta agarrado às paredes

para saber a forma e as dimensões do sítio em que se encontrava. Tratava-se de um quarto circular com cerca de vinte pés de diâmetro.

A partir deste momento, o tempo deixou de existir. Deitavam-lhe a comida no quarto com intervalos regulares, mas Carter nem lhe tocava. Ignorava qual seria o seu destino. Mas suspeitava que o estavam a guardar à espera da chegada do infindo Nyarlathotep, alma terrível e terrível mensageiro dos Outros Deuses. Por fim, depois de uma aparentemente interminável série de horas e de dias, abriram a grande porta de pedra. E Carter foi levado para as ruas iluminadas a vermelho da tenebrosa cidade. Era noite na lua e por todo o lado se viam escravos que seguravam em archotes.

Numa praça horrível, tinha-se formado uma espécie de procissão: dez objectos semelhantes aos sapos e vinte e quatro escravos com archotes, onze de cada lado, um à frente e outro atrás. Colocaram Carter no meio da formação, com cinco sapos à frente, cinco atrás, e de cada lado um escravo de forma quase humana.

A certa altura uns destes sapos puxaram por umas flautas incrustadas de marfim e começaram todos a extrair delas sons verdadeiramente repulsivos. Ao som desta música infernal a fila pôs-se em andamento pelas ruas da cidade, em direcção às sombrias planícies infestadas de obscenos cogumelos. A partir daí, começaram a escalar uma das pequenas colinas que, em suave elevação, se estendem atrás da cidade. Carter tinha a certeza absoluta de que o Caos o esperava numa dessas aterradoras vertentes ou num desses blasfematórios planaltos. Só desejava que aquela expectativa angustiosa terminasse. Eram-lhe insuportáveis os lamentos daquelas ímpias flautas, e em troca de um som pelo menos aparentado com o normal, ele teria dado universos inteiros. Mas aqueles sapos não tinham voz e os escravos eram silenciosos.

Através das trevas, aqui e além rompidas pela pálida luz das estrelas, chegou-lhe a certa altura um som normal que se espalhou pelas altas colinas e pelos escarpados cumes que se erguiam à sua volta. O eco captou e reenviou este som num coro que se amplificou até ao pandemónio. Era o miar nocturno dos gatos e Carter percebeu, nessa altura, como tinham razão os velhos aldeões quando, em voz baixa, se dizem que os reinos infernais só são conhecidos pelos gatos, e que os mais velhos destes animais conseguem, saltando dos tectos das casas mais altas, lá chegar, na obscuridade nocturna. É, na verdade, no lado escuro da lua que eles vão saltar e brincar pelas colinas, conversando com as velhas sombras. No meio destas colinas fétidas

e destes sapos repelentes, Carter ouviu os miados amigáveis e familiares, e não pode deixar de pensar no seu lar acolhedor, no telhado inclinado e nas pequenas janelas iluminadas.

Randolph Carter conhecia agora quase perfeitamente a linguagem dos gatos, e pôde assim neste lugar perdido lançar o grito adequado. Não teria, no entanto, tido necessidade de o fazer, porque assim que abriu a boca percebeu que o coro se aproximava. Via, sobre as estrelas, as suas sombras vivas e as graciosas silhuetas que saltavam de colina em colina. O grito do clã tinha sido lançado, e antes que a nojenta procissão tivesse tido tempo para se assustar, uma nuvem de doces pêlos e uma falange de garras assassinas estavam sobre ela, como uma vaga, como uma tempestade. Pararam as flautas e na noite ressoaram os gritos. As formas semi-humanas berravam nas dores mortais, os gatos escarravam e rugiam. Mas os sapatos não emitiam qualquer som, enquanto o seu sangue esverdeado e horrìvelmente mal cheiroso, se esvaía na terra porosa, entre os obscenos cogumelos.

À luz dos archotes, era um espectáculo alucinante. Nunca anteriormente tinha Carter visto uma tal quantidade de gatos. Eram negros, cinzentos, amarelos, às riscas. Havia gatos franceses, persas, rafeiros, tibetanos, angorá, egípcios. E na fúria da batalha, planava sobre eles uma parte daquele sagrado, profundo e inviolável, que outrora, nos templos de Bubastis, lhes tinha conferido uma qualidade divina. Saltavam aos sete à garganta de uma dessas criaturas semi-humanas, ou então ao focinho achatado e róseo de um dos corpos de sapo; arrastavam-nos violentamente para a planície infestada de cogumelos e numa furiosa batalha desfaziam-nos com garras e dentes num esforço frenético. Carter tinha agarrado no archote que um dos escravos mortos segurava, mas em breve viu-se obrigado a largá-lo, por causa da violência das vagas dos seus fiéis defensores. Deitou-se então na escuridão absoluta a ouvir os clamores da guerra, os gritos dos vencedores e o suave ruído das patas dos seus amigos que, à volta, pulavam na confusão.

O terror e a fadiga em breve lhe fechavam os olhos. Só os voltaria a abrir para ver uma estranhíssima cena.

O grande disco brilhante da Terra, treze vezes maior do que a Lua, tinha-se levantado e inundava a paisagem lunar com uma luz sobrenatural. A todo o comprimento do planalto selvagem e sobre os picos meio derrubados, estendia-se um mar infinito de gatos alinhados numa ordem perfeita. Estavam dispostos em círculos concêntricos. Dois chefes que tinham saído da formatura, lam-

biam-lhe agora a cara, como se o quisessem consolar. Nada restava ou quase nada, dos sapos e dos escravos mortos. Mas um pouco mais à frente, no espaço descoberto que o separava dos guerreiros, julgou ver um osso.

Carter estava neste momento a conversar com os chefes, na doce linguagem dos gatos, e logo verificou que a sua longa amizade por esta espécie era manifestamente conhecida, e que dela se falava muitas vezes naqueles lugares onde se realizavam as assembleias dos gatos. Tinham cuidadosamente observado a sua estada em Ulthar, e os gatos mais velhos lembravam-se perfeitamente da maneira como ele os tinha acariciado depois de terem destruído os zoogs furiosos que ameaçavam um gatinho preto. Lembraram-lhe também a maneira como ele tinha acolhido o gato que o tinha visitado na estalagem, e o facto de, antes de partir de madrugada, ele lhe ter dado um magnífico prato de leite. O chefe do exército ali reunido era o avô desse gatinho. Tinha observado a infernal procissão do alto de uma colina distante e tinha reconhecido o prisioneiro, amigo fiel da sua espécie, na Terra como no país dos sonhos.

Ouviu-se nessa altura um miado que vinha de um cume longínquo e o velho chefe deixou, bruscamente, de falar. Era um dos vigias do exército que estava colocado na mais alta montanha, para vigiar aqueles que são os mais temíveis dos inimigos dos gatos da Terra: os gigantescos e estranhos gatos que vêm de Saturno e que, por qualquer razão, nunca esqueceram os encantos deste lado oculto da Lua. Estes gatos têm um pacto com os demoníacos sapos, e têm uma hostilidade permanente em relação aos gatos terrestres. O encontro de ambos nestas circunstâncias seria assim extremamente árduo.

Depois de uma breve conferência entre os generais, os gatos alinharam-se numa formatura cerrada e rodearam Carter para o proteger. Preparavam-se para dar o grande salto que, através do espaço, os levaria de volta aos altos telhados do país dos sonhos terrestres. O velho marechal aconselhou Carter a deixar-se passivamente transportar pelas cerradas filas dos peludos saltadores; ensinou-o a saltar ao mesmo tempo que os outros e a aterrar, na altura em que eles todos o fizessem. Ofereceu-se também para o colocar no local que mais lhe conviesse. Carter escolheu a cidade de Dylath-Leen, de onde partira a negra galera, dado que desejava partir deste porto para Oriab, na mira de atingir a encosta esculpida do Ngranek. Queria igualmente aconselhar a população da cidade a deixar de negociar com aqueles estranhos mercadores, caso este corte de rela-

ções pudesse ser feito com tacto e diplomacia. Ao sinal combinado, os gatos lançaram-se graciosamente no espaço. No meio deles, seguro contra os seus corpos, ia o seu amigo fiel. E no ímpio cume daquelas montanhas lunares, em qualquer negro antro continuava a esperar Nyarlathotep, o Caos.

O salto dos gatos através do espaço foi extremamente breve e Carter, rodeado pelos seus amigos, não viu desta vez as grandes coisas informes que se escondem, cabriolam e desaparecem no abismo. Antes de ter tomado plena consciência de tudo por que tinha passado, estava de novo na sua estalagem de Dylath-Leen, no seu próprio quarto. E, discretos e afáveis, os gatos saíam pela janela. O velho chefe de Ulthar foi o último a partir, e quando Carter lhe apertava a pata em despedida, ele afirmou-lhe que seria capaz de voltar para a sua terra nas asas de um corvo. De madrugada, Carter descobriu que se tinha passado uma semana desde a sua captura. Teria ainda duas semanas de espera pelo barco que o levaria até Oriab. Carter passou este tempo a pregar contra as galeras negras e os seus infames objectivos. A maior parte das pessoas da cidade acreditaram no que ele dizia, mas os ourives amavam demasiado os rubis para poderem prometer que acabariam com o comércio com os mercadores de grandes bocas. Se, em consequência destes negócios Dylath-Leen recebesse um dia o castigo da peste, eles não se sentiam culpados.

Ao fim de uma semana, o desejado barco ancorou junto ao molhe negro onde fica o farol alto e Carter viu, com compreensível alegria, que se tratava de um navio comandado por homens normais. O navio tinha o costado pintado e as velas eram velas latinas amarelas. O capitão, de cabelos brancos, usava fatos de seda. A carga era resina perfumada que vinha do interior de Oriab, porcelanas delicadas feitas pelos artistas de Baharna e pequenas estatuetas feitas na velha lava do Ngranek. Trocavam tudo isto pela lã de Ulthar, pelos têxteis de Hatheg e pelo marfim que os negros trabalham em Parg, do outro lado do rio. Carter foi falar com o capitão acerca da sua viagem até Baharna e soube que a travessia demoraria dez dias. Durante a semana de espera, conversou com este capitão sobre Ngranek e por mais de uma vez ele lhe disse que poucas eram as pessoas que alguma vez tinham visto o rosto esculpido que procurava. É certo que a maior parte dos viajantes se contenta em ouvir as lendas aos velhos que colhem a lava ou que trabalham as estatuetas para, de volta aos seus lares distantes, dizer que realmente viu a famosa estátua de pedra. O capitão não

tinha a certeza de algum homem ainda vivo a ter completado, dado que se encontra numa encosta de dificílimo acesso, despida e sinistra, em cujo cume se diz que há umas grutas onde vivem as Bestas da Noite. O capitão não queria descrever o aspecto destas bestas nocturnas dado que se sabe que elas persistentemente invadem os sonhos daqueles que nelas pensam. Carter interrogou então o capitão acerca de Kadath, a cidade desconhecida que se ergue na vastidão gelada, e acerca da maravilhosa cidade do crepúsculo. Mas o simpático marinheiro nada tinha, na verdade, para dizer.

Carter deixou Dylath-Leen uma madrugada, na hora da mudança da maré e contemplou os primeiros raios de sol a levantarem-se sobre as finas torres angulares desta tristíssima cidade de basalto. Durante dois dias, avançaram para oriente, passando pelas margens verdes onde, aqui e além, por entre colinas, se alapam pequenos portos de pesca com os seus telhados e chaminés vermelhas, numa visão onírica de praias onde, ao sol, secam as redes. No terceiro dia voltaram ao sul e a corrente muito mais forte, afastou-os completamente da terra. Ao quinto dia, observando o comportamento nervoso dos marinheiros, o capitão veio pedir desculpas dizendo que o barco ia passar por um mar muito habitado, onde se situam as destruídas colinas de uma grande cidade submersa, cidade demasiado antiga para dela haver memória. Quando a água está límpida podem-se observar inúmeras sombras em movimento nessas espectrais profundidades que as pessoas simples temem. Reconheceu também, que tinha havido muitos barcos que se tinham perdido neste mar, navios que tinham estabelecido contactos na costa, mas que nunca mais tinham voltado a ser vistos.

Aquela noite era claríssima e podia-se ver até muito fundo do mar. Havia pouquíssimo vento e o barco mal avançava no oceano muito calmo. Debruçado da amurada, Carter viu, a muitas braçadas de profundidade, o zimbório de um grande templo, e à sua frente uma avenida ladeada de esfinges que ia até àquilo que outrora tinha sido um jardim público. Os golfinhos entravam e saíam alegremente das ruínas; havia, aqui e além, um lobo do mar que chegava à superfície para um pequeno salto no ar. Com o andamento do barco, podia-se ver que o fundo do oceano se elevava em colinas e observar claramente o alinhamento das antigas ruas que subiam pelas encostas, com os muros destruídos de miríades de pequenas casas.

Surgiram em seguida os arrabaldes, e por fim um enorme edifício que dominava uma colina. A sua arquitectura era mais simples do que a das outras construções e estava num estado francamente melhor. Era uma construção sombria e baixa no meio de uma grande praça. Tinha uma torre em cada canto, um pátio no meio, e espalhadas por todo ele inúmeras janelas redondas. Apesar das algas o terem quase totalmente envolto, podia-se ver que era construído em basalto. Assim como agora se via; solitário e impressionante sobre aquela colina afastada, aquele monumento parecia ter sido um templo ou um mosteiro. Lá dentro, havia peixes luminosos que faziam brilhar as pequenas janelas. Carter não podia deixar de compreender o temor dos marinheiros. Graças ao luar, reparou num curioso monólito que se erguia no meio do pátio central e viu que havia qualquer coisa amarrada a ele. Quando, depois de ter ido procurar um binóculo na cabina do capitão, viu que aquela coisa que estava atada à pedra era um marinheiro ainda vestido com os fatos de seda de Oriab, crucificado com a cabeça para baixo e com os olhos arrancados, não pode deixar de se sentir contente por uma brisa, que se levantava, ter empurrado o navio para regiões mais sadias deste mar.

No dia seguinte, comunicaram com um barco de velas roxas que se dirigia para Zar, o país dos sonhos esquecidos, com uma carga de bolbos de lírio das mais estranhas cores. Na noite do décimo primeiro dia avistaram a ilha de Oriab. O Ngranek erguia-se ao longe, destruído e coroado por neves. Oriab é uma ilha bastante grande e o seu porto de Baharna uma cidade poderosa. São de pórfiro os cais e por trás deles ergue-se a cidade, sobre grandes terraços de pedra. Nas ruas, há inúmeros arcos das casas ou das pontes que as ligam. Por baixo da cidade corre um grande canal subterrâneo até ao lago interior de Yath. É sobre as margens desse lago distante que se encontram as vastas ruínas de argila de uma cidade primitiva de cujo nome não há memória. Quando o barco entrava no porto, os dois faróis gémeos de Thorn e de Thal brilharam em sinal de boas-vindas. E os milhares de janelas que há nos terraços de Baharna iluminaram-se docemente, ao mesmo tempo que as estrelas começaram a piscar no meio das trevas que os dominavam. Aquela cidade de ruas inclinadas parecia agora uma brilhante constelação suspensa entre as estrelas do céu e o seu reflexo nas águas daquele mar calmíssimo.

Assim que o barco ancorou, o capitão convidou Carter a ir com ele até às margens de Yath, onde possuía uma pequena casa situada no local onde as últimas habitações da cidade começam a descer numa vertente até ao lago. Para o maior prazer do viajante a mulher e os criados do capitão trouxeram-lhe uma

comida estranha e deliciosa. Durante os dias que se seguiram, Carter foi recolhendo os boatos e lendas que havia sobre o Ngranek em todas as tabernas e lugares públicos onde se reúnem os homens que apanham a lava e os escultores das pequenas estatuetas. Não conseguiu encontrar um só que tivesse feito a escalada da altíssima encosta ou que tivesse visto o rosto de pedra.

O Ngranek é uma montanha difícil, onde só há um vale maldito. E ninguém pode ter a certeza absoluta de as Bestas Nocturnas serem apenas fruto da imaginação.

Quando o capitão voltou para Dylath-Leen, Carter instalou-se numa velha taberna que dava para umas escadinhas da parte antiga da cidade, que é construída em tijolo e se assemelha às ruínas que vira na outra margem do Yath. Aí elaborou o plano da escalada do Ngranek e fez a síntese de tudo o que nas estradas que vão para a montanha tinha ouvido aos homens das lavas. O dono da taberna era um homem muito velho que tinha ouvido contar tantas histórias acerca do Ngranek que era uma ajuda preciosa. Um dia levou Carter a um dos quartos mais altos da sua casa, para lhe mostrar o desenho que um viajante gravara, um dia, na parede de argila, nos tempos recuados em que os homens eram mais audaciosos e estavam mais dispostos a enfrentar as altíssimas encostas da montanha. O bisavô do velho taberneiro tinha ouvido dizer ao seu próprio bisavô que o viajante que tinha gravado aquele desenho tinha escalado o Ngranek e contemplado o rosto esculpido. O desenho que fizera no seu quarto teria a finalidade de ajudar os outros homens a contemplá-lo também. No entanto Carter duvidou sèriamente da autenticidade da gravura, dado que os traços feitos revelavam uma grande pressa e pouco cuidado, estando rodeados de pequenos apontamentos do pior mau gosto: cornos, asas, garras e caudas enroladas.

Assim que obteve todas as informações que poderia recolher nas tabernas e nos lugares públicos de Baharna, Carter alugou uma zebra e, uma madrugada, pôs-se a caminho, ao longo do rio Yath até às terras interiores onde começa a subida do Ngranek. À sua direita erguiam-se colinas arredondadas, agradáveis pomares e umas pequenas quintas muito limpas que lhe faziam lembrar os campos férteis que há no vale do Skai. Nessa noite chegou até às velhas ruínas de cujo nome não há memória e que se alinham ao longo do afluente mais distante do Yath. Apesar de os velhos trabalhadores da lava o terem aconselhado a não acampar aí de noite, amarrou a zebra a um pilar e, ao abrigo de um muro cheio de esculturas que ninguém conseguira decifrar, estendeu calmamente a sua manta. Precisou de outra, dado que as noites são frias no Oriab. A meio da noite, foi acordado por um insecto que lhe roçava as asas pela cara e teve de se tapar completamente com os cobertores. Conseguiu dormir pacificamente até ser acordado pelos pássaros Magah que, nos distantes bosques resinosos, começaram a cantar. O sol tinha acabado de se levantar sobre a grande encosta onde, até às desoladas margens do Yath, se encontram as primitivas construções de tijolo, velhas paredes decompostas, pilares caídos e antiquíssimos pedestais. Carter foi buscar a zebra que, na véspera tinha amarrado ao pilar e grande foi a sua consternação quando descobriu o dócil animal prostrado no chão. Maior seria a aflição que sentiu depois, quando verificou a morte do animal e a estranha ferida que tinha no pescoço por onde todo o sangue se tinha esvaído. As coisas que Carter levava estavam na maior desordem. Verificou também o roubo de várias bugigangas brilhantes que trouxera. À volta do cadáver do animal, viam-se, no pó que cobria o chão, grandes pegadas que Carter não conseguiu identificar. Vieram-lhe à memória as histórias e as recomendações dos homens que apanham a lava e lembrou-se do animal que roçara por ele durante a noite. Carregou as suas coisas sobre os ombros. E não conseguiu evitar um calafrio, quando viu que o seu caminho passava por cima de uma enorme cratera escancarada por baixo das paredes de um antigo templo, e que a partir daí os degraus desciam a perder de vista num negrume absoluto.

Agora, o seu caminho subia por uma colina, através de uma região mais selvagem, aqui e além arborizada. Já só via as cabanas dos carvoeiros e o campo dos trabalhadores de resina. O ar tinha um perfume balsâmico e os pássaros Magah cantavam alegremente, exibindo as suas sete cores aos raios do sol. Ao fim da tarde encontrou um outro campo onde havia vários homens que traziam das encostas baixas do Ngranek o seu carregamento de lava. Instalou-se aí a ouvir as canções dos homens e surpreendeu as suas conversas sobre o desaparecimento de um companheiro. Tinha este subido um pouco mais na montanha para apanhar uma massa de lava mais bela e, ao cair da noite, não tinha ainda regressado para junto dos seus companheiros. Quando, no dia seguinte, o foram procurar, encontraram apenas o turbante e não descobriram nenhum sinal na montanha que indicasse que ele tivesse caído. Não prosseguiram com as buscas porque os mais velhos afirmavam que isso não os levaria a nada. Ninguém volta a encontrar aquilo que as Bestas da Noite levam,

se bem que a existência destes animais seja bastante incerta e pareça quase imaginária. Carter perguntou-lhes se estas Bestas da Noite sugam o sangue, se apreciam os objectos brilhantes e se deixam pegadas de palmípede, mas os trabalhadores abanaram a cabeça e pareciam aterrorizados com estas perguntas. Quando viu o silêncio que se fez entre eles, Carter desistiu de os interrogar e voltou para o seu canto, onde se embrulhou nos cobertores.

No dia seguinte, Carter acordou ao mesmo tempo que os trabalhadores e despediu-se deles, dado que estes iam cavalgar para o ocidente ao passo que ele, montado numa zebra que lhes tinha comprado, se dirigia para oriente. O capataz deu-lhe a sua bênção e aconselhou-o a não subir demasiado na montanha. Agradeceu-lhe do fundo do coração sem no entanto ter por um instante sequer, vacilado na sua decisão de ver o rosto esculpido. Pelo contrário, cada vez mais sentia a necessidade de a todo o preço encontrar os deuses da incógnita Kadath para deles obter a autorização de visitar a maravilhosa cidade dominada pelo crepúsculo. Pelo meio-dia, depois de uma longa ascensão pela colina, chegou a umas velhas aldeias de tijolo abandonadas pelos camponeses que outrora tinham vivido perto do Ngranek, onde encontrou várias esculturas talhadas na sua lava permeável. Estes lugares tinham sido habitados até ao tempo do bisavô do velho taberneiro, altura em que a população sentiu que a sua presença desagradava às forças obscuras. As casas subiam até ao cimo da montanha mas à medida que subiam, menos pessoas havia. Tinham por fim, decidido emigrar em conjunto pois entreviam nas trevas umas coisas de que ninguém conseguia ter uma interpretação favorável. E foi assim que aqueles serranos desceram até ao mar para se fixarem em Baharna, num dos bairros mais antigos. Foram eles que ensinaram aos seus filhos a arte de esculpir as estatuetas na lava, arte que ainda hoje eles praticam. E foi da boca dos descendentes destes serranos exilados durante as suas investigações nas velhas tabernas de Baharna que Carter ia reflectindo em tudo isto, enquanto a alta encosta do Ngranek ia sombreando nas alturas à medida que se aproximava. No princípio da subida ainda havia algumas árvores espaçadas, depois uns pequenos arbustos, depois toda a paisagem era constituída por sinistras rochas que, nuas, levantavam as suas formas espectrais até ao céu, misturando-se com os gelos e as neves eternas. Carter divisava as furnas e as pedras sombrias num espectáculo pouco atraente para quem ousa a escalada. Havia sítios onde as correntes de lava sólida e de escória se espalhavam pela encosta e pelas saliências. Tinha sido há noventa eternidades, antes mesmo de os deuses dançarem no seu cume pontiagudo, que a montanha cuspira fogo e repercutira os ruídos da trovoada subterrânea. Ela agora erguia-se, sinistra e silenciosa, escondendo num dos flancos a gigantesca estátua secreta de que falam as lendas. Havia cavernas que se abriam, vazias talvez e solitárias, no fundo das suas velhas trevas, mas — se as lendas fossem verdade — escondendo horrores cuja forma é, na verdade, insuspeita.

O solo, semeado de carvalhos mirrados, de árvores calcinadas, de estilhaços de rochas, lava e escória, subia até ao sopé do Ngranek. Aqui e além jaziam os restos carbonizados de inúmeros acampamentos onde deviam ter estado os homens que apanham a lava. Viam-se também alguns altares grosseiros, erigidos, quer para implorar a clemência dos Grandes Antigos, quer para afastar as coisas cuja presença tinham pressentido nas passagens elevadas e nas labirínticas cavernas do Ngranek. Carter chegou já tarde ao último monte de cinza onde parou para passar a noite. Amarrou a zebra a uma árvore e embrulhou-se cuidadosamente nas mantas, antes de adormecer. Houve um voonith que uivou durante toda a noite numa poça escondida e distante, mas Carter não tinha qualquer receio destes horríveis anfíbios, desde que lhe tinham assegurado que nenhum deles ousa aproximar-se dos contrafortes do Ngranek.

Ao nascer do sol, Carter começou a sua longa escalada. Levou a zebra até onde ela lhe poderia ser de alguma utilidade e assim que a encosta do bosque começou a ficar excessivamente árdua, amarrou-a a uma árvore calcinada. Continuou a subir sòzinho, primeiro através da floresta, onde abundavam as ruínas das antigas aldeias em clareiras invadidas pela vegetação, e em seguida pelas ervas duras onde, aqui e além, nascem anémicos arbustos.

Lamentou ter abandonado a protecção das árvores, agora que a encosta se tornava cada vez mais difícil e que o conjunto da paisagem era qualquer coisa de vertiginoso. De cada vez que se voltava para a observar, começava a discernir melhor todo o campo que se estendia por baixo: as cabanas abandonadas pelos escultores das estatuetas de lava, os campos dos trabalhadores de resina, os bosques onde vivem e cantam os Magah e mesmo, à distância, as margens do Yath e a ponta dessas velhas ruínas proibidas cujo nome se perdeu nos tempos. A partir de certa altura achou melhor não mais olhar à sua volta e continuou a subir até um ponto onde já quase não havia arbustos e onde, para se deitar, apenas tinha a erva dura.

O solo era aí extremamente pobre, semeado de lajes de rochas nuas e de fendas, onde de vez em quando, descobria um ninho de condor. Por fim ficou apenas a rocha despida, de tal forma que, mesmo sem o violento vento contrário que soprava, se tornava difícil a subida a partir daí. As saliências e as asperezas da pedra ajudavam-no muito e não deixava de sentir um certo conforto ao ver, de quando em vez, na rocha friável, as marcas grosseiramente gravadas de um ou outro trabalhador, e de assim saber que criaturas humanas normais tinham passado por ali antes dele. Para cima, a presença humana continuava a manifestar-se por buracos que tinham sido escavados para as mãos ou para os pés, e por escavações que indicavam terem ali sido encontradas algumas lavas mais belas. Havia uma estreita cornija artificialmente incrustada em certo sítio que permitia chegar, bastante afastado da principal linha da subida, a um filão particularmente rico. Uma ou duas vezes Carter ousou lançar um rápido olhar em volta e ficou estupefacto com a imensidade da paisagem que se estendia debaixo dele. Dali via toda a ilha até à costa, os terraços de pedra de Baharna, assim como o fumo das suas chaminés que a distância tornava mágicas. Para lá, era o mar do Sul, ilimitado mar de mil estranhos segredos.

Tinha até esse momento avançado na montanha aos ziguezagues, de forma que o lado onde se encontra a escultura ainda permanecia escondido. Carter reparou então numa saliência que se elevava à sua esquerda e lhe pareceu seguir na direcção que ele queria tomar. Avançou por ela, na esperança de que prosseguisse. Ao fim de uns dez minutos, viu que, na verdade, não se tratava de um beco sem saída, mas sim de um caminho que ia abruptamente dar a uma arcada, a qual, a menos que fosse bruscamente interrompida ou topada, o deveria levar, depois de uma ascensão de horas, a essa face sul desconhecida que domina os desolados rochedos e o maldito vale de lava. Por cima dele, começava uma outra região que viu ser ainda mais desolada e selvagem do que as terras que tinha, até agora, atravessado. O flanco da montanha era, também, bastante diferente, perfurado de grutas e de estranhàs cavernas, como ele nunca tinha visto na estrada que até agora percorrera. Umas levantavam-se acima da sua cabeça, outras por baixo, mas todas davam para umas falésias a pique que era absolutamente impossível escalar. Fazia agora um frio intenso, mas a subida era de tal forma difícil que ele mal o sentia. Só o preocupava a crescente rarefacção do ar, e começou a pensar que era essa rarefacção o que tinha transtornado a cabeça dos outros

viajantes e lhes tinha suscitado as estranhas histórias que contavam acerca das Bestas da Noite, lendas que lhes serviam para explicar o desaparecimento de homens que, com toda a certeza, tinham caído numa passagem mais difícil. Estas histórias não o tinham impressionado excessivamente, mas de qualquer forma tinha trazido uma boa cimitarra para o caso de surgirem alguns contratempos. Todos os seus outros pensamentos passavam a um lugar secundário e acabavam por desaparecer frente ao desejo que sentia cada vez mais forte de ver o rosto esculpido que lhe iria finalmente indicar o caminho dos deuses que reinam na desconhecida Kadath. Chegou, por fim, à geleira tortuosa que cobre os espaços mais elevados. Contornando o Ngranek, Carter viu-se enfim na sua face oculta. E aí descobriu, no fundo dos infinitos precipícios que se abriam debaixo deles, as rochas e os estéreis abismos que testemunham a antiga cólera dos Grandes Antigos. Divisava-se para o sul uma grande extensão de terras, mas tratava-se de um deserto que parecia não ter fim nem sequer oferecer o asilo de uma planície ou de aldeias habitadas. Deste lado da montanha não se conseguia ver o mar, dada a grandeza da ilha de Oriab. Nas falésias abruptas, viam-se numerosas fendas e negras cavernas mas Carter não via qualquer caminho possível. A inclinação impedia a visão do cume e, por um momento, Carter receou que fosse completamente inacessível. Sòzinho em cima de um incerto rochedo incessantemente balouçado pelo vento, sòzinho a milhares de metros da terra, tendo de um lado o espaço e a morte e do outro paredes escorregadias e abruptas, houve um momento em que foi tomado pelo medo que afugenta os homens da face secreta do Ngranek. Não podia voltar atrás, pois o sol já estava muito baixo. Se não houvesse uma saída para cima, a noite iria encontrá-lo agachado naquela falésia. E, de madrugada, ele já teria desaparecido.

II

Havia, no entanto, uma saída, e ele viu-a na altura certa. Só um sonhador poderia utilizar estes sinais, quase imperceptíveis, que foram suficientes para Carter. Uma vez passado o rochedo inclinado, a escalada tornava-se muito mais fácil, porque o degelo de um grande glaciar tinha deixado livre um espaço que ficara coberto de terra dura onde havia pequenas saliências. À sua

esquerda, mergulhava verticalmente um enorme precipício vindo de desconhecidas alturas até desconhecidas profundezas e, mesmo junto a ele, embora fora do seu alcance, abria-se a sombria boca de uma caverna. No entanto, na sua frente, a montanha curvava-se ligeiramente, de forma que lhe era possível apoiar-se e repousar.

Pelo frio que o tomou, compreendeu que devia estar muito perto da linha das neves, e levantou a cabeça para ver se algum pico brilhava ainda aos últimos raios sanguíneos do sol. Nas alturas, a neve cobria alguns milhares de pés de extensão. Mesmo em cima das terras nevadas, libertava-se um enorme rochedo inclinado, semelhante ao que acabara de subir e cujo orgulhoso contorno ali se impunha à eternidade. Quando viu o rochedo, agarrou-se a uma pedra e berrou a plenos pulmões a sua aterrorizada admiração. O titânico bloco não tinha a forma que a alvorada da Terra lhe tinha dado mas, espantoso e vermelho, brilhava ao crepúsculo, exibindo, esculpidos e comidos pelo tempo, os traços de um deus.

O rosto que o crepúsculo incendiava brilhava, impiedoso e terrível, tamanho que nenhum espírito seria capaz de o medir, e de tal forma gigantesco que Carter compreendeu imediatamente que não se tratava da obra humana. Era, sim, um deus cinzelado por mãos divinas e o seu olhar altivo e majestoso dominava o investigador. Os boatos que corriam falavam da estranheza do seu porte e Carter verificava que era exactamente isso, pois aqueles enormes olhos, aquelas orelhas de lóbulos alongados, aquele finíssimo nariz e aquele queixo pontiagudo sinalizavam uma raça que não podia ser humana mas apenas divina.

Aterrorizado, apesar de ser este o espectáculo que buscava, agarrou-se a um ninho de águias. Há no rosto de um deus um maravilhoso que ultrapassa o previsível E quando este rosto é muito maior do que um templo e, divinamente esculpido na escura lava, vos domina no eterno silêncio das alturas, o maravilhoso é de tal forma impressionante que ninguém se lhe pode subtrair.

A tudo isto juntava-se aqui a maravilha do reconhecimento. Pois, apesar de ter tomado a decisão de procurar, por todos os países do sonho, aqueles cuja semelhança com este rosto de pedra podia indicar serem os filhos dos deuses, via agora a inutilidade dessa busca. Na verdade, o grande rosto esculpido na montanha não lhe era estranho, e ele adivinhava um parentesco com aqueles que, tantas vezes, tinha visto nas tabernas do porto de Celefais, porto que, atrás das colinas de Ta-

naria, domina o Ooth-Nargai e é governado pelo rei Kuranes, que Carter outrora conhecera no mundo da vigília. Todos os anos apareciam aí uns marinheiros com aqueles traços, vindos do norte para trocar o seu ónix pelo jade esculpido, pelos fios de ouro e pelos peixinhos vermelhos que abundam em Celefais. Era evidente que eles é que eram os semideuses que procurava. A sua terra devia confinar com as fronteiras da vastidão gelada onde se ergue Kadath, a cidade desconhecida e o castelo de ónix dos Grandes Antigos. Tinha, portanto, de se dirigir a Celefais, cidade muito distante da ilha de Oriab e cuja situação o obrigava a voltar a Dylath-Leen para daí voltar a subir o rio Skai até à ponte do Nir e de novo atravessar a Floresta Encantada dos zoogs. A partir daí a sua direcção seria o norte. Teria de atravessar os jardins que bordejam o Ukranos até às espiras douradas de Thran onde teria de esperar por um galeão que o levasse para o outro lado do mar Cerenariano.

Aumentava a escuridão e, na sombra, o grande rosto esculpido tomava um ar ainda mais aterrorizador. A noite surgiu quando ele se debruçava da cornija. Não podia, na escuridão, nem descer nem subir, mas apenas ficar ali, de pé e a tremer de frio, naquela pequena plataforma. Só pedia era que não adormecesse, com o medo de perder o equilíbrio e de ser precipitado, através das horríveis milhas do espaço, sobre os pontiagudos rochedos do vale maldito. Surgiram as estrelas, e fora elas era o negro absoluto que lhe enchia os olhos, um nada unido à morte contra a qual a única coisa que podia fazer era encostar-se o mais possível às rochas e afastar-se do invisível precipício. Nas trevas, a última visão terrestre foi um condor que se atirou para o abismo aberto à sua esquerda e que, depois de se ter aproximado da sua abertura, se afastou uivando da caverna que ali havia.

Sùbitamente, e sem que qualquer ruído o tivesse prevenido da presença de uma mão invisível, Carter sentiu que, furtivamente, alguém lhe tirava a cimitarra da cintura. Um momento depois ouvi-a tilintar por cima dele, por cima das rochas e julgou divisar entre ele e a Via Láctea, a fina e terrível silhueta de uma coisa com cornos, cauda e asas de morcego. Tinham entretanto, começado a tapar as estrelas da sua esquerda umas outras coisas, como se um rebanho de vagas entidades saísse a bater as asas da inacessível caverna que se abria nos bordos do precipício. Uma espécie de braço de borracha gelado agarrou-o então pela garganta, um outro pelos pés e ele foi arrebatado pelo espaço. Um minuto depois desapareciam as estre-

las e Carter percebeu que estava prisioneiro das Bestas da Noite.

Levaram-no, com a respiração suspensa, para a caverna que se abria na encosta do abismo onde teve de entrar por um monstruoso dédalo. Quando se defendia, sobretudo no princípio como reacção instintiva, as Bestas mordiam-no selvàticamente. Não faziam qualquer som; as suas asas membranosas eram silenciosas. Eram horrivelmente frias, húmidas e escorregadias e as suas patas pegavam-se ao corpo de uma maneira abominável. Cedo mergulharam em inúmeros abismos, num turbilhão vertiginoso, onde o ar tinha qualquer coisa de sepulcral e onde reinava uma doentia humidade. Carter percebeu que eles se precipitavam no derradeiro *maelström* do terror e da loucura demoníaca. Gritou uma e muitas vezes, mas a cada um dos seus gritos as patas negras picavam-no com visível requinte. Foi nessa altura que ele viu uma espécie de fosforescência cinzenta e suspeitou que tinham chegado a esse mundo interior do horror subterrâneo de que falam as incertas lendas. É um mundo iluminado apenas por um pálido fogo morto e, onde, no coração da terra, corre, pelo meio das brumas originais, um ar vampírico.

Por cima dele viu finalmente os cumes cinzentos e ameaçadores que sabia serem os fabulosos Picos de Throk. Terríveis e sinistros, estes picos erguiam-se na obscuridade fantasmática das eternas profundezas sem sol. Eram mais altos do que o podem crer as imaginações dos homens, debruçados sobre os vales monstruosos onde rastejam e constroem as suas tocas os funestos Dholos. Carter no entanto preferia contemplá-los a olhar as bestas que o tinham capturado. Eram umas coisas negras, repulsivas e grotescas, com uma epiderme oleosa e mole como a das baleias, com horríveis cornos metidos um pelo outro, asas de morcego que não produziam qualquer ruído, com ignóbeis patas e caudas peludas que contìnuamente balançavam. O pior de tudo era talvez o facto de elas nunca falarem nem sequer rirem. Não tinham rosto que lhes permitisse sorrir, mas apenas uma branquidão sugestiva que lhe devia fazer as vezes. Só eram capazes de apanhar, de voar e de morder. E é esse o destino das sinistras Bestas da Noite.

Os Picos de Throk rodearam em breve o bando que voava agora mais baixo, podendo-se claramente ver que na eterna penumbra, nada vivia no impressionante e austero granito. Mais em baixo apagaram-se nos ares os Fogos Mortos, e o que ficou foi o negrume original do caos. Excepto nas grandes alturas, onde os picos escarpados pareciam gnomos. Cedo, no entanto, os picos

apagaram-se na distância, ficando apenas os fortes ventos que traziam a humidade das grutas mais profundas. As Bestas da Noite aterraram então num solo semeado de objectos invisíveis que pareciam montes de ossos. Abandonaram Carter no negro vale. Levá-lo até ali tinha sido a tarefa das Bestas guardiãs do Ngranek. Feito isto, largaram num voo silencioso e Carter, que tentou segui-lo com o olhar, viu que não o conseguia pois os próprios Picos de Throk tinham desaparecido. Só lhe restava a noite, o horror, o silêncio e os ossos.

Carter sabia agora com toda a segurança que estava no vale de Pnoth, onde rastejam os enormes Dholos. Mas ignorava o que lhe iria suceder, porque ninguém alguma vez viu um, nem lhe imaginou o aspecto. A única coisa que se conhece é o vago ruído que fazem ao avançar entre as montanhas de ossadas e o sussurro viscoso que lançam quando deslizam por alguém. Ninguém os pode ver, porque só andam nas trevas totais. Carter não tinha qualquer desejo de encontrar um Dholo, de forma que se pôs cautelosamente à escuta de todos os ruídos que pudessem surgir por baixo das montanhas de ossos. Mesmo num lugar tão terrível como este é, ele possuía um plano e um objectivo. Com efeito, o país de Pnoth não era totalmente desconhecido a um homem com quem ele outrora tinha tido longas conversas. Parece, em resumo, tratar-se da região onde todos os vampiros do mundo da vigília lançam os restos dos seus festins. Se ele tivesse uma certa sorte, conseguiria chegar ao rochedo que, maior ainda que os Picos de Throk, marca a fronteira deste território. Os ossos indicar-lhe-iam o caminho e, uma vez chegado ao rochedo, poderia chamar um vampiro e pedir-lhe que lançasse uma escada para o içar. Poderá parecer estranho, mas a verdade é que um estranho pacto o ligava a estas terríveis criaturas.

Uma vez, em Boston, tinha conhecido um pintor de estranhíssimos quadros, que possuía um *atelier* secreto numa velha viela que dava para o cemitério. Este homem tinha uma grande amizade pelos vampiros que lhe tinham ensinado o mais simples dos seus repulsivos borborigmos. O pintor tinha acabado por desaparecer e Carter não tinha a certeza nem de o poder reencontrar, nem de, pela primeira vez no mundo dos sonhos, poder utilizar o longínquo inglês da triste vida de vigília que outrora tinha levado. Sentia-se, no entanto, capaz de persuadir um vampiro a levá-lo para fora de Pnoth, e o certo é que mas valia encontrar um vampiro bem visível do que um Dholo invisível.

Carter pôs-se a caminho na escuridão e apressou o passo quando julgou ouvir qualquer coisa mexer-se

debaixo dos ossos. Bateu por fim contra uma parede de pedra e pensou que tinha chegado ao sopé de um dos picos de Throk. Nessa altura, ouviu um monstruoso alarido nos ares que lhe deu a certeza de estar junto do rochedo dos vampiros. Não tinha a certeza de conseguir fazer-se ouvir do fundo daquele vale profundíssimo mas sabia que o mundo interior tinha estranhas leis. Quando parou, sentiu cair um osso tão pesado que só podia ser um crânio. Vendo a proximidade a que estava do fatal rochedo, lançou o melhor que pôde o borborigmo que é o chamamento dos vampiros.

O grito subiu lentamente, pelo que teve de esperar um certo tempo antes de receber a resposta. Esta chegou por fim, e os vampiros diziam-lhe que dentro em pouco fariam descer uma escada de corda. A espera era angustiada, pois temia o que o seu grito teria despertado de entre as ossadas do vale. Pouco tempo tinha passado e já ele ouvia um vago rumor que, à medida que se aproximava, lhe causava uma crescente aflição, pois, ao mesmo tempo, ele não se queria afastar do sítio onde os vampiros iriam descer a escada. Esta tenção acabou por ser quase intolerável e, tomado de pânico, Carter estava quase a fugir, quando chamou a sua atenção um barulho seco de qualquer coisa que caía num monte de ossos recentemente armado. Era a escada, e depois de um momento de tentativas, conseguiu agarrar um dos degraus. Nem por isso cessou o outro barulho que o continuou a seguir na subida. Estava Carter a cinco pés do solo quando por baixo dele o ruído se amplificou consideràvelmente. Já ia a uns bons dez pés de altitude quando, em baixo, qualquer coisa fez balouçar a escada. No momento em que chegava aos vinte pés, houve uma coisa longa e viscosa que, para o agarrar, se fazia alternativamente convexa e côncava, esfregando-se nas suas costas. A partir de então, subiu desesperadamente, para escapar à prisão desse Dholo nojento de que nenhum homem pôde, alguma vez, ver as formas.

Continuou a subir durante horas, com os braços mortos de cansaço e as mãos cheias de bolhas. Voltava a ver o acinzentado fogo morto e os inquietantes picos Throk. Finalmente conseguiu ver o bordo inclinado do grande rochedo dos vampiros, se bem que só visse a lado vertical. Muitas horas mais tarde, viu um estranho rosto debruçar-se do bordo do rochedo como nas balaustradas de Notre Dame de Paris, se debruçam as gárgulas. A aparição quase o fazia perder o equilíbrio mas esta perturbação durou apenas um instante, pois Richard Pickmann, o seu amigo desaparecido, o tinha um dia apresentado a um vampiro, e ele conhecia

perfeitamente o seu rosto canino, as suas formas curvadas e a sua informulável idiossincrasia. Não perdeu o autodomínio quando, por cima dos bordos do rochedo, esta hedionda criatura o puxou do atroz abismo. Não gritou de terror ao ver os restos humanos que se amontoavam num canto, nem ao ver os círculos dispersos de vampiros que grunhiam e o olhavam com visível curiosidade.

Estava agora numa planície mal iluminada, cujas principais características topográficas se limitavam a ser algumas lajes de pedra e portas de tocas. Os vampiros eram, regra geral, respeitadores, apesar de um deles o ter tentado picar e de outros medirem a sua magreza com um olhar cobiçoso. Por meio de trabalhosos borborigmos, informou-se acerca do seu velho amigo desaparecido e soube que ele se tinha transformado num vampiro de bastante importância nas cavernas que há perto do mundo da vigília. Um vampiro esverdeado ofereceu-se para o conduzir até à habitação actual de Pickmann. E, apesar da instintiva repulsa que sentia, seguiu a criatura num longo covil e atrás dela rastejou durante horas pelo negrume da terra húmida. Chegaram por fim a uma triste planície semeada de relíquias terrestres — velhas pedras sepulcrais, urnas partidas e grotescos fragmentos de monumentos. Com uma certa emoção Carter tomou consciência de que estava possivelmente mais perto da terra do que o tinha já estado desde que tinha descido os setecentos degraus da caverna do fogo que vão dar à Porta do Sono Profundo.

E foi aí que, sobre uma pedra sepulcral com a data de 1768, roubada do Cemitério Granary de Boston, ele encontrou, sentado, aquele que outrora tinha sido o artista Richard Upton Pickmann. A sua pele nua parecia borracha e a transformação que nele se tinha operado tinha apagado quase todos os traços humanos. Lembrava-se um pouco da língua inglesa e, com a ajuda ocasional da linguagem dos vampiros, pôde conversar com Carter por grunhidos e monossílabos. Quando soube que Carter queria ir para a Floresta Encantada e, através dela, pelas colinas da Tanaria, para a cidade de Celefais no Ooth-Nargai, mostrou-se francamente céptico. Na verdade, os vampiros do mundo da vigília não trabalham nos cemitérios do velho país dos sonhos; deixam essa tarefa aos vampiros de pés vermelhos que vivem nas cidades mortas. E há um grande número de obstáculos que separam a sua caverna da Floresta Encantada, entre os quais o terrível reino dos Gugs.

Os Gugs, peludos e gigantescos, levaram um dia

para o seu bosque umas pedras circulares, sobre as quais ofereciam estranhos sacrifícios aos Outros Deuses e a Nyarlathotep, o caos, até que, uma noite, chegou aos ouvidos dos deuses da Terra uma das suas abomináveis acções, pelo que foram banidos para umas cavernas inferiores. A única coisa que liga o bosque dos vampiros à Floresta Encantada é uma grande armadilha de pedra que tem um anel de ferro. E, devido a uma maldição antiga, os Gugs não a ousam mover. É inconcebível que um sonhador mortal possa atravessar o seu reino e sair por essa porta, dado que os sonhadores mortais são o seu alimento preferido. As lendas dos Gugs contam as delícias da carne destes sonhadores, desde que o exílio reduziu a sua alimentação aos Pálidos, esses repulsivos seres que morrem assim que são expostos à luz, e habitam as cavernas de Zin, onde se movem com longos saltos sobre as patas traseiras, como os cangurus.

Pickmann aconselhou Carter a sair do abismo, quer em Sarkomand, essa cidade abandonada que está construída no vale inferior do Leng, e onde descem, do país dos sonhos até às cavernas infernais, umas escadas com degraus pretos guardados por leões, quer regressando ao mundo da vigília por um cemitério e recomeçando a sua busca nos setenta degraus do Sono Leve até à caverna da Grande Chama e depois pelos setecentos degraus que vão dar à porta do Sono Profundo e à Floresta Encantada. Não era isto o que mais convinha ao nosso explorador, dado que não conhecia a estrada que liga Leng a Ooth-Nargai e dado que não lhe convinha nada acordar, receoso de se vir a esquecer de tudo o que tinha aprendido até agora no seu sonho. Seria, com efeito, desastroso para a sua investigação, se ele se esquecesse dos rostos celestes e imperiais desses marinheiros que vêm do norte negociar o ónix em Celefais e que, como filhos dos Deuses que são, o deviam pôr na pista do caminho que vai dar à vastidão gelada e a Kadath, a cidade dos Grandes Antigos.

Depois de alguma hesitação o vampiro acedeu a guiar o seu convidado até ao interior do reino dos Gugs. Carter tinha sorte em se infiltrar neste reino crepuscular de cilíndricas torres de pedra numa hora em que os gigantes dormiam, e de assim poder chegar à torre central que tem o sinal de Koth cuja escadaria interior vai dar à armadilha de pedra da Floresta Encantada. Pickmann decidiu emprestar-lhe três vampiros para o ajudarem e aconselhou-os a levar uma pedra sepulcral que funcionaria como alavanca para abrir a grande pedra encantada. Os Gugs têm um certo medo dos vampiros e, muitas vezes, fogem dos seus próprios cemitérios quando aí os encontram a banquetear-se.

Pickmann recomendou a Carter um disfarce de vampiro. Carter fez a barba que tinha deixado crescer — os vampiros não têm barba —, rebolou-se, completamente nu, na lama, para adquirir a aparência certa, e fez com os seus fatos um pequeno embrulho a que deu o ar de alguma especialidade encontrada num túmulo. Chegariam à cidade dos Gugs, que se encontra no centro do seu reino, deslizando por tocas que vão dar a um cemitério próximo da torre de Koth. Deviam, no entanto, ter o máximo cuidado com uma caverna enorme que se encontra nas proximidades do cemitério. Trata-se, com efeito, da entrada das grutas de Zin, e os Pálidos vingadores, sempre prontos a matar, estão aí numa espera perpétua dos habitantes do abismo superior que os perseguem e devoram. Os Pálidos tentam sair quando os Gugs estão adormecidos e atacam quer os vampiros quer os Gugs, pois são incapazes de os distinguir. São extremamente primitivos e comem-se uns aos outros. Os Gugs têm uma sentinela numa plataforma estreita das caves de Zin, mas ela está quase sempre semiadormecida e acontece que é muitas vezes atacada pelos Pálidos. Se bem que não possam viver à luz real, estes suportam durante horas o cinzento crepúsculo do abismo.

Carter rastejava interminàvelmente pelos canais interiores, na companhia dos três vampiros que o iriam ajudar e que transportavam a pedra sepulcral do Coronel Nepenniah Derby, morto em 1719 e enterrado no cemitério de Charter Street, em Salem. Quando emergiram à luz do crepúsculo, encontravam-se numa floresta de enormes monólitos cobertos de musgo. Estes monólitos, cuja altura se erguia até se perder de vista, eram as modestas pedras sepulcrais dos Gugs. À direita do buraco de que acabavam de sair, podiam ver, para além da infinidade de arcos que sustêm os monólitos, um espantoso horizonte de gigantescas torres redondas que se erguem no ar cinzento da terra interior até alturas incomensuráveis. Era a grande capital dos Gugs, cujas portas têm mais de trinta pés de altura. Os vampiros frequentam-na muito regularmente dado que um único cadáver de Gug serve para alimentar uma comunidade inteira durante quase um ano. Apesar dos perigos em que incorrem, preferem assim perfurar a terra até aos túmulos dos Gugs, a cansar-se para chegar aos dos homens. Carter via agora a origem dos enormes ossos que sentira sob os seus pés no vale de Pnoth.

À sua frente, e mesmo à saída do cemitério, elevava-se uma abrupta falésia perpendicular cuja base estava roída por uma enorme caverna maldita. Os vampiros aconselharam Carter a que se mantivesse o mais possível afastado dela, afirmando tratar-se da entrada das infernais grutas de Zin, onde os Gugs, na escuridão, perseguem os Pálidos. Era, na verdade, justificável essa recomendação, pois assim que um dos vampiros começou a subir uma torre para ver se não se teriam enganado quanto à hora de repouso dos Gugs, brilhou na sombra da caverna um par de olhos alaranjados e logo a seguir um outro. O que esta presença indicava era que os Gugs tinham perdido mais uma sentinela e que os Pálidos possuíam um agudíssimo sentido do olfacto. O vampiro voltou para o esconderijo e recomendou silêncio aos seus companheiros. O melhor era deixar os Pálidos entregues às suas funções próprias e as possibilidades eram grandes de eles se retirarem em breve, dado que o combate que tinham travado com a sentinela Gug os tinha, com certeza cansado. Um minuto depois, uma coisa que tinha o porte de um potro deu um salto no crepúsculo cor de cinza, e Carter sentiu-se agoniado à simples visão deste animal escabroso e doentio cujo rosto é tão estranhamente humano, apesar da ausência de nariz, de testa e de outros pormenores igualmente importantes.

Três Pálidos deram outros saltos para se juntarem ao companheiro e um vampiro segredou a Carter que a ausência total de cicatrizes no corpo destes animais era um péssimo sinal. Indicava que eles não tinham travado qualquer combate com a sentinela Gug mas sim que eles se tinham infiltrado ao seu lado durante o sono e que estavam assim perfeitas a sua força e selvajaria, que só diminuiriam quando tivessem encontrado uma nova vítima. Era muitíssimo desagradável ver estes animais repugnantes e desproporcionados que em breve eram mais de quinze, andar de um lado para o outro com os seus saltos de canguru no crespúculo acinzentado onde se divisavam as torres e os titânicos blocos de pedra. Mas mais desagradável era ainda o ouvi-los conversar entre si naquele contínuo tossir que é a sua língua. No entanto, por mais horríveis que fossem, não o eram tanto como aquela coisa horrorosa que agora saía por detrás deles com uma desconcertante velocidade.

Era apenas uma pata, uma pata com cerca de dois pés e meio de largura e munida de fortíssimas garras. Seguiu-se uma outra pata e depois um negro braço peludo ao qual as duas patas estavam ligadas. Brilharam então dois olhos cor-de-rosa e surgiu logo a seguir

a cabeça, semelhante a um barril de cerveja, da sentinela Gug agora desperta. Os olhos, protegidos por umas protuberâncias ósseas cobertas de pêlos duros e longos, saíam da cara de duas polegadas de cada lado. Mas aquilo que mais aterrorizava era a boca. Tinha enormes dentes amarelos, e cortava a cabeça do alto a baixo, dado que se abria vertical em vez de horizontalmente.

Antes de o infeliz Gug ter conseguido emergir da caverna e levantar a sua altura de vinte pés, os vingativos Pálidos já estavam sobre ele. Por um momento, Carter temeu que ele soltasse o alarme, despertando assim todos os seus companheiros; mas um vampiro informou-o em voz baixa que os Gugs não têm voz e só comunicam por meio de expressões faciais. A batalha que se seguiu foi verdadeiramente terrível. Os Pálidos, enraivecidos, lançavam-se por todos os lados sobre o Gug que rastejava e febrilmente mordiam-no, esquartejavam-no com as suas garras e feriam-no mortalmente com os duros cascos afiados. Durante todo este tempo tossiam violentamente, berrando assim que a grande boca vertical do Gug conseguia morder um deles, de forma que o ruído do combate teria com certeza, despertado a cidade adormecida, se a sentinela enfraquecida não tivesse transportado a batalha cada vez para mais longe das profundezas da caverna. O barulho cessou e em breve nada mais era visível no negrume. Mas de tempos a tempos um eco infernal indicava que o combate prosseguia.

O mais atento dos vampiros deu então o sinal da partida, e Carter seguiu, através da floresta de blocos de pedra, as três curvadas criaturas. Passaram depois pelas sombrias e repugnantes ruas da terrível cidade, cujas cilíndricas torres de pedra ciclópica se erguem até se perderem de vista. Avançaram silenciosamente pelas ruas de grosseiras pedras, horrorizados pelos abomináveis rugidos que vinham detrás das negras portas e que testemunhavam o sono dos Gugs. Receando tratar-se do fim da hora de repouso, apressaram a marcha, mas, mesmo a este ritmo, a viagem era longa, pois nesta cidade de gigantes a escala das distâncias era enorme. Acabaram por chegar a uma espécie de espaço descoberto que se estendia em frente de uma torre mais imponente do que todas as outras. Em cima desta porta colossal estava esculpido num baixo-relevo, um símbolo monstruoso que os fez tremer de medo, e que o faria a qualquer de nós mesmo que não percebêssemos o seu significado. Tratava-se da torre central com o sinal de Koth, e os enormes degraus de pedra semi-visíveis na penumbra interior eram o começo da

grande escada que conduz à terra dos sonhos superiores e à Floresta Encantada.

Começou então uma interminável ascensão nó negro absoluto, ascensão que as monstruosas dimensões dos degraus quase impediam. Eram degraus construídos pelos Gugs e tinham mais de uma jarda de altura. Carter não conseguiu contá-los com precisão porque, a partir de certa altura, ficou tão cansado, que os incansáveis e ágeis vampiros tiveram de o ajudar. Ao longo da sua interminável subida, esforçavam-se por esquecer o perigo de serem descobertos e perseguidos. Apesar de, devido à cólera dos Grandes Deuses, nenhum Gug ousar levantar a porta de pedra que se abre na floresta, nada os impede de andar na torre e de subir os degraus. E acontece muitas vezes perseguirem até ao cimo os Pálidos fugitivos.

É de tal forma agudo o ouvido dos Gugs, que o simples barulho dos pés e das mãos podia muito bem ser ouvido, assim que a cidade despertasse. Os rápidos gigantes não precisariam sequer de muito tempo para se orientarem sem luz, habituados que estão a caçar os Pálidos. E assim era-lhes fácil capturar esta pequena presa que, lentamente, ia subindo os gigantescos degraus da torre central. Era altamente deprimente pensar que a perseguição silenciosa dos Gugs não poderia ser pressentida e que eles chegariam brutalmente no meio da negra escuridão. Não poderia contar com o terror que normalmente os vampiros impõem aos Gugs pois neste lugar específico tudo contava em favor destes últimos. E teriam também de contar com os pérfidos e furtivos Pálidos que frequentam a torre durante o sono dos Gugs. Se os Gugs continuassem a dormir e os Pálidos terminassem ràpidamente o seu combate na caverna, o cheiro dos vampiros seria fàcilmente sentido por estas criaturas repelentes e hostis. E nesse caso, mais valia serem devorados pelos Gugs.

Ao fim de uma subida que tinha durado uma eternidade, ouviram nas trevas, por cima deles, um fraco tossir. E a situação tornou-se grave e inesperada. Era evidente que um Pálido, ou vários mesmo, tinham penetrado na torre antes da chegada de Carter e dos seus guias, e era igualmente evidente que o perigo rondava bem perto. Suspenderam a respiração durante um segundo depois do qual o chefe dos vampiros empurrou Carter contra uma parede e dispôs os seus companheiros da melhor maneira possível. Levantaram a velha pedra sepulcral, prontos a atirá-la com toda a força assim que o inimigo aparecesse. Os vampiros são nictálopes de forma que a situação não era tão comprometedora como o seria se Carter estivesse sòzinho. O ruído de uns

cascos anunciou a proximidade de pelo menos um dos animais. Os vampiros que seguravam na laje prepararam a sua arma para desferirem o seu golpe desesperado. Brilharam agora dois olhos alaranjados e, sobre o ruído dos cascos, ouviu-se distintamente a respiração de um Pálido. No momento em que este saltou para o degrau imediatamente superior aos vampiros, estes largaram a velha pedra sepulcral com uma força tão prodigiosa que só se ouviu um bater e um curto silvo. A vítima desfazia-se numa massa hedionda. Não parecia haver mais nenhum Pálido e os vampiros, depois de terem escutado por uns momentos, deram uma pancada no ombro de Carter para lhe indicar que deveria retomar a escalada. Tiveram mais uma vez de o ajudar, e foi com alegria que ele deixou este lugar de carnificina onde, invisível, jazia nas trevas o ascoroso cadáver.

A certa altura os vampiros depuseram o seu companheiro, e pararam. Apalpando a parede que estava em cima dele, Carter percebeu que tinham chegado à grande armadilha de pedra. Nem se podia pensar em movimentar aquela enorme massa. Os vampiros esperavam levantá-la o suficiente para colocarem a pedra sepulcral que, funcionando como alavanca, iria permitir a fuga de Carter. Tinham eles próprios decidido voltar a descer e a atravessar as terras dos Gugs. Na verdade conseguiriam disfarçar-se com facilidade e passar ignorados, ao passo que, na terra, não conheciam o caminho que lhes permitiria chegar a Sarkomand e ao portão que conduz aos abismos.

Era mutíssima a força que os vampiros estavam a fazer sobre a pedra, e o próprio Carter ajudava com todas as forças que lhe restavam. Os vampiros acharam que o melhor seria apoiarem-se na parte mais próxima do cimo da escadaria e aí empregaram toda a força daqueles músculos alimentados de carne humana. Ao fim de poucos minutos aparecia um raio de luz e Carter, a quem tinha sido destinada esta tarefa, meteu a extremidade da pedra sepulcral na abertura. Empurraram violentamente esta contra a grande laje, mas isto não parecia ter qualquer resultado. E de cada vez que eles não conseguiam movimentar a laje mantendo o buraco entreaberto, tinham de voltar à posição inicial.

Por baixo deles, nos degraus, ouvia-se um barulho que multiplicou o seu desespero. Era apenas o barulho do cadáver do Pálido a escorregar pelas escadas e o choque dos seus cascos contra as pedras. Mas nenhuma das possíveis causas desta queda parecia favorável. Conhecedores da velocidade dos Gugs, os vampiros

voltaram frenèticamente ao seu trabalho e, num abrir e fechar de olhos, a laje estava levantada da maneira que Carter pôde aí introduzir a estela funerária que lhe deu a abertura suficiente para sair. Os vampiros ajudaram Carter a passar pelo buraco, levantando-o nos ombros de borracha e conduzindo os seus pés para os buracos da parede. No exterior, ele agarrava-se ao solo bendito daquela terra dos sonhos. Um segundo depois, os vampiros tinham também saltado para o ar livre, empurrado a estela e fechado a enorme porta. Nesse mesmo momento, tornava-se audível o ruído de uma respiração. Receando a cólera dos Grandes Antigos, nenhum Gug ousaria levantar o gigantesco alçapão. Carter, que o sabia, cheio de uma calma e de uma alegria intensíssima, deitou-se tranquilamente sobre os espessos e grotescos cogumelos que povoam o bosque enquanto os seus guias se estendiam ao pé, na posição de repouso dos vampiros.

Mágica, esta floresta encantada que ele há já tanto tempo tinha atravessado, era um verdadeiro paraíso de delícias, comparado com as grutas que agora tinha deixado para trás. Nos arredores não se avistava um único ser vivo, pois os zoogs temem este portão misterioso. Carter pôs-se imediatamente a discutir com os vampiros acerca da sua viagem futura. Não ousavam voltar pela torre dos Gugs e o caminho da terra da vigília não os tentava de modo algum depois de terem ouvido dizer que tinham de atravessar a caverna das chamas onde reinam os sacerdotes de Nasht e de Kaman-That. Assim acabaram por se decidir a regressar por Sarkomand e pela porta do abismo se bem que não tivessem ideia alguma de qual o caminho a tomar. Carter lembrou-lhes que a cidade de Sarkomand se ergue num vale próximo de Leng e contou-lhes que em Dylath-Leen ele tinha encontrado um velho e sinistro mercador que, segundo se dizia, tinha comércio com as gentes de Leng. Aconselhava-os desse modo a dirigirem-se a Dylath-Leen pelo caminho do Skai que teriam de seguir até à embocadura. Os vampiros decidiram pôr-se imediatamente a caminho sem mais perda de tempo. As trevas adensavam-se e anunciavam uma negra noite de viagem. Carter apertou as patas destes nojentos animais, agradeceu-lhes a ajuda que lhe tinham prestado e enviou os seus cumprimentos ao vampiro que outrora tinha sido Richard Pickmann. Não pôde no entanto conter um suspiro de alívio quando os viu partir. Um vampiro é um vampiro e para o homem o mais que pode ser é um companheiro altamente desagradável. Carter pôs-se então à procura de uma poça na floresta para se lavar da lama infernal. Vestiu-se depois com as

roupas que tivera o cuidado de conservar durante toda a viagem.

Era noite no temível bosque de monstruosas árvores mas, devido à fosforescência, era possível caminhar como se fosse dia claro. Carter estava agora na estrada que, passando pelas colinas da Tanaria, vai dar a Celefais do Ooth-Nargai e, enquanto caminhava, lembrou-se da zebra que, eternidades atrás, tinha deixado amarrada a uma árvore calcinada na encosta do Ngranek, na longínqua ilha de Oriab, e perguntou-se se algum trabalhador que por ali passasse a teria solto e alimentado. Perguntava-se se voltaria algum dia a Baharna para pagar a zebra que uma noite tinha sido assassinada nas velhas ruínas das margens do Yath e se o velho taberneiro ainda se lembraria dele. Eram estes os pensamentos que atravessavam o seu espírito na atmosfera tranquila das terras altas do sonho.

A sua caminhada foi bruscamente interrompida por um barulho que vinha de uma árvore oca. Tinha evitado o gigantesco circo de pedra porque no imediato não lhe apetecia discorrer com os zoogs. As estranhas vibrações que provinham daquela árvore monstruosa indicaram-lhe que uma reunião importante aí decorria. Aproximando-se um pouco mais, ouviu os acentos de uma discussão apaixonada, e em breve compreendia que o assunto lhe dizia claramente respeito, dado que a assembleia magna dos zoogs debatia agora uma possível guerra com os gatos. Tudo provinha do desaparecimento daquele grupo que tinha rastejado atrás de Carter até Ulthar e que os gatos tinham castigado devido às suas intenções pouco recomendáveis. O assunto tinha já sido arquivado mas os zoogs estavam agora prontos a destruir todos os felinos com uma série de contra-ataques que permitiriam, quer individual quer colectivamente, a captura dos gatos e que não deixaria às miríades de gatos de Ulthar a mínima possibilidade de se mobilizarem e organizarem. Era este o plano dos zoogs e Carter percebeu que tinha de o fazer falhar antes de partir na sua famosa busca.

Randolph Carter deslizou silenciosamente até à orla da floresta e lançou o grito dos gatos sobre os campos iluminados pelas estrelas. Numa casa próxima, uma velha gata que descansava transmitiu o sinal de alarme por sobre as vastas planícies onduladas até aos guerreiros: que eram gatos grandes, pequenos, pretos, cinzentos, riscados brancos ou amarelos.

O eco encarregou-se de levar o sinal através do Nir e para lá do rio Skai até à cidade de Ulthar. Os inúmeros gatos desta cidade responderam em coro e alinharam-se em formações à espera da palavra de

ordem. Felizmente que a lua ainda se não tinha levantado, e os gatos ainda estavam todos na Terra. Saltando decididos de cada tecto, de cada borralho onde dormitavam, pareciam um mar embravecido que se dirigia para a orla da Floresta Encantada. Carter estava aí pronto a recebê-los. A visão dos gatos, das suas formas belas e sadias dava alegria ao seu olhar, depois de tudo o que tinha encontrado nos abismos. Sentiu-se feliz por reencontrar o velho amigo que o tinha salvo, com uma faixa de general no pescoço luzidio e os bigodes penteados com um ar bélico, à frente do destacamento de Ulthar. Mais feliz ainda se sentiu ao ver um jovem e vivíssimo gato nas funções de alferes do pelotão e que era nem mais nem menos do que o gatinho a quem ele tinha dado um prato de leite naquela madrugada há tanto tempo desaparecida. Era agora um gato musculoso e cheio de vitalidade que fazia rom-rom ao apertar a mão do seu amigo. O avô afirmou que tinha uma óptima folha do exército e que, depois de uma outra campanha, era bem possível que fosse elevado a capitão.

Carter fez um resumo dos perigos que agora ameaçavam os gatos e houve, vindo de todos os cantos, um coro de ron-rons de agradecimento. De acordo com os generais, preparou um plano de acção que compreendia o ataque imediato da população zoog e dos seus lugares mais conhecidos. Deste modo, antecipavam-se aos ataques-surpresas e obrigavam os gatos a negociar a paz antes da mobilização dos seus exércitos invasores. Sem perder um minuto, o enorme mar de gatos inundou a Floresta Encantada rodeando a árvore do Conselho e o grande circo de pedra. As vibrações atingiram o pânico quando o inimigo reparou nos recém-chegados. Os pequenos zoogs, castanhos e furtivos, mal ofereceram resistência. Perceberam imediatamente que a batalha estava perdida de antemão e, assim, trocaram ràpidamente o seu desejo de vingança pelo de salvar a pele.

Uma parte dos gatos sentou-se num círculo com os zoogs prisioneiros no meio. Os outros, empurravam os cativos para outros cantos da floresta, através de uma abertura que fizeram nas formações. Negociavam um tratado para o que utilizaram Carter como intérprete. Foi decidido que os zoogs conservariam a sua independência com a condição de trazerem aos gatos um importante de galos tetrazes, pegas e faisões dos sítios menos fabulosos da sua floresta. Os vencedores levaram como reféns doze jovens zoogs de nobre ascendência e tornaram bem explícito que qualquer desaparecimento de gatos nas fronteiras do território zoog teria

consequências desastrosas para a população. Assentes todos estes problemas, os gatos abriram as filas para permitirem aos zoogs o regresso, um a um, aos domicílios respectivos. E foi o que eles se apressaram a fazer, deitando para trás olhares cheios de veneno.

O velho general ofereceu então a Carter uma escolta para atravessar a floresta e chegar à fronteira que desejava, pensando que os zoogs deviam ter a seu respeito um vivíssimo ressentimento, devido ao falhanço da sua guerra. Foi com gratidão que Carter aceitou esta oferta, não só pela segurança que ela lhe trazia, mas porque ele muito apreciava a graciosa companhia dos gatos. E foi assim que, digníssimo, no meio de um regimento agradável e alegre, depois do êxito do combate, ele atravessou a Floresta Encantada em cuja bruxuleante luminosidade se erguiam árvores titânicas. Conversava com o general e o neto acerca da sua viagem e investigações, enquanto o resto do grupo se entregava a fantásticas cabriolices ou se punha a correr atrás das folhas mortas que o vento levava para junto dos cogumelos deste solo primitivo. O velho gato disse que muito tinha ele ouvido falar de Kadath, a cidade desconhecida que se ergue na imensidão gelada, mas que ignorava totalmente a sua localização. Pelo contrário, nunca tinha ouvido falar da maravilhosa cidade do crepúsculo, mas teria um grande prazer em revelar a Carter tudo o que sobre ela pudesse vir a aprender.

Ensinou a Carter alguns salvos-condutos que lhe seriam da máxima utilidade entre os gatos do mundo dos sonhos e recomendou-o especialmente ao velho rei dos gatos de Celefais, cidade para onde se dirigia. Este gato, que o investigador já conhecia, era um digno maltês e a sua ajuda seria altamente importante em todas as transacções. Subia a alvorada quando eles chegaram à extremidade da floresta e Carter, aflito, se despediu dos seus amigos. O alferes que o tinha conhecido quando ainda era um pequeno gatinho inofensivo, tê-lo-ia acompanhado, se não fosse o velho general o ter impedido. O austero patriarca fez notar o facto de o seu dever consistir em ficar com o seu exército e a sua gente. Foi assim sòzinho que Carter partiu, através dos dourados campos que misteriosamente se estendiam ao longo de um rio bordejado de salgueiros, enquanto os gatos voltavam pela floresta.

Carter conhecia perfeitamente este país de jardins que se situa entre a Floresta Encantada e o mar Cerenariano. Seguia alegremente pelas margens do cantante rio Ukranos que lhe apontava a direcção. O sol subiu um pouco mais nas encantadoras encostas cobertas de relva e de arbustos e deu vida às cores dos milhares

de flores que definhavam em cada montículo ou em cada cavidade. Uma suave bruma bendita cobria esta região onde mais do que em qualquer outro sítio o sol brilha e, como música estival, zumbem por todo o lado as abelhas e cantam os pássaros. Os homens passeiam-se por ali como por um local feérico e sentem uma felicidade e um maravilhoso prazer que nunca em algum outro lugar sentiram.

Carter chegou cerca do meio-dia aos terraços de jaspe de Kiran, que, em inclinação suave, descem até às margens do rio e escondem o templo da beleza aonde, num palanque de ouro vem todos os anos o rei do Ilek-Vad, desde o seu longínquo reino ribeirinho das águas crepusculares, para rezar ao deus do Ugranos que, outrora, tinha cantado para ele quando era novo e vivia nestas paragens. Este templo é inteiramente construído em jaspe, e, com os seus pátios e muros ocupa cerca de um acre de terreno com as suas torres pontiagudas e o santuário onde, por canais escondidos, corre o rio e onde, suavemente pela noite adentro, o deus canta. Muitas vezes, ao brilhar nos pátios, nos terraços e nas torres a lua ouve uma estranha música. Mas só o rei de Ilek-Vad poderia dizer se se trata da música cântico do deus ou da música dos sacerdotes feiticeiros, pois foi ele o único que um dia entrou no templo e viu os padres. De momento, o templo estava silencioso no dia que aumentava e Carter, avançando sob um sol encantado, apenas ouvia o murmúrio das águas e os barulhos das abelhas e das aves.

O peregrino caminhou durante toda a tarde pelas planícies perfumadas que se alongam ao abrigo das encantadoras colinas ribeirinhas e onde se encontram pequenas quintas com tecto de colmo e pequenos santuários dedicados a simpáticos deuses esculpidos em jaspe ou crisoberilo.

Avançava pelas margens do Ukranos assobiando aos peixes irisados que seguem as correntes cristalinas, para logo a seguir se deitar entre os juncos a contemplar, na outra margem, a grande floresta sombria cujas árvores descem até às águas. Durante os seus primeiros sonhos, ele tinha visto estranhos animais que, com um andar pesado, saíam timidamente da floresta, para vir beber ao rio. Mas agora não conseguia divisar um único. Parou de uma vez para ver um peixe carnívoro agarrar uma ave marinha que tinha atraído para as águas. Luziam ao sol as tentadoras escamas do peixe que, com a sua enorme boca, tinha capturado o pássaro no momento certo em que o alado caçador mergulhava para o picar.

À noite, subiu a um montículo cheio de ervas e à sua frente via, nas brasas do crepúsculo, as mil espiras douradas de Thran. São inacreditàvelmente altos os muros de alabastro desta extraordinária cidade, muros que se afilam à medida que sobem e que não possuem fendas, construídos segundo uma técnica ignorada dos homens e mais antiga do que a memória. Se são altos com as suas cem portas e as duzentas torres, o que acontece é que muito mais altas são as torres interiores, completamente brancas debaixo das suas espiras douradas. Os homens da planície vêem-nas fugir para o céu e envolver-se muitas vezes em brumas altas ou em nuvens. Por vezes, envoltas de nuvens baixas, as torres brilham por cima dos vapores. No local em que as portas de Thran se abrem sobre o rio, há grandes cais de mármore e belos galeões de cedro ou de perfumado dióspiro balançando nas águas com os seus misteriosos marinheiros barbudos sentados nos fardos e nos caixotes onde, gravados, vêm os hieróglifos de distantes terras. No campo, fora de portas, é a região das quintas. Entre as colinas, sonham pequenas casinhas brancas. Estreitíssimas estradas passam por cima de uma multidão de pontezinhas de pedra graciosamente lançadas sobre rios e jardins.

Carter desceu por estas terras verdejantes e viu o crepúsculo boiar desde as águas do rio até às maravilhosas espiras douradas de Thran. Chegou à porta sul da cidade na hora certa em que a noite caía e, mandado parar por uma sentinela vestida de vermelho, teve de contar três inacreditáveis sonhos e mostrar que era um verdadeiro sonhador, antes de receber a autorização para vaguear pelas ruas secretas e abruptas de Thran e para se demorar nas lojas que vendem as mercadorias trazidas pelos navios pintados. Entrava agora naquela indescritível cidade, atravessando primeiro a fortíssima muralha — tão larga, que a entrada se assemelha a um túnel — e depois, os caminhos curvos e ondulantes que, profundos e estreitos, serpenteiam entre as torres que apontam o céu. Brilhavam luzes nas janelas semicerradas com as suas varandas, e dos pátios interiores onde rumorejavam fontes de mármore, vinham os tímidos sons dos alaúdes e das gaitas. Carter sabia o caminho a tomar. Desceu pelas sombrias vielas até às margens do rio onde, numa velha taberna de marinheiros, reencontrou os capitães e os navegantes que conhecera em centenas de outros sonhos. Tratou aí da sua viagem para Celefais num grande galeão verde, e passou a noite na taberna, depois de, gravemente, ter conversado com o venerável gato que dormitava junto a

um magnífico borralho, sonhando com antigas guerras e esquecidos deuses.

De madrugada, Carter subiu a bordo do galeão que largava dali a pouco em direcção a Celefais. Sentado na proa, viu largarem as amarras e começar assim a longa travessia do mar Cerenariano. As margens corriam, durante léguas e léguas iguais às que ele encontrara antes de chegar a Thran. De tempos a tempos erguia-se à direita, no cimo de colinas distantes, um templo singular; ou conseguia distinguir uma aldeia adormecida na encosta com os seus telhados vermelhos numa inclinação suave e as redes de pesca estendidas ao sol. Preocupado com as suas pesquisas, Carter interrogou pormenorizadamente todos os marinheiros acerca das pessoas que tinham encontrado nas tabernas de Celefais e tentou saber o nome e os costumes daqueles estranhos homens que procurava, com orelhas de alongado lóbulo, grandes olhos, narinas finas e queixo pontiagudo, vindos do norte em negras embarcações para comerciar o seu ónix contra o jade esculpido, os fios de ouro e os peixes vermelhos. Os homens do mar sabiam poucas coisas acerca destes homens. Eram pouco faladores e semeavam à sua volta uma espécie de terror a que não faltava uma certa admiração.

O seu país longínquo chamava-se Inquanok e poucas eram as pessoas que tinham querido aí ir, pois se trata de uma região crepuscular e gelada que se julga confinar com o abominável Leng. Do lado de Leng erguiam-se montanhas inacessíveis de forma que ninguém podia dizer ao certo se aquele sinistro planalto com as suas hediondas cidades de pedra e o seu mosteiro de que não convém falar se situava aí ou se este boato não provém do temor que as pessoas tímidas sentem de noite quando a gigantesca barreira rochosa se desenha no negro. Os homens que chegavam a Leng utilizavam com certeza caminhos muito diferentes. Os marinheiros não conheciam nenhuma outra fronteira do Inquanok e nunca tinham ouvido falar da vastidão gelada nem de Kadath, a cidade desconhecida, excepto por alusões vagas e incertas. Nada sabiam acerca da maravilhosa cidade do crepúsculo que Carter procurava. O viandante preferiu acabar com as perguntas e pôs-se à espera da altura em que poderia falar com os estranhos humanos vindos da fria e crepuscular Inquanok, seres que são os descendentes dos deuses que esculpiram os seus traços na mais escarpada das encostas do Ngranek.

Já o dia ia muito avançado quando o galeão chegou aos meandros do rio que atravessa as florestas perfumadas de Kled. Carter desejou poder aqui desembarcar,

porque nestes trópicos dormem, intactos e solitários, maravilhosos palácios de marfim onde outrora habitaram os fabulosos monarcas de um reino que já não tem nome. Defendem este palácio da destruição os sortilégios há muitos anos feitos pelos Deuses mais antigos, pois está escrito que eles um dia podem voltar a ser úteis. As caravanas de elefantes observam-nos de longe ao luar e ninguém ousa aproximar-se deles por causa dos guardas que os defendem. O barco continuou o seu percurso e a penumbra parecia acelerar o fim do dia. Espreitavam as primeiras estrelas, que assim respondiam aos primeiros fogos-fátuos que se levantavam das margens. E a selva desaparecia para trás, deixando apenas como recordação da sua presença, o seu fantástico perfume. O galeão vogou durante toda a noite por cima de passados mistérios, invisíveis e insuspeitos. Um vigia divisou a certa altura uns fumos numa colina oriental mas o capitão que estava semiadormecido, disse que o melhor era não olharem muito para lá, dado que era altamente suspeita a sua proveniência.

De manhã, o rio tinha alargado bastante e Carter percebeu pelas casas que corriam ao longo das margens, que estavam próximos da grande cidade comercial que é Hlanith, no mar Cerenariano. As paredes eram aqui de rude granito e as casas extremamente pontiagudas exibiam as suas empenas de estuque brilhante. Os habitantes de Hlanith estão muito mais próximos dos homens do mundo da vigília do que quaisquer outros que vivem na terra dos sonhos. Dessa forma, a cidade é apenas frequentada por motivos comerciais, sendo o trabalho dos seus artistas muito apreciado. Os cais de Hlanith são construídos de carvalho e foi aí que o galeão ancorou enquanto o capitão desceu para negociar nas tabernas. Carter desembarcou e observou, cheio de curiosidade, as ruelas onde estavam gravados os trilhos dos carros de bois que, chiando, nelas passavam, enquanto os mercadores apregoavam febrilmente as suas mercadorias à porta das lojas. As tabernas do porto eram muito próximas dos cais, em vielas calcetadas cobertas do sal que a espuma das marés vivas depositara. Pareciam ser extremamente antigas, com os seus tectos baixos, negros e luzidios, e as suas clarabóias incrustadas nas paredes. Os velhos marinheiros entretinham-se aí a falar continuamente dos portos longínquos e contavam-se milhares de histórias acerca dos misteriosos habitantes da crepuscular Inquanok. Mas Carter não conseguiu obter deles outras informações para além das que já tinha ouvido aos marinheiros do galeão. Depois do tempo que demoraram as cargas e as descargas, o barco tomou finalmente a direcção do sol

poente. As altas muralhas e as empenas de Hlanith diminuíam à medida que os últimos lampejos lhes conferiam uma beleza maravilhosa muito superior à que lhe tinham dado os homens.

Por dois dias e duas noites avançou o galeão pelo mar Cerenariano sem vistas de terra e tendo apenas encontrado uma outra embarcação. Ao pôr-do-sol do segundo dia, viram surgir em frente o pico nevado de ^ran e balançarem nas encostas mais baixas as suas japoneiras. Carter percebeu que estavam a chegar ao país do Ooth-Nargai e à esplêndida cidade de Celefais. Puderam em breve avistar os brilhantes minaretes da fabulosa cidade, as limpíssimas muralhas de mármore, as suas estátuas de bronze e o grande porto pelo qual o Naraxa desagua no mar. Divisaram também as encantadoras colinas verdes que se erguem por detrás da cidade, com os seus bosques, jardins de abróteas, os pequenos santuários e as quintas, e, longe no horizonte, poderosa e mágica, a cordilheira púrpura das montanhas da Tanaria, atrás da qual serpenteiam os caminhos proibidos que levam ao mundo da vigília e a outras regiões oníricas.

O porto estava cheio de galeões pintados. Uns vinham de Seraniã, a marmórea cidade das nuvens que está edificada para além do ponto em que a terra se encontra com o céu, outros vinham de regiões mais palpáveis do mundo dos sonhos. O timoneiro conseguiu infiltrar-se no meio deles e levar o galeão até ao cais que cheirava a especiarias. Aí pararam na escuridão, no momento em que os milhares de luzes da cidade começavam a cintilar nas águas. Parecia sempre nova esta imortal cidade do sonho pois sobre ela o tempo não tem o poder nem de destruir nem de obscurecer. Será sempre, como sempre foi, turquesa de Nath-Horthath e os oitenta sacerdotes que, coroados de orquídeas nela habitam, são ainda os mesmos que, dez mil anos atrás, a construíram.

Ainda brilha o bronze dos seus enormes portões e não estão gastas nem riscadas·as suas ruas de ónix. As grandes estátuas de bronze que estão construídas nas muralhas, observam o passar dos mercadores e dos condutores de camelos que são mais velhos do que as lendas e que no entanto não têm um único cabelo branco nas suas barbas pujantes.

Carter não se pôs imediatamente à procura do templo, do palácio ou da cidadela. Ficou ao pé da muralha, no meio dos mercadores e dos marinheiros. Quando viu que já era demasiado tarde para as notícias e para as histórias, dirigiu-se a uma velha taberna que bem conhecia e aí descansou toda a noite, sonhando com os deu-

ses e com Kadath, a cidade desconhecida. Depois, partiu ao longo do cais à procura dos misteriosos marinheiros de Inquanok. Disseram-lhe que, de momento, não havia nenhum no porto e que o galeão só era esperado dali a duas semanas. Encontrou, no entanto, um marinheiro de Thorabona que tinha estado em Inquanok e tinha trabalhado nos filões de ónix dessa terra crepuscular. Esse homem disse-lhe que ao norte dessa região habitada parecia haver uma passagem que toda a gente temia e de que nunca ninguém se aproximava. O homem de Thorabona julgava que o deserto que está situado ao norte de Inquanok contornava a cadeia mais elevada e ia dar ao sinistro planalto de Leng. Seria talvez essa a razão do temor dos habitantes. Admitiu, no entanto, que havia outras histórias vagas que falavam de presenças infernais e de inefáveis sentinelas. Não poderia dizer se seria essa ou não a lendária vastidão gelada onde se encontra Kadath, a cidade desconhecida. Mas o facto é que era inverosímil que, caso existissem essas presenças e essas sentinelas, elas aí estivessem sem um motivo forte.

No dia seguinte, Carter subiu a rua dos Pilares até ao templo de turquesa e conversou com o Grande Sacerdote. Se bem que Nath-Horthath seja muito especialmente adorado em Celefais, todas as orações quotidianas mencionam os Grandes Antigos, que o padre muito bem conhecia. Tal como outrora Atal na longínqua Ulthar, aconselhou-o vivamente a desistir do seu propósito de os ver, afirmando serem caprichosos e irascíveis. Lembrou-lhe igualmente a estranha protecção dos Outros Deuses do Exterior, cuja alma e mensageiro é Nyarlathotep, o Caos. A maravilhosa cidade do pôr-do-sol, assim como a sua entrada zelosamente escondida, mostrava claramente que eles não queriam que Carter lá chegasse. E seria de temer a maneira como eles iriam receber um viajante que tinha o objectivo de os ver e de, junto deles implorar. Nenhum homem tinha alguma vez descoberto Kadath e o melhor seria que ninguém a descobrisse no futuro. Não eram, de modo algum, tranquilizantes os boatos que corriam acerca do castelo de ónix.

Depois de agradecer ao Grande Sacerdote coroado de orquídeas, Carter abandonou o templo e pôs-se à procura do talho de carneiro onde, luzidio e feliz, vivia o velho chefe dos gatos de Celefais. Este ser cinzento e nobre aquecia-se ao sol num dos passeios de ónix e estendeu ao visitante uma pata lânguida; mas assim que Carter lhe passou o salvo-conduto e as frases de apresentação que lhe tinha ensinado o velho general dos gatos de Ulthar, o peludo patriarca mostrou-se muito

cordial e comunicativo. Falou longamente acerca da secreta sabedoria que têm os gatos que vivem nas colinas marítimas de Ooth-Nargai. E, melhor ainda, repetiu-lhe o que lhe tinham dito os tímidos gatos do cais de Celefais acerca dos homens de Inquanok e acerca dos seus escuros barcos que não abrigam nenhum gato.

Parece que estes homens têm um halo que não provém da terra se bem que não seja essa a razão de não viajarem os gatos nos seus barcos. A verdadeira razão é que nunca, nesse reino crepuscular, se ouviu um confortável rom-rom ou um amigável miado. Será por causa das coisas que são transportadas por cima dos cumes inacessíveis desse Leng hipotético, será por causa das coisas que, provenientes desse gelado deserto do norte, se infiltram na região? Ninguém o sabe dizer, mas o facto é que há nesse país distante uma emanação do espaço anterior que os gatos não suportam e à qual eles têm uma sensibilidade maior do que os homens. É por isso que eles não entram nas negras embarcações que transportam o basalto de Inquanok.

O velho chefe dos gatos indicou-lhe como devia procurar o seu velho amigo Kuranes que, nos antigos sonhos de Carter, tinha alternativamente reinado no Palácio de Cristal rosa das Setenta Delícias de Celefais e no nebuloso castelo que flutua no céu de Seraniã. Parecia que, descontente com estes lugares, ele tinham violentas saudades das falésias inglesas da sua infância, onde, em pequenas aldeias oníricas, voltejam no ar, por trás das janelas de guilhotina, junto às cinzentas torres das igrejas e através da verdura dos vales distantes, as velhas canções da sua Inglaterra. Kuranes não podia voltar a essas regiões do mundo da vigília, pois o seu corpo tinha morrido. Mas tinha feito tudo aquilo que podia: idealizara um pequeno local de campo idêntico, do lado oriental da cidade, onde as planícies graciosamente ondulantes sobem desde as falésias até ao sopé das colinas da Tanaria. Aí vivia num edifício gótico de pedras cinzentas voltado para o mar. E aí tentava imaginar-se em Trevor Tower, a aldeia em que tinha nascido e onde treze gerações de antepassados seus tinham visto o dia. Na costa mais próxima, tinha construído uma aldeia de pescadores como as há na Cornualha com ruas calcetadas que sobem a colina. E aí tinha instalado as pessoas que tinham um aspecto mais inglês. Tentava sem cessar ensinar-lhes a pronúncia que lhe era querida dos velhos pescadores da Cornualha. No vale, não muito distante, tinha mandado construir uma grande abadia normanda cuja torre via da sua janela e em volta da qual tinha disposto um cemitério de pedras cinzentas,

gravadas com o nome dos seus antepassados e cobertas com um musgo bastante parecido àquele que há na Nova Inglaterra.

Se bem que Kuranes fosse rei no mundo do sonho e pudesse dispor à sua vontade de toda a pompa e de todas as maravilhas imagináveis, de toda a beleza, êxtases e delírios, novidades e sensações, teria de boa vontade abandonado para sempre o seu poder, o luxo e a liberdade, em troca do dia bem abençoado em que se voltasse a ver, miúdo, na simples e tranquila Inglaterra, nessa velha e adorada Inglaterra que tinha moldado o seu ser e à qual ele sempre tinha pertencido.

III

Depois de se ter despedido do velho chefe cor de cinza, Carter não se pôs em busca do palácio construído em cristal rosa. Saiu da cidade pela Porta de Oriente e, através dos campos esmaltados de malmequeres, avançou na direcção de uma empena pontiaguda que divisara no meio dos castanheiros de um parque que descia até às falésias. Chegou a uma sebe alta, onde havia um portão com uma pequena guarita de tijolo. Quando tocou na campainha, não viu avançar para o receber um criado de libré, mas sim um velhote mirrado de avental que fazia visíveis esforços para falar com a pronúncia singular da distante Cornualha. Carter subiu o caminho sombreado por árvores tanto quanto possível semelhantes às árvores inglesas e, passando por jardins desenhados como os que se usavam no tempo da rainha Ana, começou a atravessar os terraços. Na porta, ladeada, como outrora fora costume, por dois gatos de pedra, foi recebido por um governante de libré e com patilhas que, imediatamente, o conduziu à biblioteca onde Kuranes, Lorde de Ooth-Nargai e de toda a região sob os céus da Seraniã, estava, pensativo, numa cadeira frente à janela, a contemplar a sua aldeia de pescadores e à espera da sua velha ama que lhe ralharia por ele não estar vestido ainda para o famoso jogo de ténis, por estar o carro à espera e a paciência da senhora não ser infindável.

Envergando um roupão como se usavam na Londres da sua juventude, Kuranes levantou-se vivamente para receber o seu visitante. Era-lhe extremamente querida a visão de um visitante vindo do mundo da vigília, mesmo se esse Saxão viesse, como era o caso, de

Boston, no Massachusetts e não da Cornualha. Conversaram longamente acerca dos tempos passados e tinham muito para se dizer um ao outro, dado que ambos eram antigos sonhadores muito bem informados das maravilhas que há nesses lugares inacreditáveis. Na verdade, Kuranes tinha viajado para lá das estrelas até ao vazio Último, e dizia-se que ele era o único que tinha feito a viagem de regresso sem enlouquecer.

Carter acabou por revelar a sua busca e por pôr ao seu anfitrião as perguntas que a tantos outros já tinha feito. Kuranes não sabia onde se encontra Kadath nem a maravilhosa cidade do pôr-do-sol, mas sabia que os Grandes Antigos são criaturas cuja procura é extremamente árdua e que os Outros Deuses têm estranhas maneiras de os proteger de todas as curiosidades impertinentes. Tinha aprendido muitas coisas acerca dos Outros Deuses nas longínquas paragens do espaço, especialmente na região onde não existem formas e onde gases coloridos estudam os mais recônditos segredos. O gás violeta, S'mgac tinha-lhe contado coisas terríveis de Nyarlathotep, o Caos e tinha-o aconselhado a nunca se aproximar do vazio central, onde Azathoth, o sultão dos diabos, ruge de cólera no meio das trevas. Não era também recomendável pensar nos Deuses mais Antigos e, dado que eles persistentemente impediam o acesso à cidade maravilhosa, o melhor seria não mais procurar a cidade.

Para mais, Kuranes duvidava que o seu hóspede extraísse grandes benefícios dessa viagem, mesmo que conseguisse atingir o seu objectivo.

Durante longos anos, tinha sonhado e suspirado com a belíssima Celefais e as terras de Ooth-Nargai, por causa da liberdade, da cor, e grande experiência vivencial, liberta de quaisquer cadeias, convenções ou estupidez. Agora que tinha penetrado nesta cidade e nesta região, agora que ele era o seu rei, achava que se gastam num instante a liberdade e a vitalidade e que se tornam monótonas à falta de laços que as liguem ao que quer que seja de sólido nos sentimentos e nas memórias. Era o rei de Ooth-Nargai, mas não conseguia encontrar o sentido desse reinado e incessantemente, voltava a meditar nas velhas coisas da Inglaterra que tinha formado a sua juventude. Teria dado todo o seu reino para, em troca, poder ouvir ao longe o som dos sinos da Cornualha, teria dado os mil minaretes de Celefais pelos telhados inclinados da aldeia que havia ao pé da sua velha mansão. Assim, dizia ao seu visitante, podia muito bem acontecer que a desconhecida cidade do sol poente lhe não desse todas as satisfações que procurava e que o melhor talvez fosse continuar o

glorioso sonho semiesquecido. Tinha muitas vezes visitado Carter nos velhos dias do mundo da vigília e conhecia muitíssimo bem as belas colinas da Nova Inglaterra onde ele tinha visto a luz.

O viajante havia de, por fim, dizia o rei, sentir a falta das cenas mais lembradas; o brilho de Beacon Hill ao entardecer, os altos sinos e as ruas sinuosas da colina de Kingsport, os tectos embranquecidos pelo tempo da velha Arkham embruxada, as férteis planícies, os vales onde se viam muros de pedra e as empenas das casas branquíssimas que brilham pelo meio dos bosques verdes. Tudo isto dizia a Randolph Carter. Mas este manteve a sua decisão. Separaram-se por fim, cada um com as suas convicções próprias. Carter voltou a Celefais pelo portão de bronze. Pela rua dos Pilares chegou à muralha marítima onde se pôs à conversa com os marinheiros vindos de longínquos portos. Esperava o sombrio navio que devia vir da fria e crepuscular Inquanok. O navio cujos marinheiros e negociantes, de estranhíssimas feições, trazem nas veias o sangue dos Grandes Antigos.

Numa noite carregada de estrelas, em que Pharos lançava o esplendor da sua luz sobre o porto, o esperado navio acostou e, aos grupos, os marinheiros e comerciantes começaram a surgir nas velhas tabernas junto ao mar. Era fascinante voltar a ver estes rostos que tanto se assemelhavam às feições divinas esculpidas nas rochas do Ngranek. Mas Carter não se apressou a entabular conversações com os silenciosos marinheiros. Ignorava o orgulho, o mutismo ou as vagas memórias divinas que dominavam estes filhos dos Grandes Antigos e tinha a certeza de que não seria muito avisado o revelar-lhes a sua busca, nem o interrogá-los com uma precisão excessiva acerca do deserto gelado que se estende ao Norte da sua terra crepuscular. Falavam muito pouco com os outros clientes das velhas tabernas e agrupavam-se em cantos solitários para cantarem entre eles as feiticeiras cantigas das paragens desconhecidas, ou para recitarem longas histórias numa pronúncia desconhecida do resto do mundo dos sonhos. Estas canções e estas histórias eram tão pouco normais e tão comoventes que bastava olhar para os rostos dos ouvintes para lhes adivinhar o maravilhoso. As palavras, no entanto, só chegavam aos ouvidos dos comuns na forma de um encantado ritmo e de uma obscura melodia.

Durante uma semana, os misteriosos marinheiros andaram pelas tabernas e em negócios nas lojas de Celefais. Antes de voltarem a partir, Carter, dizendo ser um velho coleccionador de ónix que queria trabalhar

nos seus filões, tinha já marcado um lugar no seu sombrio navio. Tratava-se de um barco belíssimo trabalhado com uma grande habilidade em madeira de teca e adornado com acessórios de ébano e incrustações de ouro. O camarote que lhe tinham reservado era feito de seda e de veludo. Na mudança da maré, uma madrugada, levantaram as velas e partiram. Carter, que estava na popa, viu o sol nascente incendiar as muralhas, as estátuas de bronze e os minaretes dourados de Celefais, a cidade sem tempo. Viu-o logo a seguir desaparecer na distância e o cume do monte Aran diminuir progressivamente. Ao meio-dia, a única coisa que se via era o delicado azul do mar Cerenariano, onde, ao longe, um galeão pintado navegava em direcção ao reino de Serania, o sítio onde o mar se encontra com o céu.

Chegou a noite espantosamente estrelada e o escuro navio rumou à Ursa Maior que lentamente balançava em redor do pólo. Os marinheiros entoavam os cânticos misteriosos das desconhecidas paragens. A partir de certa altura, dirigiram-se, um a um, para a proa. Os vigias e os homens do leme trauteavam antigas canções, debruçados da amurada, a olhar para os jogos a que, em bandos, se entregavam os peixes luminosos. Carter foi-se deitar pela meia-noite e acordou na claridade de uma fresca manhã. Reparou que o Sol estava muito mais ao sul do que de costume. Durante este segundo dia de viagem, travou um conhecimento mais profundo com os homens do barco, fazendo sub-repticiamente com que falassem do seu frio país crepuscular, da sua estranha cidade de ónix e do temor que tinham dos altos picos inacessíveis atrás dos quais se encontra Leng. Contaram-lhe o aborrecimento que para eles era o facto de nenhum gato querer ficar em Inquanok. Pensavam que a proximidade de Leng seria disso um factor determinante. Não quiseram falar do deserto de pedras situado no Norte. Havia qualquer coisa de extremamente inquietante acerca deste deserto e o mais cómodo era negar a sua existência.

Nos dias seguintes falaram das minas onde Carter tinha dito que queria ir trabalhar. Eram numerosas em Inquanok, dado que toda a cidade era feita de ónix e uma vez que se vendiam grandes blocos polidos em Rinar, Ogrothan e Celefais ou ali mesmo, a mercadores vindos de Thraa, de Ilarnek e de Kadatheron, contra as belíssimas mercadorias vindas desses fabulosos portos. Para o norte, pertíssimo do deserto de gelos que os homens de Inquanok não admitiam existir, encontrava-se uma mina abandonada, muito maior do que todas as outras. Em tempos já imemoriais retiraram-se daí blocos de tal forma prodigiosos que a simples visão das suas formas

cinzeladas bastava para esmagar de pavor todos aqueles que as contemplavam. Quem teria talhado esses blocos de tão gigantescas proporções, para onde teriam sido transportados, ninguém o poderia dizer. Os homens de Inquanok acreditavam que o melhor era não profanar aquela mina, à qual pensavam estar ligadas memórias extraordinárias e desumanas. E, por isso, a mina continuava inexplorada no crepúsculo e só os corvos e possìvelmente o pássaro Shantak se atreviam a voar sobre a sua imensidão. Carter ficou profundamente emocionado ao ouvir falar daquela mina, pois sabia, pelas milenárias lendas, que no cume da cidade desconhecida de Kadath, o palácio dos Grandes Antigos é um edifício inteiramente construído em ónix.

Cada dia que passava, o sol estava mais baixo no céu, e à sua frente as brumas tornavam-se cada vez mais espessas.

Ao fim de duas semanas, deixou de haver luz solar. Durante o dia brilhava através de um zimbório de eternas nuvens um crepúsculo estranho e cinzento. De noite, soltava-se desta cúpula de nuvens uma gelada fosforescência sem estrelas. No vigésimo dia divisaram ao longe sobre o mar, um grande rochedo escarpado. Era a primeira terra que viam depois de o cume nevado de Aran ter desaparecido atrás do navio. Carter perguntou ao capitão o nome daquele rochedo, mas a resposta que obteve foi que não tinha nome e que nenhum barco jamais tinha ousado aproximar-se, por causa dos ruídos que dele vinham à noite. Quando, depois do fim do dia, se elevou dessa massa de granito descarnado, uma lamentação triste e contínua, o viajante sentiu-se extremamente feliz por o navio não ter parado e por não ter nome o estranho rochedo. Os marinheiros rezavam e cantavam até perderem de vista aquela rocha. Carter, durante as curtas horas da noite, teve sonhos aterradores.

Dois dias depois viram desenhar-se na distância, a oriente, a linha de uma cordilheira cinzenta cujos cumes se perdiam na massa das nuvens crepusculares. Os marinheiros entoaram cânticos de alegria à sua visão e houve alguns que se ajoelharam para rezar. Carter percebeu que estavam a chegar ao porto de Inquanok e que em breve teriam atracado nos cais da grande cidade que dá o nome a toda essa região. Por volta do meio-dia avistou uma costa sombria e um pouco antes das três da tarde surgiram a Norte os capitéis arredondados e as fantásticas espiras da cidade de ónix. Esta cidade milenária, insólita e curiosa, erguia-se por cima das suas muralhas e dos seus cais, inteiramente negra, mas ornada com decorações e arabescos de ouro. Eram altas

as casas, decoradas com flores e motivos cuja obscura simetria fascinava o olhar pela sua beleza, maior do que a própria luz. Algumas possuíam magníficos capitéis outras terraços com a forma de pequenas pirâmides sobre as quais estavam edificados minaretes cuja singularidade ultrapassava a imaginação. Eram baixas as muralhas esburacadas por inúmeras portas. Cada porta tinha, a dominá-la, uma grande arcada que se erguia muito para cima do nível geral das paredes e ao cimo das quais repousava a cabeça esculpida de um deus com o mesmo poder e fascinação que aquela que, no longínquo Ngranek, tinha servido de modelo ao insólito rosto. No meio da cidade, sobre uma colina, encontra-se uma torre de dezasseis lados, mais alta do que as outras e onde um grande campanário pontiagudo repousa sobre uma cúpula achatada. Era, segundo os marinheiros, o Templo dos Deuses mais Antigos, governado por um velho Sacerdote austero e carregado de segredos.

A intervalos regulares, ressoava na cidade de ónix um tilintar misterioso a que, cada vez, respondia uma revoada de oculta música de trompas, violinos e vozes. Num galeão ancorado perto do grande Templo, uma fila de trempes deixava por momentos brilhar um fogo. Os sacerdotes e os habitantes desta cidade eram sábios e respeitadores dos mistérios originais. Mantinham fielmente os ritmos dos Grandes Antigos, como é recomendado em inscrições muito mais antigas ainda do que os Manuscritos Pnakóticos. No momento em que o navio dobrava o grande molhe de basalto e penetrava no porto começaram a ouvir-se os mais ínfimos ruídos da cidade, e Carter distinguiu no cais, os escravos, os marinheiros marinheiros e os mercadores eram da raça dos deuses. e os negociantes. Com os seus estranhos rostos, os Mas dizia-se que os escravos, gente mal feita, com os olhos turvos, tinham atravessado ou contornado os cumes inacessíveis provenientes dos vales que se encontram para além de Leng. Corriam os cais larguíssimos em frente das muralhas da cidade, transportando todo o género de mercadorias descarregadas dos barcos ancorados. E numa das suas extremidades, amontoavam-se grandes quantidades de ónix, esculpido ou bruto, à espera de ser levado para o porão dos navios que os transportava para os longínquos mercados de Rinar, Ograthan e Celefais.

Ainda não tinha caído a noite quando o sombrio navio lançou a âncora ao longo de um cais de pedra. Os marinheiros e os mercadores desceram a terra e entraram no portão da cidade. As ruas são calcetadas de ónix, umas largas e direitas, outras estreitas e sinuosas. As casas construídas perto do mar eram mais vastas e exibiam sobre as suas portas arqueadas umas insígnias douradas que se dizia aí estarem como homenagem aos pequenos deuses protectores de cada uma delas. O capitão do barco acompanhou Carter a uma velha taberna de marinheiros onde se acotovelavam homens vindos de misteriosas terras e prometeu-lhe que na manhã seguinte lhe iria mostrar as maravilhas da cidade crepuscular e o levaria até às tabernas das minas de ónix que se encontram nas muralhas de Norte. Caiu a noite e acenderam-se pequenas lanternas de bronze enquanto os marinheiros entoavam as canções de distantes países. Quando do alto da torre ressoou o grande sino sobre toda a cidade e lhe responderam as trompas, as violas e as fascinantes vozes, todos os homens interromperam as suas canções e as suas narrativas para, silenciosamente, se inclinarem, até morrer no espaço o último eco. Sobre a crepuscular cidade de Inquanok plana uma presença estranha e maravilhosa e os homens receiam que, a não respeitarem estes ritos, a cólera e a vingança não hesitem em se abater sem prévio aviso.

Num canto sombrio da taberna, Carter distinguiu uma forma grotesca que o assustou: era, sem sombra de dúvida, o mercador de olhar turvo que, tantos anos atrás, ele tinha encontrado nos albergues de Dylath-Leen e que tinha a fama de negociar com as pavorosas cidades de pedra de Leng, aldeias que nenhum homem são visita e onde à noite se divisam os longínquos fogos infernais. Dizia-se mesmo que este mercador tinha assinado um pacto com o grande sacerdote que usa uma máscara de seda amarela e vive isolado num mosteiro pré-histórico. Este homem tinha mostrado um interesse estranho quando Carter interrogara os comerciantes de Dylath-Leen acerca de Kadath e da vastidão gelada. A sua presença na sombria e embruxada Inquanok, tão próxima das maravilhas do Norte, não era de forma alguma tranquilizante. O mercador desapareceu antes de Carter lhe ter podido falar e os marinheiros contaram-lhe, mais tarde, que aquele homem vinha de um lugar mal definido com uma caravana de yaques e tinha trazido um carregamento de ovos gigantescos e requintadamente perfumados para trocar pelas taças de jade trabalhado que os mercadores trazem de Ilarnek.

Na manhã seguinte o capitão do navio acompanhou Carter num passeio através das ruas de ónix que estavam cinzentas sob o céu crepuscular. As portas incrustadas e as fachadas ornadas de baixos-relevos, as varandas esculpidas e as escadas cobertas de cristal brilhavam com uma sombria beleza. A espaços regulares abria-se uma praça rodeada de negros pilares, de colu-

natas e de estátuas que representavam seres estranhos, a um tempo humanos e lendários. A maioria das perspectivas — ruas direitas e largas, alamedas laterais, filas de zimbórios arredondados, espiras e tectos cobertos de arabescos — era de uma beleza e de uma magia que ultrapassavam qualquer expressão. Mas nada igualava o esplendor das maciças alturas do grande Templo Central dos Grandes Antigos com as suas dezasseis fachadas esculpidas, o seu zimbório achatado e o campanário lançado que domina todos os outros edifícios com idêntica majestade de qualquer dos lados que o contemplemos. Para oriente, muito para lá dos muros da cidade, e por cima dos locais de pastagens, viam-se finas e cinzentas silhuetas dos cumes inacessíveis que se perdem nas brumas, e atrás dos quais se diz que se encontra a pavorosa cidade de Lenk.

O Capitão levou Carter até ao gigantesco templo que, com o jardim rodeado de muralhas, se ergue numa enorme praça circular de onde saem as ruas, como do centro de uma roda partem os raios. As sete portas arqueadas do jardim possuem todas um rosto esculpido idêntico aos que dominam as portas da cidade. Estão sempre abertas e a população passa-as com respeito, caminhando pelos caminhos cobertos de telha e pelas pequenas alamedas bordejadas de grotescas estátuas dos deuses Termini e de santuários dos deuses inferiores. E aí se encontram fontes, piscinas e lagos que reflectem o brilho frequente das chamas das trempes colocadas numa varanda superior. Tudo era feito de ónix, e nas suas águas viam-se pequenos peixes fosforescentes, pescados nas margens do oceano. Quando o profundo carrilhão vibrou por cima do jardim e da cidade e que das sete casinhas situadas junto às portas do jardim lhe responderam as trompas, as violas e as vozes, saíram das sete portas do templo longas colunas de sacerdotes escondidos em mantos e capuchos que, à sua frente, transportavam grandes recipientes de ouro de onde emanava um estranho vapor. As sete procissões avançavam orgulhosamente numa só fila. Cada um dos padres lançava a perna para a frente sem dobrar o joelho e assim desciam os caminhos que levam às sete galerias do Templo. Para regressarem, as longas filas de sacerdotes utilizam um caminho secreto e diz-se que há umas profundas escadarias de ónix que descem até aos mistérios de que nunca se fala. Há alguns que, no entanto, insinuam que estes padres que, envoltos em mantos e capuchos, desfilam todos os dias, não são seres humanos.

Carter não entrou no templo pois só o Rei Velado o pode fazer. Antes de ter abandonado o jardim, chegou

a hora do carrilhão. Ouviu-se ressoar por cima dele e sair das casas de guarda o gemido das trompas, das violas e das vozes. As longas procissões de sacerdotes que traziam as taças de ouro desceram as sete grandes rampas da sua estranha caminhada e este espectáculo suscitou no coração do aventureiro um temor que nenhum sacerdote humano lhe teria provocado. Assim que desapareceu o último dos sacerdotes, Carter saiu do jardim. Não deixou, no entanto, de reparar nas manchas que tinham ficado sobre as lajes nos sítios por onde tinham passado as grandes taças. O capitão do navio também ficou perturbado com essa visão e ràpidamente avançou para a colina onde se erguem os numerosos zimbórios do palácio encantado do Rei Velado.

As ruas que conduzem ao palácio de ónix são abruptas e estreitas à excepção das largas e sinuosas onde se passeiam em iaques o rei e os seus favoritos. Carter e o seu guia subiram uma alameda de escadas entre as paredes incrustadas que têm estranhos sinais de ouro e por baixo de varandas e sacadas de onde por vezes vinham doces bafos de música ou de exóticos perfumes. Tinham sempre em frente dos olhos aqueles muros titânicos e as grandes cúpulas que fazem a fama do palácio do Rei Velado. Passaram, por fim, por baixo de uma grande abóbada negra de onde saíram para os reais jardins do prazer. Tomado por uma tão grande beleza, Carter foi obrigado a parar. Os terraços de ónix, os corredores em colunatas, os divertidos pórticos, as belíssimas árvores do pomar que subia em degraus até às janelas douradas, as urnas e os tripés de estanho ornamentados com um discreto baixo-relevo, as estátuas de mármore negro quase vivas nos seus pedestais, as fontes de fundo de basalto onde se divertiam peixes fosforescentes, os minúsculos templos dos pássaros músicos, de irisadas plumagens, colocados no mais alto das colunas esculpidas, os maravilhosos arabescos, as grandes portas de bronze e as vinhas floridas trepando pela superfície das paredes polidas, — tudo se misturava para formar um espectáculo cuja beleza ultrapassava a realidade e parecia meio fabulosa mesmo neste mundo dos sonhos. Tudo isto cintilava debaixo de crepuscular céu cinzento. No primeiro plano, a magnificência dos zimbórios e das esculturas do palácio, ao longe à direita, a silhueta fantástica dos cumes inacessíveis. Cantavam eternamente os pássaros e as fontes, enquanto boiava o perfume das flores raras sobre este jardim inimaginável. Não havia outras presenças humanas e Carter sentia-se extremamente feliz. Voltaram então a descer a alameda de degraus de ónix. Nenhum visitante pode entrar no palácio pròpriamente dito e é preferível não olhar com

demora e fixidez o grande zimbório central que domina a entrada pois é ele que, segundo se diz, abriga o velho sacerdote de todos os pássaros Shantak. E este envia contra os sonhadores os seus sonhos mais estranhos.

Depois deste passeio, o capitão acompanhou Carter até ao bairro setentrional da cidade, o bairro que fica perto da Porta das Caravanas e onde se encontram as tabernas dos mercadores de iaque e dos mineiros de ónix. Aí, numa hospedaria de mineiros, de tecto baixo, despediram-se. O capitão tinha de voltar aos seus afazeres. E Carter estava desejoso de falar com os mineiros acerca da região norte do território. Havia muitos homens nesta estalagem e o viajante não teve de esperar muito para conversar com alguns deles. Dizia ser um velho mineiro de ónix e que precisava de informações acerca das minas de Inquanok. Mas tudo o que conseguiu obter não ultrapassava substancialmente aquilo que já tinha aprendido. Os mineiros ficavam tímidos e evasivos assim que se tocava no problema do deserto gelado que se estende ao norte e da mina que nenhum homem visita. Receavam os lendários emissários que vêm das montanhas próximas das paragens onde se diz que se encontra Leng. Receavam as presenças diabólicas e as inúmeras sentinelas que, entre os rochedos escarpados, defendem o Norte. Segredavam-se uns aos outros que os famosos pássaros Shantak não são animais normais e que era na verdade bom que nenhum homem tivesse alguma vez avistado um (o lendário padre dos Shantaks que habita o zimbório do palácio real é alimentado nas trevas).

No dia seguinte, afirmando querer fazer à sua conta uma volta pelas diferentes minas da terra, visitar as quintas desfeitas e as curiosas cidades de Inquanok, Carter alugou um iaque e carregou-o com os seus sacos de coiro para a viagem. Para além da Porta das Caravanas, a estrada corre direita por entre campos trabalhados onde encontrou muitas e estranhas quintas com as suas baixas cúpulas. Carter parou em algumas destas casas para fazer perguntas. De uma das vezes deparou com um anfitrião tão austero, reticente e possuidor de uma tão natural majestade — semelhante à que impregnava os traços esculpidos no Ngranek — que teve a certeza de ter encontrado um dos Grandes Antigos em pessoa ou pelo menos um ser nas veias do qual corria sangue divino. A este ser austero e reticente ele teve o cuidado de só louvar os deuses e de se mostrar reconhecido por todas bênçãos de que sempre tinha sido objecto.

Nessa noite, Carter acampou ao lado da estrada, numa planície, debaixo de uma árvore à qual amarrou

o seu iaque. E de manhã recomeçou a sua peregrinação para o Norte. Pelas dez horas chegou à aldeia de Urg, local de repouso para os mercadores e onde os mineiros contam as suas histórias. Parou na taberna até cerca do meio-dia. É a partir daí que a grande estrada das caravanas corta para Ocidente, na direcção de Selarnia. Carter continuou em direcção do Norte, na estrada das minas. Passou a tarde inteira a andar por essa estrada ascendente um pouco mais estreita do que a grande estrada. Neste momento atravessava uma região onde, em vez dos campos trabalhados, quase só encontrava rochedos. De noite, as pequenas colinas que se levantavam à sua esquerda, deram o lugar a colossais falésias negras que lhe fizeram compreender que se aproximava da região mineira. Ao longo da sua caminhada, ele vira as grandes silhuetas despidas das montanhas inacessíveis a cortar a distância à sua direita. E quanto mais aumentavam, piores eram as histórias que da boca dos camponeses, dos mercadores e dos condutores dos pesados carros de ónix, ele recolhia a propósito destas serranias.

Na segunda noite amarrou o seu yaque a um poste que estava enfiado no chão e acampou à sombra de um grande rochedo. Reparou que nesta latitude nórdica era francamente maior a fosforescência das nuvens e por mais de uma vez pensou que tinha visto desenhar-se contra elas pavorosas silhuetas negras. Na terceira madrugada, deparou com a primeira mina de ónix, onde cumprimentou os homens que nela trabalhavam com picaretas e escopros. Antes do fim do dia tinha já ele passado por onze destas minas. A região era sobretudo formada por falésias de ónix e por muros de seixos. Não havia a mais pequena vegetação. Aqui e além viam-se grandes pedaços de rochedos dispersos sobre o solo negro enquanto que, à direita, os grandes picos inacessíveis se elevavam, sinistros e recortados. Passou a terceira noite num acampamento de mineiros cujos fogos bruxuleantes lançavam estranhos reflexos nas polidas falésias que se erguiam a Oeste. Cantaram muito e contaram inúmeras histórias testemunhando uma sabedoria tal dos dias antigos e dos costumes dos deuses que Carter imediatamente percebeu que eles possuíam muitas memórias latentes dos seus antepassados, os Grandes Antigos. Perguntaram-lhe para onde ia e aconselharam-no a não avançar muito para o norte. Ao que ele replicou que procurava novas falésias de ónix e que os riscos em que incorria eram os mesmos de qualquer outro aventureiro. Disse-lhes adeus de madrugada. Cavalgou através do território cada vez mais sombrio onde, segundo o que lhe tinham dito, se devia situar a inquie-

tante mina abandonada de onde mãos mais antigas do que as mãos humanas tinham extraído preciosíssimos blocos.

Foi tomado por uma grande inquietação quando, voltando-se para um último aceno de despedida, julgou ver aproximar-se do acampamento o velho e atarracado mercador de olhos turvos cujo suposto tráfico com Leng ocupava as conversas da distante Dylath-Leen. Depois de duas outras minas por que passou, pareciam ter terminado as regiões habitadas de Inquanok e a estrada estreitou-se até não ser mais do que um simples caminho de iaques que, numa grande inclinação, serpenteava pelas negras falésias proibidas. À direita, levantavam-se os longínquos cumes escavados e à medida que Carter avançava neste reino virgem, achava-o cada vez mais sombrio e frio. Em breve viu que no negro caminho não havia qualquer marca de passos nem de cascos e percebeu que na verdade tinha chegado às estranhas e desertas paragens dos tempos antigos. A certa altura, um corvo cortou o céu. Vindo de trás dos rochedos, ouvia de tempos a tempos um batimento de asas que o fazia angustiadamente pensar no famoso pássaro Shantak. A maior parte do tempo, nada acontecia, e Carter continuava, solitário, a cavalgar na sua montada de rijos pêlos. Começou a ficar perturbado ao notar que o seu excelente iaque mostrava uma nítida má vontade à medida que avançavam e estava cada vez mais predisposto a relinchar de pavor ao mais pequeno ruído.

O caminho apertava-se agora entre muralhas negras e luzidias e a inclinação aumentava. A subida era difícil e o iaque escorregava muitas vezes nos calhaus. Ao fim de duas horas, Carter avistou à sua frente uma silhueta de contornos precisos para além da qual nada mais havia do que o tristíssimo céu cinzento. Apenas desejava um patamar ou a existência de uma descida. Chegar àquela crista não era, no entanto, uma tarefa fácil, dado que, agora, o caminho era quase vertical e a chuva do cascalho e de pequenas pedras o tornava particularmente perigoso. Carter por vezes desmontava para puxar o animal inquieto. Fazia o melhor que podia para manter o equilíbrio. Bruscamente, chegou ao cume e, ao olhar para a sua frente, cortou-lhe a respiração a onírica visão.

O caminho prosseguia à sua frente, descendo suavemente por entre as mesmas linhas de muros altos que anteriormente; mas à sua esquerda abria-se um espaço monstruoso de inúmeros acres de extensão. Uma potência arcaica tinha nestes lugares talhado e arrancado as falésias originais de ónix para as transformar num caminho de gigantes. Para trás, no precipício, viam-se ainda as marcas da gigantesca foice e nas profundíssimas entranhas da terra escancaravam-se enormes buracos das enxadas. Este caminho não era uma obra humana e nas suas faces côncavas encontravam-se gravados grandes quadrados de várias jardas de lado que indicavam as dimensões dos blocos que, um dia, desconhecidas mãos e desconhecidos instrumentos tinham arrancado. Para cima das bordas do caminho, muito alto, voavam e grasnavam os corvos. Uns vagos zumbidos que vinham das profundezas invisíveis assinalavam a presença de morcegos e urhags ou de seres mais inefáveis ainda, que habitavam o negrume infindo. De pé, no estreito caminho, Carter olhava para a estrada rochosa que à sua frente descia. À sua direita prolongavam-se até perder de vista as altas falésias de ónix. À sua esquerda elas estavam talhadas por aquele pavoroso caminho supraterrestre.

O iaque deu, de repente, um enorme grito e, escapando-se ao domínio de Carter, lançou-se num salto aterrorizado para a frente, para desaparecer ao Norte no estranho caminho inclinado. Caíram na estrada as pedras que os seus cascos projectaram, e perderam-se na noite sem fazer o menor ruído ao caírem. Carter que, já sem respirar, perseguia a rápida montada, ignorou os perigos do estranho caminho. Em breve se desenhavam outra vez à sua esquerda as altas falésias, que cerravam de novo o caminho e o viajante continuava a perseguir o iaque cujas fundas pegadas bem indicavam o desespero da fuga.

Julgando ter ouvido o ruído dos cascos do seu animal e encorajado por ele, acelerou a sua perseguição. Avançava milhas e, a pouco e pouco, o caminho alargava-se à sua frente. A certa altura percebeu que em breve estaria no terrível deserto gelado que avança para o Norte. As recortadas vertentes dos longínquos cumes tornaram-se de novo visíveis por cima dos rochedos que se levantavam à sua direita. À sua frente havia rochedos e pedras enormes e esta extensão dava-lhe inevitàvelmente um antegosto da ilimitada e sombria planície que o esperava. Uma vez mais voltou a soar aos seus ouvidos o ruído dos cascos, agora mais forte. Ficou aterrorizado porque de repente percebeu que não se tratava do ruído dos cascos do seu iaque. Vinha de trás dele este barulho impiedoso e decidido.

A perseguição do iaque transformou-se assim na fuga desesperada de qualquer coisa que ainda não tinha visto porque, sentindo que o animal que lhe estava na peugada não podia ser nem normal nem conhecido, não ousava sequer olhar para trás. O iaque devia ter ouvido

ou apenas sentido a presença deste animal. Carter nem se perguntava desde quando era seguido, se desde as habitações dos mineiros ou apenas se desde a negra caverna da estrada. Tinha entretanto ultrapassado as falésias e a noite caía numa imensidão de areia e de rochedos espectrais onde se perdiam todos os caminhos. Já não via as pegadas do seu animal mas continuava a persegui-lo o tenebroso galope, ao qual se juntava, de quando em vez, uma espécie de zumbido que se misturava com um sinistro bater de asas. Percebeu, desesperado, que estava a perder terreno e viu que estava irremediàvelmente perdido naquele deserto caótico e maldito cheio de indefiníveis rochedos e de areias virgens. Apenas os picos distantes e inatingíveis que via à sua direita lhe indicavam vagamente a direcção, mas à medida que o crepúsculo cinzento dava lugar à mórbida fosforescência das nuvens, eles tornavam-se cada vez menos distintos.

Na direcção do Norte que se apagava nas trevas, divisou então, imprecisa e envolta em brumas, uma coisa terrível. Tinha, durante alguns momentos, pensado que se trataria de uma cordilheira negra. Agora via que era uma coisa bem diferente. A fosforescência das nuvens imóveis e dos vapores avermelhados mostrava-a claramente e definia-lhe parcialmente o perfil. Que distância o separava? Não o saberia dizer, mas era possìvelmente muito grande. Esta coisa tinha alguns milhares de pés de altura e estendia-se, num imenso arco de círculos côncavos, desde os cumes cinzentos e inacessíveis até às paragens inacreditàvelmente vastas do Ocidente.

As velhíssimas montanhas de ónix não eram já montanhas. Uma mão, maior do que a dos homens, tinha-lhes tocado. Silenciosas, estavam agachadas no topo do mundo, como lobos ou vampiros. Coroadas de nuvens ou de brumas, vigiavam eternamente os segredos do Norte. Dispostas num enorme semicírculo, estas montanhas guardiãs do Norte tinham a forma esculpida de monstruosas estátuas vigilantes, e as suas mãos erguiam-se num gesto de ameaça contra o género humano.

Era apenas a luz bruxuleante das nuvens o que dava a ilusão de movimento das suas duplas cabeças. Mas, à medida que Carter continuava a avançar, viu levantarem-se dos seus cumes sombrios grandes formas cujo movimento não era na verdade ilusório. Estas formas rumorejantes e aladas aumentavam a cada momento. O viajante percebeu que tinha terminado a sua caminhada para a frente. Não se tratava, como nos outros pontos da terra ou da terra dos sonhos, de pássaros ou de morcegos. Eram formas mais volumosas do que

elefantes e tinham cabeças de cavalo. Carter compreendeu que deviam ser os famosos pássaros Shantak e já nem procurou saber quais deviam ser os infernais guardas e as inefáveis sentinelas que impediam os homens de chegar ao deserto rochoso que se encontra no norte. Resignado por fim, parou e ousou olhar para trás. Em cima de um escanzelado iaque, trotava, rindo, o atarracado mercador de olhar turvo, o negociante de que falavam as diabólicas lendas. Comandava agora uma sinistra horda de ferozes Shantaks cujas asas tinham ainda o salitre e a geada das infernais cavernas.

Se bem que rodeado por essas pavorosas e lendárias aves com cabeça de cavalo, que à sua volta descreviam círculos demoníacos, Randolph Carter não perdeu a consciência. Gigantescas e sinistras, estas gárgulas sobrevoavam-no enquanto o mercador de turvo olhar desmontava do seu iaque para, sorrindo, se ir colocar à frente do prisioneiro. O homem fez com que Carter montasse num dos repulsivos pássaros, para cima do qual o ajudou a subir. Carter obedeceu — a razão combatia o seu nojo — mas era-lhe difícil equilibrar-se na montada, porque em vez de penas os pássaros Shantak têm escamas extremamente escorregadias. Assim que se sentiu mais equilibrado, o homem de turvo olhar saltou para trás dele, deixando a um desses colossos a missão de levar o seu iaque para a cordilheira esculpida.

Descreviam agora horrendas curvas no espaço gelado, voando sem parar para as montanhas inacessíveis de flancos cinzentos e descarnados que se erguem a oriente e atrás das quais está construída Leng. Voaram por cima das nuvens até que, por fim, passaram por debaixo deles os lendários cumes que se perdem nas brumas luminosas e que nenhum habitante de Inquanok jamais viu. Ao sobrevoá-los, Carter observou-os com atenção, e divisou nos seus cumes mais escarpados umas cavernas estranhas que lhe lembraram as que encontrara na encosta do Ngranek. Não interrogou o seu carcereiro acerca destas cavernas, tendo reparado que aparentemente elas aterrorizavam o homem e a sua montada que, nervosamente, se apressavam em se afastar delas, numa inquietação que durou todo o tempo do voo.

O Shantak voava agora mais baixo e debaixo do lençol das nuvens divisavam uma planície cinzenta e nua onde, a distâncias enormes, brilhavam pequenos fogos. À medida que desciam, começaram a surgir com intervalos regulares cabanas de granito e aldeias de pedras negras cujas minúsculas janelas rebrilhavam a uma luz pálida. Destas cabanas e destas aldeias sol-

tava-se um bruáá de gaitas e o pavoroso ruído das cascaveis — o que imediatamente demonstrou que os habitantes de Inquanok não se enganam nas suas intuições geográficas. Os viajantes a quem aconteceu ouvirem estes sons sabem que eles só existem neste planalto deserto e gelado que as pessoas normais nunca visitam, nesta misteriosa e embruxada região que se chama Leng.

Dançavam à volta dos pequenos fogos umas formas sombrias e Carter interrogava-se que espécie de seres poderiam estes ser. Ninguém, com efeito, esteve alguma vez em Leng, e o sítio só é conhecido porque de longe se avistavam os seus fogos e as cabanas de pedra. As formas saltavam a um ritmo lento e horrível e tinham uma maneira de se dobrar e de se curvarem que parecia doentia. Eram horríveis de olhar, e Carter não se espantou absolutamente nada das maldições monstruosas que lhes atribuem as vagas lendas, nem sequer do terror que aquele sinistro planalto gelado suscita em todo o país dos sonhos. Voavam mais perto os Shantak. A repulsa que lhe inspiravam estes bailarinos não lhe pareceu ser totalmente desconhecida e viu nela uma familiaridade infernal. O prisioneiro fixou atentamente o seu olhar sobre eles, tentando procurar na memória onde é que já tinha encontrado semelhantes criaturas.

Tinham cascos em vez de pés e tinham uma peruca ou um chapéu encimado por pequenos cornos. Não tinham outras roupas mas a maior parte deles estava coberta de abundantes pêlos. Estes seres tinham umas caudas minúsculas e, num momento em que ergueram a cabeça, Carter viu as dimensões anormais da boca. Viu imediatamente quem elas eram e que não tinham nem perucas nem chapéus. A infernal população de Leng era a mesma gente que os mercadores inquietantes que, a bordo de negras galeras, vinham a Dylath-Leen vender os seus rubis, esses negociantes não totalmente humanos que são os escravos dos monstruosos habitantes da Lua. Eram, na verdade, as mesmas criaturas que há muito tempo atrás tinham raptado Carter a bordo da sua fedorenta galera. Tinha visto os seus semelhantes serem conduzidos em rebanhos nos ignóbeis cais da pavorosa cidade lunar, tinha visto como os mais fracos eram condenados ao trabalho e os mais gordos enjaulados e transportados para satisfazerem as necessidades dos seus donos de amorfos corpos de pólipo. Sabia agora de onde vinham estas criaturas tão misteriosas e tremeu ao pensar que Leng poderia estar ligada com as informes abominações que povoam a Lua.

O Shantak continuava, no entanto, a voar. Ultrapassou os fogos, as cabanas de pedra e os bailarinos que não eram humanos, planou sobre estéreis montanhas de granito e sombrias vastidões cobertas de rochedos, gelos e neves. Chegou o dia e a fosforescência das nuvens baixas deu lugar ao brumoso crepúsculo deste mundo nórdico. O terrível pássaro prosseguia no seu voo imperturbável pelo silêncio e pelo frio. De vez em quando o homem de olhar turvo conversava com a sua montada numa linguagem gutural e horrível. O Shantak respondia-lhe com risadas que pareciam rangidos de vidros. Entretanto, o relevo tinha aumentado progressivamente e eles chegaram por fim a uma região plana varrida pelo vento. Paragem que parecia ser o supremo tecto de um mundo desabitado e decadente. Isolado nas brumas, nas trevas e no frio, erguia-se aí um edifício atarracado, sem janelas, construído de grosseiras pedras à volta do qual se encontrava um círculo de monólitos mal polidos. O conjunto nada tinha de humano e, recorrendo às antigas lendas, Carter percebeu que tinha chegado ao lugar mais horrível e mais temido, o sítio isolado onde se encontra o mosteiro pré-histórico onde habita o solitário grande Sacerdote que tapa o seu rosto com uma máscara de seda amarela e que presta culto aos Outros Deuses e a Nyarlathotep, o Caos.

O repugnante pássaro aterrou. O homem de olhos turvos saltou para terra e ajudou o seu prisioneiro a desmontar. Carter sabia agora as intenções do seu inimigo. Era evidente que este mercador atarracado era um agente das potências infernais e que se apressava a levar aos seus donos o presumido mortal que quisera descobrir Kadath, a cidade desconhecida, e prestar culto aos Grandes Antigos no seu castelo de ónix. Julgou também ter percebido que fora este mercador a causa do seu primeiro rapto pelos escravos dos seres lunares, e que ele agora desejava ver realizar-se aquilo que tinha impedido o socorro prestado pelos gatos. Iria conduzir a sua vítima a um encontro funesto com o monstruoso Nyarlathotep e relatar-lhe a ousadia que tinha levado Carter à sua busca de Kadath, a cidade desconhecida. Leng e o deserto gelado que se estende ao norte de Inquanok estão, sem dúvida, situados muito perto dos Outros Deuses e estão bem vigiadas as passagens que conduzem a Kadath.

O homem de olhos turvos era de pequena estatura mas o grande pássaro com cabeça de cavalo seguia-os vigilante para que fosse obedecido. Carter acompanhou-o, portanto, na travessia do círculo dos menires e, por uma porta arqueada, penetrou no interior do mosteiro sem janelas. Não havia a mais pequena luz,

mas o mercador infernal acendeu uma lamparina de argila ornamentada com horríveis baixos-relevos e empurrou o seu prisioneiro através de inúmeros corredores estreitíssimos. Nas paredes destes corredores estão pintadas, num estilo desconhecido dos arqueólogos terrestres, terríveis cenas, mais antigas do que a história. Apesar das suas várias eternidades, eram ainda brilhantes as cores, dado que a secura e o frio da horrível Leng conservam a essência das coisas. No brilho oscilante da triste lamparina, Carter conseguia ver os frescos, e não pôde deixar de tremer ao descobrir a história que descreviam.

Era toda a história de Leng o que estava nesses arcaicos frescos. As criaturas semi-humanas com os seus cornos, cascos e as enormes bocas dançavam diabòlicamente por entre cidades esquecidas. Havia quadros de antigas guerras onde se viam os habitantes quase humanos da cidade de Leng lutar com as aranhas vermelhas e inchadas que vivem nos vales vizinhos. Havia cenas que relatavam a chegada das negras galeras vindas da Lua, cenas que mostravam a submissão da população de Leng aos seres blasfémios, aos corpos amorfos cobertos de pólipos que pareciam patinhar, escorregar e torcer-se fora da muralha. Estes seres blasfematórios, de corpos brancos, acinzentados e viscosos eram adorados como deuses e ninguém se queixava quando, nas negras galeras, eles levavam rebanhos inteiros dos seus machos mais belos e fortes. Os monstruosos animais lunares montavam o seu acampamento no mar, em cima de uma ilha rochosa. Ao ver estes frescos, Carter descobriu que essa ilha era aquele rochedo isolado e sem nome que tinha avistado quando navegava para Inquanok, aquele rochedo cinzento e maldito que evitam os marinheiros e de onde, à noite, se erguem insuportáveis uivos.

Para além disto, estes frescos representavam o grande porto e a capital destas criaturas semi-humanas, cidade orgulhosa cujos numerosos pilares se levantavam entre as falésias e os cais de basalto, cidade espantosa com as suas praças cheias de esculturas e os seus templos elevados. Havia grandes jardins e ruas bordejadas de colunas que iam das falésias e das seis portas dominadas por esfinges, até uma vastíssima praça central. No meio desta praça, estavam dois gigantescos leões alados que vigiavam a abertura de uma escada subterrânea. Viam-se inúmeras reproduções destes leões alados com os seus fortes flancos luzidios de diorite contra o cinzento crepúsculo do dia ou a nebulosa fosforescência da noite. Carter, que continuava a avançar, percebeu, por fim, à força de ver repetirem-se os desenhos que os representavam, o que eram estes leões e qual era esta cidade onde, antes da chegada das galeras negras, tinham reinado estes seres quase humanos. Não havia que enganar e eram precisas e numerosas as lendas do país dos sonhos. Esta cidade primitiva era indubitàvelmente a lendária Sarkomand cujas ruínas empalideceram durante um milhão de anos e cujos gigantescos leões guardam eternamente os degraus que até ao Grande Abismo descem do país dos sonhos.

Havia outras pinturas que representavam os cumes cinzentos e descarnados que separam Leng de Inquanok e os monstruosos pássaros Shantak que, a meia altura, ali constroem os seus ninhos numas saliências da parede. Representavam também as misteriosas cavernas escavadas perto do cimo dos picos mais altos, as cavernas que até os mais ousados Shantaks evitam, berrando. Carter tinha-as visto durante o voo e tinha notado a sua semelhança com as que vira no Ngranek. Sabia agora que a semelhança não era apenas fortuita. As pinturas representavam também os terríficos habitantes dessas cavernas. As suas asas de morcego, os cornos retorcidos, as caudas peludas e os corpos de borracha eram-lhe familiares. Já tinha encontrado essas criaturas silenciosas, esses guardas sem espírito do Grande Abismo que os próprios Grandes Antigos temem, e que têm por senhor, não Nyarlathotep, mas sim Nodens, o deus enbranquecido pelos tempos. Esses seres infernais são as sinistras Bestas da Noite que nunca riem pois não têm rosto e que eternamente voam nas trevas entre o Vale de Pnoth e as passagens que conduzem aos mundos exteriores.

O mercador de olhos turvos tinha empurrado Carter para uma enorme sala abobadada cujos muros estavam cobertos de inquietantes baixos-relevos. No meio desta sala, estava escancarada a abertura circular de um poço rodeado por seis demoníacos altares de pedra. Não havia qualquer luz nesta vasta cripta cheia de um odor infernal e a pequena lamparina do sinistro mercador brilhava tão pouco que só a pouco e pouco é que se podia tomar consciência dos pormenores. Na outra extremidade encontrava-se um alto estrado de pedra para o qual se subia por cinco degraus. Aí, num trono dourado, estava sentada uma silhueta apática, vestida de seda amarela com bordados vermelhos e ocultando o rosto com uma máscara da mesma seda. O homem de olhos turvos fez um gesto com a mão e o ser escondido no escuro respondeu levantando, com as suas patas cobertas de seda, uma flauta de marfim pavorosamente decorada de onde, sob a sua máscara, retirou sons verdadeiramente repulsivos. Este diálogo

prosseguiu por um momento e havia no som desta flauta e no cheiro desta cripta qualquer coisa que, se bem que extremamente incómoda, era no entanto familiar a Carter. Lembrava-lhe a terrível cidade iluminada a vermelho e a revoltante procissão que aí tinha visto desfilar. Lembrava-lhe também a pavorosa escalada através do deserto lunar antes de terem chegado os gatos que o iriam salvar. Sabia que aquele que estava no grande estrado era, sem dúvida nenhuma, o indescritível Grande Sacerdote a quem a lenda atribui poderes diabòlicamente anormais. Mas receava o simples pensar sobre o que poderia ser este sinistro sacerdote.

A seda bordada abriu um pouco, descobrindo uma pata branca e acinzentada. Carter adivinhou quem era este repulsivo sacerdote. Num segundo mortal, um medo invisível levou-o a realizar um gesto que nunca teria ousado se estivesse na plena posse da sua razão. Na sua lucidez perturbada havia apenas a decidida vontade de fugir daquilo que estava sentado no trono dourado. Sabia que labirintos de pedra o separavam do planalto exterior, sabia que nesse planalto o esperava ainda o infernal Shantak. Mas apesar de tudo isso, o seu espírito estava possesso de uma imediata vontade de fugir àquela viscosa monstruosidade embrulhada em sedas.

O homem de olhos turvos tinha colocado a sua barroca lamparina num dos altares de pedra que rodeavam o poço e tinha avançado um pouco para, por meio de gestos, se dirigir ao Grande Sacerdote. Carter, que, até então, se tinha mantido numa absoluta imobilidade, atirou-se bruscamente para este homem, precipitou-o no buraco hiante por onde imediatamente desapareceu. A lenda conta que este poço desce até às infernais abóbadas de Zin, onde, nas trevas, os Gugs perseguem os Pálidos. Carter agarrou imediatamente na lâmpada e avançou por labirintos cheios de frescos. Metia ao acaso por um ou outro dos corredores e tentava não pensar na infecta massa informe que atrás dele ficava, no estrado de pedra, nem nos movimentos rastejantes que o deviam perseguir naqueles corredores sem luz.

Ao fim de alguns momentos, arrependeu-se da sua pressa irracional e pensou que teria feito melhor em seguir, no sentido inverso, os frescos que tinha visto quando entrava. Eram na verdade tão confusos e tão complicados que de pouca ajuda lhe teriam servido, mas de qualquer forma lamentava não o ter feito. Viu então que os frescos que agora o rodeavam eram ainda mais horríveis do que os primeiros, e percebeu que não estava nos corredores que dão para o exterior. Certificado, em breve de que ninguém o seguia, diminuiu a

rapidez da marcha, mas mal tinha recuperado a respiração quando um novo perigo o assaltou. A sua luz enfraquecia e em breve estaria numa noite de pez sem nada para o guiar.

Quando a luz se apagou completamente, continuou na escuridão, às apalpadelas, e rogou aos Grandes Antigos que lhe prestassem todo o auxílio possível. Às vezes sentia o chão de pedra inclinar-se para cima ou para baixo e uma ocasião tropeçou num degrau que não parecia ter qualquer razão de existir. Quanto mais avançava, mais humidade havia, e quando tinha de escolher num cruzamento ou numa passagem mais larga, escolhia sempre o caminho com menor inclinação. No entanto, descobriu que o caminho que seguia era a descer. O odor das abóbadas e as instruções que encontrava gravadas nas paredes e no chão gorduroso indicavam-lhe que ele mergulhava profundamente no interior do mórbido planalto de Leng. Mas nada lhe indicara o que finalmente acabou por acontecer a não ser a própria coisa, e o choque desse horrível e aterrador caos que corta a respiração. Enquanto avançava, lentamente, às apalpadelas, no chão escorregadio desse local quase plano, caiu bruscamente num poço tenebroso e quase inteiramente vertical. Nunca pôde ter a certeza de quanto tempo demorou esta horrível queda, mas parecia demorar horas, no meio de uma náusea delirante e de um extáctico frenesim. Percebeu, a seguir, que se encontrava de novo debaixo das fosforescentes nuvens de uma noite nórdica que, tristemente brilhava à sua roda. Envolviam-no muros arrombados e colunas destruídas: o lajedo sobre o qual estava estendido estava coberto de ervas e cheio de raízes e pequenos arbustos. Vertical e infinita, erguia-se atrás dele uma coluna de basalto cujo lado sombrio estava coberto por repugnantes baixos-relevos e perfurado por uma entrada abobadada que dava para as trevas interiores que acabara de deixar. À sua frente, estendia-se uma dupla fila de pilares e de fragmentos de pilares que indicavam ter havido ali, em antigos tempos, uma avenida. Ao ver as urnas e os lagos que estavam dispersos ao longo deste passeio, compreendeu que se tratava de uma antiga alameda de jardim. Ao longe, ao fim do jardim, os pilares afastavam-se para descreverem uma vasta praça circular. No interior deste círculo desenhavam-se, por baixo das lívidas nuvens nocturnas, duas coisas monstruosas: dois enormes leões de diorite entre os quais se avistavam apenas trevas e sombras. Tinham mais de vinte pés de altura, as cabeças de traços intactos caíam para trás e exibiam os dentes às ruínas que os cercavam. Carter sabia perfeitamente o que eram

estes dois leões, pois as lendas mencionam exactamente apenas dois. Eram os imóveis guardas do Grande Abismo e estas sombrias ruínas eram as de Sarkomand, a cidade original.

O primeiro gesto de Carter foi fechar e trancar a porta da falésia com os blocos e o cascalho que encontrou ao seu pé. Não pretendia ser perseguido pelo servidor do horrendo mosteiro de Leng. Na estrada que ia tomar encontraria por certo um número suficiente de novos perigos. Não tinha a menor ideia de como havia de deixar Sarkomand para as regiões habitadas do mundo dos sonhos. Não tinha nenhum interesse em descer até às grutas dos vampiros, pois sabia que estes não tinham mais informações do que ele próprio. Os três vampiros que o tinham ajudado a atravessar a cidade dos Gugs e a chegar ao mundo exterior ignoravam o caminho que, na viagem de regresso, deviam tomar para Sarkomand, e tinham projectado perguntar ao velho mercador de Dylath-Leen. Carter pensava, horrorizado, que teria, de novo, de atravessar o mundo subterrâneo dos Gugs, e mais uma vez aventurar-se na infernal torre de Koth, cujos ciclópicos degraus conduzem à Floresta Encantada. Não ousava aventurar-se sòzinho no planalto de Leng e passar pelo solitário mosteiro. Deviam ser numerosos os emissários do grande sacerdote e ele voltaria a encontrar antes do fim da viagem o pássaro Shantak ou mesmo outras «Coisas». Se conseguisse arranjar um barco poderia voltar a Inquanok dobrando o descarnado e horrível rochedo que se ergue a meio do mar. Os frescos originais tinham-lhe mostrado, no labirinto do mosteiro, que aquele terrível local se não encontra muito afastado de Sarkomand. Era muito pouco provável o encontrar um navio nesta cidade abandonada há milénios. Não via, também, possibilidades de construir um. Eram estes os pensamentos de Randolph Carter quando uma nova imagem começou a impor-se ao seu espírito. Semelhante a um imenso cadáver, a fabulosa Sarkomand estendia-se por baixo dele com os seus pilares negros, as portas em ruínas com as suas esfinges, as titânicas pedras e os inúmeros leões alados que se desenhavam na mórbida penumbra das luminosas nuvens nocturnas. À sua direita, longe dele, viu um clarão que não vinha de nenhuma nuvem e percebeu que não estava só no silêncio da cidade morta. A luminosidade subia para, caprichosamente, voltar a cair, fazendo vacilar reflexos esverdeados que inquietavam Carter. Aproximou-se rastejando pela rua cheia de entulho e por estreitas passagens que encontrava nas muralhas destruídas. Viu que se tratava do fogo de um acampamento aceso perto do

cais e que à sua volta havia numerosas formas incertas que se juntavam em sombrias massas. Por cima deste espectáculo, boiava um fedor mortal. Para além dele, era a ressaca oleosa do porto. Um grande navio balouçava ancorado, e Carter parou, cheio de pavor, ao perceber que se tratava de mais um das negras galeras que vêm da Lua.

Exactamente no momento em que se ia afastar do detestável fogo, notou um movimento entre as sombrias e incertas formas e ouviu um som estranho mas parcialmente reconhecível. Era o grito de horror de um vampiro que, num instante, se tinha transformado num verdadeiro uivo de angústia. Ao abrigo das ruínas monstruosas onde estava, Carter permitiu à sua curiosidade o vencer o medo e deu uns passos em frente em vez de bater em retirada. Uma vez, para atravessar uma rua descoberta, teve de rastejar como um verme sobre a barriga, de outra teve de se levantar para evitar ruídos num monte de mármore quebrado. Conseguiu no entanto, sem ser descoberto, encontrar, atrás de um enorme pilar, um esconderijo de onde podia observar toda a cena iluminada por uma luz verde. Aí, em redor de um fogo abominável alimentado de enormes pedaços dos cogumelos lunares, havia um repelente círculo de animais parecidos com sapos e de escravos quase humanos. Os escravos aqueciam nas chamas uns estranhos dardos de ferro de que, a intervalos regulares, aplicavam as pontas brancas a três prisioneiros amarrados que se torciam de dores em frente dos seus patrões. A partir do movimento das suas antenas Carter viu que os animais lunares de focinho achatado extraíam deste espectáculo um vivo prazer, e grande foi o seu horror quando reconheceu, sùbitamente, os frenéticos berros de dor, e compreendeu que os vampiros torturados eram o fiel trio que lhe tinha servido de guia e o tinha ajudado a sair, são e salvo, do Abismo. Tinham abandonado a Floresta Encantada com a intenção de se dirigirem para Sarkomand e para a porta da sua profunda pátria.

Era considerável o número de animais lunares que rodeavam aquele fogo esverdeado e Carter viu bem que nada podia por enquanto fazer para salvar os seus antigos aliados. Não podia adivinhar como tivesse sido a captura dos vampiros, mas imaginava que os monstros-sapos os tinham ouvido perguntar em Dylath-Leen o caminho para Sarkomand e não tinham querido que eles assim se aproximassem tanto do detestável planalto de Leng e do hediondo Sacerdote. Procurou, durante um momento, aquilo que deveria fazer e lembrou-se sùbitamente, que estava muito perto da porta do reino dos vampiros. Era evidente que o mais avisado era rastejar

para oriente até esse local onde se encontravam os dois leões e descer imediatamente até à caverna. Não iria, com toda a certeza, encontrar um horror pior do que aquele com que deparara e poderia ràpidamente encontrar vampiros prontos a socorrer os seus irmãos, e talvez a exterminar os animais lunares da galera negra. Havia a possibilidade de a porta, como todas as outras portas do Abismo, estar guardada por Bestas da Noite, mas ele já não temia essas criaturas sem rosto. Tinha aprendido que há contratos solenes que os unem aos vampiros e o vampiro Pickmann tinha-lhe ensinado o salvo-conduto.

Carter recomeçou a trepar silenciosamente pelas ruínas, seguindo lentamente pelas paredes, até chegar à praça central onde se encontram os alados leões. Foi difícil, mas os animais da Lua, empenhados que estavam no seu festim, não ouviram os ruídos que, por duas vezes, fez sobre as pedras soltas. Chegou, por fim, ao espaço descoberto e escolheu o seu caminho por entre as árvores mirradas e as vinhas que por ali vingavam. Os gigantescos leões desenhavam-se, terríveis, na mórbida luminosidade das nuvens fosforescentes. Intrépido, continuou a avançar para eles e trepou às suas goelas, no conhecimento perfeito de que era deste lado que ele iria encontrar o enorme mundo da obscuridade que eles guardam. Os animais de pedra, com os seus rostos trocistas, estavam agachados em ciclópicos pedestais cujos lados eram decorados com terríveis baixos-relevos. Separava-os um pátio, ao centro do qual tinha havido outrora um espaço rodeado por balaustradas de ónix. No meio deste espaço estava um poço negro e Carter, em breve, descobria que tinha chegado à caverna cujos antigos e decrépitos degraus conduzem até aos abismos do pesadelo.

É terrível a lembrança desta descida na escuridão onde, enquanto as horas passavam, Carter avançava às voltas por uma gigantesca espiral de degraus abruptos e escorregadios. Eram tão velhos e estavam tão usados estes degraus, a humidade do interior da terra tinha-os tornado tão viscosos, que Carter a cada momento esperava uma queda terrível até ao fundo dos derradeiros poços. Ignorava como e quando lhe cairiam em cima as Bestas da Noite. Por outro lado nem sequer tinha a certeza da sua existência nesta passagem dos primeiros tempos do mundo. À sua volta, sentia o horrível cheiro dos abismos infernais e sentia que o ar daquelas profundezas inquietantes não era feito para o género humano. Avançava sonolento e trôpego, movido por um impulso automático mais do que por uma vontade racional. Não sentiu sequer uma mudança quando deixou

de avançar, porque havia qualquer coisa que suavemente o agarrava pelas costas. Voava ràpidamente quando um maldoso beliscão o avisou de que as Bestas da Noite estavam a cumprir a sua missão.

Consciente de estar nas garras frias e húmidas das aves sem cara, Carter lembrou-se do salvo-conduto dos vampiros e berrou ao vento e ao caos, o mais alto que podia. Apesar de se dizer que as Bestas da Noite não têm qualquer espécie de compreensão, o efeito foi imediato. Cessaram imediatamente os beliscões e estes animais apressaram-se a colocar o seu prisioneiro numa posição mais confortável. Encorajado por este facto, Carter tentou as outras explicações. E contou a captura dos três vampiros pelos animais da Lua, a tortura que lhes infligiam e a necessidade de se formar um exército para lhes socorrer. Apesar de não falarem, as Bestas da Noite pareceram compreender o que ele dizia e lançaram-se num voo apressado e decidido. Bruscamente, as densas trevas deram lugar ao cinzento crepúsculo da terra interior, e abriu-se à sua frente uma das planícies estéreis e planas onde os vampiros gostam de se instalar. No momento em que Carter lançou o alarme, houve uma multidão de tocas que se abriram para lançar os seus habitantes de elásticos, corpos semelhantes aos dos cães. As Bestas da Noite desceram planando, depositaram o seu passageiro, recuaram um pouco para formarem um semicírculo enquanto os vampiros recebiam o recém-chegado.

Com rapidez e precisão, Carter entregou o seu recado à grotesca assembleia. Quatro vampiros enfiaram-se imediatamente em vários canais interiores para difundir a notícia e reunir as tropas de que teriam necessidade para a acção de salvamento. Depois de uma longa espera apareceu um vampiro importante. Fez uns sinais às Bestas da Noite que, como resultado, fizeram com que duas delas desaparecessem no negrume. A partir deste instante, vinham aumentar o rebanho de Bestas da Noite, incessantes reforços, até que for fim o chão lamacento ficou pràticamente coberto. Novos vampiros saíam, entretanto, das suas tocas, um a um e em gritos de excitação arrumavam-se num batalhão não muito longe da assembleia das Bestas da Noite. A certa altura, surgiu o orgulhoso e influente vampiro que outrora fora o artista Richard Pickmann de Boston, e Carter fez-lhe um apanhado geral de tudo o que tinha acontecido. O ex-Pickmann sentia-se feliz por voltar a ver o seu amigo e parecia muito impressionado. Imediatamente, foi para um local um pouco afastado do exército, que continuava a aumentar, para conferenciar com os outros chefes.

Finalmente, depois de uma revista das tropas, os chefes reunidos gritaram em uníssono e começaram a dar as ordens aos vampiros e às Bestas da Noite. Desapareceu imediatamente um grande regimento de aves cornudas enquanto as outras, agrupadas a duas a duas, de joelhos em terra e as patas da frente estendidas, esperavam que um a um se aproximassem os vampiros. Assim que cada vampiro chegava ao par de aves que lhe estava destinado, montava no seu dorso e era levado para o meio da noite. O exército tinha em breve desaparecido completamente e só restavam Carter, Pickmann, os outros chefes e alguns pares de Bestas. Pickmann explicou que as Bestas da Noite eram a guarda-avançada dos vampiros e que o exército avançava para Sarkomand para tratar da sorte dos animais da Lua. Carter e os vampiros chefes aproximaram-se então das montadas que os esperavam, para o dorso das quais os puxaram umas patas húmidas e pegajosas. Uns segundos depois, estavam a voar no meio do vento e da noite, subindo, subindo, subindo sem fim até à porta dos leões alados, até às espectrais ruínas da velhíssima Sarkomand.

Quando, ao fim de longos minutos, Carter reviu a mórbida luz do céu nocturno de Sarkomand, foi para contemplar a Praça Maior apinhada de tropas de vampiros e de Bestas da Noite. Tinha a certeza de que o dia se aproximava mas o exército era de tal forma forte que não precisava sequer de surpreender o inimigo. Junto ao cais, brilhava ainda o luar esverdeado. Mas como já se não ouviam os gritos dos vampiros, parecia que a tortura tinha, de momento, cessado. Indicando silenciosamente a direcção às suas montadas e à guarda-avançada que os precedia, os vampiros subiram então em colunas espirais e, sobrevoando as desoladas ruínas, mergulharam sobre o fogo diabólico. Carter, que estava ao lado de Pickmann, encontrava-se agora na primeira fila dos vampiros e, ao aproximar-se do sinistro acampamento, viu que os animais lunares eram apanhados de surpresa. Amarrados e inertes os três prisioneiros estavam deitados junto ao fogo; os escravos dormiam, e as próprias sentinelas tinham faltado ao seu dever pensando, sem dúvida que, num reino como este, era completamente supérfluo o seu papel.

Foi extremamente rápido o ataque das Bestas da Noite e dos vampiros que nelas montavam. Cada um dos seres acinzentados com forma de sapo e cada um dos seus escravos semi-humanos foi apanhado por um grupo de aves antes mesmo de se ter levantado qualquer ruído. Os animais da Lua não tinham voz, mas os próprios escravos mal tinham podido gritar

antes de as patas de borracha os terem reduzido ao silêncio. Os monstros gelatinosos torciam-se horrivelmente, quando as horríveis Bestas os atacavam, mas nada podiam contra estas negras garras. Quando um animal lunar se torcia com uma violência excessiva, a Besta agarrava-a e puxava-lhe os tentáculos vibráteis, o que devia provocar uma tal dor que, imediatamente, abandonavam toda e qualquer resistência. Carter esperava ver uma grande carnificina, mas cedo percebeu que eram bem mais subtis os planos dos vampiros. Deram determinadas ordens às Bestas da Noite que seguravam os prisioneiros. E, em breve, estas pobres criaturas eram levadas silenciosamente para o Grande Abismo para, imparcialmente, serem distribuídas pelos Dholos, Gugs, Pálidos e por todos os outros habitantes da noite cujos métodos de alimentação muito fazem doer às vítimas escolhidas. Os três vampiros amarrados tinham entretanto sido libertados pelos seus companheiros, enquanto grupos vários percorriam as vizinhanças à procura dos animais da Lua que porventura se tivessem escondido ou tivessem embarcado na fedorenta galera escura ancorada no cais. Queriam ter a certeza de que nada tinha escapado à vitória geral. Ela tinha, na verdade sido total, pois os vencedores não conseguiam agora discernir nem mais um sinal de vida. Carter, preocupado em arranjar uma maneira de chegar ao resto do mundo dos sonhos, rogou-lhes incessantemente que não afundassem a galera. Este seu pedido foi imediatamente satisfeito, em sinal de gratidão pela maneira como ele tinha participado da situação dos três prisioneiros. A bordo, encontraram objectos e ornamentações curiosíssimas que Carter em parte deitou para as águas.

As Bestas da Noite e os vampiros formavam agora grupos separados. Estes últimos interrogavam os seus três companheiros acerca do que lhes tinha acontecido. Os três vampiros contaram que, a partir da Floresta Encantada tinham passado pelo Nir e pelo Skai até chegarem a Dylath-Leen, segundo os conselhos dados por Carter. Tinham roubado roupas humanas numa solitária e tentaram imitar o melhor que podiam o andar dos homens. O seu rosto e as suas maneiras grotescas tinham levantado inúmeros comentários nas tabernas de Dylath-Leen mas eles não desistiram de procurar o caminho de Sarkomand. Até que um velho viajante lho indicou. Só um barco que fosse para Lelag-Leng os poderia transportar, pelo que, pacientemente, se puseram à espera desse navio.

Devia ter havido espiões diabólicos que tinham ido revelar as suas intenções, porque dentro em breve sur-

gia no porto uma galera negra com mercadores de rubis que tinham enormes bocas e que convidaram os vampiros para umas bebidas na taberna. O vinho que lhes serviram era trazido numas sinistras garrafas talhadas em rubi. Depois de terem bebido, os vampiros viram-se prisioneiros a bordo de uma galera, tal como tinha acontecido a Carter. Desta vez, no entanto, os invisíveis remadores não dirigiram o navio para a Lua, mas sim para a antiquíssima Sarkomand. Deviam evidentemente tentar levar os prisioneiros até ao Grande Sacerdote. Tinham parado no descarnado rochedo que há no mar do Norte e que evitam os marinheiros de Inquanok. Aí foi a primeira vez que os vampiros viram os vermelhos donos do navio. Adoentados, apesar da sua própria fealdade, por uma tão grande mistura de monstruosidade e de cheiros insuportáveis, os vampiros testemunharam também nesse local as ignóbeis distracções da tripulação constituída por sapos. São esses divertimentos a origem dos uivos nocturnos que aterrorizam os homens. Tinham em seguida atracado junto às ruínas de Sarkomand e nessa altura começaram as torturas. O salvamento tinha interrompido a sua continuação.

Depois desta narrativa, discutiram-se os planos futuros. Os três vampiros salvos propunham um voo até ao rochedo descarnado e a exterminação de toda a guarnição de sapos. As Bestas da Noite não estavam, no entanto, de acordo com isto, pois a ideia de voarem por cima da água não as atraía. A maioria dos vampiros era favorável a este plano, mas não o poderiam realizar sem a ajuda das Bestas. Foi então que Carter, vendo que eles não sabiam utilizar a galera que ali ficara ancorada, se ofereceu para os ensinar a manejar os gigantescos remos. Aceitaram, entusiasmados, esta ideia. Tinha-se agora levantado um dia cinzento e debaixo de um nórdico céu de chumbo, um regimento de vampiros penetrou no repugnante navio para se sentar nos bancos dos remadores. Carter achou que eles tinham uma certa habilidade e, antes de a noite cair, fizeram umas pequenas saídas experimentais para fora do porto. Só três dias mais tarde é que ele achou prudente tentar a viagem. Então, o grupo de remadores instalou-se por fim. Pickmann e os outros chefes reuniram-se na ponte a discutir os métodos de aproximação e de ataque.

Desde a primeira noite que começaram a ouvir os uivos provenientes do rochedo. O seu timbre tinha um tal poder que toda a tripulação da galera se sentia violentamente emocionada. Mas quem tremia mais eram os três vampiros torturados, que só eles sabiam exactamente o que significavam aqueles guinchos. Não acharam conveniente tentar um ataque nocturno. E assim, debaixo das nuvens luminosas, o barco esperou as sombras de um dia cinzento. Quando o dia se levantou e cessaram por fim os gritos, os remadores voltaram aos seus lugares, as Bestas da Noite esconderam-se no porão e a galera avançou para o rochedo descarnado cujos cumes de granito se lançavam fantásticos, no céu triste e cinzento. Eram violentamente inclinadas as vertentes do rochedo, mas aqui e além divisavam-se, nas saliências, as paredes bojudas de estranhas habitações sem janelas. Podiam-se igualmente avistar os terraços que se abriam ao lado das grandes estradas. Nenhum barco humano tinha alguma vez estado próximo destes lugares ou pelo menos, aqueles que o tentaram, nunca de lá regressaram. Carter e os vampiros, sem qualquer medo, continuaram a avançar inflexivelmente e, contornando a encosta oriental do rochedo, chegaram ao cais que os três vampiros diziam encontrar-se na encosta sul, num porto formado pelos prolongamentos abruptos do rochedo.

Estes prolongamentos, que eram verdadeiras penínsulas, eram de tal forma cerrados que só permitiam a passagem de um barco. Dado que não parecia haver sentinelas, a galera avançou corajosamente nesta espécie de canal e entrou no porto pútrido e estagnado. Aí, só se via agitação e actividade. Havia vários barcos ancorados ao longo de um cais de pedra. Viam-se à borda de água inúmeros escravos semi-humanos que transportavam gaiolas e caixotes onde levavam horrores fabulosos e sem nome até junto de umas fortes carroças. Por cima do cais, incrustada na encosta vertical, havia uma pequena cidade e uma espécie de estrada que subia em espiral, serpenteando até se perder vista. Ninguém poderia dizer o que é que se encontrava no interior daquele prodigioso cume de granito. Mas aquilo que se divisava do exterior estava bem longe de ser encorajador.

CONCLUSÃO

Quando avistaram a galera que entrava no porto, as criaturas que se amontoavam no cais manifestaram uma grande agitação. As que tinham olhos fixavam-na atentamente, aquelas que não tinham agitavam os róseos tentáculos. Não tinham ainda, evidentemente, dado conta de que o navio tinha mudado de donos, porque os vampiros se pareciam bastante com os escravos com cornos e cascos, e as Bestas da Noite estavam escondidas no porão. Os chefes tinham concluído o seu plano. Tratava-se de desembarcar as Bestas da Noite assim que tivesse acostado, e de deixar trabalhar os instintos destes animais quase desprovidos de espírito, enquanto a galera voltaria a navegar. Abandonados no rochedo, os pássaros cornudos arrebatariam, em primeiro lugar, tudo o que encontrassem vivo e depois, sem reflectir, e empurrados pelo instinto, voariam velozmente para o Abismo. Esquecidos do seu medo da água, regressariam para as suas tocas. Com eles, levariam as presas para os destinos adequados nessa noite de onde poucos são os seres que regressam vivos.

O vampiro Pickmann desceu à proa e transmitiu estas instruções às Bestas. Entrentanto, o barco aproximava-se do inquietante e fedorento cais. Houve nessa altura uma agitação nova e Carter percebeu que os movimentos da galera tinham começado a levantar suspeitas. O homem do leme não se dirigia evidentemente para a doca prevista e as sentinelas já deviam nesta altura ter descoberto a diferença existente entre os tenebrosos vampiros e os escravos semi-humanos de quem tinham ocupado o lugar. Deve ter sido dado o alarme porque quase imediatamente começou a espalhar-se pelas pequenas ruas uma horda de animais

da Lua. Corriam das pequenas portas negras das casas sem janelas e devoravam a estrada que em zigue-zague corria à direita. Assim que a proa da galera tocou no porto, caiu sobre ela uma chuva de estranhas setas que mataram dois vampiros e feriram ao de leve um terceiro. Nesse momento, abriram-se as escotilhas que soltaram uma tumultuosa nuvem negra de Bestas da Noite que avançaram para a cidade como se fossem um rebanho de gigantescos morcegos cornudos.

Os gelatinosos animais da Lua estavam armados com um ariete, com o qual tentavam fazer recuar o navio dos invasores. Mas tiveram de abandonar esta tentativa quando abateram sobre eles as Bestas da Noite. Era um espectáculo terrível ver funcionar as presas elásticas destes animais sem cara, e era horrìvelmente impressionante contemplar a sua densíssima nuvem que se espalhava pela cidade e trepava a sinuosa estrada, até chegar às plataformas mais altas. Alguns destes pássaros negros largavam de vez em quando um sapo prisioneiro e era monstruoso ver a vítima rebentar quando se esmagava contra o chão. Assim que a última Besta abandonou o navio, os comandantes dos vampiros deram ordem de bater em retirada e os remadores, por meio das cinzentas penínsulas, levaram suavemente a galera para fora do porto. Na cidade, continuava o caos da batalha e da conquista. O vampiro Pickmann pensava que as Bestas da Noite ainda demorariam várias horas antes de se decidirem a dominar o seu medo das águas. Fez parar a galera a cerca de uma milha do rochedo descarnado para poder ver o que se passava e tratar as feridas. A noite caiu e o cinzento crepúsculo foi substituído pela mórbida fosforescência das nuvens. Os chefes dos vampiros continuavam a vigiar os cumes recortados do rochedo maléfico para ver o voo das Bestas da Noite. De madrugada, avistaram um ponto negro que tìmidamente voava por cima do cume mais alto e um momento depois, esse ponto transformava-se num enxame. Pouco antes da madrugada, o enxame começou a diminuir e um quarto de hora depois, tinha completamente desaparecido para nordeste. Uma vez por outra, parecia que tinham caído coisas no mar; Carter, no entanto, não se inquietou com isso. As suas observações tinham-lhe ensinado que os animais lunares não sabem nadar. Por fim, quando os vampiros se asseguraram de que as Bestas da Noite tinham partido com os seus malditos fardos para Sarkomand e para o Grande Abismo, a galera voltou ao porto, passando entre as duas penínsulas. O temível exército de vampiros desceu então a terra para ràpidamente se espalhar, cheio de curiosidade, pelo rochedo

nu onde as torres, as fortalezas e as muralhas eram todas construídas na própria pedra.

Terríficos eram os segredos escondidos nestas criptas diabólicas e sem janelas, e os divertimentos interrompidos dos animais da Lua tinham deixado inúmeros restos. Era possível verificar que cada uma dessas distracções tinha sido interrompida em estádios diferentes. Carter mandou trazer para o exterior umas *coisas* que pareciam terem uma certa visão mas precipitou-se a fugir quando descobriu umas outras *coisas*, acerca das quais nada de certo podia saber. O principal mobiliário destas moradas horrìvelmente mal cheirosas consistia em tamboretes e bancos talhados em madeiras lunares, e ornamentados com terríveis desenhos que não podem ser descritos. Havia inúmeras armas, utensílios e ornamentos, entre os quais grandes ídolos de rubi que representavam seres estranhos que não se podem encontrar na Terra. Estes últimos, apesar do seu material precioso, não davam qualquer desejo de roubo ou mesmo de os olhar. Carter teve o cuidado de estilhaçar cinco. Apanhou as setas e os dardos espalhados e, com a aprovação de Pickmann ofereceu-os aos vampiros. Para estes seres elásticos que parecem cães, estas armas eram uma novidade. Mas depois de breves tentativas, a sua habilidade natural permitiu que eles os manejassem com um perfeito domínio.

Nas partes mais altas do rochedo, havia muito mais templos do que habitações privadas, e em inúmeros salões secretos encontraram terríveis altares esculpidos, santuários e tanques rituais destinados ao culto de coisas ou de seres bem mais monstruosos do que os deuses selvagens que reinam em Kadath. Ao fundo de um templo, havia uma profunda passagem subterrânea, estreita e escura, por onde Carter se meteu com um archote na mão até ter chegado a um imenso salão sem luz cujo tecto tinha a forma de um zimbório. A abóbada dessa sala estava coberta de demoníacas esculturas, e no seu centro estava um poço negro e sem fundo análogo ao que se abre no chão do horrível mosteiro de Leng onde, solitário, reina o sinistro Grande Sacerdote. Na parede oposta, nas trevas para além do poço diabólico, Carter julgou divisar um portão de bronze trabalhado de uma maneira peculiaríssima. Uma razão desconhecida levantou nele indizíveis terrores que não só o não deixaram abrir mas mesmo aproximar-se dele. Voltou ràpidamente a juntar-se aos seus terríveis aliados que, por agora, se deixavam passear abandonadamente com um insuportável à vontade. Os vampiros tinham encontrado as brincadeiras interrompidas dos animais da Lua e estavam a aproveitar-se delas à sua

maneira. Tinham também descoberto uma barrica de vinho da Lua e estavam a rolá-la até ao cais para a levar, e mais tarde utilizar nas suas relações diplomáticas. Os três antigos prisioneiros que se lembravam do efeito produzido por esse vinho em Dylath-Leen em vão aconselharam os outros a não lhe tocar. Numa das caves que se abriam perto do cais, havia uma enorme quantidade de rubis, brutos ou polidos, trazidos das minas da Lua. Mas quando os vampiros descobriram que aquilo se não comia, deixaram de lhe prestar qualquer atenção. Carter não tentou sequer levar uma boa quantidade; por demasiado conhecia aqueles que os tinham extraído das minas.

De repente, as sentinelas deram enormes uivos de excitação e os ignóbeis assaltantes abandonaram o que estavam a fazer para correrem olhar para o mar e se juntarem em grupos no cais. Por entre as cinzentas penínsulas avançava ràpidamente uma outra galera negra. Minutos depois, os seres semi-humanos que estavam à proa apercebiam-se da invasão, e davam o alarme às monstruosas criaturas que estavam no porão. Os vampiros tinham ainda, felizmente, as setas e os dardos que Carter lhes tinha oferecido. À sua ordem, secundada por Pickmann, fizeram um quadrado de batalha e prepararam-se para impedir a aproximação do navio. Neste momento uma excitação súbita na galera mostrou que a tripulação tinha descoberto a alteração que se tinha dado, e a paragem instantânea do navio indicou que verificavam a superioridade numérica dos vampiros. Depois daquele momento de hesitação, os vampiros não puderam acreditar que a batalha tivesse acabado. O navio negro ia, ou procurar reforços, ou tentar desembarcar a sua tripulação noutro local da ilha. Pelo que uma patrulha de guardas-avançadas foi imediatamente mandada para o alto do rochedo, com a finalidade de vigiar os movimentos do inimigo.

Ao fim de alguns minutos, chegou um vampiro ofegante a anunciar que os animais lunares e os seus escravos semi-humanos estavam a desembarcar do outro lado da península cinzenta e escabrosa que se situava a oriente, e que estavam a trepar por escondidos caminhos agarrados a saliências onde nem uma cabra se aventuraria. Nesse momento, avistaram uma segunda galera no fim da passagem e poucos segundos depois, descia um segundo mensageiro a anunciar que um outro grupo desembarcava na outra península. Estes dois grupos eram mais importantes do que o fariam supor as dimensões das galeras. Empurrada por uma só fila de remos, em breve avançava a segunda pela península e parava no fétido porto, como se tivesse a intenção

de vigiar a batalha, a fim de poder intervir na altura certa.

Entretanto, Carter e Pickmann tinham dividido os vampiros em três exércitos: dois para avançarem contra as colunas inimigas e uma para defender a cidade. Imediatamente, as duas primeiras colunas começaram a escalar os rochedos, avançando cada uma em direcções contrárias enquanto a terceira se subdividia num exército de terra e num exército marítimo. O exército dos mares, comandado por Carter, subiu a bordo do navio ancorado e remou contra o navio inimigo. Ao ver o que se passava, este último bateu em retirada para o alto-mar. Carter não o perseguiu imediatamente, pois sabia que a sua presença na cidade poderia ser bem mais importante.

Durante este tempo, o aterrorizador destacamento de animais lunares e dos seus escravos semi-humanos, tinha chegado ao cimo das penínsulas e desenhavam-se de todos os lados de uma maneira inquietante contra o crepuscular céu cinzento. As frágeis flautas infernais dos invasores tinham entretanto começado a tocar e o aspecto geral desta procissão híbrida e semiamorfa suscitava uma náusea semelhante ao fedor que soltavam os horrores lunares com corpos de sapo. Os dois exércitos de vampiros estavam agora bem visíveis, desenhados contra o horizonte. De parte a parte, voavam os dardos; gradualmente os berros dos vampiros e os bestiais grunhidos dos seres semi-humanos juntavam-se à infernal música das flautas. Era um caos indescritível e uma demoníaca cacofonia. Caíam, de vez em quando, das estreitas cristas das penínsulas, corpos, quer para o exterior, no mar, quer para o interior, no porto. No último caso eram imediatamente apanhados por animais submarinos cuja presença só se manifesta pelas prodigiosas bolhas que fervilhavam.

Durante meia hora rugiu a batalha, até que na falésia ocidental os invasores foram completamente dominados. Na falésia oriental, onde parecia estar o chefe dos animais da Lua, os vampiros não estavam numa posição tão favorável, e lentamente começavam a retirar pelas encostas do rochedo. Pickmann enviou imediatamente para essa frente os reforços que retirou ao exército da cidade. Foi eficaz a sua ajuda nas últimas fases do combate. Quando, a ocidente, a batalha terminava, os vencedores apressaram-se em socorrer os seus irmãos em perigo e conseguiram assim empurrar os invasores para a estreita crista da península. Tinham morrido todos os escravos semi-humanos, mas lutavam desesperadamente as últimas hordas de sapos. Agarravam enormes lanças nas suas poderosas e repugnan-

tes patas. Agora já, pràticamente, não havia possibilidades de lançar os dardos e o combate passou a ser um corpo-a-corpo no qual eram necessàriamente poucos os lutadores lunares que se mantinham sobre a estreitíssima península.

Aumentava a fúria e a temeridade do combate e era já considerável o número dos que caíam ao mar. Os que caíam no porto tinham uma morte horrível nas gargantas dos invisíveis submarinos. Mas aqueles que caíam no mar conseguiam nadar até ao sopé da falésia e voltar a subir aos rochedos. A galera inimiga que rondava naquelas paragens pôde assim salvar vários animais da Lua. As falésias não se podiam escalar, excepto no local onde os monstros tinham desembarcado, e assim nenhum dos vampiros que conseguira salvar-se do mar e trepar para as rochas podia voltar a juntar-se à frente da batalha. Alguns morreram aos dardos que continuava a lançar a galera inimiga ou os animais que se encontravam por cima deles. Outros sobreviveram, e puderam ser salvos. Quando parecia estar salvaguardada a segurança das tropas terrestres, a galera de Carter atravessou o canal que separa as duas penínsulas e, no alto-mar, perseguiu o navio inimigo até que os vampiros tiveram a certeza de que a ilha tinha sido totalmente libertada. Entretanto, a galera inimiga tinha desaparecido. Decidiram os vampiros evacuar o infernal rochedo descarnado antes de se poder reunir uma horda de monstruosidades lunares que sobre eles caísse. Ao cair da noite, Pickmann e Carter juntaram todos os vampiros que, cuidadosamente, foram contando. Verificaram, então, que no furor da batalha tinha desaparecido mais de um quarto. Os feridos foram deitados em macas e levados para bordo. Pickmann sempre se tinha oposto ao velho costume dos vampiros que matam e devoram os seus feridos. As tropas intactas foram destinadas aos remos e a todas as tarefas que podiam executar com utilidade. A galera levantou a âncora e Carter não deixou de sentir um certo contentamento ao deixar esta ilha de infernais segredos. Voltava-lhe incessantemente ao espírito a sala abobadada, o poço sem fundo e a repugnante porta de bronze. A alvorada encontrou o navio em frente ao cais de basalto das ruínas de Sarkomand. Esperavam, ainda, algumas sentinelas das Bestas da Noite, agachadas como gárgulas negras e cornudas nas colunas quebradas e nas esfinges derrubadas daquela temerosa cidade que viveu e morreu antes da era dos homens. Os vampiros armaram o seu acampamento entre as pedras amontoadas de Sarkomand e mandaram um emissário juntar as Bestas da Noite que lhes servissem

de montada. Pickmann e os outros chefes manifestaram uma enorme gratidão para com Carter pelo auxílio que lhes tinha prestado. Carter começava a sentir que os seus planos iam pelo melhor, e que poderia recorrer ao auxílio destes terríveis aliados, não sòmente para deixar esta região da terra dos sonhos, mas mesmo para prosseguir na sua busca última dos deuses que reinam sobre Kadath, a cidade desconhecida e para descobrir essa maravilhosa cidade do crepúsculo que tão estranhamente se oferecia aos seus sonhos. Explicou os seus projectos aos chefes dos vampiros, dando todas as informações que possuía acerca da gelada vastidão onde se ergue Kadath, os monstruosos pássaros Shantak e as montanhas esculpidas em formas bifrontes que a guardam. Falou do pavor que aos Shantak inspiram as Bestas da Noite, e contou a fuga e os gritos dos pássaros com cabeça de cavalo quando passam pelas sombrias tocas que se abrem na encosta dos cumes cinzentos que separam Inquanok de Leng. Contou também aquilo que os frescos do mosteiro sem janelas onde reina o indescritível Sacerdote lhe tinham ensinado sobre as Bestas da Noite que os próprios Grandes Antigos temem, esses deuses cujo chefe não é afinal Nyarlathotep, o Caos, mas sim o imemorial Nodens, empalidecido pelos tempos, o Rei do Grande Abismo.

Carter contou tudo isto aos vampiros e formulou o pedido que tinha em mente, pedido que não julgava ser demasiado extravagante, dados os serviços que ele recentemente tinha prestado àqueles seres de borracha com corpos semelhantes aos dos cães. Desejava ardentemente, dizia, ter à sua disposição o serviço de bastantes Bestas da Noite que, com toda a segurança, o transportassem para além do reino dos Shantaks e das montanhas esculpidas, até à vastidão gelada, para além dos sítios onde os homens já tinham ido e voltado. Queria chegar ao castelo de ónix que, no meio da vastidão gelada, domina Kadath, a cidade desconhecida, com a intenção de rogar aos Grandes Antigos a autorização de entrar na maravilhosa cidade do crepúsculo que, anteriormente, eles lhe tinham proibido. Tinha a certeza de que as Bestas da Noite o poderiam sem dificuldades, transportar até essas paragens, num voo muito alto, sobrevoando os perigos do deserto gelado e as horríveis formas bifrontes esculpidas no bloco das montanhas que, eternamente agachadas, servem de sentinelas naquele crepúsculo acinzentado. Não haveria qualquer perigo para aqueles seres cornudos e sem rosto, dado que os próprios Grandes Antigos as temem. No caso de surgir qualquer dificuldade da parte dos

Outros Deuses que, segundo se diz, dominam os assuntos dos pequenos deuses terrestres, as Bestas da Noite não deveriam ter qualquer receio, pois os infernos exteriores são totalmente indiferentes a pássaros tão silenciosos e imperceptíveis que, ainda por cima, não obedecem a Nyarlathotep, mas apenas ao poderoso e antiquíssimo Nodens.

Bastaria um grupo de dez ou doze Bestas para manter à distância todos os Shantaks. Mas talvez fosse melhor irem alguns vampiros na expedição para dirigirem as cegas criaturas dado que, sendo seus aliados, conhecem melhor os seus costumes do que os homens. Carter continuava a sua exposição, afirmando que o exército o poderia depositar num local qualquer dentro das muralhas que, possìvelmente, haverá em redor da cidadela de ónix. Poderia esperá-lo, depois, na penumbra, enquanto ele se aventurava no interior do castelo para prestar culto aos deuses. Se houvesse alguns vampiros que o preferissem escoltar até à sala do trono dos Grandes Antigos ele ficar-lhes-ia imensamente grato, pois a sua presença daria peso e importância aos seus rogos. Não iria, no entanto, insistir neste ponto. O que queria era ser transportado, ida e volta, até ao castelo que domina Kadath, a cidade desconhecida. A viagem final teria por destino, quer a maravilhosa cidade do crepúsculo, caso os deuses fossem favoráveis às suas orações, quer o regresso à Terra através da Porta do Sono Profundo que se ergue nas margens da Floresta Encantada, caso não tivessem resultado as suas orações.

Os vampiros ouviram atentamente o discurso de Carter e em breve cobria-se o céu de nuvens de Bestas da Noite que os mensageiros tinham ido buscar. Os monstros alados instalaram-se num semicírculo em redor do exército dos vampiros, esperando respeitosamente que os chefes tivessem discutido o pedido do terrestre viandante. O vampiro Pickmann conversava gravemente com os seus companheiros e, por fim, ofereceu a Carter muito mais do que este esperara. Carter tinha ajudado os vampiros na sua luta contra os animais da Lua, eles ajudá-lo-iam, por sua vez, na sua temerária viagem até ao reino de onde ninguém vem: não só lhe emprestariam algumas Bestas da Noite, mas todo o exército que nesse momento ali estava acampado, incluindo as Bestas e os velhos guerreiros vampiros. Conservariam apenas uma pequena guarnição para defender a galera tomada, e as outras conquistas feitas no descarnado rochedo. Partiriam assim que ele o quisesse e, uma vez chegados a Kadath, uma boa escolta de vampiros assisti-lo-ia enquanto ele fosse apresentar o seu pedido aos deuses da Terra no seu castelo de ónix.

Emocionado, sentindo uma satisfação e uma gratidão para as quais não encontrava palavras, Carter expôs os planos da sua audaciosa viagem aos chefes dos vampiros. Decidiram que o exército sobrevoaria a enorme altitude o horrível Leng, o seu hediondo mosteiro e as suas diabólicas aldeias de pedra. Só parariam nos grandes cumes cinzentos para discutir com as Bestas da Noite, cujas escavações semeiam, para o terror dos pássaros Shantak, os pontos mais altos daqueles montes. A partir dos conselhos que lhes dariam os habitantes daquelas paragens, decidir-se-iam quanto à estrada que os levaria ao seu destino. Avançariam para Kadath, a cidade desconhecida, quer pelo caminho do deserto que se estende ao norte de Inquanok, e onde se encontram as montanhas esculpidas, quer pelo caminho das províncias extremas do norte do repugnante Leng. Com os seus corpos de cão sem alma, os vampiros e as Bestas não receavam nada do que poderiam ocultar aqueles desertos que nunca ninguém atravessou, e não sentiam a menor inquietação ao pensarem em Kadath, a solitária cidade cujo castelo de ónix domina o topo do mundo.

Pelo meio-dia, os vampiros e as Bestas prepararam-se para o voo. Cada vampiro escolhia para o transportar um par de montadas cornudas. Carter tomou a cabeça do regimento, ao lado de Pickmann. Na guarda-avançada seguia uma fila dupla de Bestas sem cavaleiros. A um grito de Pickmann, todo aquele inquietante exército se elevou para cima das colinas quebradas e das esfinges em ruínas da original Sarkomand, numa nuvem de pesadelo. E cada vez mais subia até passar a grande falésia de basalto que se ergue por trás da cidade. Em breve estendia-se a perder de vista o terreno plano, estéril e frio dos arredores de Leng. A sombria coluna continuou a subir até aquele terreno plano já mais não ser do que um pequeno ponto nas profundezas. Ao dirigir-se para o norte por cima deste planalto de horrores contìnuamente varrido por ventos, Carter reviu, aflito, o círculo de grosseiros monólitos e de atarracados edifícios sem janelas que sabia abrigarem aquele aterrorizador blasfemo envolto em sedas, de cujas patas ele tantas dificuldades tinha tido de fugir. Desta vez não desceram. O exército, minúsculo morcego nas alturas do céu, sobrevoou a paisagem estéril onde se acendiam os bruxuleantes fogos das cidades ignóbeis. Não pararam, também, para contemplar as mórbidas contorções daqueles seres semi-humanos que, armados de cornos e de cascos, sopram

os seus instrumentos e eternamente dançam. Viram, a certa altura, um pássaro Shantak que voava rente na planície mas que, assim que os avistou, deu um horrendo berro, para logo a seguir partir para o norte, num grotesco movimento de pânico.

Chegaram nas brumas aos cumes cinzentos e semiderrubados que formam a fronteira de Inquanok, e planaram por cima das estranhas cavernas que Carter se lembrava de terem horrivelmente assustado os Shantaks. Aos gritos insistentes dos vampiros-chefes, saíram destes buracos rebanhos de negros pássaros cornudos com os quais conferenciaram, por meio de inquietantes gestos, os vampiros e as Bestas da Noite. Era dentro em pouco evidente que a melhor estrada era a que passa pelo deserto gelado que se estende ao norte de Inquanok, dado que as últimas paragens nórdicas de Leng estão cheias de invisíveis perigos que repugnam às próprias Bestas da Noite. Há aí umas casas brancas e hemisféricas, construídas por cima de uns estranhos montículos, que espalham insondáveis influências, que a velha sabedoria popular associa aos horrores dos Outros Deuses e de Nyarlathotep, o Caos.

Os habitantes dos cumes pouco ou nada sabiam acerca de Kadath, a não ser que para o norte se devia erguer uma grande maravilha que protegem os Shantaks e as montanhas esculpidas. Aludiram aos boatos que falavam das proporções anormais destas distâncias sem limites, e lembraram umas vagas informações que testemunham a existência de um reino onde eternamente reina a noite. Mas não sabiam dar mais informações. Carter e o seu exército agradeceram-lhes cortêsmente e, ultrapassando os altos cumes graníticos que se erguem nas fronteiras de Inquanok, desceram para baixo das luminosas nuvens da noite. Ao longe, avistaram as horrendas gárgulas agachadas que outrora eram montanhas, mas em cuja rocha uma virgem mão titânica esculpiu o horror.

Num círculo infernal, elas lá estavam agachadas, com as pernas a descansar na demoníaca areia do deserto e as mitras a perfurar as nuvens luminosas. Sinistras, lembrando lobos, as suas duas cabeças tinham rostos cheios de fúria, enquanto para o universo dos homens, se levantavam, num gesto de maldade, as suas mãos direitas. Vigiavam as fronteiras daquele mundo nórdico e gelado que não é um mundo humano. Dos seus esconderijos saíram a certa altura os diabólicos Shantaks, pesados como elefantes, mas assim que no céu brumoso avistaram a guarda-avançada das Bestas da Noite, fugiram com gemidos irracionais. Continuava para o norte o exército, sobrevoando as montanhas-gárgulas por cima de léguas e léguas de penumbroso deserto sem fronteiras. As nuvens tornaram-se cada vez menos luminosas e, por fim, Carter mergulhou numa obscuridade total, por onde avançavam sem hesitação as suas montadas aladas, nascidas e criadas que são nos abismos mais tenebrosos da terra. Pareciam ver não só com os olhos mas com toda a superfície húmida dos seus corpos escorregadios. Voavam sempre para a frente, para além dos ventos que vinham carregados de incertos cheiros e de ruídos suspeitos, sempre para a frente na obscuridade cada vez mais espessa, cobrindo distâncias tão prodigiosas que Carter se perguntava se eles ainda estariam no interior do mundo dos sonhos terrestres.

Súbito, iluminaram-se as nuvens e, espectrais, começaram a brilhar as estrelas. No fundo, tudo estava ainda escuro, mas estes frágeis sinais do céu pareciam estar animados de um significado que em mais parte alguma possuíam. Não era que fosse diferente a disposição das constelações. Mas estas posições familiares revelavam agora um sentido que nunca outrora tinham tão claramente manifestado. Tudo convergia para norte; cada curva e cada constelação do brilhante céu passava a ser parte de um gigantesco desenho que tinha por função levar o olhar, e depois o próprio observador, para um qualquer terrível e secreto destino da convergência, que para além se encontrava da gelada imensidade que sem fim se estendia à sua frente.

Carter voltou-se para oriente para ver se era ainda visível a enorme barreira de picos montanhosos que tinha dominado a sua viagem através do território de Inquanok. E, contra as estrelas, divisava uma silhueta recortada que testemunhava a presença das montanhas. Pareciam agora ainda mais destruídas, roídas por gretas escancaradas e dominadas por picos fabulosamente erráticos. Carter estudou atentamente as curvas e as sugestivas inclinações dos seus grotescos perfis, e estes pareciam-lhe dividir com as estrelas o misterioso magnetismo que os orientava para norte.

O exército avançava a uma velocidade louca, pelo que Carter teve de fazer um violento esforço de atenção para captar todos os pormenores. De repente, mesmo por cima da linha dos cumes mais altos, distinguiu um objecto negro que se movia contra as estrelas e cuja corrida era exactamente paralela à do seu exército. Os vampiros também tinham avistado este objecto, sobre o qual estavam agora a falar. Por um momento imaginou tratar-se de um gigantesco Shantak de dimensões infinitamente superiores às da média da espécie. Em breve iria ver que este pensamento era falso. A forma

do animal em questão, recordada por cima das montanhas, não era de modo algum a dos pássaros com cabeça de cavalo. O seu perfil, que era visto contra as estrelas de uma forma obrigatòriamente vaga, assemelhava-se a uma enorme cabeça com uma mitra ou melhor, a um par de cabeças infinitamente ampliadas ao infinito. Quanto ao seu voo rápido e saltitante através dos ares, parecia não ser movido por quaisquer asas. Carter não saberia dizer de que lado da montanha voava este animal, mas dentro em pouco reparava que, por cima daquilo que até então tinha percebido, possuía outros membros que tapavam as montanhas, quando voava pelos desfiladeiros que profundamente as cavavam.

Seguiu-se, na cordilheira, uma larga brecha, através da qual os degraus do horrível Leng se juntavam ao deserto gelado. As estrelas brilhavam aí com uma claridade fraca. Carter observou com toda a atenção esta abertura, sabendo que ela lhe permitiria ver, em silhueta desenhada contra o céu, o corpo inteiro deste animal de que tinha sentido, por cima das montanhas, o ondulante voo. O objecto tinha avançado um pouco, e todos os olhos do exército estavam fixos no imenso vale onde, contra o céu, se iria desenhar o imenso perfil. Lentamente, o gigantesco animal, visível por cima das serras, aproximou-se da cavidade, diminuindo a velocidade como se tivesse consciência de se ter afastado do exército de vampiros. Durante um minuto, eram intensas a angústia e a expectativa. Seguiu-se um breve instante em que se desenhou toda a silhueta com as suas gigantescas dimensões. Nos lábios dos vampiros via-se um tremor de pavor, ao mesmo tempo que era abafado um grito aterrador. Na alma do viandante passou um calafrio como jamais ele tinha verdadeiramente sentido. A forma colossal que dançava por cima dos cumes era só uma cabeça, uma dupla cabeça com uma mitra, por baixo da qual avançava, aos saltos sobre o gelado deserto, o terrível e enorme corpo que a transportava. Este monstro do tamanho de uma montanha avançava furtiva e silenciosamente. Era vagamente parecido com uma hiena que tivesse tido um qualquer cruzamento de antropóide e trotava na obscuridade, desenhando contra o céu o perfil repugnante de um par de cabeças com uns chapéus cilíndricos à meia altura do Zénite.

Carter não perdeu a consciência, pois era um velho sonhador, nem gritou; mas, horrorizado, olhou para trás, e tremeu ao divisar outras monstruosas cabeças que se recortavam por cima dos cumes das montanhas, saltando furtivamente na peugada da primeira. Ao sul, sobre as estrelas, viam-se três formas, fortes como

montanhas, que avançavam como os lobos, movendo as suas mitras nos ares, a um milhar de pés de distância.

As montanhas esculpidas que, com a mão direita levantada, se agrupam num semicírculo ao norte de Inquanok, tinham uma missão a cumprir e não a abandonavam. O horrível era que nunca falavam e que não faziam o mais pequeno ruído ao deslocarem-se.

Nesta altura, o vampiro Pickmann deu uma ordem às Bestas da Noite e o exército inteiro subiu nos ares. A grotesca coluna subiu em direcção às estrelas até que nada no horizonte se desenhava contra o céu, nem a granítica barreira cinzenta, nem as montanhas esculpidas que se movimentavam, agitando as suas horríveis mitras. Por baixo da legião que rumava, a norte, por entre ventos violentos e os invisíveis risos que se estilhaçavam no éter, eram as trevas totais. Nenhum Shantak nem nenhuma daquelas entidades estranhíssimas subiu até aí para os perseguir. Quanto mais avançavam, mais crescia a velocidade do voo de forma que, em breve, a sua vertiginosa velocidade parecia ultrapassar a de uma bala de espingarda, e aproximar-se da de um planeta na sua órbita. Carter perguntava-se como era possível que, dada a sua velocidade, ainda houvesse terra por baixo deles. Mas sabia que têm estranhas propriedades as dimensões do mundo dos sonhos. Tinha a certeza de que se encontravam no reino das noites eternas e imaginava que as constelações tinham secretamente acentuado a sua convergência para norte, juntando-se assim para lançar o exército voador para o vazio do pólo boreal da mesma forma que se juntam as pregas dos sacos para neles melhor fechar toda a mercadoria.

Reparou, aterrorizado, que as asas das Bestas da Noite já não mexiam. As cornudas montadas sem rosto tinham recolhido os seus apêndices membranosos e abandonavam-se passivamente ao caos do vento que rodopiava e parecia rir baixinho. Uma força que não vinha da Terra tinha capturado o exército das Bestas e dos vampiros que ficava assim impotente perante esta força que, cegamente, incessantemente os empurrava para o Norte de onde nunca regressou nenhum mortal. Surgiu, por fim, no horizonte, uma luz pálida e isolada que aumentava à medida que se aproximavam e que possuía por cima dela uma massa negra que apagava as estrelas. Carter percebeu que se devia tratar de uma espécie de farol iluminado sobre uma montanha, pois só uma montanha se podia elevar nos ares até uma altura tão prodigiosa.

Cada vez mais alto subia a luz e as trevas que a

levavam. Metade do céu nórdico estava obscurecido por aquela massa cónica e recortada. Apesar de o exército voar a uma enorme altitude, a luz ténue e sinistra do farol brilhava por cima dele, dominando monstruosamente todos os cumes mais elevados da terra e mergulhando no éter sem átomos onde gravitam a negra lua e os planetas sombrios. Aquela montanha que, na sua frente, se desenhava era desconhecida dos homens. As altíssimas nuvens que, por baixo, se estendiam eram apenas uma poeira que boiava no sopé dos altíssimos cumes. O ar estonteante que reina nestes cumes mais altos da terra limitava-se à meia altura dessa montanha. Aquele ponto lançado entre o céu e a terra erguia-se, orgulhoso e espectral, negro, nas eternas noites e coroado de diademas de desconhecidas estrelas cujos imponentes contornos se tornavam, significativamente, cada vez mais definidos. Os vampiros uivaram de êxtase quando os viram. Carter tremia de verdadeiro pânico, ao pensar que o exército se iria estilhaçar contra o duríssimo ónix da ciclópica montanha.

A luz elevava-se, cada vez mais alta, misturando-se com as órbitas do Zénite de onde piscava com uma lúgubre ironia para as tropas voadoras. Por baixo dela, estendia-se agora o norte: trevas espantosas, trevas temerosas cheias de rochas, trevas que subiam de profundezas infinitas até infinitas altitudes. No cimo de todo este espectáculo havia apenas o pálido farol que piscava, inacessível. Carter observava a sua luz atentamente e divisava por fim as linhas que, contra o céu, sobre as estrelas, desenhavam a sua retaguarda num negro de tinta da China. Havia torres neste cume titânico, horríveis torres cobertas de zimbórios que dominavam inúmeros andares. Estavam agrupadas numa arquitectura que ultrapassava tudo o que os homens podem conceber mesmo no mundo dos sonhos. Contra o diadema estelar que, no extremo limite da visão, brilhava de maldade, recortavam-se ao longe, minúsculos e negros, os edifícios e os terraços cheios de maravilhoso e de ameaças. Coroando esta desmedida serra, havia um castelo que ultrapassava toda a imagingão mortal e, no interior desse castelo, brilhava a luz do Diabo. Randolph Carter percebeu então que tinha terminado a sua busca, e que, por cima dele, via o fim de todas as suas viagens proibidas e de todas as suas temerárias visões: a fabulosa e inacreditável capital dos Grandes Antigos, por cima de Kadath, a cidade desconhecida.

Ao mesmo tempo que isto compreendia, Carter notou uma mudança de direcção do exército que irremediàvelmente estava prisioneiro dos ventos. Subia agora

abruptamente nos ares e era evidente que o ponto de convergência do voo era o castelo de ónix onde brilhava a ténue luz. Estava tão próxima a grande montanha negra que eles quase roçavam os flancos pelas encostas numa velocidade vertiginosa. Mas na obscuridade em que se encontravam nada conseguiram distinguir. As tenebrosas torres do Castelo da Noite desenhavam-se cada vez mais volumosas por cima deles e Carter pôde verificar que a sua grandeza atingia as dimensões da blasfémia.

Deviam ter sido necessários milhares de trabalhadores para extraírem estes blocos das pedreiras da horrível caverna aberta na rocha da montanha, ao norte de Inquanok. O seu tamanho era tal que um homem ao seu lado parecia estar ao pé de uma das mais altas fortalezas terrestres. O diadema de desconhecidas estrelas brilhava por cima de miríades de torreões e de zimbórios, com a sua luz mórbida e ténue que fazia planar uma espécie de crepúsculo por cima das muralhas de ónix polido. A pálida luz do farol era apenas uma janela brilhante que estava iluminada numa das zonas mais altas. Assim que o exército, prisioneiro do vento que o transportava, se aproximou do cume da montanha, Carter julgou ter avistado horríveis sombras que, lentamente, atravessavam o espaço mal iluminado. A janela tinha um estranhíssimo arco e a sua forma nada tinha de terreno.

O maciço rochedo tinha agora cedido o lugar às gigantescas fontes do castelo monstruoso e parecia que a velocidade do exército diminuía um pouco. Abriram-se enormes paredes e, num abrir e fechar de olhos, o exército viu-se precipitado para a abóbada de um enorme portão. Eram as trevas totais na titânica entrada, a que se seguiram as trevas profundíssimas dos corredores interiores que aspiraram a coluna por um enorme portal abobadado. Enchiam os obscuros labirintos de ónix turbilhões de vento gelado carregado de humidade. Carter não conseguiu adivinhar quais eram aqueles corredores e aquelas escadas que, silenciosamente, se abriam no caminho do seu voo sem fim. O seu terrível mergulho levava-os cada vez mais alto, e nunca um contacto ou uma visão, vieram destruir o densíssimo véu de mistério. Apesar, de numeroso, o exército dos vampiros e das Bestas perdia-se nos prodigiosos volumes daquele castelo supraterrestre. Quando, por fim e bruscamente, brilhou a estranha luz que vinha da torre cuja alta janela tinha funcionado como farol, Carter precisou de algum tempo para se aperceber do tecto e das altas e distantes muralhas, e para compreender que, afinal, não tinha voltado ao ar livre.

Randolph Carter tinha esperado fazer a sua entrada na sala de trono dos Grandes Antigos com orgulho e dignidade. Tinha esperado entrar solenemente escoltado por impressionantes filas de vampiros e dirigir as suas preces como nobre senhor do mundo dos sonhos. Sabia que se pode contactar com os Grandes Antigos, dado que o seu poder não ultrapassa o mundo dos mortais e esperara que os Outros Deuses e Nyarlathotep, o Caos, não tivessem interferência num momento crucial, como tantas outras vezes anteriormente, quando os homens tentavam chegar junto dos deuses da terra na sua morada ou nas suas montanhas. Tinha mesmo pensado que, se fosse necessário, desafiaria os deuses com a sua horrível escolta, sabendo que os vampiros a ninguém obedecem e que as Bestas da Noite não dependem de Nyarlathotep mas do imemorial Nodens. Ele agora tinha a certeza de que a extraordinária Kadath da vastidão gelada está guardada por maravilhas obscuras e por sentinelas sem nome e que os Outros Deuses vigiam atentamente os bondosos deuses da Terra. Apesar de não terem qualquer autoridade sobre os vampiros e as Bestas da Noite, os monstros sem forma e sem espírito do espaço exterior têm sobre eles vários poderes, sempre que necessário. E assim não foi como grande senhor do mundo dos sonhos que Randolph Carter, com os seus vampiros, entrou na sala do trono dos Grandes Antigos. Varrido por uma tempestade de pesadelo que soprava desde as estrelas, prisioneiro de invisíveis monstros que habitam nas nórdicas paragens, todo aquele exército voou, irremediàvelmente cativo na luz esbranquiçada, e acabou por cair, estonteado, no chão de ónix, quando uma ordem inaudível vez cessar este vento de horror.

Não foi a um estrado dourado que Randolph Carter chegou e não viu tão-pouco um solene círculo de seres rodeados por místico halo, seres de olhos semicerrados, de orelhas com lóbulos alongados, nariz fino e queixo pontiagudo, cujo parentesco com o rosto esculpido do Ngranek poderia designar como sendo aqueles a quem se devem dirigir as preces de um sonhador. Exceptuando a janela que se situa no ponto mais alto da torre, o castelo de ónix que domina Kadath é escuro e os seus donos estavam ausentes. Carter tinha chegado a Kadath, na vastidão gelada, mas não tinha ainda encontrado os deuses. No entanto, no cimo da torre, brilhava ainda a ténue luz da sala cujas dimensões eram bem pouco inferiores às dos outros volumes e cujas paredes e tecto a vastidão não deixava ver. Na verdade, estavam ausentes os deuses da terra, mas havia por ali outras presenças mais misteriosas e menos aparentes. Onde estão ausentes os deuses da indulgência, não deixam

de se fazer representar os Outros Deuses. E o divino castelo de ónix não estava pròpriamente desabitado. Carter não sabia quais as formas, quais os rostos em que agora se iria manifestar o terror. Tinham esperado a sua chegada, isso percebia ele. Qual teria sido o rigor da vigilância sobre ele exercida por Nyarlathotep, o Caos? É Nyarlathotep, monstro de infinitas formas, alma danada e mensageiro dos Outros Deuses, que os viscosos animais da Lua servem. Carter lembrou-se então da negra galera que tinha fugido quando, no descarnado rochedo que se levanta a meio do mar, a sorte do combate se tinha voltado contra as monstruosidades com forma de sapo.

Ao pensar nisto, Carter vacilou no meio da sua escolta de pesadelo, no momento em que, sùbitamente, ressoava na imensidão daquela sala pouco iluminada o som horrível de uma trombeta demoníaca. Por três vezes se soltou o horrível uivo de estanho e quando, numa espécie de risada, desmaiavam os ecos do último grito, Randolph Carter descobriu que estava só. Por quem e como tinham sido raptados à sua vista os vampiros e as Bestas da Noite? Ele não o saberia dizer. Tudo o que sabia era que agora estava totalmente isolado e que, quem quer que fossem as invisíveis potências que se escondiam à sua volta, elas não pertenciam ao mundo bem conhecido dos sonhos terrestres. Na extremidade da sala ressoou um novo som. Era um som de trombeta que se modulava num ritmo preciso, mas muito diferente dos três sons roucos que tinham dispersado a sua impetuosa escolta. Nesta surda fanfarra, o ecò ressoava com todo o seu esplendor e com a melodia dos sonhos etéreos. Visões exóticas, de uma beleza inimaginável, saíam de cada estranho acorde e de cada mágica cadência. Vieram casar-se às notas douradas uns cheiros de incenso e acendeu-se uma grande luz, cuja cor mutável obedecia a desconhecidos ciclos do espectro terrestre e seguia, em ocultas harmonias sinfónicas, o ritmo das trombetas. Brilharam ao longe uns archotes e bem perto vibrou um rufar de tambor, no meio de uma angustiada expectativa.

Das nuvens de incenso e das brumas que se levantavam saíram duas colunas de escravos negros e gigantescos que usavam longos panejamentos de seda iridescente. Na cabeça, traziam luzeiros de metal brilhante que pareciam carapaças. Estes archotes espalhavam em espirais de fumo o perfume dos secretos bálsamos. Na mão direita, traziam varinhas de cristal cujas extremidades tinham, esculpida, a forma de quimeras. Na mão esquerda seguravam longas e afiadíssimas trombetas de prata nas quais, um a um, sopravam.

Nos pulsos e nos tornozelos, traziam pulseiras de ouro, e estavam todos amarrados a uma cadeira de ouro que os obrigava a um andamento certo. Era evidente que se tratava de verdadeiros negros, originários do mundo terrestre dos sonhos, mas era menos evidente que o seu rito e os seus costumes fossem verdadeiramente terrestres. As colunas pararam a três pés de Carter, ao mesmo tempo que todos os homens levavam as trombetas aos finíssimos lábios. Selvagem e estática foi a música que se seguiu. Mas mais selvagem foi o grito que se lhe seguiu, grito cuja estridência parecia nascer de um estranho artifício.

Entre as duas colunas separadas por um largo espaço apareceu nessa altura uma silhueta solitária, uma grande silhueta esgalgada com um rosto jovem, digno dos antigos faraós, e com fatos prismáticos e um diadema de ouro que luzia como se fosse uma luz interior. Esta silhueta real aproximou-se ràpidamente de Carter. O seu andar orgulhoso e os seus traços elegantes tinham o fascínio de um deus sombrio e de um arcanjo caído. As pálpebras pareciam esconder as cintilações de um humor caprichoso. Esta silhueta falou, e na sua voz grave passava a selvagem música das correntes do Letes.

— Randolph Carter— disse a voz — vieste ver os Grandes Antigos sabendo muito bem que a lei o proíbe aos homens. Os guardas avisaram os Outros Deuses que grunhiam e se torciam absurdamente ao som das flautas no vazio derradeiro e negro onde reina o sultão demoníaco de que nenhuma voz ousa pronunciar o nome em voz alta.

Quando o Sábio Barzai escalou o Hatheg-Kla para ver os Grandes Antigos dançar e cantar ao luar, não conseguiu regressar. Os Outros Deuses estavam lá, e fizeram o que estava previsto. Zenig de Aforá tentou chegar a Kadath, a cidade desconhecida das geladas paragens, e o seu crânio ornamenta agora o anel do dedo mínimo daquele cujo nome não preciso de dizer. Pelo contrário, vós, Randolph Carter haveis desafiado todos os perigos do mundo terrestre dos sonhos e ardeis ainda do fogo dessas buscas. Não viestes por curiosidade, mas porque queríeis buscar aquilo que vos é devido e nunca faltastes ao respeito que deveis aos deuses da terra. Estes deuses proibiram-vos no entanto de descer à maravilhosa cidade do crepúsculo que vistes em sonhos e só o fizeram devido à sua própria cobiça, porque na verdade desejavam ardentemente possuir a mágica doçura daquilo que a vossa imaginação moldou e tinham jurado que, a partir de então, nenhum outro lugar seria a sua cidade.

Deixaram o castelo que dominava Kadath, a cidade desconhecida, para se irem instalar na vossa cidade maravilhosa. Passam o dia a divertir-se nos seus palácios de mármore e, ao cair do sol, saem dos seus jardins perfumados para contemplar a glória do crepúsculo nos templos e nas colunatas, nas pontes arqueadas e nos tanques e fontes argênteas, nas largas ruas bordejadas de urnas cheias de flores e de brilhantes filas de estátuas de marfim. Quando chega a noite, trepam no orvalho para os altos terraços, e sentam-se em bancos de pórfiro esculpido, a esquadrinhar as estrelas. Ou, apoiados às balaustradas, contemplam a norte a cidade e as abruptas encostas onde, uma a uma, se acendem docemente as calmas luzes amarelas das pequenas janelas das velhas empenas pontiagudas.

Os deuses gostam da vossa cidade maravilhosa pela qual se afastaram do caminho dos deuses. Esqueceram as altas paragens da terra e as montanhas onde passaram a sua juventude. A terra já não tem um deus que seja verdadeiramente um deus, e só os Outros Deuses do espaço exterior é que têm influência sobre a esquecida Kadath. Os Grandes Antigos brincam, longíssimo, num vale que pertence à vossa própria infância. Vós sonhastes admiràvelmente, ó sábio arqui-sonhador, pois os deuses do sonho roubastes ao mundo das visões dos homens para os levar para um que é totalmente vosso e onde construístes, a partir dos breves sonhos infantis, uma cidade mais bela do que todos os fantasmas que anteriormente existiram.

Não é bom que os deuses da terra abandonem os seus tronos à aranha para neles ela bordar a sua teia, nem que abandonem os seus reinos aos Outros Deuses, para que aí eles governem da sua maneira estranha. As potências exteriores, que haveis perturbado, enviariam de boa vontade contra vós o horror e o caos se elas não soubessem que só vós podeis fazer com que os deuses regressem ao seu mundo. Nenhuma potência das trevas derradeiras se pode aventurar nesse mundo do sonho semiacordado que é o vosso. Só vós podeis, com a vossa diplomacia, expulsar da vossa maravilhosa cidade crepuscular os Grandes Antigos egoístas, e fazer com que, através do crepúsculo nórdico, voltem para as paragens que os esperam na imensidão gelada dos cumes de Kadath, a cidade desconhecida.

É assim, Randolph Carter, que eu vos poupo em nome dos Outros Deuses, e vos condeno a servir-me. Condeno-vos a buscar essa cidade crepuscular que é vossa e a expulsar dela os sonolentos e preguiçosos deuses que o mundo dos sonhos espera. Não são difíceis de encontrar a fanfarra de celestes trombetas, aquele

espanto de símbolos imortais, o mistério, cujo significado e situação vos perseguiram através dos espaços da vigília e as cavernas do sonho, e vos atormentaram com a memória das coisas desaparecidas. Não é difícil reobter as relíquias e os símbolos dos vossos dias de visões maravilhosas. Elas são na verdade a gema eternamente fixa onde brilham, cristalizadas, todas as maravilhas que iluminam o vosso percurso nocturno. Contemplai! não é para lá de ignotos mares, mas sim no passado que bem conheceis, que deveis prosseguir as vossas buscas; num regresso às estranhas luzes da infância e às visões banhadas de sol e de magia que as velhas paisagens exigem aos jovens do espanto.

Sabei que a vossa maravilhosa cidade de ouros e mármores é apenas a soma de tudo o que vistes e amastes na vossa juventude. É o esplendor glorioso dos tectos, das vertentes e das janelas ocidentais inflamadas pelo crepúsculo de Boston. São os cheiros de flores de Common e o grande zimbório na colina, o cruzar das empenas e das chaminés no vale violeta onde, preguiçoso, corre o Charles das muitas pontes. Vós haveis visto estes lugares, Randolph Carter, quando, pela primeira vez, a vossa ama vos passeou uma Primavera. E vão ser estes os derradeiros lugares que ides ver com os olhos da memória e do amor. Há a velhíssima Salem carregada de idades; e a espectral Marblehead que exibe os seus rochosos abismos aos séculos passados; e a glória das torres e das espiras de Salem avistadas ao longe das pastagens de Marblehead que, sobre o porto, se recortam contra o poente.

Há ainda Providence, curiosa e magestática, com as suas sete colinas por cima do porto azul. Providence ergue-se com os seus terraços relvados até aos campanários e às muralhas de uma sempre viva antiguidade. E Newport, que trepa como um pontão a partir do seu molhe de sonhos. É aí que, com os seus tectos vacilantes e cheios de musgo, as suas planícies rochosas e ondulantes se ergue Arkham; e a antediluviana Kingsport, enbranquecida pelos tempos, com as suas chaminés cerradas, os cais desertos, as suas empenas inclinadas, a maravilha das suas altas falésias e o oceano coberto de brumas leitosas, por onde rodam as bóias.

Os frescos vales de Concord, as ruas calcetadas de Portsmouth, as curvas crepusculares das rústicas estradas de New Hampshire, onde gigantescos ulmeiros quase escondem as brancas muralhas e as escalavradas espirais dos poços. Os portos de sal de Gloucester e os salgueiros balouçando ao vento de Truro. O perfil de uma longínqua aldeia na vertente e de colinas situadas para além das colinas por onde corre o rio do Norte

revela o silêncio das encostas pedregosas e das casas cobertas de hera, construídas ao abrigo das paredes naturais, no interior de Rhode Island. O cheiro do mar e dos campos, o perfume das sombrias florestas e a alegria dos jardins e dos vergéis matinais. É isto, Randolphe Carter, o que é a vossa cidade, pois é isto que é a vossa própria essência. A Nova Inglaterra que vos criou verteu na vossa alma um encantamento què não pode morrer. Esta beleza moldada, cristalizada, polida por anos e anos de lembranças e de sonhos é a essência real da visão dos maravilhosos terraços banhados por poentes indefiníveis. Basta lembrar-vos dos pensamentos e das visões da vossa juventude sedenta de sonhos para descobrir aquele parapeito de mármore cheio de urnas curiosas e esculpidas rampas, e para, finalmente, descerdes os degraus bordejados de balaustradas que conduzem à cidade das grandes praças e das prismáticas fontes.

Olhai! Através desta janela brilham as estrelas das eternas noites. Cintilam ainda, por cima das paisagens que conhecestes e amastes, bebem o seu encanto para, mais belas ainda, brilharem sobre os oníricos jardins. É aí que está Antares que cintila neste momento, sobre os telhados de Tremont Street. Podíeis vê-la da vossa janela de Beacon Hill. Para lá destas estrelas abrem-se cavernas de onde fui enviado pelos meus senhores absurdos. Vós podeis um dia atravessá-las também, mas se fordes sensato nunca cometereis uma tão grande loucura, pois de entre os mortais que fizeram esta viagem de ida e volta só um voltou que não tivesse o seu espírito marcado pelos esmagadores terrores do Vazio. Os terrores e as blasfémias disputam-se o espaço, e os menos poderosos são os que mais se agitam. Deveis tê-lo visto a partir da maneira de agir daqueles que vos captaram para vos entregarem a mim. Pela minha parte, não tinha o menor desejo de vos condenar, e pelo contrário ter-vos-ia, de há muito, ajudado se não tivesse tido umas outras ocupações, e se não tivesse a certeza de que encontraríeis o vosso caminho. Fugi, pois, dos infernos exteriores e fixai-vos nas calmas e tranquilas paragens da vossa juventude. Continuai a buscar a vossa cidade maravilhosa e expulsai dela os preguiçosos Grandes Antigos para, com diplomacia, os enviar para estas paisagens que testemunharam a sua juventude e que, impacientemente, esperam o seu regresso.

Mais fácil do que a incerta memória é o caminho que eu vos preparei. Olhai! Eis que se aproxima um monstruoso Shantak conduzido por um escravo que se tornou invisível para o descanso da vossa alma. Montai esse pássaro e preparai-vos. Bom! O negro Yogash

ajudar-vos-á a equilibrar-vos sobre o horrível animal com escamas. Dirigi-vos para aquela estrela brilhante que vedes mesmo por cima do Zénite. É Vega e dentro de duas horas estareis a sobrevoar os terraços da vossa cidade do crepúsculo. Ide na direcção daquela estrela até ouvirdes um cântico longínquo perdido no éter. Para além dele, esconde-se a loucura. Assim que ouvirdes a primeira nota desse fascinante cântico, parai o vosso pássaro Shantak. Voltai então para a terra, onde vereis logo brilhar, no tecto sagrado do templo, as imortais chamas do altar de Ired-Naa. Este templo situa-se na vossa cidade do crepúsculo, pelo que deveis dirigir-vos para ele em vez de vos deixardes seduzir pelo cântico que vos levaria à perdição.

Quando chegardes perto da cidade, ponde-vos à procura do alto parapeito de onde, outrora, avistastes o esplendor do crepúsculo. Espicaçai o Shantak até ele gritar. Os Grandes Antigos, sentados nos seus terraços perfumados, ouvirão o seu grito e compreendê-lo-ão. Serão imediatamente tomados por uma tão grande saudade da terra natal que nem todas as maravilhas da vossa cidade chegarão para os consolar da perda do austero castelo de Kadath e do diadema de eternas estrelas que o coroa.

Deveis, nessa altura, aterrar com o Shantak no meio deles e deixá-los tocar no fedorento pássaro com cabeça de cavalo, falando-lhes da cidade desconhecida de Kadath. Dir-lhes-eis que há pouco tempo a deixastes e explicar-lhes-eis como são, a um mesmo tempo, sombrias e belas, as imensas salas, onde outrora tinham o costume de combater e de, sobrenaturalmente, se divertirem. O Shantak falar-lhes-á à maneira dos Shantaks, mas a única forma de persuasão será a memória dos dias antigos.

Falai incessantemente destas paragens e da sua juventude até que por fim eles comecem a chorar e vos peçam para lhes indicar o caminho de regresso, que esqueceram. Separar-vos-eis então do Shantak para ele se lançar aos céus com o grito de apelo da sua raça. Cheios de antigas alegrias, os Grandes Antigos lançar-se-ão então no rasto do monstruoso pássaro, através das profundas cavernas do espaço, até às torres e aos zimbórios da sua Kadath.

Será então para sempre vossa a maravilhosa cidade do poente, onde vos divertireis e onde vivereis para sempre. Uma vez mais, os deuses da terra voltarão a reger os sonhos dos homens do alto do seu trono normal. Parti agora. A janela está aberta e lá fora esperam-vos as estrelas. Já respira de impaciência o vosso Shantak. Rumai na noite a Vega, mas regressai

assim que ouvirdes o fascinante cântico que vos trairá. Não esqueceis esta recomendação, com a certeza de que, se o fizerdes, haverá indizíveis horrores que vos puxam para as cavernas da terrível loucura. Lembrai-vos dos Outros Deuses, que são grandes, absurdos e inexoráveis, e que se escondem nos vácuos exteriores. São deuses que é preciso evitar a todo o custo.

Heil Ao — Shanta' nyghl Sois livre! Fazei com que voltem os deuses da terra à sua casa por cima de Kadath, a cidade desconhecida, e rogai ao espaço que nunca me volteis a encontrar em qualquer das minhas mil formas. Adeus, Randolphe Carter, e toma cuidado, *porque sou eu Nyarlathotep, o Caos.*

Cavalgando no seu Shantak, Randolph Carter, elevou-se no espaço, sufocado e inquieto, na direcção da fria luz azul de Vega, a estrela boreal. Voltou-se, uma vez, para contemplar a massa e o caos dos torreões daquele pesadelo de ónix no seio do qual brilhava ainda a solitária e ténue luz da janela aberta, mais alta do que os sonhos e do que as nuvens do mundo terrestre dos sonhos. Fora do seu alcance boiavam, na escuridão, enormes monstros com a forma de pólipos e à sua volta esvoaçavam numerosos morcegos invisíveis. Carter agarrava-se com toda a força à enorme crina do repugnante animal com cabeça de cavalo. Dançavam, irónicas, as estrelas e de tempos a tempos pareciam transformar-se em pálidos sinais do destino, sinais que o aterrorizariam se nunca, anteriormente, ele os tivesse visto e temido. Entretanto, os eternos ventos interiores sopravam nas vagas trevas e na solidão que se estende para além do cosmos.

Na cintilante abóbada, houve de repente um silêncio premonitório e a alvorada afugentou todos os ventos e monstruosidades. Como se tivessem sido semeadas à mão, apareceram então em vagas que tremiam as nebulosas douradas, nimbadas de uma luminosidade mágica. Distinguiu-se então a tímida e distante melodia, cujos ténues acordes eram totalmente estranhos ao nosso próprio universo estelar. A música tornava-se cada vez mais audível, e o Shantak, que levantara as orelhas, mergulhou em frente, enquanto Carter se concentrava para captar todos os maravilhosos acordes. Era um cântico, mas um cântico que não provinha de nenhuma boca. Era o cântico da noite e das esferas, um cântico já antigo quando o espaço, Nyarlathotep e os Outros Deuses foram criados.

O Shantak voou mais depressa, e o seu cavaleiro cada vez se concentrava mais profundamente, enebriado pela maravilha que vinha das estranhas cavernas a revoar pelas esferas de cristal do mundo exterior e má-

gico. Carter lembrou-se então, mas era demasiado tarde, das prevenções do demónio, da sardónica precaução do delegado infernal que lhe tinha dito que se não entregasse à loucura daquele cântico. Tinha sido apenas para troçar que Nyarlathotep tinha indicado o caminho da salvação e da maravilhosa cidade. Tinha sido apenas para se rir que o negro mensageiro tinha revelado o segredo dos preguiçosos deuses, que assim que quisesse podia fazer regressar. As únicas ofertas que Nyarlathotep tinha feito ao temerário viandante foram a loucura e a selvagem vingança do Vazio. Carter tentou frenèticamente fazer regressar a sua repugnante montada, mas o Shantak precipitou a sua impetuosa corrida e, batendo as suas grandes asas escorregadias com uma alegria maldosa, avançou direito às cavernas proibidas que nenhum sonho alguma vez atingiu, direito ao derradeiro abismo de Azathoth, o sultão dos demónios de quem nenhuns lábios ousam pronunciar o nome em voz alta.

Firmemente submisso às ordens do delegado dos Outros Deuses, aquele pássaro infernal mergulhou, cada vez mais, por entre as multidões de animais de rapina e de informes animais que se escondem nas trevas, por entre o vazio rebanho das entidades que vagueiam à deriva, e incessantemente apalpam e arranham, por entre as ignóbeis larvas dos Outros Deuses que, como ele, são cegas e destituídas de espírito, dominadas apenas por estranhíssimos apetites.

Firme e inflexível, rindo ao ritmo dos cânticos das noites e das esferas, que agora se tinham transformado em histéricas risadas, a horrível montada avançava continuamente, levando o seu indefeso cavaleiro. A uma velocidade louca, passaram o círculo derradeiro e atravessaram os abismos mais profundos, deixando para trás deles as estrelas e os reinos da matéria, até que se precipitaram como meteoros nas inconcebíveis e tenebrosas cavidades que se abrem para lá do tempo, nas quais grunhe o voracíssimo Azathoth no meio dos batimentos surdos e irracionais de tambores detestáveis e dos fracos lamentos monótonos de insuportáveis flautas.

Para a frente, sempre para a frente, pelo meio das cavernas hiantes e rugentes, cheias de tenebrosos animais; e, súbito, Randolph Carter, o condenado, foi assaltado por uma imagem e um pensamento calmíssimos e reconfortantes. Nyarlathotep tinha explicado demasiado bem o plano da sua vingança: tinha feito surgir a memória daquilo que nenhum acesso de terror pode totalmente apagar: a Casa — a Nova Inglaterra, Beacon Hill. O Mundo da Vigília!

— Sabei que a vossa maravilhosa cidade de ouro e mármore não é mais do que aquilo que amastes na juventude o esplendor glorioso dos tectos, das vertentes e das janelas ocidentais inflamadas pelo crepúsculo; os cheiros das flores de Common e o grande zimbório na colina, o cruzar das empenas e das chaminés no vale violeta onde, preguiçoso, corre o Charles das muitas pontes... Esta beleza moldada, cristalizada, polida por anos e anos de lembranças e de sonhos é a essência real da visão dos maravilhosos terraços banhados por indefiníveis poentes. Basta lembrar-vos dos pensamentos e das visões da vossa juventude sedenta de sonhos para descobrir aquele parapeito de mármore cheio de urnas curiosas e esculpidas rampas, e para finalmente descerdes os degraus bordejados de balaustradas que conduzem à cidade das grandes praças e das prismáticas fontes.

Para a frente, sempre para a frente; vertiginosamente projectado para a frente, para a derradeira sentença que corta as trevas onde arranham tentáculos cegos, onde se entrechocam viscosos grunhidos e onde riem, incessantemente riem animais sem nome. Mas tinham surgido o pensamento e as imagens, e Randolph Carter sabia agora que estava a sonhar, que apenas sonhava, e que, algures, perto dele, ainda estavam o mundo da vigília e a cidade da sua infância. Voltou a lembrança das palavras de Nyarlathotep: «Basta lembrar-vos dos pensamentos e das visões da vossa juventude sedenta de sonhos.» Voltar! Voltar! Por todos os lados as trevas! Mas Randolph Carter podia voltar!

Apesar da espessura do voltejante pesadelo que prendia os seus sentidos, Randolph Carter podia mexer-se e regressar. Podia mexer-se, e, quando quisesse, saltar do infernal Shantak que obedecia às ordens de Nyarlathotep, e sem parar o levava para a condenação. Podia saltar e afrontar as profundezas da noite que interminàvelmente se abriam por baixo dele; essas profundezas do medo cujos horrores não podiam, no entanto, ultrapassar a indizível sentença que à sua espera se escondia no coração do caos. Podia mexer-se, regressar, saltar. Podia fazê-lo. Podia e queria. Queria.

Pronto a arriscar tudo por tudo, o condenado saltou da enorme abominação com cabeça de cavalo e caiu pelo Vazio interminável cheio de vivas trevas. Voltejaram à sua volta as eternidades, morreram e renasceram universos, houve estrelas que se transformaram em nebulosas, nebulosas em estrelas, e Randolph Carter continuou a cair através dos infinitos vazios cheios de trevas vivas.

Na marcha lenta e rasteira da eternidade, o último ciclo do cosmos transformou-se num outro efémero acidente, e todas as coisas voltaram a ser aquilo que tinham sido há incalculáveis milhares de Kalpas antes. Tinham nascido de novo a matéria e a luz, tal como outrora o espaço as tinha conhecido. Os cometas, sóis e mundos lançaram-se, flamejantes, na vida, sem que nada sobrevivesse para dizer que eles tinham existido e depois desaparecido, sempre e sempre, sem fim nem princípio.

De novo apareceu um firmamento, de novo surgiram os ventos, e nos olhos do sonhador, que continuava a cair, havia o brilho de uma luz púrpura. Houve deuses, presenças e desejos. Houve a beleza e a fealdade, e o riso da noite voraz a quem tinham roubado a presa, pois que no seio do último e desconhecido ciclo sobreviviam os pensamentos e as visões da infância de um sonhador. Reapareciam agora, para encarnar e justificar tudo isto, um mundo da vigília e uma velha cidade muito querida. *S'ngac*, o gás violeta, tinha indicado o caminho que conduz às portas do vazio e o imemorial Nodens tinha soprado as informações das suas profundezas inimagináveis.

Surgiram as estrelas na madrugada e as sombras espalharam-se nas fontes de ouro, carmim e púrpura. O sonhador continuava a cair. Rasgaram o éter uns gritos, no momento em que os primeiros raios da luz expulsavam os demónios, e o velho Nodens, empalidecido pelos tempos, deu um berro de triunfo quando Nyarlathotep, muito próximo da sua presa, foi obrigado a parar, desconcertado por um brilhante raio de luz que, num segundo, transformou numa nuvem de poeira cinzenta os horríveis corpos informes que tinha lançado no rasto de Carter. Este tinha, por fim, descido os enormes degraus de mármore que conduzem à maravilhosa cidade. Estava de volta à sua belíssima terra, à sua Nova Inglaterra.

Os acordes vocais das miríades de matinais assobios, os grandes e luminosos raios da madrugada reflectidos nos vitrais púrpura pelo grande zimbório dourado da State House acordaram sùbitamente Randolph Carter que, no seu quarto de Boston, deu um grito ao saltar da cama. Pelos secretos jardins, cantavam as aves e das ramadas do caramanchão que o seu pai plantara, vinha um perfume delicado. Sobre o clássico manto da chaminé, na cornija esculpida e nas paredes ornadas de grotestas figuras, espalhavam-se a luz e a beleza. Um gato preto e luzidio saía do sono de além-Terra, que o grito e o salto do seu dono tinham perturbado. Para lá de uma multidão de imensidades, para

lá da Porta do Sono Profundo, da Floresta Encantada, da terra dos jardins, do mar Cerenariano, das crepusculares fronteiras de Inquanok reinava, ameaçador, no castelo de ónix que se ergue no meio do deserto gelado, por cima da cidade desconhecida de Kadath, Nyarlathotep, o Caos que, insolentemente, invectivava os bondosos deuses da Terra que tinha violentamente arrancado aos seus divertimentos nos palácios perfumados da maravilhosa cidade do poente.

TERCEIRA HISTÓRIA

A CHAVE DE PRATA

(1926)

lá da Porta do Sono Profundo, da Floresta Encantada, da terra dos jardins, do mar Cerenariano, das crepusculares fronteiras de Inquanok reinava, ameaçador, no castelo de ónix que se ergue no meio do deserto gelado, por cima da cidade desconhecida de Kadath, Nyarlathotep, o Caos que, insolentemente, invectivava os bondosos deuses da Terra que tinha violentamente arrancado aos seus divertimentos nos palácios perfumados da maravilhosa cidade do poente.

Aos trinta anos, Randolph Carter perdeu a chave da porta dos sonhos. Excursões nocturnas através do espaço por estranhas cidades antigas e inesquecíveis jardins com tufos de verdura encantadores, estendendo-se por sobre mares etéreos, tinham-no desenfadado, até esse ano, das mediocridades da vida. Ao atingir a meia idade, sentiu que, progressivamente, os seus privilégios lhe escapavam e acabavam por desaparecer completamente. A partir de então, as suas galeras, depois de terem passado as flechas de ouro de Thran, nunca mais poderiam navegar à vela sobre o rio Ukranos, nem as suas caravanas de elefantes poderiam caminhar no Kled através de selvas perfumadas onde, sobre as suas colunas de mármore, dormem, intactos e fascinantes ao luar, os palácios esquecidos.

Ele tinha lido uma quantidade de coisas na realidade, tinha discutido com imensa gente. Filósofos bem intencionados tinham-lhe ensinado a observar as relações lógicas dos acontecimentos e a analisar os processos criadores dos pensamentos e dos sonhos, depois do que, o Maravilhoso tinha fugido enquanto Carter esquecia que toda a vida existente no nosso cérebro, não é mais do que uma colecção de imagens e que não há diferença entre as que nascem dos objectos reais e as que nascem dos nossos sonhos íntimos, assim como não há razão para considerar umas superiores às outras. O hábito tinha-lhe enchido os ouvidos de uma supersticiosa veneração por tudo o que existe tangìvelmente e tinha-o levado a envergonhar-se secretamente das suas visões. Sábios tinham-lhe ensinado que as imagens dos sonhos eram pueris e vazias, mais que absurdas, porque os que se prendem a essas imagens se obstinam em acreditá-las cheias de significados e

intenções, visto que crêem no sentido do cego cosmos que, na realidade, esmaga sem finalidade o nada, para dele extrair algo, esmagando em seguida esse algo um novo nada, sem atribuir nem reconhecer qualquer importância à existência e aos desejos dos espíritos que, por um segundo, se agitam no presente, para em seguida mergulharem na obscuridade.

Estes sábios tinham-no orientado para os objectos visíveis e tinham-lhe explicado depois o seu funcionamento, até que toda e qualquer parcela de mistério tivesse desaparecido do mundo. Quando, lamentando-se, ele se irritava por encontrar uma saída para o reino crepuscular onde a magia comandava até o mais frágil fragmento de vida, e dava grande importância às menores associações do seu espírito ofegante de esperança e de inextinguível alegria, os sábios empurraram-no para as terras novas e para os prodígios das ciências, incitando-o a encontrar o maravilhoso no seio dos turbilhões de átomos e o mistério no espaço vazio das dimensões celestes. Mais tarde, na altura em que ele fracassou, incapaz de descobrir maravilhas no meio de fenómenos cujas leis eram conhecidas e mensuráveis, os sábios disseram-lhe que lhe faltavam imaginação e maturidade visto que preferia as ilusões do sonho às ilusões do nosso mundo material.

Assim, tentando fazer o que fazem todas as outras pessoas, Carter tinha fingido que os acontecimentos quotidianos e as emoções terrestres têm mais interesse que as imaginações das almas delicadas e raras. Ele não se tinha insurgido contra os sábios, quando lhe afirmavam que na vida real a dor animal de um porco que se sangra ou a de um lavrador dispéptico têm muito mais importância do que a incomparável beleza de Narath, das suas centenas de portas cinzeladas e das suas cúpulas de calcedónia, com as quais se lembrava confusamente de ter sonhado; sob as suas directivas, tinha-se posto então a cultivar um agudo sentido da piedade e da tragédia.

De tempos a tempos, não podia, contudo, deixar de se aperceber da superficialidade, da inconstância e da falta de significado de todas as aspirações humanas, assim como do vazio absoluto dos nossos impulsos reais, vazio que se sabe contrastar radicalmente com as pomposas ideias que pretensamente perseguimos. Apercebendo-se de que a vida quotidiana surge a cada passo atravancada pela extravagância e pelo artifício, quis recorrer ao riso de bom tom, cujo uso os sábios lhe tinham ensinado contra a extravagância e a artificialidade dos sonhos: tinha consciência de que a realidade é menos digna de respeito do que o sonho,

porque ela é pobre em beleza e tem repugnância em admitir as suas próprias faltas de razão e de objectivos precisos. Seguindo esta via, ele tornou-se uma espécie de humorista, sem se dar conta de que o humor é em si vazio, num universo desprovido de toda a inspiração superior e castrado de qualquer critério de verdade, tanto no seio da duração coerente, como no seio do caos.

Nos primeiros dias da sua escravidão, tinha-se voltado para uma tranquilizadora fé de igrejinha que a ingénua crença de seus pais lhe tinha tornado cara, esperando que, a partir desta fé, se abririam para ele, direitas como avenidas, místicas vias, prometedoras de uma forma de escapar à vida. Ao olhá-las mais de perto, contudo, só pôde, apesar das eternas profissões de fé, verificar entre a maior parte dos padres o reino grotesco e acabrunhante de uma beleza e de uma imaginação em dissolução, de uma banalidade cada vez mais ressequida e de uma solenidade de rituais decalcados e mortos como os de um bando de pássaros nocturnos. Sentiu profundamente a inabilidade com que aquela fé procurava permanecer viva, como se, literalmente, ela encarnasse ainda, contra os medos e as dores crescentes, a derradeira salvação de uma raça primitiva vítima do desconhecido. Carter sofreu uma grande decepção ao ver o cerimonial luxuoso com que o povo tentava extrair dos velhos mitos uma realidade terrestre que, por outro lado, refutava a cada passo, frente à sua vaidosa ciência, e a seriedade deslocada desta tentativa acabou com a afeição que ele poderia ter conservado pelas crenças antigas, pelos seus ritos espectaculares e pelos escapes emocionais que, à laia de sonho e de viagens aos países etéreos, as suas verdades lhe ofereciam.

Quando tratou o estudo daqueles que deitaram por terra os velhos mitos, achou-os, contudo, mais detestáveis ainda do que os que o não tinham feito. Os que destruíam os mitos não sabiam que a beleza reside no equilíbrio e que, num cosmos desprovido de sentido, não há lugar para a doçura de viver, visto que este cosmos não está em harmonia com as nossas sensações e os nossos sonhos, senão na medida em que manipula cegamente as minúsculas esferas que retira ao caos. Não sabiam também que o bem e o mal, a beleza e a fealdade constituem apenas ornamentos de uma perspectiva cujo único valor depende do feliz acaso que fez dos nossos pais seres dotados de pensamento e de sensibilidade, acaso esse cujos pormenores variam subtilmente para cada raça e para cada cultura. Em vez de tentarem aclarar estes fenómenos, esses homens

negaram-nos totalmente, ou tentaram transformá-los em instintos vagos e brutais, semelhantes aos que governam as feras e a gente grosseira. Deste modo, as suas vidas, cheias do orgulho grotesco de ter escapado a um universo menos sensato do que o seu, arrastam-se longamente na dor, na desarmonia e na fealdade. Trocaram os falsos deuses da piedade cega e do medo pelos do deboche e da anarquia.

Carter não apreciou estes libertados tão modernos, porque a sua sórdida mediocridade fazia adoecer o seu espírito amante da beleza única e revoltar a sua razão contra essa fraca lógica cujos campeões davam provas abandonando a brutais instintos um Sagrado arrancado aos velhos ídolos que tinham recusado. Apercebeu-se de que a maior parte desses homens, à maneira do antigo clero que tinham derrubado, era incapaz de escapar a este logro: acreditar que a vida tem um sentido alheio àquele que os homens podem sonhar para ela. Quando, à luz das últimas descobertas científicas, a natureza criava a sua imoralidade do fundo da sua inconsciência e da sua impersonalidade, a vida não saberia, de facto, pôr de lado, para além das da beleza, as evidentes noções das morais e das éticas. Pervertidos e fanáticos pelas suas preconcebidas ilusões de justiça, de liberdade, de conformismo, deitaram por terra a antiga doutrina, a antiga via e as velhas crenças, sem pelo menos fazerem um esforço por verificar que essa doutrina e essa antiga via constituíam a única origem da sua actual maneira de pensar e de julgar, o seu único critério num universo desprovido de sentido, de objectivos fixos e de referências estáveis. Tendo perdido estes enquadramentos artificiais, as suas vidas, privadas tanto de direcção como de interesse, evoluíram até ao ponto em que, finalmente, entregando-se ao tumulto, à excitação, às distracções bárbaras e às sensações animais, consideraram o seu tédio como uma tarefa pretensamente útil. Quando tudo isto, começando a decepcioná-los, se tornou insípido e nauseante, cultivaram a ironia e a causticidade e, ao mesmo tempo que a ordem social, descobriram o erro. Chegarão a aperceber-se alguma vez que as suas brutais regulamentações são tão versáteis e exactamente tão contraditórias como os deuses dos seus pais e que o que é satisfação de um instante se torna veneno do instante seguinte? A beleza calma e durável não vem visitar-nos senão em sonhos, mas o mundo atirou para bem longe esta consolação no dia em que o seu culto do real exilou os segredos da infância e da inocência.

Nesse caos de vazio e de agitação, Carter tentou viver como um homem sério de bons sentimentos e

de boas famílias. Os seus sonhos foram murchando sob o ridículo da idade e deixou de lhe ser possível acreditar, mas o seu amor pela harmonia manteve-o muito perto dos caminhos da sua raça e da sua condição. Impassível, caminhava através das cidades dos homens, suspirando porque nenhuma escapatória lhe parecia real, porque todo o brilho do sol nos altos telhados e todos os sinais do fim da tarde, nas *plazzas* com balaustradas, serviam apenas para lhe lembrar os sonhos antigamente vividos e para fazê-lo lamentar-se pelas regiões etéreas cujo segredo tinha perdido. As viagens só podiam servir para motivo de troça; mesmo a Grande Guerra muito pouco o comoveu, embora, desde o seu início, se tivesse alistado na Legião Estrangeira. Durante algum tempo encontrou aí amigos, mas em breve ficou cansado da crueza das suas emoções, da uniformidade e grosseria das suas visões. O facto de todos os seus parentes estarem longe, fora do seu alcance, provocava nele uma vaga alegria, porque eles não poderiam compreender a vida do seu espírito. Só o seu avô e Christopher, o seu tio-avô, teriam podido compreendê-lo, mas estavam ambos mortos há muito tempo.

Uma vez mais se pôs então a escrever livros, trabalho que tinha abandonado por completo logo que os seus sonhos o tinham deixado. Nem aí encontrava plenitude ou satisfação, porque a presença do mundo o envolvia, impedindo-o de pensar, como dantes, em formas admiráveis. Um humor irónico destruía os minaretes crepusculares que ele tinha elevado e o receio bem terrestre do inverosímil fazia desaparecer dos seus jardins feéricos toda a surpresa delicada das flores. Uma piedade convencional derramava a sua insipidez sobre as suas personagens, enquanto o mito da necessidade de emoções realistas e de acontecimentos sugestivos e humanos degradava, em sátiras sociais baratas ou em alegorias mal disfarçadas, toda a sua profunda inspiração. Os seus novos romances foram coroados de um êxito que os antigos nunca tinham conhecido, mas logo que ele compreendeu que espécie de vazio eles deviam encerrar para agradar ao vaidoso rebanho dos seus leitores, queimou-os e parou de escrever. Vieram então romances muito agradáveis nos quais ele sorria cortêsmente aos sonhos que tentava esboçar, mas compreendeu enfim que a sua sofisticação tinha minado toda a sua vida.

Depois destas tentativas, cultivou deliberadamente a ilusão e tornou-se mestre nas técnicas do estranho e do excêntrico, utilizando-os como antídoto para a banalidade. Muitas destas técnicas não tardaram, con-

tudo, a mostrar a sua miséria e a sua pobreza. Compreendeu então que as doutrinas populares do ocultismo são tão secas e tão inflexíveis como as da ciência, sem por isso se resgatarem por um mínimo traço de verdade. A falsidade, a estupidez grosseira e a incoerência do pensamento não são o equivalente do sonho, não podem trazer a um espírito de um nível superior nenhuma evasão da vida real. Carter adquiriu livros malditos e pôs-se a estudar os mais terríveis e mais penetrantes investigadores do fantástico. Investigando o que aliás poucos fizeram os arcanos do conhecimento, analisando as vibrações que crepitam no fundo dos mais secretos abismos da vida, da lenda e da antiguidade imemorial, ele fez descobertas que deveriam, pelo que implicavam, marcá-lo para sempre. Decidiu viver num plano inabitual e nesse sentido mobilou a sua casa de Boston de tal forma que pudesse adaptar-se a variáveis disposições de espírito: cada uma teve a sua divisão forrada das cores apropriadas, abastecida com os livros e os objectos que lhe convinham, munida, enfim, de aparelhos geradores de sensação, de luz, de calor, de som, de paladar e de olfacto.

Um dia, Carter ouviu falar de um homem que inspirava receios e fugia no sul por causa dos segredos blasfematórios que tinha descoberto nos livros pré-históricos, e das tábuas de argila clandestinamente chegadas da Índia e da Arábia. Visitou-o, e viveu com ele durante sete anos, partilhando os seus estudos até ao momento em que, tomado por um horror sem nome, a meio de uma noite, regressou sòzinho de um cemitério arcaico e desconhecido onde tinham entrado juntos. Voltou então para a Nova Inglaterra, onde foi viver para a antiga e terrível cidade dos seus pais, Arkham, cidade perseguida por bruxas. Aí, entre os salgueiros embranquecidos e os telhados vacilantes, prosseguiu, ao longo de noites obscuras, experiências que o obrigaram a selar para sempre o diário de um dos seus antepassados de espírito muito particularmente negro. Todos estes horrores, contudo, não o conduziram senão até à beira da realidade, sem nunca lhe permitirem atravessar as fronteiras desse verdadeiro país dos sonhos que a sua juventude tinha conhecido; e assim, aos cinquenta anos, desesperava de encontrar a felicidade num mundo demasiado ocupado para que nele possa revelar-se a beleza e demasiado árido para que nele possam nascer os sonhos.

Por fim, consciente da vaidosa futilidade da realidade, Carter passou a viver numa solidão povoada pelas saudades e recordações descosidas do tempo tão cheio de sonhos da sua juventude. Começou a achar estúpido inquietar-se pela vida e arranjou, então, por intermédio de um relato sul-americano, um curioso veneno que devia atirá-lo para o esquecimento sem lhe causar qualquer dor. A força do hábito e a inércia fizeram, porém, com que ele desistisse deste acto e continuasse e definhar, indeciso, por entre as suas primeiras recordações. Retirou das paredes as estranhas tapeçarias com que as tinha coberto e voltou a pôr a casa no estado em que se encontrava quando ele era criança: reposteiros de púrpura, mobiliário vitoriano e tudo o mais.

Com o tempo, veio a sentir-se quase feliz por ter desistido do seu suicídio, porque não só a sua separação do mundo e as relíquias da sua juventude lhe fizeram parecer infinitamente distantes e irreais a vida e a sua sofisticação, mas também uma vaga esperança e uma vaga magia voltaram a percorrer o seu sono, durante a noite, o seu sono que já há anos não conhecera senão o que conhecem os sonos mais banais — os reflexos deformados das coisas quotidianas. Reaparecia agora a claridade vacilante de um mundo mais estranho e muito mais fantástico, uma claridade próxima de uma iminência vagamente aterradora, encarnando-se em imagens intensamente claras dos seus tempos de criança, enquanto lhe voltavam à memória inconsequentes minutos de há muito esquecidos. Muitas vezes acordava chamando pelo avô ou pela mãe, embora ambos repousassem no túmulo há já um quarto de século.

Uma noite, o seu avô fez-lhe lembrar a chave. O velho erudito, já grisalho, tão vivo como antigamente, falou-lhe longamente, cheio de entusiasmo, da sua linhagem imemorial e das estranhas visões que tinham tido os homens educados e sensíveis que a compunham. Falou daquele cruzado de olhar de fogo que, enquanto prisioneiro dos Sarracenos, descobriu segredos extraordinários. Falou do primeiro Sir Randolph Carter que, na época isabelina, se iniciou na magia. Falou também daquele Edmund Carter que, no último momento, conseguira escapar da forca na questão das Bruxas de Salém e guardara num cofrezinho antigo uma grande chave de prata legada pelos seus antepassados. Antes de Carter acordar, o nobre visitante tinha-lhe explicado onde encontrar o cofre, maravilha arcaica de carvalho esculpido, cuja tampa rara não fora erguida por nenhuma mão desde há dois séculos.

Carter descobriu-o na sombra e na poeira de um grande sótão esquecido mesmo no fundo da gaveta de uma cómoda alta. Media cerca de um pé quadrado e as esculturas góticas que o ornavam era tão assus-

tadoras que ele não se admirou que ninguém, depois de Edmund Carter, tivesse ousado abri-lo. O cofrezinho não produziu qualquer ruído quando ele o sacudiu, mas libertou um obscuro odor de especiarias desconhecidas. O facto de conter uma chave constituía apenas, na verdade, uma lenda longínqua, e o próprio pai de Randolph não estivera ao corrente da sua existência. Selado por ferragens enferrujadas, não parecia comportar qualquer sistema previsto para fazer girar a sua resistente fechadura. Carter tinha a vaga certeza que nele encontraria a chave perdida de uma porta dos sonhos, mas o seu avô não lhe tinha dito onde e como utilizá-la.

Um velho criado, sacudindo, como ele próprio fizera já, as medonhas faces de olhares maldosos talhadas na madeira negra, forçou a tampa esculpida. No interior, envolta num pergaminho descolorido, havia uma enorme chave de prata manchada, coberta de arabescos ocultos, mas nenhuma explicação legível.

O volumoso pergaminho continha apenas hieróglifos estranhos, escritos com uma pena, numa língua desconhecida. Carter conseguiu, no entanto, identificar aqueles caracteres: eram semelhantes aos que ele tinha visto em certos rolos de papiro pertencentes àquele cabalístico erudito do sul que desaparecera à meia-noite, num cemitério ignorado por toda a gente. Esse homem tremia sempre que lia esses rolos. Chegava agora a vez de Carter.

Limpou a chave e deixou-a ficar junto de si, à noite, no seu perfumado cofrezinho de carvalho antigo. A vivacidade dos sonhos aumentou, sem que, no entanto, eles lhe mostrassem nenhuma das cidades estranhas e nenhum dos jardins incrìvelmente belos de antigamente. De momento, pareciam assumir um papel bem preciso, cujo objectivo não oferecia margem para dúvidas. Faziam-no recordar-se regressivamente, ao longo dos anos, e, através de todas as vontades confundidas dos seus antepassados, pareciam empurrá-lo para alguma origem ancestral e secreta. Percebeu então que devia voltar-se para o passado e perder-se nele, no seio das velhas fontes. Dia após dia pensou naquelas colinas do norte onde, junto do impetuoso Miskatonic, se elevam Arkham, a cidade maldita, e a rústica morada solitária da sua raça.

Na pálida luz do Outono, através das linhas sempre irregulares das colinas que se desenrolam até ao horizonte, Carter tomou a velha estrada curva que se alonga entre as planícies cercadas por pequenos muros, as encostas arborizadas, as quintas encaixadas no fundo dos vales, e os claros meandros de cristal do Miskatonic

atravessados de vez em quando por rústicas pontes de pedra e madeira. Uma esquina revelou-lhe o conjunto de ulmeiros gigantes onde um dos seus antepassados desaparecera misteriosamente um século e meio antes.

Estremeceu ao ouvir o vento que, através deles, soprava de forma significativa. Mais adiante, erguia-se com as suas terríveis janelinhas e o seu grande tecto inclinado para norte, quase até ao solo, a casa arruinada de Goody Fowler, a bruxa. Quando passou diante dela, acelerou o passo e não descansou antes de ter escalado a colina onde, calma e branca, estava a velha casa da sua mãe e dos pais da sua mãe, de onde se desfrutava, por sobre a estrada, o angustiante, embora amável, panorama de encostas rochosas e vales verdejantes que os picos afastados de Kingsport e a presença longínqua do mar arcaico, carregado de sonhos no horizonte, ensombravam.

A velha residência dos Carter, que ele não via há quarenta anos, surgiu então no cume da mais alta colina. Quando atingiu o sopé, a tarde ia avançada; parou a meio da encosta, no ponto extremo de uma das curvas da estrada, para perscrutar a região onde, sob a magia dos raios oblíquos de um sol poente, as coisas pareciam manchar-se de glória e de ouro no coração de um halo de luz. A estranheza dos seus sonhos recentes e a esperança que recobriam pareciam estar presentes nesta extraordinária paisagem silenciosa que lhe evocava as solidões virgens dos outros planetas, enquanto os seus olhos descobriam o veludo das ervas das extensões desertas, ondulando sobre as encostas, entre os muros em ruínas, as massas feéricas das florestas realçando as linhas púrpuras e longínquas de colinas que se erguiam para lá das colinas próximas e o vale arborizado, espectral, que mergulhava na sombra em direcção às concavidades húmidas onde as águas escondidas murmuram e gorgolejam por entre raízes inchadas e deformadas.

Carter compreendeu que nem motores nem mecânicas podiam ter qualquer lugar no seio deste reino que explorava: abandonou o carro na orla da floresta e, depois de meter na algibeira do casaco a chave de prata, começou a escalar a colina. Ficou, então, como que imerso no fundo dos bosques, sabendo, no entanto, que a velha mansão se elevava sobre um montículo alto que, à excepção do lado norte, se destacava da floresta. Perguntava a si próprio qual seria agora o aspecto da casa abandonada, por negligência sua, vazia e desocupada desde a morte do tal seu tio-avô Christopher, há trinta anos. Ao longo da sua infância, ele tinha passado nesta casa longas estadas de férias,

descobrindo nos bosques que ficavam para lá do pomar maravilhas estranhas e fatais.

A noite aproximava-se, adensando a sombra à sua volta. Uma súbita clareira que se abriu à sua direita permitiu-lhe avistar em Kingsport, por cima das extensões de planícies crepusculares, o velho campanário da Congregação, no cimo de Central Hill. Sob os últimos eflúvios do dia, que os tornavam rosados, os vidros das pequenas janelas redondas flamejavam pelo fogo que reflectiam. Um instante mais tarde, quando voltou a mergulhar na densa sombra, lembrou-se com um sobressalto de espanto que esta rápida visão devia ter irrompido do fundo da sua memória infantil e só dela, visto que tinham deitado abaixo a velha igreja branca para acrescentar uma sala ao hospital da Congregação. Tinha lido essa notícia com interesse num jornal que, a esse respeito, falava de subterrâneos e de passagens misteriosas que se tinham descoberto por baixo da igreja, na colina rochosa.

Através deste enigma sobre o qual se interrogava, ressoou de súbito uma voz aguda que, pela sua familiaridade apesar do número de anos entretanto decorridos, o fez ter novo sobressalto. O velho Benijah Corey, já muito idoso no tempo das suas férias infantis, tinha sido um criado de casa do seu tio-avô Christopher. Devia, portanto, estar agora a atingir os cem anos, porque esta voz aguda não podia vir de nenhum outro criado. Carter não conseguiu distinguir as palavras, mas o tom era de tal forma obcecante que não se podia duvidar delas. E pensar que o velho Benny continuava ainda vivo!

— Menino Randy! Menino Randy, onde estás? Queres fazer morrer de medo a tua velha tia Marthy? Quantas vezes ela te disse que não te afastasses durante a tarde e voltasses para casa antes de vir a noite? Randy! Ran... dy! Este miúdo tem a mania de fugir para os bosques; passa imenso tempo a sonhar nas terras altas, ao pé daquele antro de serpentes! Eh, Ran... dy!

Nas trevas densas como bréu, Randolph Carter parou e esfregou os olhos. Havia qualquer coisa suspeita. Tinha ido a um lugar onde não devia ter ido, onde não ia fazer nada. Tinha-se perdido por muito longe e agora era irremediàvelmente tarde. Não dera atenção às horas do campanário de Kingsport embora pudesse tê-lo feito fàcilmente com o seu binóculo de bolso; compreendia que o seu atraso tinha qualquer coisa de indizível e sem precedentes. Pouco certo de trazer o binóculo, levou a mão à algibeira da blusa para ver se ele lá estava. Não, não estava, o que havia era a

grossa chave de prata que tinha encontrado não sabia onde, dentro de um cofrezinho. Uma vez, o tio Chris tinha começado a falar-lhe estranhamente sobre um velho cofrezinho que nunca fora aberto e continha uma chave, mas a tia Martha tinha interrompido bruscamente a história, dizendo que não era coisa que se contasse a uma criança que já tinha a cabeça cheia de duvidosas excentricidades. Tentou lembrar-se do sítio exacto em que podia ter encontrado esta chave, mas algo lhe parecia muito confuso em tudo isto. Imaginou que tivesse sido no sótão da sua casa de Boston e reviu-se vagamente a corromper o Parks oferecendo-lhe meia semana de salário para que ele o ajudasse a abrir o cofrezinho. Estas reflexões serenaram-no, pelo menos quanto a este assunto, mas enquanto rememorava esta cena, algo nos traços de Parks lhe pareceu muito inabitual, como se, de repente, longos anos tivessem semeado as suas rugas na face do activo Cockney.

— Rand... dy! Ran... dy! Uu! Randy!

Uma lanterna oscilante avançou sobre a curva negra e o velho Benijah atirou-se sobre a silhueta estupefacta e silenciosa do peregrino.

— Diabos te levem, rapaz, estás aqui! Já não tens língua na boca para poderes responder? Há meia hora que chamo por ti, deves estar a ouvir-me há muito tempo! Não sabes que a tua tia Martha fica aflitíssima se sabe que andas cá por fora à noite? Vais ver como eu digo ao tio Chris e como ele se zanga. Sabes perfeitamente que estes bosques não são sítio para andar a passear a esta hora. Não se encontram senão coisas que podem fazer mal, antes de mim já o meu avô o sabia. Vá lá, Menino Randy, vamos embora, senão a Annah não nos guarda a ceia por mais tempo. Randolph Carter percorreu a estrada enquanto através dos altos ramos de Outono as estrelas, que se tornavam fantásticas por cima das coisas da terra, projectavam claridades vacilantes. Os cães ladravam, a luz amarela dos vidros das janelas brilhava ao longe, sobre a torre mais alta, e por cima do montículo deserto, onde oscilava um grande tecto negro, diante do poente fracamente alumiado, as Plêiades ardiam. A tia Martha, que estava na soleira, não ralhou muito ao pequeno vagabundo quando Benijah o empurrou para dentro. Ela conhecia suficientemente o tio Chris para poder esperar um comportamento destes da parte dos Carter. Randolph não mostrou a sua chave, jantou em silêncio e só prostestou quando veio a hora de ir para a cama. Acontecia-lhe sonhar melhor quando estava acordado e além disso desejava utilizar a chave.

De manhã, Randolph pôs-se a pé muito cedo e

teria corrido para o ponto mais alto do bosque, se o tio Chris não o tivesse agarrado e forçado a sentar-se na cadeira, em frente da mesa do pequeno almoço. Olhava impacientemente em redor de si a sala mal construída, com o seu tapete em farrapos, as suas vigas falsas e os seus pilares angulosos. Sorriu ao sentir os ramos das árvores roçar pelos caixilhos chumbados da janela. Perto dele, as árvores e as colinas eram a porta desse reino intemporal, do seu verdadeiro país.

Quando pôde escapar-se, apalpou a algibeira da blusa para ver se continuava a ter a chave e, seguro, deslizou até à encosta da colina que, começando no fim do pomar, se elevava mais acima que o próprio montículo. O solo da floresta era musgoso e misterioso; de vez em quando avistavam-se, através da fraca luz, grandes rochedos cobertos de líquenes que pareciam monólitos druídicos construídos por entre os troncos imensos e retorcidos de um bosque sagrado. Durante a sua ascensão, Randolph ia atravessando um ribeiro impetuoso cujas quedas progressivamente mais inclinadas modulavam para os faunos escondidos, os aegipans e as dríades, algumas encantações únicas.

Alcançava agora a demoníaca caverna, aberta na encosta da floresta, cujo nome tão temido era «Covil da Serpente». A gente da região evitava esta caverna e inúmeras vezes Benijah lhe tinha recomendado que se mantivesse afastado dela. Ela era profunda, mais profunda que qualquer outra, pensava Randolph, talvez por ter descoberto no canto mais negro uma pequena abertura que conduzia a uma gruta ainda maior. Uma espécie de lugar sepulcral e maldito cujas paredes de granito davam a curiosa ilusão de ocultar um artifício consciente. Desta vez, esgueirou-se como de costume através da fenda, alumiando-se com fósforos que não ofereciam perigo, roubados da caixa da salinha, e franqueou a passagem com uma ansiedade que lhe teria sido difícil explicar a alguém e até a si próprio. Não teria sabido dizer por que razão se aproximava da parede mais afastada com tanta confiança, nem por que razão puxava, como estava a fazer, pela grande chave de prata. Quando nessa noite regressou, saltitando, a casa, não pediu desculpa pelo atraso nem pelo lugar de onde vinha e não ligou nenhuma às censuras que lhe faziam por ter ignorado completamente a sineta do almoço.

É hoje aceite por todos os parentes afastados de Randolph Carter que aos dez anos lhe aconteceu qualquer coisa que fez crescer a sua imaginação. O seu primo, Ernest B. Aspinwall, de Chicago, dez anos mais

velho que ele, lembra-se claramente de uma mudança operada no rapazinho depois do Outono de 1883. Randolph tivera visões como poucos, e ainda mais estranhos eram os dons que revelou a propósito de coisas bem reais. Pareceu, em suma, ter obtido um singular dom de profecia e deu prova das mais inabituais reacções diante de fenómenos que, desprovidos nessa época de significação, justificariam mais tarde as suas estranhas declarações. Da mesma forma que nas décadas seguintes foram aparecendo, um a um, nos livros de história, novos nomes, novas invenções ou novos elementos, de tempos a tempos as pessoas puderam recordar com espanto o modo como muitos anos antes Carter deixara negligentemente escapar algumas palavras que ofereciam uma indubitável correspondência com o que na altura se situava ainda muito distante no futuro. Nem ele próprio compreendia essas palavras ou sabia por que razão alguns factos lhe provocavam determinadas emoções; pensava que certos sonhos escondidos eram os responsáveis por este estado de coisas. Foi o mais tardar em 1897 que uma súbita lucidez o tomou quando um viajante qualquer aludiu, na sua narrativa, à cidade francesa de Bellay-en-Santerre. Esta reacção viria a ser lembrada pelos seus amigos quando, em 1916, ele ficou gravemente ferido nesta cidade, na altura em que pertencia à Legião Estrangeira, durante a Grande Guerra.

Os parentes de Randolph Carter falam muito destes factos porque recentemente ele desapareceu. O seu velho criado Parks foi o último a tê-lo visto, uma manhã, sair no carro, levando uma chave que recentemente encontrara. Parks ajudara-o a extrair esta chave do velho cofrezinho onde estava guardada e sentira-se então obscuramente impressionado pelas esculturas grotescas que ornavam o cofrezinho e por uma outra razão singular que não soube descrever. Ao deixá-lo, Carter tinha-lhe dito que partia para os arredores de Arkham, que ia visitar a sua terra ancestral.

Encontraram depois no caminho das ruínas da velha mansão dos Carter a meia encosta da Elm Mountain, o seu carro, cuidadosamente arrumado à beira da estrada. No interior, a gente da região descobriu um cofre de madeira perfumada cujas esculturas eram assustadoras. Este cofre continha apenas um curioso pergaminho do qual nenhum linguista e nenhum paleógrafo puderam identificar os caracteres. A chuva acabara por apagar todas as pegadas, mas os investigadores de Boston poderiam, no entanto, ter algo a dizer das evidentes alterações observadas entre as ruínas da mansão Carter. Afirmam eles que era como

se alguém tivesse recentemente andado a vasculhar nas ruínas. Não se conseguiu identificar como pertença do desaparecido, um lenço branco vulgar, encontrado mais adiante, do lado da colina, no meio das elevações da floresta.

Houve então discussão, entre os herdeiros de Randolph Carter, sobre as partilhas dos seus bens, mas por mim, opor-me-ei firmemente a esta sucessão, porque não creio que ele esteja morto. Há espirais de tempo e espaço, de visão e de realidade, que só um sonhador pode adivinhar. O que eu sei de Carter autoriza-me a pensar que ele encontrou simplesmente o meio de franquear esses dédalos. Se alguma vez ele voltará ou não, não sei dizê-lo. Ele precisava de encontrar as terras perdidas dos seus sonhos e suspirava pela sua infância. Encontrou então uma chave, e não sei porquê creio que lhe foi possível tirar dela um estranho proveito.

Perguntar-lhe-ei quando o vir, porque espero encontrá-lo dentro em breve numa certa idade de sonho que costumávamos ambos visitar. Para lá do ribeiro Skai, correm no Ulthar rumores de que um novo rei reina no trono de opala de Llek-Vad, cidade fabulosa que eleva as suas torres no alto de profundas falésias que vidro que dominam o mar crepuscular onde os Gnorri, de barbas e barbatanas, constroem os seus indescritíveis dédalos. Penso saber, ou melhor, sei como interpretar esses rumores. Grande e certa é a minha impaciência por ver aparecer a grande chave de prata porque, nos seus arabescos secretos, repousam simbòlicamente todas as finalidades e todos os mistérios de um cosmos cegamente impessoal.

QUARTA HISTÓRIA

ATRAVÉS DAS PORTAS DA CHAVE DE PRATA [1]

(1932)

---

(1) Escrito em colaboração com E. Hoffman Price.

I

Numa vasta sala, revestida de tapeçarias de Arras de caprichosas figuras, e carpetes de Boukhara, notáveis pela idade e pela arte de confecção, estavam sentados quatro homens à volta de uma mesa coberta de papéis. Dos quatro cantos da sala, em que um negro de idade extraordinàriamente avançada e libré de cores sombrias enchia, de quando em quando, estranhos trípodes de ferro forjado, elevavam-se vapores hipnóticos de olíbano. Ao mesmo tempo, de um fundo nicho recortado numa das paredes, saía o tique-taque de um relógio singular, de mostrador em forma de caixão com hieróglifos desconcertantes, cujos quatro ponteiros se não moviam de acordo com qualquer sistema de medida de tempo conhecido neste planeta. Era uma sala invulgar e inquietante, perfeitamente de acordo, no entanto, com o que nela se estava a passar. É que ali, na residência de Nova Orleães do maior místico, matemático e orientalista deste continente, ia finalmente proceder-se à partilha dos bens de um místico, sábio, escritor e visionário de não menor valor que há quatro anos desaparecera da face da Terra.

Randolph Carter, que toda a sua vida tinha tentado fugir ao tédio e às limitações da realidade sempre vigilante por meio das paisagens fascinantes dos sonhos e alamedas imaginárias de outras paragens, desapareceu dos olhos dos humanos a sete de Outubro de 1928, quando contava cinquenta e quatro anos. Estranha e solitária fora a sua carreira e havia quem, a partir dos seus romances singulares, arquitectasse episódios bem mais bizarros do que os que faziam parte da verdadeira história da sua vida. Tinham sido íntimas as suas relações com Harley Warren, o místico da Carolina do Sul que nos seus estudos sobre a lingua-

gem primitiva Naacal dos sacerdotes himalaios chegara a conclusões verdadeiramente assombrosas. Tinha sido ele quem, num velho cemitério, tinha visto Warren descer, numa noite tremenda de espesso nevoeiro, a uma sepultura húmida e nitrosa, para nunca mais aparecer. Carter vivia em Boston, mas os seus antepassados eram naturais das colinas selváticas e assombradas que se erguem por detrás de Arkham, povoação antiga conhecida por feitiçarias e bruxedos. E fora no meio destas velhas colinas que parecem meditar em segredo que ele desaparecera pela última vez.

Parks, o velho criado — que morrera pouco tempo depois, em 1930 — tinha falado na caixa de perfume estranho e horrendos embutidos que encontrara no sótão e também nos pergaminhos indecifráveis e na chave de prata de desenhos caprichosos que a caixa continha, coisas que o próprio Carter tinha referido em cartas que escrevera. Carter — contara ele — tinha-lhe dito que aquela chave lhe fora legada pelos seus antepassados e que ela lhe ajudaria a abrir as portas da sua infância perdida e de estranhas paragens e reinos fantásticos que até então só em vagos sonhos, breves e fugazes, visitara. Um dia, Carter pegou na caixa e no que ela continha e partiu no seu automóvel para nunca mais voltar.

Passado algum tempo, encontraram o carro na berma de uma velha estrada coberta de ervas, nas colinas que se erguem por detrás da arruinada Arkham, nas mesmas colinas em que os antepassados de Carter tinham em tempos vivido e em que se escancarava ainda, sob o céu, a adega em ruínas da avó dos Carter. Fora ali perto que, em 1781, numa mata de grandes ulmeiros, um outro Carter tinha desaparecido misteriosamente. Bem perto daquele lugar ficava a cabana semiapodrecida em que, muito antes disso, Goody Fowler, a feiticeira, tinha preparado as suas sinistras beberagens. A região tinha sido povoada por indivíduos que, acusados de feitiçaria, tinham fugido de Salem e ainda agora era conhecida por um nome que provinha de coisas vagamente sinistras em que era melhor nem pensar. Edmund Carter fugira a tempo das sombras de Gallows Hill e muitas histórias se contavam das suas artes de magia. Agora, segundo parecia, um seu descendente solitário tinha partido ao seu encontro.

No carro encontrara-se a caixa de embutidos horrendos e madeira perfumada e o pergaminho que ninguém sabia decifrar. A chave de prata desaparecera, levada por Carter, provàvelmente. Para além disso, mais nada se sabia ao certo. Detectives vindos de Boston afirmavam que as traves caídas da velha mansão dos

Carter tinham sido remexidas de maneira insólita, e uma pessoa encontrou um lenço caído na encosta eriçada de rochas e coberta de árvores sinistras, por detrás das ruínas que ficam perto da temida caverna conhecida por «Covil da Serpente».

Foi por essa altura que as lendas tecidas sobre o «Covil da Serpente» ganharam nova força. Os lavradores falavam à boca pequena dos actos blasfematórios que o velho Edmund Carter o feiticeiro tinha praticado naquela horrível gruta, acrescentando novas histórias acerca do amor que o próprio Randolph Carter lhe tinha quando criança. Na sua infância, a veneranda mansão de tectos inclinados estava ainda de pé, sendo habitada pelo seu tio-avô Christopher. Tinha lá estado de visita muitas vezes e tinha falado de maneira estranha sobre o «Covil da Serpente». Havia ainda quem se lembrasse do que ele contara acerca de uma fenda profunda aí existente e de uma outra caverna interior mais ao fundo, que ninguém conhecia, e quem especulasse com a mudança que nele se produzira depois de um dia memorável que passara na gruta, quando tinha nove anos. Fora também em Outubro e sempre, desde então, parecera possuir um poder misterioso de profetizar acontecimentos futuros.

Tinha chovido na noite em que Carter desaparecera e ninguém conseguira descortinar as pegadas que deixara ao sair do carro. No interior do «Covil da Serpente», tudo era lama líquida e amorfa, devida à abundante infiltração das águas. Só os aldeãos ignorantes murmuraram ter visto pegadas no lugar em que os grandes ulmeiros pendem sobre a estrada e na encosta sinistra perto do «Covil da Serpente», onde se encontrara o lenço. Quem podia dar ouvido a boatos que falavam de pequenas marcas como as deixadas pelas botas de biqueira quadrada de Randolph Carter, quando ainda rapazinho? Era uma ideia tão disparatada como aquela outra, a de que as marcas dos socos característicos do velho Benijah Corey se haviam encontrado na estrada com as pegadas pequeninas. O velho Benijah fora criado dos Carters quando Randolph era pequeno, mas morrera já há trinta anos.

Devem ter sido estes boatos — além das próprias afirmações feitas por Carter a Parks e de outras, segundo as quais a chave de prata de estranhos arabescos o ajudaria a abrir as portas da sua perdida infância — que levaram um certo número de estudiosos do ocultismo a declarar que o desaparecido tinha de facto retrocedido na senda do tempo e percorrido os quarenta anos que o separavam de um outro dia de Outubro, em 1928, em que, ainda criança, passara um

dia inteiro metido no «Covil da Serpente». Quando de lá saíra naquela noite, acrescentavam, fizera de certo modo toda a viagem até 1928 e a de regresso; pois não mostrara desde então saber coisas que viriam a acontecer mais tarde? E no entanto nunca referira nada que viesse a acontecer depois de 1928.

Um dos estudiosos, um velho excêntrico de Providence, Rhode Island, que trocara longa e íntima correspondência com Carter, formulara uma teoria ainda mais complicada, afirmando que Carter não só regressara à infância mas também ficara de posse de maior liberdade, podendo vaguear a seu belo prazer pelas cenas prismáticas dos sonhos infantis. Depois de ter tido uma visão estranha, o homem publicou uma interpretação do desaparecimento de Carter, na qual dava a entender que o desaparecido era agora rei e estava sentado no trono de opalas de Ilek-Vad, a cidade fabulosa das torres que se erguia no topo dos ocos penhascos de vidro sobranceiros ao mar crepuscular em que os Gnorri, providos de barba e barbatanas, constroem os seus misteriosos labirintos.

Foi Ward Phillips, assim se chamava o tal indivíduo, quem se opôs veementemente contra as partilhas dos bens de Carter a favor dos herdeiros — todos primos afastados — alegando que se encontrava ainda vivo numa outra dimensão do tempo e poderia muito bem regressar qualquer dia. Contra ele se levantou toda a argúcia, em matéria de assuntos jurídicos, de um dos primos, Ernest K. Aspinwall de Chicago, um homem com mais dez anos que Carter, mas vivo como um jovem em batalhas de foro. Quatro anos tinha durado a demanda, mas chegara agora a altura das partilhas e esta vasta e estranha sala em Nova Orleães ia ser o teatro das operações.

Era a casa do executor testamentário de Carter, em matéria de negócios literários e financeiros, o notável estudioso crioulo de mistérios e relíquias orientais Etienne-Laurent de Marigny. Carter tinha conhecido Marigny durante a guerra, quando estavàm ambos em França na Legião Estrangeira, e imediatamente se tinha sentido ligado a ele, por causa da semelhança de gostos e maneiras de ver. Quando numa memorável licença que gozaram juntos o jovem e culto crioulo levara o ávido sonhador de Boston a Bayonne, no sul da França, e lhe mostrara certos segredos terríveis das antiquíssimas criptas mergulhadas na noite, que se ocultam sob a cidade meditativa, ofuscada pelo *néon*, ficou para sempre selada aquela amizade. O testamento de Carter nomeara de Marigny seu executor testamentário e agora esse erudito ávido de saber presidia com relutância à partilha dos bens. Era um trabalho bem triste, porque, tal como o velho de Rhode Island, não acreditava que Carter tivesse morrido. Mas o que podem os sonhos dos místicos contra a rígida sabedoria do mundo?

Em volta da mesa daquela estranha sala da casa do Bairro Francês, estavam sentados os homens que diziam estar relacionados com o processo. Tinham-se publicado os costumados anúncios legais da reunião nos jornais das localidades em que se pensava que os herdeiros viveriam; no entanto, só quatro estavam agora ali, escutando o tique-taque invulgar daquele relógio de mostrador em forma de caixão, que não marcava um tempo terreno, e o murmúrio da fonte do pátio para lá dos vidros da janela, meia encoberta pelos cortinados. À medida que as horas passavam os rostos dos quatro homens ficavam envolvidos nos vapores ondulantes provenientes dos trípodes que, alimentados sem cessar com combustível, pareciam necessitar cada vez menos dos cuidados do velho negro que se movia em silêncio, revelando um crescente nervosismo.

Estavam presentes o próprio Etienne de Marigny — magro, moreno, homem bonito e ainda novo; Aspinwall, o representante dos herdeiros, de cabeça branca, rosto apoplético, suíças e figura imponente; Phillips, o cultista de Providence, magro, grisalho, de nariz comprido, cara rapada e ombros descaídos. O quarto homem não aparentava idade determinada; era magro e apresentava um rosto moreno, com barba, de expressão invulgarmente parada e feições regulares, cingido por um turbante próprio de brâmane de casta superior. Tinha uns olhos muito negros, ardentes, quase sem íris, que pareciam fixar as coisas de muito longe, escondidos por detrás da fisionomia. Tinha-se apresentado como sendo o Swami Chandraputra, um adepto de Benares, que tinha importantes informações a transmitir. E tanto de Marigny como Phillips, que se tinham correspondido com ele, tinham reconhecido prontamente o carácter genuíno das suas pretensões ao conhecimento místico. Falava num tom forçado, cavo e metálico, como se o uso da língua inglesa lhe afectasse o sistema vocal; exprimia-se, contudo, num inglês tão fluente, correcto e idiomático como o de qualquer anglo-saxão. O seu aspecto geral era o de um vulgar civil europeu, mas as roupas largas assentavam-lhe extraordinàriamente mal e a barba negra cerrada, o turbante oriental e as grandes luvas brancas de um só dedo davam-lhe um ar de exótica excentricidade.

De Marigny, que tinha na mão o pergaminho en-

contrado no carro de Carter, estava a falar naquele momento:

— Não, não consegui decifrar o pergaminho. O senhor Phillips também desistiu. O coronel Churchward afirma que não é Naacal e, por outro lado, não tem qualquer semelhança com os hieróglifos traçados na tal moca de guerra da Ilha da Páscoa. As figuras esculpidas na tal caixa, fazem, no entanto, lembrar esculturas dessa ilha. A coisa que se me afigura estar mais próxima dos caracteres do pergaminho — reparem como todas as letras parecem partir de linhas horizontais — é a escrita de um livro que pertenceu em tempos ao pobre Harley Warren. Recebeu-o da Índia, quando eu e o Carter estávamos em casa dele, de visita, em 1919; nunca nos quis dizer nada sobre o livro; dizia que mais valia não sabermos nada e dava a entender que podia ter vindo, originàriamente, de um outro lugar qualquer, que não a Terra. Levou o livro com ele quando, em Dezembro, penetrou no sepulcro do velho cemitério, mas nem ele nem o livro voltaram a aparecer. Há algum tempo mandei aqui ao nosso amigo — o Swami Chandraputra — um esboço, feito de memória, de algumas dessas letras e uma fotocópia do pergaminho do Carter. Pensa que poderá lançar alguma luz sobre este assunto, depois de certas informações e consultas.

Mas quanto à chave... Carter mandou-me uma fotografia dela. Os seus estranhos arabescos não eram letras, mas pareciam pertencer à mesma tradição cultural em que se integra o pergaminho. Carter dizia sempre que estava prestes a resolver o mistério, mas nunca deu quaisquer pormenores. Uma vez, ao falar em tudo aquilo, quase o fez em termos líricos. «Aquela chave de prata antiga», disse ele, «abrirá as sucessivas portas que nos impedem de prosseguir livremente pelos enormes corredores do espaço e do tempo, até aos últimos Limites que ninguém transpôs desde que Shaddad, com seu espírito terrível, construiu e ocultou nas areias da Arábia Petraea os zimbórios maravilhosos e os inumeráveis minaretes de Irem, a das mil colunas. Derviches meios mortos de fome — escreveu Carter — e nómadas enlouquecidos pela sede voltaram para contar desse portal magnífico e da mão esculpida acima da chave de abóbada do arco, mas nunca ninguém o transpôs e regressou para contar que as pegadas deixadas lá dentro, nas areias, juncadas de pedras preciosas, são testemunho da sua visita. A chave era, segundo supunha, aquilo que a ciclóplica mão esculpida tentava agarrar em vão.

Porque é que Carter não levou consigo o pergaminho, tal como levou a chave, é coisa que não sabemos. Talvez se esquecesse dele ou talvez se abstivesse de o fazer, lembrado de alguém que levara consigo um livro com idênticos caracteres, entrara numa sepultura e nunca mais voltara. Ou talvez o pergaminho não fosse realmente importante para o que ele queria fazer.

Quando de Marigny fez uma pausa, o velho senhor Phillips disse num tom áspero e cortante:

— Da longa viagem de Randolph Carter só nos é dado conhecer o que sonharmos. Já estive, em sonhos, em muitos lugares estranhos e já ouvi contar imensas coisas insólitas, importantes, em Ulthar, para além do rio Skai. Segundo parece, o pergaminho não era necessário, pois Carter reentrou, com certeza, no mundo dos seus sonhos de criança e reina agora em Ilek-Vad.

O senhor Aspinwall tornou-se duplamente apoplético ao dizer precipitadamente: — Não há ninguém que faça calar esse velho tonto? Já chega de divagações! O que interessa é a partilha dos bens e é mais do que altura de começarmos.

O Swami Chandraputra falou pela primeira vez, deixando ouvir a sua voz de acentos invulgarmente estranhos:

— Meus senhores, este assunto tem muito que se lhe diga, muito mais do que o que pensam. O senhor Aspinwall não faz bem em se rir da evidência dos sonhos. O senhor Phillips deu-nos apenas uma ideia incompleta, talvez por que ainda não tivesse sonhado o suficiente. Eu, por mim, tenho sonhado muito. Sempre o fizemos na Índia, exactamente como todos os Carters parece terem feito. O senhor, Aspinwall, como é primo pelo lado materno, não é pròpriamente um Carter. Os meus próprios sonhos, e certas outras fontes de informação, ensinaram-me muitas coisas que, para os senhores, continuam a não ser claras. Por exemplo, Randolph Carter esqueceu-se do pergaminho que não conseguia decifrar e, no entanto, teria sido melhor para ele se se tivesse lembrado de o levar. Sei mais ou menos o que aconteceu a Carter quando, no dia sete de Outubro, há quatro anos, saiu do carro, à hora do pôr-do-Sol, levando a chave de prata.

Aspinwall riu-se zombeteiramente, de forma a ser ouvido por todos, mas os outros endireitaram-se nas cadeiras, ouvindo com redobrado interesse. Os vapores provenientes dos trípodes aumentavam e o tique-taque louco do relógio em forma de caixão parecia figurar estranhas formas semelhantes aos traços e pontos de uma mensagem telegráfica insolúvel, enviada do es-

paço. O hindu reclinou-se, semicerrou os olhos e continuou a sua narrativa estranhamente cuidada mas em linguagem corrente, enquanto perante os olhos dos que o ouviam se iam tomando forma as imagens do que acontecera a Randolph Carter.

II

As colinas que se erguem para lá de Arkham estão cheias de uma estranha magia que o velho feiticeiro Edmund Carter fez talvez descer das estrelas e subir das criptas subterrâneas quando, fugindo de Salem, aí se refugiou em 1962. Quando Randolph Carter lá voltou, percebeu que estava perto de uma das portas que alguns homens audaciosos e malditos abriram com violência nos muros titânicos que separam o mundo do absoluto que lhe fica exterior. Agora e neste dia do ano, era a sensação que sentia, podia executar com êxito a mensagem que tinha decifrado meses antes nos arabescos da chave de prata manchada e inacreditàvelmente antiga. Sabia agora como havia de a fazer rodar, como devia segurá-la ao pôr-do-Sol e que sílabas encantatórias deviam ser salmodiadas para o espaço, quando desse a nona e última volta. Num lugar tão próximo como este de uma polaridade lúgubre e da porta prometida, a chave não podia deixar de cumprir a sua função essencial. Naquela noite, repousaria, com certeza, na sua infância perdida, pela qual não deixara nunca de suspirar.

Saiu do carro com a chave no bolso e subiu a encosta, embrenhando-se cada vez mais no coração sombrio dos campos meditativos e assombrados, cheios de caminhos serpenteantes, muros cobertos de vinha, matas escuras, de pomares abandonados e árvores de troncos nodosos, de casas de quinta desertas com janelas escancaradas e ruínas sem nome. À hora do pôr-do-Sol, quando as agulhas das torres distantes de Kingsport brilhavam no incêndio rubro do Sol, tirou a chave e executou os movimentos e as invocações. Só mais tarde se apercebeu da rapidez com que se operara o ritual.

No crepúsculo cada vez mais intenso, ouviu então uma voz que vinha do passado: a do velho Benijah Corey, criado do seu tio-avô. Mas o velho Benijah não morrera já há trinta anos? Trinta anos antes de *que data?* O que era o tempo? Onde é que ele tinha estado? Porque é que era estranho que Benijah estivesse a chamar por ele neste dia sete de Outubro de

1883? Não andava cá por fora até mais tarde que a hora que a tia Martha lhe tinha marcado? Que chave era esta que trazia no bolso do blusão, onde devia antes estar o pequeno telescópio, que o pai lhe dera há dois meses, quando fizera nove anos? Tê-la-ia achado em casa, no sótão? Poderia abrir o pórtico oculto que o seu olhar penetrante apercebera por entre as rochas denteadas das traseiras da caverna interior, situada por detrás do «Covil da Serpente», na colina? Era este o lugar que sempre se associava ao nome do velho Edmund Carter, o feiticeiro. As pessoas nunca lá iam e ninguém senão ele tinha reparado na fenda obstruída pelas raízes e penetrado através dela na grande e escura cavidade interior em que se encontrava o pórtico. Que mãos tinham talhado na rocha viva aquele pórtico apenas sugerido? As do velho feiticeiro Edmund ou outras que ele tivesse conjurado e dirigido?

Nessa noite o pequeno Randolph ceou com o tio Chris e a tia Martha na velha mansão de tectos inclinados.

Levantou-se cedo na manhã seguinte e atravessou o frondoso pomar de macieiras até chegar aos feixes de madeira mais em cima, no ponto em que a entrada do «Covil da Serpente» se ocultava, negra e proibitiva, entre os carvalhos escuros e frondosos. Dominava-o um sentimento indizível de expectativa e nem sequer se apercebeu de ter deixado cair o lenço, quando metia desajeitadamente a mão ao bolso para ver se a estranha chave de prata estava sã e salva. Com uma segurança tensa e audaciosa, penetrou rastejando no negro orifício, iluminando o caminho com os fósforos que trouxera da sala de estar. Passados uns momentos, tinha conseguido entrar pela fenda obstruída de raízes, na parte mais afastada, e encontrava-se na vasta gruta interior, até então desconhecida, cuja derradeira parede rochosa se assemelhava quase a um pórtico monstruoso, talhado assim intencionalmente. Quedou-se silencioso e dominado pelo terror perante aquela parede húmida, gotejante, acendendo fósforo atrás de fósforo, enquanto a fixava. Aquela protuberância de pedra que ficava acima da chave de abóboda do arco que mal se divisava seria realmente uma mão gigantesca esculpida? Tirou então a chave de prata e executou os movimentos e as invocações de cuja origem só muito vagamente se recordava. Ter-se-ia esquecido de alguma coisa? Só sabia o que desejava era atravessar a fronteira que o separava do país livre dos seus sonhos e dos abismos em que todas as dimensões se dissolvem no absoluto.

III

O que então aconteceu mal se pode descrever. Contém todos aqueles paradoxos, contradições e anomalias que não têm lugar em estado de vigília, mas que povoam os nossos sonhos mais fantásticos e são consideradas coisas naturais antes de regressarmos ao nosso mundo rígido, estreito e objectivo, de causalidade limitada e lógica tridimensional. À medida que ia prosseguindo a sua história, o hindu sentia dificuldade em evitar aquilo que parecia ser pura extravagância vulgar e pueril, mais extravagante ainda do que a ideia de um homem que se transporta à infância, percorrendo os anos. Enfadado, o senhor Anspinwall resfolgou apoplético e deixou pràticamente de prestar atenção.

E o ritual da chave de prata, tal como Randolph Carter o executou naquela caverna negra e assombrada, não se mostrou inútil. A partir do primeiro gesto e da primeira sílaba pronunciada, começou a sentir-se uma aura de estranha e terrível mutação — uma sensação de perturbação e confusão incalculáveis, no tempo e no espaço, uma sensação que, todavia, nada continha que pudesse reconhecer-se como movimento e duração. Imperceptìvelmente, coisas como idade e localização deixaram de ter significado. No dia anterior, Randolph Carter tinha saltado miraculosamente um abismo de anos e não existia agora qualquer distinção entre «rapaz» e «homem». Havia só o sujeito Randolph Carter, com um determinado cabedal de imagens que haviam perdido toda a ligação com as cenas terrestres e as condições de aquisição. Momentos antes, tinha havido uma gruta interior com uma vaga sugestão de arco monstruoso e de mão gigantesca esculpida na parede mais afastada. Agora não existia nem gruta nem ausência de gruta; nem parede nem ausência de parede. Havia apenas um fluxo de impressões, mais cerebrais do que visuais, por entre as quais o sujeito que era Randolph Carter experimentava percepções ou era objecto de registos de tudo o que na sua mente se agitava, sem contudo haver nítida consciência do modo como recebia essas percepções.

Quando o ritual terminou, Carter percebeu que não estava em qualquer sítio que pudesse ser localizado por geógrafos terrestres ou em qualquer época cuja data pudesse ser determinada pela história; mas a natureza do que lhe estava a acontecer não lhe era totalmente desconhecida. Havia prenúncios dela nos misteriosos fragmentos Pnakóticos, e todo um capítulo do

proibido *Necronomicon* de Abdul Alharzred, o árabe louco, passara a fazer sentido quando decifrara os desenhos gravados na chave de prata. Uma porta fora aberta — não, de facto, a Derradeira Porta, mas outra que punha a Terra e o tempo em comunicação com aquele prolongamento da Terra que é o tempo-fora-do-tempo e a partir do qual a Derradeira Porta conduz, por sua vez, em terror e em perigo, ao Vazio Último, exterior a todas as terras, a todos os universos, a toda a matéria.

Haveria um Guia, um guia medonho, um guia que fora um ser da Terra há milhões de anos, quando ainda se não sonhava a existência do homem e quando formas esquecidas se moviam num planeta envolvido em vapores, construindo cidades surpreendentes, entre cujas ruínas desmoronadas haveriam de surgir os primeiros mamíferos. Carter recordava-se de que o monstruoso *Necronomicon* tinha referido, de forma vaga e desconcertante, em relação a esse guia:

«*E embora haja alguns*», escrevera o árabe louco, «*que ousaram lançar um olhar para lá do Véu e aceitá-LO como guia, mais prudentes teriam sido se tivessem evitado qualquer relação com ELE; pois está escrito no Livro de Thoth quão terrível é o preço de um simples olhar. Nem jamais volverão aqueles que o transponham, pois nos espaços infinitos, que transcendem o nosso mundo, há formas feitas de treva que agarram e prendem. A Coisa que caminha, vacilante, na noite, o Mal que desafia o Primitivo Signo, o Pastor que está de guarda à porta secreta de cada campa e se alimenta do que emana dos que nelas habitam, todos estes Poderes das Trevas podem menos do que AQUELE que guarda o Pórtico, ESSE que guiará o imprudente para lá de todos os mundos, até ao abismo dos devoradores inomináveis. Pois Ele é 'UMR AT-TAWIL', o Mais Antigo, esse a quem o escriba designou por AQUELE A QUEM A VIDA FOI PROLONGADA.*»

Num caos efervescente, a memória e a imaginação davam forma a figuras inacabadas e difusas, de contornos incertos; mas Carter sabia que elas eram apenas produto da memória e da imaginação. Sentia, todavia, que não fora o acaso que as fizera nascer na sua consciência, mas antes uma imensa realidade, inefável e desmedida, que o rodeava e se esforçava por lhe transmitir os únicos símbolos que ele tinha possibilidades de apreender. Pois não há mente terrena que possa apreender os prolongamentos das formas que se entretecem nos abismos tortuosos, fora do tempo e das dimensões que conhecemos.

Perante os olhos de Carter, pairava um cortejo ene-

voado de formas e cenas que ele relacionava, de certo modo, com o passado mais remoto da Terra, perdido na eternidade. Coisas vivas monstruosas moviam-se através de cenas fantàsticamente elaboradas, jamais vistas em sonhos de espíritos sãos; as paisagens apresentavam vegetação, rochedos, montanhas e alvenarias inacreditáveis, cujo traçado não era humano. Havia cidades submarinas e nelas habitantes e torres em vastos desertos, das quais globos e cilindros e seres alados sèm nomes se precipitavam pelo espaço ou se lançavam para fora dele. De tudo isto Carter se apercebeu, embora as imagens não apresentassem relações fixas entre si ou com ele. Ele próprio não tinha forma ou posição estável, mas ùnicamente intuições movediças de forma e posição, que lhe eram comunicadas pela sua fantasia rodopiante.

Desejara encontrar as regiões encantadas dos seus sonhos de infância, nos quais galeras subiam o rio Oukranos, passando pelas agulhas douradas de Thran, e manadas de elefantes atravessavam as selvas perfumadas de Kled, deixando para trás palácios esquecidos de colunas raiadas de marfim que dormiam, belos e intactos, sob o luar. Agora, intoxicado por visões mais vastas, mal sabia o que procurava. Pensamentos de infinita e blasfema ousadia surgiam-lhe no espírito e sabia que enfrentaria o temível Guia sem temor, pedindo-lhe coisas monstruosas e terríveis.

Repentinamente, o cortejo de sensações pareceu atingir uma espécie de vaga estabilização. Havia grandes massas de pedra esculpidas em desenhos bizarros e incompreensíveis e dispostas segundo leis de uma determinada geometria, invertida e desconhecida. De um céu de cor indefinida, filtrava-se a luz em direcções desconcertadas e contraditórias, luz que, quase conscientemente, brincava com o que parecia ser uma linha curva composta de gingantescos pedestais com hieróglifos, de forma quase hexagonal, encimados por formas indistintas e cobertas de véus.

Havia ainda uma outra figura que não encimava pedestal nenhum, parecendo antes deslizar ou flutuar por sobre a nublada superfície inferior que funcionava como chão. Os contornos não eram pròpriamente permanentes, mas tomava formas transitórias de algo que parecia preceder ou assemelhar-se à forma humana, embora tendo metade do tamanho de um homem vulgar. Parecia estar envolta em roupagens, tal como as formas que encimavam os pedestais, roupagens feitas de tecido de cor neutra; Carter não conseguiu divisar nela fendas para os olhos, pelas quais a figura pudesse olhar. Muito provàvelmente não precisava de olhar, já que

parecia pertencer a uma classe de seres que na sua organização e faculdades, estão muito para além do puramente físico.

Um pouco mais tarde, Carter percebeu que assim era, porque a Forma falara ao seu espírito sem sons nem palavras. E embora o nome que pronunciara fosse medonho, Randolph Carter não tremeu apavorado. Em vez disso, respondeu, também sem sons nem palavras, e prestou as homenagens que o terrível *Necronomicon* lhe ensinara. Pois esta figura outra não era que aquela que todo o mundo teme, desde que Lomar se ergueu do mar e os Filhos da Névoa de Fogo vieram à Terra ensinar ao homem o Saber mais Antigo. Era, de facto, o temível Guia e Guardião do Pórtico — 'UMR AT-TAWIL, o antigo, esse a quem o escriba designou por AQUELE A QUEM A VIDA FOI PROLONGADA.

O Guia sabia, porque sabia tudo, da vinda de Carter e do que ele procurava; sabia também que este pesquisador de sonhos e segredos se erguia na sua frente sem temor. Não havia horror nem maldade no que dele irradiava e, por momentos, Carter perguntou a si mesmo se as alusões terríficas e blasfematórias do árabe louco não proviriam da inveja e de um confuso desejo de ser ele a fazer o que estava prestes a ser feito. Ou talvez o Guia reservasse o terror e a maldade para aqueles que o temiam. Como as radiações prosseguissem, Carter acabou por as interpretar como palavas:

— Sou realmente O MUITO ANTIGO — disse o Guia — de quem ouviste falar. Estávamos à tua espera, eu e os Grandes Antigos. Sê bem-vindo, embora tivesses tardado. Tens a chave e já abriste a Primeira Porta. A Derradeira Porta está à espera que tentes abri-la. Se tens medo, não precisas de avançar. Podes regressar são e salvo pelo caminho por onde vieste. Mas se resolveres prosseguir...

A pausa era ameaçadora, mas as radiações continuavam a ser amigáveis. Carter não hesitou um segundo, porque uma curiosidade louca o impelia.

— Quero avançar — respondeu sem palavras — e aceito-vos por meu Guia.

Depois da resposta, o Guia pareceu fazer um sinal com certos movimentos das vestes, que podem ter ou não implicado o levantar de um braço ou de qualquer outro membro semelhante. Seguiu-se um segundo sinal e, graças aos conhecimentos bem aprendidos, Carter percebeu que, finalmente, se encontrava muito perto da Derradeira Porta. A luz mudara agora para uma outra cor indizível e as figuras que encimavam os pedestais quase hexagonais tornaram-se mais distintas. Como se mantinham mais erectas, os seus contornos

passaram a assemelhar-se mais aos dos homens, embora Carter soubesse que não podiam ser homens. Nas cabeças cobertas pareciam repousar altas mitras de cor indefinida que, curiosamente, faziam lembrar as que se vêem em certas figuras sem nome, cinzeladas por um escultor já esquecido ao longo das falésias vivas de uma alta montanha interdita da Tartária; presos entre as pregas da roupagem estavam longos ceptros cujas cabeças esculpidas encarnavam um mistério grotesco e arcaico.

Carter adivinhou o que eram, de onde vinham e a Quem serviam, adivinhando também o preço dos seus serviços. Mas continuava satisfeito, porque numa só aventura extraordinária ia aprender tudo. A maldição, pensava ele, não passa de uma palavra posta a circular por aqueles cuja cegueira os leva a condenar todos os que vêem, mesmo com um olho só. Meditou sobre a grande vaidade daqueles que tinham contado pormenores sobre a *maldade* dos Grandes Antigos, como se eles pudessem fazer uma pausa nos seus sonhos eternos para descarregar a sua fúria sobre a humanidade. Era como se um mamute, pensava ele, se detivesse para atingir com a sua frenética vingança um verme que não passa de isca.

Todo o grupo que encimava os pilares vagamente hexagonais estava agora a saudá-lo, fazendo gestos com os ceptros insòlitamente esculpidos e irradiando uma mensagem que ele compreendia:

— Nós te saudamos, ó Mais Antigo, e a ti, Randolph Carter, cuja ousadia fez de ti um de nós.

Carter viu então que um dos pedestais estava desocupado e um gesto do Mais Antigo fez-lhe perceber que ele lhe estava reservado. Avistou ainda outro pedestal, maior que os restantes, que se encontrava ao centro da linha caprichosamente encurvada — nem semicírculo nem elipse, nem parábola nem hipérbole — formada por todos eles. Este era, segundo calculou, o próprio trono do Guia. Movimentando-se e erguendo de forma quase impossível de definir, Carter tomou o seu lugar e, ao fazê-lo, viu que o Guia também se sentara.

A pouco e pouco e de maneira um tanto indistinta, foi-se tornando evidente que o Mais Antigo segurava qualquer coisa — um objecto preso nas pregas exteriores da veste como que para estar ao alcance da vista (ou do que como tal funcionava) dos Companheiros Velados. Era uma grande esfera, ou uma aparência de esfera, de um qualquer metal obscuramente iridescente; e, à medida que o Guia a fazia avançar, formava-se e diminuía, alternadamente, uma como que impressão de

som, abafado e penetrante, que parecia ser ritmado, apesar de não obedecer a nenhum ritmo da Terra. Havia uma sugestão de canto, ou de algo que o espírito humano poderia interpretar como tal. No mesmo instante, a quase-esfera começou a tornar-se luminosa e, à medida que brilhava com uma luz fria e pulsátil, de cor impossível de definir, Carter viu que o seu tremeluzir se adaptava ao ritmo estranho do canto. Todas as Figuras que se erguiam nos pedestais, com suas mitras e ceptros, começaram a mover-se levemente e de forma curiosa de um lado para o outro, ao mesmo ritmo inexplicável, enquanto nimbos de luz indefinível, que se assemelhavam à da quase-esfera, se moviam em torno das suas cabeças cobertas.

O hindu fez uma pausa na narrativa e olhou curioso o grande relógio de mostrador em forma de caixão, cheio de hieróglifos e com quatro ponteiros, cujo tique-taque louco obedecia a um ritmo desconhecido na Terra.

— O senhor de Marigny — disse de súbito, dirigindo-se ao ilustre dono da casa — não precisa que lhe descreva o rítmo particularmente estranho ao som do qual cantavam e acenavam aquelas Figuras encapuchadas sentadas no topo dos pilares hexagonais. O Senhor é o único, na América, que já teve o antegosto da Extensão Transdimensional. Aquele relógio... suponho que lhe foi mandado pelo Jogi de que o pobre Harley Warren costumava falar, o visionário que dizia que, de todos os homens vivos, só ele tinha estado em Yian-Ho, o legado oculto de Leng, velho de milénios, e tinha trazido certas coisas consigo dessa terrível cidade interdita; pergunto a mim mesmo quantas das suas propriedades mais subtis conhece. Se os meus sonhos e interpretações estiverem correctos, esse relógio foi feito por quem sabia muito acerca da Porta Primeira. Mas deixai-me continuar a minha história.

Por fim, prosseguiu o Swami, o movimento e a sugestão de canto cessaram, os nimbos cintilantes em torno das cabeças, agora descaídas e imóveis, desvaneceram-se, enquanto as formas revestidas de roupagens se afundavam curiosamente nos pedestais. A quase-esfera, no entanto, continuava a pulsar com uma luz inexplicável. Carter sentiu que os Grandes Antigos estavam a dormir como tinham estado quando os avistara pela primeira vez, e sentiu curiosidade em saber de que sonhos cósmicos a sua chegada os fizera despertar. Lentamente, a verdade infiltrou-se-lhe no espírito: este estranho ritual cantado era um ritual de instrução; os Companheiros tinham sido embalados pelo Mais Antigo e lançados numa nova e singular espécie

de sono, para que os seus sonhos pudessem abrir a Derradeira Porta, para a qual a chave de prata servia de passaporte. Sabia que na profundidade deste sono intenso, eles contemplavam as vastidões insondáveis de exterioridade extrema, absoluta, e que iriam executar o que a sua presença exigira.

O Guia não partilhou deste sono; parecia antes continuar a dar instruções, por forma subtil e não sonora. Era manifesto que estava a transmitir-lhes imagens daquilo que ele queria que os Companheiros sonhassem; e Carter teve consciência de que, à medida que cada um dos Grandes Antigos assimilasse o pensamento prescrito, surgiria o núcleo de uma manifestação visível aos seus olhos terrenos. Quando os sonhos de todas as Figuras atingissem uma unidade, essa manifestação surgiria e tudo o que ele desejava se materializaria, por meio de concentração. Já vira coisas dessas na Terra, na Índia, por exemplo, onde a vontade combinada e projectada de um círculo de adeptos pode fazer com que um pensamento tome forma tangível, e também na antiquíssima Atlaanât, da qual poucos se atrevem sequer a falar.

O que seria a Derradeira Porta e qual a maneira de a transpor, não o sabia Carter ao certo; mas sobre ele pairava uma sensação de tensa expectativa. Tinha consciência de possuir uma espécie de corpo e de ter na mão a fatídica chave de prata. As imponentes massas de pedra que se erguiam na sua frente pareciam ser lisas como um muro, e para o seu centro se sentiam irresistìvelmente atraídos os seus olhos. Então, repentinamente, sentiu que a corrente mental que partia do Mais Antigo cessara de se produzir.

Carter deu-se conta, pela primeira vez, como podia ser terrível o silêncio absoluto, mental e físico. Os primeiros momentos nunca tinham deixado de conter um certo ritmo perceptível, fosse ele apenas o pulsar fraco e secreto da extensão dimensional da Terra, mas agora o silêncio do abismo parecia descer sobre todas as coisas. Apesar dos apelos que dirigia ao corpo, a respiração não se ouvia e o brilho da quase-esfera de 'Umr At-Tawil, tinha-se tornado fixa, petrificada e sem pulsação. Um poderoso nimbo, mais brilhante do que os que se haviam agitado em torno das cabeças das Figuras, resplandecia, gelado, sobre o crânio velado do Guia terrível.

Uma vertigem assaltou Carter e o seu sentido de orientação perdida aumentou mil vezes. As estranhas luzes pareciam ter a qualidade da mais impenetrável escuridão somada a nova escuridão, enquanto a toda a volta dos Grandes Antigos, assentes nos seus tronos

pseudo-hexagonais, pairava uma atmosfera do mais surpreendente alheamento. Depois sentiu-se levado pelo ar para abismos incomensuráveis e ondas de calor perfumado rolaram-lhe contra as faces. Era como se flutuasse num mar tórrido, tingido de cor-de-rosa, um mar de vinho enebriante, cujas ondas rebentavam em espuma nas praias de fogo brônzeo. Um medo enorme apoderou-se dele quando entreviu aquela grande extensão de mar ondulante embatendo contra a costa distante. Mas o momento de silêncio foi interrompido — as ondas falavam-lhe numa linguagem que não era feita de sons físicos ou palavras articuladas:

«*O Homem da Verdade está acima do bem e do mal*», salmodiou uma voz que não era voz. «*O Homem da Verdade partiu para o Tudo-E-Um. O Homem da Verdade aprendeu que a Ilusão é a Realidade Única e que a Matéria é o Grande Impostor.*»

E então, nessa eminência de alvenaria, para a qual os seus olhos tinham sido tão irresistìvelmente atraídos, surgiu o contorno de um arco titânico, bastante parecido com aquele que julgava ter entrevisto, há tanto tempo, na tal caverna dentro de outra caverna, na superfície longínqua e irreal da Terra tridimensional. Teve consciência de que estivera a servir-se da chave de prata, fazendo-a girar de acordo com um ritual instintivo, não aprendido, muito semelhante ao que fizera com que a Porta Interior se abrisse. O mar cor-de-rosa que lhe rolara nas faces não era nem mais nem menos, agora o percebia do que a massa adamantina do muro sólido que cedia perante o seu poder mágico e o turbilhão de pensamentos com que os Grandes Antigos tinham ajudado esse poder mágico. Continuando a deixar-se guiar pelo instinto e pela cega determinação, avançou flutuando e atravessou a Derradeira Porta.

IV

O avanço de Randolph Carter através dessa massa ciclópica de alvenaria foi semelhante a um mergulho vertiginoso nos abismos desmedidos dos espaços inter-estelares. A enorme distância, sentiu a doçura mortal de vagas divinas e triunfantes; depois um roçagar de asas e impressões de som idêntico ao de ruídos e murmúrios de seres não conhecidos na Terra ou no sistema solar. Olhando para trás, viu não uma porta,

mas uma infinidade de portas, junto às quais clamavam Figuras que tentou não recordar.

E então, de súbito, sentiu um terror maior do que aquele que qualquer das Figuras podia inspirar, um terror de que não podia escapar porque tinha a ver com a sua própria pessoa. A Primeira Porta tinha-lhe tirado um pouco da sua estabilidade, deixando-o inseguro quanto à sua forma corpórea e quanto às suas relações com os objectos um tanto indistintos que o rodeavam, mas não lhe tinha perturbado o sentido de unidade. Tinha continuado a ser Randolph Carter, um ponto fixo no turbilhão dimensional. Agora, ultrapassada a Derradeira Porta, percebeu num momento de terror destrutivo que não era uma pessoa, mas muitas pessoas.

Estava em muitos sítios ao mesmo tempo. Na Terra, no dia 7 de Outubro de 1883, um rapazinho chamado Randolph Carter saía do «Covil da Serpente» no crepúsculo da noite silenciosa e descia a correr a encosta rochosa, atravessando o pomar de ramos entrelaçados, em direcção à casa do tio Christopher, que ficava nas colinas para lá de Arkham; no entanto, nesse mesmo momento, que era ao mesmo tempo, de certo modo, o ano terreno de 1928, uma vaga sombra que não deixava de ser Randolph Carter estava sentado num pedestal, entre os Antigos, no prolongamento transdimensional da Terra. Havia também um terceiro Randolph Carter que se encontrava no abismo cósmico, desconhecido e informe, para lá da Derradeira Porta. E noutros sítios, num caos de cenas cuja infinita multiplicidade e monstruosa diversidade quase o punham à beira da loucura, havia uma profusão ilimitada de seres que ele sabia serem tanto ele como a personalidade que se encontrava agora para lá da Derradeira Porta.

Havia Carters em cenas que pertenciam a todas as épocas conhecida, ou suspeitadas, da história da Terra e a períodos mais remotos do ser terrestre, que transcendem o conhecimento, a especulação e a credibilidade; Carters com formas humanas e não humanas, vertebrados e invertebrados, racionais e irracionais, animais e vegetais. E mais ainda, havia Carters que nada tinha a ver com a vida terrena e que se moviam insòlitamente no segundo plano de outros planetas e sistemas e galáxias e contínuos cósmicos, esporos de vida eterna arrastados de mundo para mundo, de universo para universo, mas sendo todos igualmente ele próprio. Algumas destas visões faziam-lhe lembrar sonhos, tanto incertos como distintos, isolados ou persistentes, que tivera ao longo dos anos, desde que começara a sonhar.

Algumas delas caracterizavam-se por uma familiaridade obsidiante, quase terrível e fascinante, para a qual a lógica terrena não podia encontrar explicação.

Tendo-se apercebido de tudo isto, Randolph Carter cambaleou, preso de um terror extremo, terror de que jamais suspeitara, mesmo no auge daquela noite terrível em que, sob um luar pálido dois se tinham aventurado a entrar numa odiosa necrópole antiga e só um tinha regressado. Não há morte, condenação ou angústia que possa provocar o desespero incomparável que provém da perda de *identidade*. Junto com o nada vem o tranquilo esquecimento; mas estar consciente da existência e no entanto saber que já não se é um ser determinado, distinto dos outros seres, que já não se tem um *eu*, eis o cume indizível da agonia e do terror.

Sabia que não tinha existido um Randolph Carter, de Boston, mas não tinha a certeza se ele, fragmento ou faceta de uma entidade que estava do lado de lá da Derradeira Porta, tinha sido esse ou outro. O seu *eu* fora aniquilado e, todavia, ele — se é que de facto, em face dessa total ausência de existência individual, podia haver essa coisa que se designa por *ele* — estava de igual modo consciente de ser, de forma inconcebível, uma legião de eus. Era com se o seu corpo se tivesse sùbitamente transformado numa dessas efígies com muitas cabeças e membros que se vêem esculpidas nos templos indianos; contemplava aquele aglomerado, numa tentativa confusa de conseguir perceber qual era o original e o que lhe fora acrescentado — se é que, na verdade (pensamento mais do que monstruoso!) *havia* um original distinto das outras encarnações.

E então, no meio destes pensamentos acabrunhantes, o fragmento de Carter que se encontrava para lá da porta foi arrancado ao que parecia ser o nadir do horror e lançado nos abismos negros e apavorantes de um horror ainda mais profundo. E desta vez era, em grande parte, exterior — era como que a força de uma personalidade que ao mesmo tempo lhe fazia face, o rodeava e o trespassava e que, para além da sua presença ali, parecia também ser uma parte dele e ser ainda coexistente com todos os tempos e com término a todos os espaços. Não havia uma imagem visual, mas no entanto a sensação de entidade e o horrível conceito de localização, identidade e infinidade combinadas comunicavam-lhe um terror paralisante que ultrapassava tudo o que qualquer dos fragmentos de Carter julgava poder existir.

Em face desse tremendo prodígio, o quase-Carter esqueceu o horror que fora a destruição da sua indi-

vidualidade. Era um ser e um eu limitados, de Tudo-em-Um e um Um-em-Tudo; não era simplesmente uma coisa de um contínuo espaço-tempo, mas algo que estava associado à última essência motriz de todo o movimento ilimitado da existência, o movimento último e extremo que não tem limites e que ultrapassa a fantasia e a matemática. É talvez aquilo que certos cultos secretos da Terra designaram por *Yog-Sothoth* e que, sob outros nomes, tem sido uma divindade, o que os crustáceos de Yuggoth veneram como o Que-está-para-Além e que os espíritos vaporosos das nebulosas espirais conhecem por um signo intranscritível; mas num repente o fragmento Carter percebeu como eram superficiais e insuficientes estas concepções.

O Ser dirigia-se agora ao fragmento Carter em ondas prodigiosas que se abatiam sobre ele, ardiam e ribombavam, numa concentração de energia que destruía o seu receptor com uma violência quase insuportável e que se assemelhava, em ritmo extraterreno, ao movimento misterioso dos Grandes Antigos e ao tremeluzir das luzes demoníacas da região desconcertante que se seguia à Primeira Porta. Era como se sóis e mundos e universos tivessem convergido sobre um só ponto, cuja verdadeira posição no espaço tinham conspirado aniquilar com um impacto de fúria irresistível. Mas, no meio daquele enormíssimo terror, houve um terror menor que se atenuou, pois as vagas ardentes pareciam ter de certo modo isolado o Carter-para-lá-da-porta da multidão dos seus duplos, restituindo-lhe assim uma certa dose da ilusão de identidade. Passado algum tempo, Carter começou a traduzir as vagas para formas de discurso que lhe eram familiares e a sensação de terror e opressão desvaneceu-se. O horror transformou-se em puro temor-respeito e o que lhe parecera demonìacamente anormal afigurava-se-lhe agora inefàvelmente grandioso.

«Randolph Carter», pareciam dizer, «os meus representantes na extensão do teu planeta, os Grandes Antigos, enviaram-te como alguém que, há pouco, regressou às pequenas ilhas do sonho que perdera, mas que, com maior liberdade, se elevou a desejos e aspirações mais vastas e mais nobres. Desejavas navegar no dourado Ukranos, procurar esquecidas cidades de marfim em Kled, toda vestida de orquídeas, e reinar no trono opalino de Ilek-Vad, cujas torres fabulosas e cúpulas inumeráveis se erguem poderosas em direcção a uma única estrela vermelha de um firmamento que é estranho à tua Terra e a toda a matéria. Agora, depois de passares duas portas, desejas coisas maiores. Não queres, como uma criança, fugir de uma cena que detestas para um sonho de que gostas, mas preferes mergulhar como um homem no último e mais íntimo dos segredos que está por detrás de todas as cenas e todos os sonhos.

«Acho que é bom o que tu desejas e estou disposto a conceder-te o que só onze vezes concedi do teu planeta — só cinco vezes a esses que chamais homens ou aos que com eles se assemelham. Estou pronto a mostrar-te o Último Mistério; olhá-lo é destruir um espírito fraco. Porém, antes que contemples esse último e primeiro dos segredos, podes fazer uma escolha livre e voltar, se assim o desejares, através das duas Portas, com o Véu ainda intacto diante dos olhos.»

V

Uma paragem súbita no fluxo das ondas deixou Carter mergulhado num silêncio terrível, arripiante, cheio do espírito da desolação. A vastidão ilimitada do vazio comprimia-se contra as suas mãos; mas sabia que o Ser ainda ali estava. Decorridos uns segundos, pensou palavras cuja substância mental lançou ao abismo: «Aceito. Não quero recuar.»

As vagas avançaram de novo e Carter percebeu que o Ser tinha ouvido. Do Espírito infinito brotou então uma torrente de conhecimento e explicação que lhe abriu novas visões e o preparou para ter uma compreensão do cosmos como nunca esperara possuir. Aprendeu como era infantil e limitada a noção de um mundo tridimensional e que infinidade de direcções existe para além das conhecidas: para cima-para baixo, para a frente-para trás, para a direita-para a esquerda. Tomou consciência da pequenez e do vazio arrebicado dos pequenos deuses da Terra, com os seus interesses e ligações humanos e mesquinhos — os seus ódios, raivas, amores e vaidades; a sua sede de louvores e sacrifícios e as suas exigências de fés contrárias à razão e à natureza.

Embora para Carter a maior parte destas impressões se traduzisse em palavras, havia outras que se transmitiam por intermédio de outros sentidos. Com os olhos, talvez, ou talvez com a imaginação, teve consciência que se encontrava numa região cujas dimensões excediam as que os olhos e o espírito do homem podem conceber. Nas sombras meditativas do que primeiro se apresentara como um turbilhão de poder e

depois como um vazio infinito, via ele agora um movimento de criação que lhe entontecia os sentidos. De um ponto de vista impossível de conceber, observava figuras prodigiosas cujos múltiplos prolongamentos transcendiam qualquer conceito de ser, de tamanho e de limites que o seu espírito pudesse ter concebido até então, apesar de toda uma vida dedicada a estudos ocultistas. Começou a perceber vagamente porque é que podiam coexistir o rapazinho Randolph Carter da herdade de Arkham, em 1883, a figura indistinta no topo da coluna quase hexagonal para lá da primeira Porta, o fragmento que agora enfrentava a Presença no abismo insondável e todos os outros Carters que a sua imaginação e a sua intuição contemplavam.

As vagas aumentaram então de vigor e procuraram melhorar-lhe a compreensão, reconciliando-o com a entidade multiforme de que o presente fragmento era uma parte infinitesimal. Disseram-lhe que todas as figuras do espaço mais não são que o resultado da intersecção, por um plano, de uma determinada figura correspondente dotada de mais uma dimensão — tal como um quadrado é a secção de um cubo e um círculo de uma esfera. O cubo e a esfera, com as suas três dimensões, são secções de formas correspondentes com quatro dimensões, que os homens só conhecem de suposições e sonhos; e estas, por sua vez, são secções de figuras de cinco dimensões e assim por diante, até às alturas vertiginosas e inacessíveis da infinidade arquétipa. O mundo dos homens e dos deuses dos homens é pura e simplesmente uma fase infinitesimal de um fenómeno infinitesimal — a fase tridimensional daquela pequena totalidade fechada pela Primeira Porta, em que 'Umr At-Tawil inspira sonhos aos Grandes Antigos. Embora os homens a saudem como a realidade e considerem os pensamentos do seu original multidimensional como irrealidade, o contrário é que é verdade. Aquilo a que chamamos substância e realidade é sombra e ilusão e o que designamos por sombra e ilusão é substância e realidade.

O tempo, continuaram as ondas, é imóvel e não tem princípio nem fim. O ter movimento e ser causa de mudanças é uma ilusão. De facto, é em si mesmo uma ilusão, pois, excepto para a visão estreita dos seres que vivem em dimensões limitadas, coisas como passado, presente e futuro não existem. Os homens só pensam no tempo por causa daquilo a que chamam mudança, mas também isso é uma ilusão. Tudo o que foi e é e será existe simultâneamente.

Estas revelações foram-lhe feitas com um solenidade semelhante à dos deuses, pelo que Carter não

pôde duvidar delas. Embora estivessem fora do alcance da sua compreensão, sentiu que deviam ser verdadeiras, à luz daquela realidade cósmica final que dilata todas as perspectivas particulares e os pontos de vista parciais e estreitos. Pois não se tinha baseado toda a sua procura numa fé na irrealidade do particular e do parcial?

Depois de uma pausa impressionante, as vagas continuaram, dizendo que o que os habitantes de zonas de poucas dimensões chamam mudança é apenas uma função da sua consciência que vê o mundo exterior de vários ângulos cósmicos. Assim, como as Figuras produzidas pela secção de um cone parecem variar segundo os ângulos de corte, surgindo assim como círculos, elipses, parábolas ou hiperboles, de acordo com esse ângulo, sem que, no entanto se verifique qualquer alteração do próprio cone, também os aspectos particulares de uma realidade inalterável e infinita parecem variar com o ângulo cósmico de visão. Os fracos seres dos mundos interiores são escravos desta diversidade de ângulos de consciência, uma vez que só com raras excepções podem aprender a controlá-los. Só alguns poucos estudiosos de coisas ocultas conseguiram obter vislumbres deste «contrôle», tendo por isso conquistado o tempo e a mudança. Mas os seres que vivem do lado de lá das Portas comandam todos os ângulos e vêem o sem número de partes do cosmos em termos de uma perspectiva fragmentária, que implica mudança, ou da totalidade imutável para além da perspectiva, de acordo com a própria vontade.

Quando as vagas fizeram nova pausa, Carter começou a entender, vaga e aterradamente, o que estava por detrás daquele enigma da individualidade perdida que, a princípio, tanto o havia horrorizado. A sua intuição juntou os fragmentos da revelação e fez com que se aproximasse cada vez mais da verdadeira compreensão do segredo. Entendeu que grande parte da terrível revelação se lhe teria deparado, dividindo o seu eu por um sem número de duplos terrestres, quando atravessara a Primeira Porta, se o poder mágico de 'Umr At-Tawil não lho tiveses evitado, para ele poder utilizar com precisão a chave de prata na abertura da Derradeira Porta. Ansioso por conseguir um conhecimento mais esclarecido, emitiu ondas de pensamentos, pedindo mais pormenores sobre a relação exacta existente entre as suas várias facetas — o fragmento que agora se encontrava para lá da Derradeira Porta, o fragmento que estava ainda no pedestal quase-hexagonal a seguir à Primeira Porta, o rapazinho de 1883, o homem de 1928, os vários seres ancestrais que ha-

viam constituído a sua herança e o baluarte do seu eu e os habitantes sem nome de outras eternidades e outros mundos que aquele primeiro relâmpago medonho de derradeira percepção identificara com ele. Lentamente, as vagas do Ser continuaram a ondular em resposta, tentando tornar acessível o que estava quase fora do alcance de um espírito terreno.

Todas as gerações descendentes dos seres das dimensões finitas, prosseguiram as vagas, e todas as fases de crescimento em cada um destes seres são meras manifestações de um único ser eterno e arquétipo que domina o espaço exterior a todas as dimensões. Cada ser particular — filho, pai, avô, etc. — e cada fase do ser individual — bebé, criança, rapaz, homem — é apenas uma das infinitas fases do mesmo ser eterno e arquétipo, originado por uma variação de ângulo do plano de consciência que o secciona. Randolph Carter em todas as idades, Randolph Carter e todos os seus antepassados, humanos e pré-humanos, terrestres e pré-terrestres, todos eram apenas fases de um Carter fundamental e eterno, fora do espaço e do tempo — projecções aparentes só diferenciadas em cada caso, pelo ângulo segundo o qual o plano da consciência cortou o arquétipo eterno.

Uma ligeira mudança de ângulo podia transformar o estudioso de agora na criança de ontem; podia transformar Randolph Carter no feiticeiro Edmund Carter que, em 1692, fugira de Salem para as colinas que se erguem por detrás de Arkham ou em Pickmann Carter que no ano de 2169 deitará mão de estranhos meios para repelir as hordas mongóis da Austrália; podia transformar um Carter humano num daqueles seres primitivos que tinham habitado na primitiva Hyperborea e adorado o negro e maleável Tsathoggua, depois de fugirem de Kythamil, o planeta duplo que outrora girou em volta de Arcturus; podiam transformar um Carter da Terra num habitante da própria Kythamil de formas duvidosas e vagamente seu antepassado, numa criatura mais antiga do transgaláctico Stronti, numa dessas consciências gasosas de quatro dimensões que viviam num contínuo mais antigo de espaço-tempo ou num espírito vegetal do futuro, habitante de um negro cometa radioactivo de órbita inconcebível, e assim por diante, num interminável ciclo cósmico.

Os arquétipos, diziam as vibrações das ondas, são os habitantes do Abismo Derradeiro — informes, inefáveis e só suspeitados por raros sonhadores dos mundos de pequenas dimensões. O mais importante de entre eles era este Ser que o esclarecia, *Ser que de facto era o próprio arquétipo de Carter.* O zelo insa-

tisfeito que Carter e todos os seus antepassados tinham posto na procura dos segredos cósmicos interditos era um resultado natural da sua proveniência do Arquétipo Supremo. Em todos os mundos, os grandes feiticeiros, os grandes pensadores, os grandes artistas, são facetas Dele.

Atordoado pelo terror, que se misturava com uma espécie de medonho prazer, a consciência de Randolph Carter prestou homenagem a essa Entidade transcendente, da qual esse sentimento derivava. Quando as vagas fizeram nova pausa, ficou a meditar, em profundo silêncio, pensando em estranhas homenagens, estranhas perguntas e em pedidos ainda mais estranhos. Conceitos bizarros atravessavam-lhe contraditòriamente o espírito aturdido por visões inabituais e revelações imprevistas. Ocorreu-lhe que, se essas revelações fossem rigorosamente verdadeiras, podia visitar, em corpo, todas as épocas e partes do universo infinitamente remotas que só em sonhos revira, desde que pudesse dominar a magia e fazer alterar o ângulo do seu plano de consciência. E a chave de prata não poderia fornecer-lhe essa magia? Não era ela que o tinha feito mudar do homem de 1928 para o rapaz de 1883 e depois para outra coisa perfeitamente fora do tempo? Era curioso que, apesar da sua actual ausência aparente de corpo, soubesse que ainda tinha consigo a chave.

Enquanto o silêncio se prolongava, Randolph Carter fez irradiar os pensamentos e questões que o assaltavam. Sabia que neste último abismo se encontrava equidistante em relação a todas as facetas do seu arquétipo — humanas ou não humanas, terrestres ou extraterrestres, galácticas ou transgalácticas e era febril a sua curiosidade pelas outras fases do seu ser, especialmente por aquelas que, no tempo e no espaço, se encontravam mais distantes do 1928 terreno ou pelas que mais persistentemente tinham povoado os seus sonhos durante a vida. Sentia que a sua Entidade arquétipa podia, a seu belo prazer, transpô-lo em corpo para qualquer uma destas fases da vida passada e distante, modificando simplesmente o seu plano de consciência; e, apesar das maravilhas porque já passara, ardia de desejo por mais essa maravilha — a de caminhar em carne e osso através dessas paisagens grotescas e incríveis que as visões nocturnas lhe tinham deixado entrever de maneira fragmentária.

Sem intenção definida, pedia à Presença que lhe facilitasse o acesso a um mundo obscuro e fantástico, cujos sóis multicolores, constelações estranhas, negros despenhadeiros vertiginosos, habitantes com garras e

focinhos de tapir, bizarras torres metálicas, túneis inexplorados e misteriosos cilindros voadores se tinham introduzido repetidas vezes nos seus sonhos. Pressentia vagamente que esse mundo era o único que, em todo o cosmos concebível, estava mais livremente em contacto com os outros e ansiava por explorar as regiões de que tinha entrevisto os começos e partir através do espaço para aqueles mundos ainda mais distantes com os quais os habitantes de garras e focinhos traficavam. Não havia tempo para ter medo. Como em todas as crises por que passara na sua vida estranha, a pura curiosidade cósmica triunfou sobre tudo o mais.

Quando as vagas retomaram as terríveis pulsações, Carter percebeu que o seu medonho pedido fora satisfeito. O Ser estava a falar-lhe dos abismos nocturnos através dos quais teria de passar, da desconhecida estrela quíntupla de uma galáxia insuspeitada, à volta da qual gira o mundo exterior e dos horrores íntimos e penetrantes, contra os quais desde sempre lutaram os seres dotados de garras e focinho que habitam esse mundo. Também lhe disse como era necessário que o ângulo do seu próprio plano de consciência pessoal e o ângulo do seu plano de consciência que está relacionado com os elementos tempo-espaço do mundo procurado tivesse a mesma inclinação, de modo a restituírem a esse mundo a faceta Carter que aí tinha habitado.

A Presença advertiu-o que se certificasse se estava de posse dos seus símbolos, para o caso de querer regressar do mundo estranho e remoto que escolhera; em resposta, Carter enviou uma confirmação impaciente, confiante em que a chave de prata, que sentia estar ainda na sua posse e que sabia ter inclinado ambos os planos, o seu e o do seu mundo, de modo a lançá-lo em 1883, contivesse os aludidos símbolos. E então o Ser, apercebendo-se da impaciência de Carter, deu a entender estar pronto a executar a monstruosa precipitação. As ondas detiveram-se abruptamente e uma quietude momentânea sobreveio, tensa de espectativa terrível e inominável.

Sem prévio aviso, surgiu depois um silvo e um como que rufar de tambores que foi aumentando até se transformar num ribombar medonho. Mais uma vez Carter se sentiu o ponto focal de uma intensa concentração de energia que o atingia, o martelava e o queimava insuportàvelmente, ao ritmo, já agora seu conhecido, do espaço exterior, energia que não podia classificar-se nem como sendo o calor explosivo de uma estrela incandescente nem como o frio totalmente petrificante do derradeiro abismo. Faixas e raios de cor, completamente estranhos a qualquer espectro do nosso universo, agitavam-se, teciam-se e entrelaçavam-se ante os seus olhos, e ele tinha consciência de haver uma terrível velocidade de movimentos. Avistou num relance uma figura solitária sentada num trono envolto em nuvens, trono cuja forma era mais hexagonal que outra coisa...

VI

Ao fazer uma paragem na narrativa, o hindu viu que de Marigny e Phillips o observavam atentamente. Aspinwall fingia ignorar a história, mantendo os olhos ostensivamente baixos sobre os papéis que tinha na frente. O tique-taque de ritmo estranho do relógio em forma de caixão tomou um significado novo e prodigioso, ao mesmo tempo que os vapores dos trípodes entupidos e abandonados se entrelaçavam, formando inexplicáveis figuras fantásticas e original perturbadoras combinações com as figuras grotescas das tapeçarias. O negro que delas cuidava havia desaparecido, talvez fugindo assustado de uma certa tensão avassaladora. Uma hesitação quase apologética embaraçava o narrador quando retomou a fala, no tom de voz que lhe era próprio, singularmente elaborado e, no entanto, corrente:

— Achastes, com certeza, que era difícil acreditar nestas coisas do abismo — disse ele — mas creio que ainda ides achar ser mais difícil acreditar nas coisas materiais e tangíveis que se seguiram. Esta é a nossa maneira humana de encarar as coisas. As maravilhas são duplamente incríveis, quando as fazemos passar das regiões imprecisas dos sonhos possíveis para as das três dimensões. Não tentarei contar-vos muitas coisas — isso daria uma outra história muito diferente. Só vos contarei aquilo que for absolutamente necessário.

Depois daquele turbilhão final de ritmo singular e policromático, Carter achou-se mergulhado naquilo que, por momentos, lhe pareceu ser o seu velho sonho persistente. Caminhava, como em muitas outras noites anteriores, sob o fogo de um sol de cor diferente da solar, no meio de multidões de seres dotados de garras e focinhos, ao longo das ruas de um labirinto de metal singularmente moldado; e quando olhou para baixo viu que o seu corpo era como o dos outros — rugoso, em parte escamoso e curiosamente articulado, muito semelhante ao dos insectos, mas parecendo-se igualmente, embora de forma caricatural, com o dos seres

humanos. Continuava a segurar a chave de prata, embora não na mão, mas numa garra de aspecto maléfico.

Findos uns momentos, a sensação de sonho desvaneceu-se e Carter sentiu-se como tendo acabado de despertar de um sonho. O derradeiro abismo — o Ser — entidade de uma raça absurda, extraterrena, chamava Randolph Carter para um mundo futuro, ainda por nascer; algumas destas coisas faziam parte dos sonhos recorrentes, persistentes, do feiticeiro Zkauba que habita o planeta Yaddith. Eram sonhos demasiado insistentes, que interferiam com os seus deveres de tecer encantamentos para manter nas tocas os terríveis Dholos, e que se misturavam com as recordações que tinha de milhares de mundos reais que visitara metido em escafandros de luz. E agora tinham-se tornado quase reais como nunca antes acontecera. Nada de bom significava esta pesada, concreta chave de prata que segurava na pata anterior direita, imagem perfeita de outra com que sonhara. Tinha de descansar, reflectir e consultar as tábuas de Nhing para saber o que havia de fazer. Trepando a um muro metálico que ficava num caminho afastado do aglomerado principal, entrou no seu quarto e aproximou-se da prateleira em que se encontravam as tábuas.

Sete fracções de dia mais tarde, Zkauba estava sentado no seu prisma dominado pelo terror e meio desesperado, porque a verdade tinha aberto uma nova série de aflitivas recordações. Nunca mais poderia conhecer a paz de ser uma única entidade. Para todo o tempo e todo o espaço, ele era dois: Zkauba, o feiticeiro de Yaddith, desgostoso por pensar no repelente mamífero terrestre chamado Carter que viria a ser e fora, e Randolph Carter, de Boston, cidade da Terra, tremendo de medo perante a coisa com garras e focinho que já fora e voltara a ser.

As unidades de tempo passadas em Yaddith — disse o Swami, cuja voz rebuscada estava a começar a acusar sinais de fadiga —, constituíam, por si só um conto que não pode relatar-se em pouco tempo. Houve viagens a Stronti e Mthura e Kath e a outros mundos pertencentes às vinte e oito galáxias a que os escafandros de luz dos seres de Yaddith tinham acesso e viagens de ida e volta através de eternidades de tempo, com a ajuda da chave de prata e dos vários outros símbolos conhecidos dos feiticeiros de Yaddith; houve odiosos combates com os Dholos, viscosos e descoloridos, travados nos túneis primitivos que enxameavam como favos o planeta; houve sessões terríveis em bibliotecas, no meio do saber acumulado de dez mil mundos vivos e mortos; houve tensas discussões com

outros espíritos de Yaddith, incluindo o Buo Antiquíssimo. Zkauba não contou a ninguém o que lhe acontecera; mas quando a faceta Randolph Carter predominava, estudava desesperadamente todos os meios de voltar à Terra e à forma humana e procurava empregar a linguagem dos homens, utilizando os seus insólitos órgãos fonadores tão pouco adaptados a ela.

Depressa a faceta Carter percebeu com horror que a chave de prata não tinha poderes para possibilitar o seu retorno à forma humana. Como veio a deduzir, tarde de mais, a partir de coisas de que se lembrava, que sonhara e que intuíra com base nos conhecimentos tradicionais de Yaddith, a chave era um produto de Hyperborea, na Terra, tendo só poderes sobre os ângulos de consciência pessoais dos seres humanos. Podia, todavia, alterar o ângulo planetário e enviar, a seu belo prazer, através do tempo e num corpo inalterado, aquele que a utilizava. Fora-lhe acrescentado um outro sortilégio que lhe dava poderes ilimitados que de outra forma não possuiria; mas também este fora uma descoberta humana, afecta a uma região espacialmente inatingível que os feiticeiros de Yaddith não podiam reproduzir. Fora descrito no pergaminho indecifrável contido na caixa de horrendos embutidos, juntamente com a chave de prata, pergaminho que Carter lamentava amargamente não ter trazido consigo. O Ser, agora inacessível, do abismo tinha-lhe lembrado que era preciso estar de posse de todos os símbolos e tinha, com certeza, pensado que nada lhe faltava.

O tempo ia passando e Carter esforçava-se cada vez mais por ser capaz de utilizar o enorme saber tradicional de Yaddith, de forma a descobrir um processo de voltar ao abismo e à presença da Entidade omnipotente. Com os novos conhecimentos adquiridos, poderia ter avançado muito na decifração do pergaminho secreto; mas esse poder não passava de pura ironia, nas actuais condições. Havia, no entanto, alturas em que predominava a faceta Zkauba e em que ele se esforçava por apagar as recordações perturbadoras que o afligiam.

E assim foram passando longos espaços de tempo, períodos mais longos do que aqueles que a mente humana pode conceber, uma vez que os seres de Yaddith só morrem decorridos prolongados ciclos. Depois de muitas centenas de revoluções, a faceta Carter pareceu sobrepor-se à faceta Zkauba e pôde, durante enormes períodos, calcular em espaço e tempo, a distância que separava Yaddith da Terra dos homens. Os números eram de atordoar — eternidades de anos-luz impossíveis de contar — mas o saber imemorial de Yad-

dith permitia a Carter apreender tais coisas. Cultivou o poder de se sonhar momentâneamente a caminho da Terra e sobre ela aprendeu muitas coisas que desconhecera até então. Mas não conseguia sonhar a fórmula necessária, citada no pergaminho esquecido.

Até que por fim concebeu um plano louco de se evadir de Yaddith, plano que teve o seu início no momento em que descobriu uma droga que manteria sempre adormecida a sua faceta Zkauba, sem contudo fazer desaparecer o saber e as recordações de Zkauba. Pensou que os seus cálculos lhe permitiriam realizar uma viagem no seu escafandro de luz, tal como nenhum habitante de Yaddith jamais realizara — uma viagem *corpórea*, através de eternidades inomináveis e de inacreditáveis extensões galácticas, cujo objectivo seria o sistema solar e a própria Terra. Chegado à Terra, embora sob a forma de um ser dotado de garras e focinho, poderia descobrir maneira de encontrar, e de acabar de decifrar, o pergaminho de estranhos hieróglifos que deixara no carro, em Arkham; e com a ajuda dele — e da chave — retomaria o seu aspecto terrestre normal.

Estava consciente dos perigos do que ia tentar. Sabia que no momento em que tivesse conseguido fazer chegar o ângulo do planeta à eternidade correcta (coisa impossível de conseguir enquanto girasse pelo espaço), Yaddith seria um mundo morto dominado pelos Dholes triunfantes e a sua fuga no escafandro de luz estaria sujeita a graves dúvidas. Estava também consciente de que teria de conseguir um estado de morte aparente, como se fosse um alquimista, de forma a suportar a travessia de abismos insondáveis, travessia que duraria eternidades. Sabia ainda que, partindo do princípio de que a viagem seria bem sucedida, teria de se imunizar contra as bactérias e contra certas situações que na Terra seriam hostis a um corpo vindo de Yaddith. Além disso, haveria que descobrir uma maneira de, na Terra, simular ter forma humana, até poder recuperar e decifrar o pergaminho e retomar, de facto, essa forma. De outro modo, seria muito provável que as pessoas o descobrissem e destruíssem, horrorizadas, como coisa que não devia existir. E teria de haver ouro, felizmente fácil de encontrar em Yaddith, que lhe permitisse sobreviver durante o tempo que durassem as investigações.

A pouco e pouco os planos de Carter foram-se concretizando. Conseguiu um escafandro de luz de resistência acima do normal, capaz de suportar não só a prodigiosa transição de tempo, mas também a fuga sem precedentes através do espaço. Reexaminou todos os

cálculos e dirigiu repetidas vezes os seus sonhos em direcção à Terra, tentando aproximá-los o mais possível de 1928. Praticou a morte aparente com extraordinário êxito; descobriu o agente bacteriano de que precisava e calculou as variações da força da gravidade a que teria de se habituar. Moldou hàbilmente uma máscara de cera, preparou vestes soltas que lhe permitiriam parecer na Terra um ser humano como os demais e inventou um sortilégio de poder duplo com o qual deteria os Dholes no momento de partir do morto e negro Yaddith, cujo futuro era perfeitamente inconcebível. Teve também o cuidado de reunir um número considerável de drogas, impossíveis de obter na Terra, que submeteriam a sua faceta Zkauba enquanto se não pudesse despojar do corpo de Yaddith, não tendo igualmente esquecido uma pequena reserva de ouro para uso na Terra.

O dia da partida foi um dia de dúvidas e preocupação. Carter subiu à plataforma do escafandro, sob pretexto de viajar até Nython, a tripla estrela, e introduziu-se no invólucro de metal reluzente. Tinha só o espaço suficiente para proceder ao ritual da chave de prata e quando, o executou, deu início à levitação do escafandro. O dia pareceu agitar-se e escureceu de maneira surpreendente, emitindo um terrível gemido de dor. O cosmos parecia girar como que irresponsável e as outras constelações dançavam no céu negro.

De repente, Carter sentiu um novo equilíbrio. O frio dos abismos interestelares mordia o exterior do escafandro, e ele pôde ver que flutuava livre no espaço; a construção metálica de que partira fora destruída anos antes. Por baixo dele, o chão pululava de gigantescos Dholes. Enquanto os observava, um deles ergueu-se várias centenas de pés e levantou para ele uma das suas extremidades viscosas e descoloridas. Mas os poderes mágicos de Carter produziram efeito e num instante, caindo através do espaço, partia para longe de Yaddith, são e salvo.

VII

Na bizarra sala da casa de Nova Orleães, de que por instinto fugira o velho criado negro, a voz estranha do Swami Chandraputra soou ainda mais rouca:

— Meus senhores — prosseguiu —, não vou pedir-lhes que acreditem nestas coisas senão depois de vos

apresentar uma prova irrefutável. Considerai, pois, como pura ficção o que vos conto, quando vos falo dos *milhares de anos-luz, dos milhares de anos de tempo e dos infinitos biliões de milhas* que Randolph Carter percorreu através do espaço, como um ser estranho e sem nome, encerrado num delgado escafandro de metal movido por electrões. Calculou com o maior cuidado o tempo de morte aparente que era preciso observar, de forma a que terminasse apenas alguns anos antes do momento de descer na Terra em 1928, ou por aí perto.

Nunca Carter esquecerá esse despertar. Não vos esqueçais, meus senhores, que antes desse sono que durou eternidades *ele vivera conscientemente milhares de anos terrestres no meio das maravilhas extraordinárias, mas horríveis, de Yaddith.* Sentiu a terrível mordedura do frio, o cessar de sonhos ameaçadores e olhou através das placas de vidro do escafandro. À sua volta, estrelas, constelações, nebulosas; *por fim, os seus contornos começaram a assemelhar-se aos das constelações da Terra, suas conhecidas.*

Um dia mais tarde poder-se-á descrever a sua descida até ao sistema solar. Viu Kynarth e Yuggoth na extremidade desse sistema, passou junto de Neptuno e avistou os demoníacos cogumelos brancos que se apresentam como manchas desse planeta, aprendeu um segredo impossível de descrever, ao observar de perto as brumas de Júpiter, viu o horror que dominava num dos Satélites e observou as ruínas ciclópicas que se estendem sobre o disco rubro de Marte. Quando se aproximava da Terra, ela apareceu-lhe como um delgado crescente que ia aumentando de volume, assustadoramente. Abrandou a velocidade, embora o sentimento de voltar para casa, para a Terra, lhe fizesse sentir o desejo de não perder um único momento. Mas não tentarei falar-vos sobre esse sentimento, tal como me foi descrito por Carter.

Ora bem, perto do fim da viagem, Carter ficou a pairar na estratosfera à espera que a luz do dia iluminasse o Hemisfério Ocidental. Desejava descer no ponto de onde partira — perto do «Covil da Serpente», nas colinas que se erguem por detrás de Arkham. Se por acaso algum de vós já esteve fora de casa bastante tempo — e sei bem que um de vós já esteve nessa situação — não lhe será difícil imaginar como o deve ter impressionado o avistar as colinas ondulantes, os grandes ulmeiros, os pomares de árvores nodosas e os velhos muros de pedra da Nova Inglaterra.

Desceu de madrugada no pequeno prado da velha

mansão dos Carters e sentiu-se satisfeito pelo silêncio e pela solidão que o acolheram. Era Outono, tal como quando partira, e o odor das colinas era um bálsamo para a sua alma. Tentou arrastar o escafandro metálico pela encosta e metê-lo no «Covil da Serpente», embora não conseguisse passar pela fenda atafulhada de ervas e penetrar na gruta interior. Foi também aí que cobriu o seu estranho corpo com fatos humanos e com a máscara de cera, que lhe seriam indispensáveis. Deixou o escafandro lá guardado mais de um ano, até que certas circunstâncias o obrigaram a procurar novo esconderijo.

Caminhou até Arkham, exercitando de vez em quando o corpo na procura de uma postura humana e no enfrentar da gravidade terrestre, e trocou o ouro por dinheiro num banco. Fez também algumas averiguações — fazendo-se passar por um estrangeiro ignorante de muita coisa em inglês — e descobriu que estava no ano de 1930, só dois anos mais tarde do que ele desejara.

É evidente que se encontrava numa situação horrível. Incapaz de declarar a sua identidade, obrigado a manter-se constantemente em guarda, tendo certas dificuldades pelo que diz respeito a comida e reconhecendo a necessidade de conservar a esquisita droga que mantinha adormecida a sua faceta Zkauba, sentia que tinha de agir o mais ràpidamente possível. Foi para Boston, alugou um quarto no bairro decadente de West End, onde podia viver com pouco dinheiro, modestamente, e começou as suas investigações sobre os bens de Randolph Carter. Foi então que soube como aqui o senhor Aspinwall estava ansioso que se procedesse à partilha dos bens e como o senhor Marigny e o senhor Phillips lutaram valentemente para conservar esses bens intactos.

O hindu fez uma vénia, embora o seu rosto moreno, tranquilo, de barba espessa, continuasse a não revelar a menor expressão.

— Indirectamente — prosseguiu —, Carter obteve uma boa cópia do pergaminho que lhe faltava e começou a trabalhar na sua decifração. Tenho prazer em declarar que pude ser-lhe útil em tudo isto, já que desde logo recorreu à minha pessoa e por meu intermédio se pôs em contacto com outros místicos fora do país. Fui para Boston viver com ele, numa casa deplorável em Chambers Street. Quanto ao pergaminho, fico satisfeito por poder esclarecer algumas dúvidas do senhor de Marigny. Permita-me que lhe explique que a língua que esses hieróglifos reproduzem não é o Naa-

cal, mas sim o R'lyehian, que foi trazido para a Terra pelos descendentes de Cthulhu, em tempos incalculàvelmente remotos. É, como se torna evidente, uma tradução — existiu um original Hyperbóreo na língua primitiva de Tsath-yo, original que remontava a milhões de anos antes.

Havia mais a decifrar do que supusera, mas nunca Carter perdeu a esperança. Nos princípios deste ano avançou bastante nos seus estudos graças a um livro que importou do Nepal, e não há qualquer sombra de dúvida de que será bem sucedido, antes que passe muito tempo. Mas, infelizmente, há um obstáculo que se vem acentuando — o de se estar a acabar a droga estranha que mantém adormecida a faceta Zkauba. No fim de contas, não se trata de uma calamidade tão grande como se receava, pois a personalidade de Carter vem ganhando terreno no seu corpo e, quando Zkauba se torna predominante — durante períodos cada vez mais curtos e já só quando é provocado por qualquer agitação fora do vulgar — está demasiado confuso para conseguir desfazer qualquer aspecto do trabalho de Carter. Não é capaz de descobrir o escafandro metálico que o levaria de volta a Yaddith, pois embora uma vez quase o tenha conseguido, Carter escondeu-o noutro lugar numa altura em que a faceta Zkauba estava completamente latente. Todo o mal que tem feito se resume em assustar umas quantas pessoas e fazer surgir certos boatos de pesadelo entre os polacos e os lituanos que habitam o bairro de West End de Boston. Até hoje, nunca estragou o cuidadoso disfarce preparado pela faceta Carter, embora às vezes atire com ele de tal maneira que depois é preciso substituir algumas partes. Já vi o que está por debaixo desse disfarce e digo-lhes, meus senhores, que não é bem agradável de ver.

Aqui há um mês, Carter viu o aviso de convocação desta reunião e apercebeu-se que tinha de agir depressa para salvar os seus bens. Não podia esperar até decifrar o pergaminho e retomar a forma humana. Por isso me deu poderes para ser seu representante. Meus senhores, afirmo-vos que Randolph Carter não está morto; que se encontra, temporàriamente, em condições anómalas, mas que, dentro de dois ou três meses, poderá apresentar-se pessoalmente exigir a custódia da sua fortuna. Estou preparado para apresentar provas, se for necessário. Peço, por isso, que adieis esta reunião *sine die.*

VIII

De Marigny e Phillips olhavam o hindu como que hipnotizados, enquanto Aspinwall emitia uma série de roncos e ruídos. A indignação do velho advogado tinha-se entretanto transformado em fúria aberta, que o fazia dar murros na mesa com o punho de veias apopléticas. Quando falou, foi numa espécie de latido que disse:

— Por quanto tempo mais vamos ter de aguentar estes disparates? Estou há uma hora a ouvir este louco, este faquir, que agora tem o descaramento de dizer que Randolph Carter está vivo e... de nos pedir que adiemos, sem razões que o justifiquem, as partilhas. Porque não pondes este miserável na rua, Marigny? Quereis que sejamos todos ridicularizados por um charlatão, um idiota?

De Marigny ergueu calmamente a mão e falou em tom brando.

— Meditemos devagar e com clareza. Trata-se de uma história extraordinàriamente singular, mas há coisas nela que eu, como ocultista não de todo ignorante, reconheço como sendo possíveis. Além disso... desde 1930 que recebo cartas de Swami que estão de acordo com o seu relato.

Como se detivesse, o velho senhor Phillips arriscou uma palavra:

— O Swami Chandraputra falou em provas. Também encontro nesta história muitas coisas que têm significado e eu próprio recebi do Swami muitas cartas singularmente corroborativas, durante os últimos dois anos. Mas algumas das suas afirmações ultrapassam a verosimilhança. Não haverá qualquer coisa de palpável que nos possa apresentar?

De rosto impassível, o Swami respondeu por fim, em voz pausada e rouca, tirando, enquanto falava, um objecto do bolso do seu casaco solto:

— Embora nenhum de vós tenha jamais *visto* a chave de prata, os senhores de Marigny e Phillips já viram fotografias dela. *Isto parece-vos familiar?*

Desajeitadamente, poisou na mesa, com a sua grande mão calçada de branco, uma pesada chave de prata manchada — com quase cinco polegadas de comprimento, com lavrados desconhecidos e extraordinàriamente exóticos e coberta de ponta a ponta com hieróglifos de forma extremamente bizarra. De Marigny e Phillips respiravam com dificuldade.

— É ela! — gritou de Marigny. — A máquina fotográfica não mente. Não é possível que eu esteja enganado!

Mas já Aspinwall retorquia:

— Loucos! O que é que isto prova? Se se trata de facto da chave que pertenceu ao meu primo, é preciso que este estrangeiro — este negro maldito — nos explique como é que a arranjou! Randolph Carter desapareceu há quatro anos com a chave. Como é que sabemos que não foi roubado e assassinado? Ele próprio era meio louco e estava em contacto com pessoas ainda mais loucas.

— Ouve lá, negro maldito! Onde arranjaste essa chave? Foste tu que mataste Randolph Carter?

A expressão, do Swami, anormalmente calma, não se alterou, mas os olhos negros, distantes e sem íris, brilhavam perigosamente. Falou com grande dificuldade:

— Domine-se, por favor, senhor Aspinwall. Há um outro tipo de prova que eu *podia* apresentar, mas os seus efeitos sobre todos vós não seriam agradáveis. Sejamos razoáveis. Aqui tendes alguns papéis escritos depois de 1930, no estilo inconfundível de Randolph Carter.

Tirou desajeitadamente do bolso do casaco solto um grande sobrescrito e entregou-o ao precipitado advogado, enquanto de Marigny e Phillips observavam a cena, cheios de pensamentos caóticos e de uma sensação crescente de enorme surpresa.

— A letra é, evidente, quase ilegível, mas é bom não esquecer que Randolph Carter tem mãos que não estão habituadas a desenhar a escrita humana.

Aspinwall percorreu os papéis apressadamente, ficando visivelmente perplexo, mas não mudou de atitude. A sala estava tensa de excitação e de indizível pavor, e o ritmo estranho do relógio em forma de caixão tinha, para os ouvidos de de Marigny e Phillips, um som extraordinàriamente diabólico. O advogado, no entanto, não parecia nada perturbado.

Aspinwall voltou a falar.

— Parecem falsificações bem feitas. Se não forem, podem querer dizer que Randolph Carter caiu em mãos de pessoas que não têm boas intenções. Só há uma coisa a fazer: mandar prender este faquir. De Marigny, quer fazer o favor de ligar para a polícia?

— Esperemos um pouco — respondeu o dono da casa. — Não me parece que seja caso de chamar a polícia. Tenho cá uma ideia. Senhor Aspinwall, este senhor é um místico de reconhecido merecimento. Diz-nos que tem a confiança de Randolph Carter. Ficaria

satisfeito se ele respondesse a certas perguntas que só alguém em quem Carter confie tenha possibilidades de responder? Conheço Carter e estou habilitado a fazer tais perguntas. Deixai-me ir buscar um livro que me parece poder servir de teste.

Dirigiu-se para a porta que dava para a biblioteca, seguido por Phillips, que se movia quase automàticamente. Aspinwall ficou onde estava, estudando de perto o hindu que o fitava com uma expressão perfeitamente impassível. De repente, quando Chandraputra metia desajeitadamente a chave de prata no bolso, o advogado emitiu um grito gutural.

— Eh, descobri tudo, santo Deus! Este patife está disfarçado! Não acredito que seja hindu! A cara..., não é uma cara, é uma *máscara*! Julguei que a história dele é que me metera isto na cabeça, mas afinal é verdade! A cara não se move e o turbante e a barba é que lhe escondem as bordas. Este indivíduo não passa de um intrujão vulgar! Nem sequer é estrangeiro... tenho estado a reparar na maneira como fala. É um ianque qualquer. E olhem-lhe para as luvas! Tinha medo que lhe reconhecessem as impressões digitais. Malvado, vou arrancar-te esta coisa...

— Deixe-se estar onde está! — A voz rouca, de acentos estranhos, do Swami tinha um tom que estava para além do horror do que é puramente terreno. — Disse-vos que havia *outro tipo de prova que podia apresentar, se fosse preciso,* e avisei-vos de que não devíeis provocar-me e fazer-me revelá-la. Este intrometido vermelhusco tem razão — não sou realmente um hindu. *Esta cara é uma máscara e o que ela cobre não é humano.* Vós outros já havíeis adivinhado, senti-o há uns minutos. Não seria nada agradável que eu tirasse esta máscara... Deixa lá, Ernest. Posso afinal dizer que *sou Randolph Carter.*

Ninguém se mexeu. Aspinwall resfolgava e esboçava uns vagos movimentos. Do outro lado da sala, de Marigny e Phillips observavam as contracções do rosto avermelhado e estudavam a parte de trás da figura de turbante que os enfrentava. O tique-taque anormal do relógio era odioso e os fumos dos trípodes, assim como as tapeçarias oscilantes, bailavam uma dança de morte. O advogado, meio sufocado, quebrou o silêncio:

— Não, não, meu tratante, tu não me metes medo! Tens razões para não quereres tirar essa máscara. Talvez que assim ficássemos a saber quem tu és! Mas eu tiro-ta...!

Quando estendia o braço, o Swami agarrou-lhe a mão com um dos seus membros desajeitadamente enluvado, deixando escapar um grito estranho, misto de

dor e de surpresa. De Marigny dirigiu-se para os dois, mas deteve-se, confuso, quando o grito de protesto do pseudo-hindu se transformou numa espécie de zumbido rouco, perfeitamente inexplicável. O rosto avermelhado de Aspinwall estava furioso; com a mão livre tentou nova investida em direcção à barba espessa do seu adversário. Desta vez, conseguiu agarrar a máscara e com um puxão frenético fez soltar do turbante toda a máscara de cera que lhe ficou agarrada ao punho apoplético.

Nessa altura, Aspinwall soltou um grito meio engasgado de horror e Phillips e de Marigny viram que o seu rosto era tomado por uma convulsão de perfeito pânico, mais forte, profunda e terrível do que todas quantas já tinham visto em rostos humanos. O pseudo--Swami tinha-lhe entretanto soltado a outra mão e ficara parado, confundido, produzindo como que zumbidos extraordinàriamente anormais. Depois, a figura de turbante caiu de forma estranha, ficando numa posição que quase nada tinha de humano. Começou a arrastar-se como que fascinado na direcção do relógio em forma de caixão, que emitia o seu tique-taque em ritmo cósmico e anormal. O seu rosto descoberto estava voltado para o outro lado, e de Marigny e Phillips não podiam ver o que o gesto do advogado desvendara. A sua atenção recaiu então sobre Aspinwall que caía pesadamente no chão. O sortilégio quebrara-se..., mas quando se aproximaram do velho viram que estava morto.

Voltando-se ràpidamente para o Swami que continuava a arrastar-se, recuando, de Marigny viu uma das grandes luvas brancas cair silenciosamente de um braço pendente. Os vapores de olíbano eram espessos e tudo o que se conseguia divisar da mão que ficara à mostra era uma coisa comprida e negra. Antes de o crioulo ter tempo de chegar junto da figura que se ia a escapar, o velho senhor Phillips pôs-lhe uma mão no ombro, para o deter.

— Não faça isso! — murmurou. — Nós não sabemos o que teremos de enfrentar. A outra faceta, percebe... o Zkauba, o feiticeiro de Yaddith...

A figura de turbante chegara agora junto do relógio singular e os dois espectadores viram por entre os vapores espessos uma garra negra, pouco distinta, que mexia desajeitadamente na grande porta coberta de hieróglifos. Os movimentos produziam um ruído esquisito, seco. Viram depois a silhueta entrar na caixa de feitio de caixão e fechar a porta atrás de si.

De Marigny não se conteve por mais tempo; mas, ao chegar junto do relógio, viu que estava vazio. O tique-taque anormal prosseguiu, ao compasso do obscuro

rito cósmico que sublinha a abertura de todas às portas ocultas. A grande luva branca no chão e o morto com uma máscara na mão nada mais tinham a revelar.

Um ano se passou, sem que mais nada se soubesse de Randolph Carter. Os seus bens estão ainda por dividir. A morada de Boston, da qual um certo «Swami Chandraputra» mandava os seus inquéritos a vários místicos, nos anos de 1930, 1931 e 1932, correspondia na verdade à casa onde morava um hindu estranho que desapareceu pouco antes da data da conferência de Novas Orleães e nunca mais fora visto. Dizia-se que era de pele escura, expressão impassível e que tinha barbas, e o senhorio é da opinião que a máscara morena, que foi devidamente dada a conhecer, tem muitas parecenças com a cara dele. Nunca, porém, se suspeitou que estivesse de algum modo relacionado com as aparições nocturnas de que falavam, em segredo, os eslavos seus vizinhos. Passaram-se buscas nas colinas que se erguem por detrás de Arkham, mas nunca se encontrou nada que se parecesse com o «escafandro metálico». Há, no entanto, um empregado do Banco Nacional de Arkham que se recorda de um homem esquisito, de turbante, que trocou por dinheiro parte de uma barra de ouro em Outubro de 1930.

De Marigny e Phillips nem sabem que pensar de tudo aquilo. No fim de contas, o que é que se provou? Houve uma história que foi contada; houve uma chave, que podia ter sido forjada a partir de uma das fotografias que Carter distribuíra à vontade em 1928; havia papéis — todos pouco concludentes; havia um desconhecido mascarado, mas onde estava o ser vivo que podia ver para além desta máscara? Presos de enorme tensão e envolvidos nos vapores do olíbano, podia muito bem acontecer que o desaparecimento dentro do relógio não passasse de uma dupla alucinação sua; além disso, os hindus são muito entendidos em hipnotismo. A razão proclama que o Swami era um criminoso que pretendia apoderar-se dos bens de Randolphe Carter. Mas a autópsia confirmou que Aspinwall morrera de um choque emocional. Teria sido *só* a cólera que o provocara? E há coisas naquela história que...

Numa vasta sala, revestida com tapeçarias de Arras de caprichosas figuras e mergulhada em vapores de olíbano, senta-se muitas vezes Etienne-Laurent de Marigny, escutando, preso de indefiníveis sensações, o ritmo anormal do tal relógio de mostrador em forma de caixão, coberto de hieróglifos.

LIVRO B

PUBLICADOS:

1. O ARRANCA CORAÇÕES/BORIS VIAN
2. O ELEFANTE/MROZECK
3. DO ASSASSÍNIO COMO UMA DAS BELAS-ARTES/THOMAS DE QUINCEY
4. A CASA DOS MIL ANDARES/JAN WEISS
5. FÁBULAS FANTÁSTICAS/AMBROSE BIERCE
6. MANUSCRITO ENCONTRADO EM SARAGOÇA/YAN POTOCKI
7. ALICE DO OUTRO LADO DO ESPELHO/LEWIS CARROLL
8. OS CONTOS CRUÉIS/VILLIERS DE L'ISLE-ADAM
9. A EMBRUXADA/BARBEY D'AUREVILLY
10. PARAÍSOS ARTIFICIAIS/CHARLES BAUDELAIRE
11. AS AVENTURAS DE GORDON PYM/EDGAR ALLAN POE
12. FRANKENSTEIN/MARY SHELLEY
13. SMARRA, OU OS DEMÓNIOS DA NOITE/CHARLES NODIER
14. O JARDIM DOS SUPLÍCIOS/OCTAVE MIRBEAU
15. AS FILHAS DO FOGO/GÉRARD DE NERVAL
16. O FANTASMA DOS CANTERVILLE/OSCAR WILDE
17. OS DEMÓNIOS DE RANDOLPH CARTER/H. P. LOVECRAFT
18. O CAPITÃO CAP/ALPHONSE ALLAIS
19. O ELIXIR DA LONGA VIDA/H. DE BALZAC
20. AVATAR/GAUTHIER
21. HISTÓRIAS DE VAMPIROS
22. AFORISMOS/LICHTENBERG
23. CONTOS FANTÁSTICOS/ERNST HOFFMANN
24. DICIONÁRIO DAS IDEIAS FEITAS/G. FLAUBERT
25. O OUTRO MUNDO OU OS ESTADOS E IMPÉRIOS DA LUA/ /CYRANO DE BERGERAC
26. O COCHEIRO DA MORTE/SELMA LAGERLÖF
27. O REI DA MÁSCARA DE OURO/MARCEL SCHWOB
28. O CAVALEIRO DAS TREVAS/PAUL FÉVAL
29. SHE/H. RIDER HAGGARD
30. O HORLA E OUTROS CONTOS FANTÁSTICOS/GUY DE MAU-PASSANT
31. O LOBISOMEM/ALEXANDRE DUMAS
32. O ALTAR DOS MORTOS/HENRY JAMES
33. O CASTELO DE OTRANTO/HORACE WALPOLE
34. VATEK/WILLIAM BECKFORD
35. O ITALIANO/ANN RADCLIFFE
36. CONTOS DA CHUVA E DA LUA/UEDA AKINARI
37. PLANO DE EVASÃO/ADOLFO BIOY CASARES
38. CRÓNICAS ITALIANAS/STENDHAL
39. O LIVRO DE AREIA/JORGE LUÍS BORGES
40. A LENTE DE DIAMANTE/FITZ JAMES O'BRIEN
41. VISÃO DE CARLOS XI E OUTROS CONTOS/PROSPER MÉ-RIMÉE
42. HISTÓRIAS MÁGICAS/REMY GOURMONT
43. HISTÓRIAS DESAGRADÁVEIS/LÉON BLOY
44. A ESTALAGEM DO DRAGÃO VOADOR/JOSEPH SHERIDAN LE FANU
45. O POETA ASSASSINADO/GUILLAUME APOLLINAIRE
46. CONTOS DOS HOMENS SEM SOMBRA/CHAMISSO, HOFFMANN, GOGOL. ANDERSEN
47. FAUSTO/GOETHE. NERVAL
48. O CASTELO DO HOMEM ANCORADO/J. K. HUYSMANS
49. PRECEITOS PARA USO DO PESSOAL DOMÉSTICO/JONATHAN SWIFT
50. OS CISNES SELVAGENS E OUTROS CONTOS/HANS CHRISTIAN ANDERSEN

Impresso em Portugal por
Rolo & Filhos - Artes Gráficas, Lda.
Estrada da Carvoeira - 2640 MAFRA
Telef. 52 483/52 874
Outubro de 1987

Dep. Legal: 18299/87


ESTAMPA